Ao Sr. Maury Mello,
com os agradecimentos
pelo atendimento
sempre tão cortes,
oferece
o Maria Penna
março/74

EM BERÇO ESPLÊNDIDO

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

apresenta de

J. O. DE MEIRA PENNA

EM BERÇO ESPLÊNDIDO

ENSAIOS DE PSICOLOGIA COLETIVA BRASILEIRA

RIO / 1974

em convênio com o
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
BRASÍLIA

Capa
EUGENIO HIRSCH

Pena, J. O. de Meira
P454e Em berço esplêndido: ensaios de psicologia coletiva brasileira [por] J. O. de Meira Penna. Rio de Janeiro, J. Olympio; Brasília, INL, 1974.
x,233p. 21cm.

Bibliografia p.ix.

1. Brasil — Características nacionais. 2. Etnopsicologia. 3. Psicologia social. I. Brasil. Instituto Nacional do Livro, co-ed. II. Título. III. Título: Psicologia coletiva brasileira.

CDD — 155.8981
301.10981
CDU — 159.922.4(81)
301.151(81)

CCF/SNEL/GB-74-0063

SUMÁRIO

NOTA DA EDITORA: Dados Biobibliográficos do Autor viii

EM BERÇO ESPLÊNDIDO

I. INTRODUÇÃO 3

II. AS MÃES 25
Fausto no Reino das Mães, 27; A Natureza Mãe ou Grande Deusa dos Cem Nomes, 36; O Matriarcado, 42; Os Símbolos da Mãe, 53; O Continente de Gondwana e a Raça Morena, 73; Terra e Sangue, 86.

III. OS TRÊS MITOS DA TERRA 95
Visão do Paraíso (Primeiro Mito), 97; Inferno Verde (Segundo Mito), 109; Dialética da Psique, 121; Eldorado (Terceiro Mito), 125.

IV. A SOCIEDADE ERÓTICA 135
Dionísio e o Carnaval, 137; Prometeu e Adão, 147; O Belo e o Bom, 150; O Ego, suas Atitudes e Funções, 156; Eros e Sentimento, 167; Delicadeza, Jeito e Cordialidade, 177; *Puer Aeternus,* 185; O Menino Impossível (*Sob as Ordens da Mamãe*), 195; Gabriela, a do Cravo e da Canela, 201; Tristeza e Saudade, 207; *Dom Casmurro,* 213; *Homo Ludens* (Algumas Considerações sobre a Falta de Seriedade), 221.

NOTA DA EDITORA
DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS DO AUTOR

DIPLOMATA DE CARREIRA, *nasceu J. O. de Meira Penna no Rio de Janeiro e ingressou no Itamaraty, por concurso, em 1937. Bacharelou-se na Universidade do Brasil, e cursou também a Universidade de Columbia, Nova Iorque. Os primeiros oito anos de sua carreira foram vividos no Oriente: Calcutá, Xangai, Ancara e Nanquim, de onde trouxe seus dois primeiros livros:* Xangai, Aspectos Históricos da China Moderna *e* O Romance da História Japonesa. *Na China foi, da primeira vez, surpreendido pela guerra (1942) e de lá recambiado, na troca de diplomatas brasileiros e japoneses; e da segunda vez assistiu ao colapso do regime nacionalista chinês (1949). Serviu ainda em Costa Rica, no Canadá, e na Missão junto às Nações Unidas, de onde voltou para chefiar a Divisão Cultural do Itamaraty.*

Publicou então Quando Mudam as Capitais. *Esta obra, erudita, versa sobre os diversos antecedentes históricos da construção de Brasília, desde a mais alta antigüidade até nossos dias, analisando, do ponto de vista histórico, geopolítico, urbanístico e psicológico, os fatores que determinam as mudanças da sede dos governos.*

Como Cônsul-Geral em Zurique (1960-63) aprofundou seus conhecimentos de psicologia analítica, freqüentando o Instituto C. G. Jung, onde também já pronunciou duas séries de conferências (1969 e 1973). Foi Embaixador na Nigéria, cursou o Curso Superior de Guerra (1965) e foi Secretário-Geral-Adjunto para Assuntos da Europa Oriental e Ásia. Em 1967 publicou Política Externa — Segurança e Desenvolvimento *(AGIR), onde pela primeira vez aparece mencionado esse binômio tão relevante na atual conjuntura brasileira. Foi depois Embaixador em Israel e, mais recentemente, serviu no Ministério da Educação e Cultura. Atualmente é Embaixador em Oslo, na Noruega.*

Em 1972 publicou pela APEC Editora Psicologia do Subdesenvolvimento, *que seria o primeiro volume de uma trilogia da qual a seqüência é a presente obra.*

Tem escrito vários artigos em revistas especializadas, brasileiras e estrangeiras (inclusive na Revista Brasileira de Estudos Políticos, Cultura *do MEC,* Revista do DASP, *etc.). Atualmente tem ainda dois livros por publicar:* A Utopia Brasileira, *terceiro e último tomo da trilogia sobre análise psicológica coletiva do Brasil, e um pequeno ensaio filosófico,* O Elogio do Burro. *Sua variada atividade cultural o leva desde a participação na Diretoria do Museu de Arte Moderna até uma contribuição regular para o Caderno Especial do* Jornal do Brasil.

OBRAS DO AUTOR

Xangai, aspectos históricos da China moderna. Rio de Janeiro, Americ-Edit, 1944.

O romance da história japonesa. Rio de Janeiro, 1948.

Quando mudam as capitais, Rio de Janeiro, Novacap-IBGE, 1958.

Política externa — segurança e desenvolvimento. Rio de Janeiro, AGIR, 1967.

Psicologia do subdesenvolvimento. Rio de Janeiro, Editora APEC, 1972.

Il est dangereux de trop faire voir à l'homme combien il est égal aux bêtes, sans lui montrer sa grandeur. Il est encore dangereux de lui trop faire voir sa grandeur sans sa bassesse. Il est encore plus dangereux de lui laisser ignorer l'un et l'autre. Mais il est très avantageux de lui représenter l'un et l'autre.

PASCAL (*Pensées*, II, xi)

Este imenso e quase novo terreno do conhecimento perigoso ... Nunca anteriormente se revelou aos aventureiros e viajantes audaciosos um mundo mais profundo de intuição — e os psicólogos que assim se atrevem ao sacrifício (mas não é o *sacrificio dell'intelleto*, muito pelo contrário) poderão, pelo menos, pedir como compensação que seja a psicologia mais uma vez reconhecida como a Rainha das Ciências, para cujo serviço e equipamento existem todas as demais ciências. Pois é a psicologia novamente o caminho em direção aos problemas fundamentais.

FREDERICO NIETZSCHE

EM BERÇO ESPLÊNDIDO

I

INTRODUÇÃO

PROPUS-ME REALIZAR *uma psicologia do homem brasileiro. Traçar um novo* Retrato do Brasil. *Pintar um quadro analítico com a possível vantagem, sobre muitos ilustres predecessores, de enfrentar a tarefa munido de um instrumento metodológico sólido e de comprovada eficiência terapêutica, a saber, a psicologia arquetípica da escola de Zurique fundada por C. G. Jung.*

Difícil é julgar da oportunidade e benefícios que poderão resultar de um empreendimento dessa natureza, do ponto de vista da situação psicossocial no Brasil de hoje. Não há dúvida que estamos atravessando um período altamente estimulante na cultura nacional, correspondente à inquietação geral do mundo contemporâneo. A agitação política e social na década de 60; a aceleração do desenvolvimento econômico no princípio da atual, com os primeiros contrachoques da revolução industrial (que nos atingem juntamente com os mais fortes movimentos de contestação à sociedade de consumo e à própria civilização tecnológica); a explosão demográfica, em relação à qual muitos parecem atingidos de inacreditável cegueira; o desabrochar artístico e literário, do qual é simbólica a construção de Brasília; o movimento renovador encetado politicamente em 1964 — todos esses representam fenômenos paralelos da Transformação — o que Jung chama Wandlung, *dando ao termo relevância espiritual.*

Sem dúvida, é tempo de construir. Não creio, porém, que a postura confortavelmente ufanista — a qual voltou a predominar na opinião pública na base de um índice tão frágil quanto é o crescimento do PNB — seja grandemente construtiva. As nossas virtudes são conhecidas e a tendência patriótica consciente é sempre

para exaltá-las. O progresso espiritual, entretanto, só se consegue com a autocrítica e a análise de si próprio.

Somos, por temperamento, um povo de extrovertidos dominados pela imaginação e transbordantes de sentimentos mais ardentes. Somos agitados e volúveis, pouco inclinados ao pensamento frio e lógico. Quase não possuímos memória coletiva. Nesse nosso tipo, ao qual repugna toda espécie de interiorização e todo confronto lógico consigo mesmo — a "função inferior", isto é, o lado secretamente negativo e inconsciente da psique, é de certo modo relacionado com a atividade intelectual. E é essa nossa intelligentzia *(para usar a velha e tão significativa expressão russa), essa intelligentzia perturbada às vezes por veleidades românticas e utópicas, que produz, como contrapartida às vagas de emocionalismo coletivo, o que chamamos de "íncubo ideológico": uma espécie de amigo-da-onça metido a intelectual. Desse lado pois, de parte daqueles que pretendem personificar a ciência e a razão mas falam apenas, sem o saber, em nome de um fantasma, é que devemos contar com as mais fortes "resistências" à análise. Não afaguemos ilusões, pois não haverá facilidade na tarefa. Nem se granjeará popularidade em revelar verdades amargas. O íncubo defender-se-á de todas as maneiras, estimulando os pruridos críticos de um Eu coletivo que não deseja se ver privado dos mitos ufanistas de que há muitas gerações se alimenta.*

A obra de análise foi concebida em três volumes. Este livro deve ser considerado a segunda parte de uma trilogia iniciada, em fins de 1972, com a publicação pela Editora APEC do ensaio Psicologia do Subdesenvolvimento. *Minha intenção inicial fora apresentar todo o material num único volume que sairia melhor integrado. Infelizmente, seria também um livro demasiadamente pesado, pesado para as mãos, para o bolso e para o interesse dos leitores.*

Considerações de ordem prática e o conselho atencioso dos editores levaram-me a dividir o trabalho, numa tentativa de cobrir o terreno multiforme de nossa alma coletiva analisada, em três etapas distintas e parcialmente independentes umas das outras. Este livro é, pois, como dissemos, o segundo da série. É aquele em que também introduzo a metodologia específica da psicologia moderna para a abordagem da matéria. Será em breve acompanhado pelo terceiro e último tomo, que se intitulará A Utopia Brasileira.

Se, em Psicologia do Subdesenvolvimento, *abordei mais concretamente os aspectos sociais e políticos da problemática brasileira*

(e daí a influência saliente das idéias sociológicas de Max Weber), neste volume e no seguinte procurarei explorar em profundidade a psique nacional, naquilo em que se permite oferecer a uma tão delicada operação. Serão os aspectos de nossa mitologia materna, ao sondar as facetas da Grande Mãe que nos domina, inicialmente abordados. Delineia-se assim o caráter do que chamo de "sociedade erótica", com seus traços afetivos e emocionais mais salientes, suas virtudes e seus defeitos. No livro seguinte, Utopia, *pretendo continuar a análise com um debate em torno de nossa mentalidade nacional, particularmente seus aspectos intelectualmente sombrios, seus dons compensatórios de intuição e sua preocupação eminentemente cambiante e futurista. À análise de nossa persona cultural segue-se imediatamente a da nossa "sombra". Surgirão as esperanças do que, já com certo otimismo, chamamos nossa Cultura brasileira. Assim, concluiremos a trilogia que, se não tiver outros méritos, terá pelo menos o humilde valor de haver tentado, pela primeira vez em nossa terra, abordar uma "psicanálise" coletiva, em termos de categorias arquetípicas bem definidas.*

Do material constante do presente volume, alguns temas já foram debatidos em artigos publicados em revistas (como a Cultura, *do Ministério da Educação e Cultura, e a* Humboldt, *revista alemã para o mundo luso-brasileiro). Cabe mencionar ainda, com gratidão, o* Jornal do Brasil, *cujo Caderno Especial tem generosamente acolhido meus ensaios.*

Na opinião popular, ainda é C. G. Jung considerado como "um dos discípulos de Freud". Seria na verdade um discípulo rebelde. Um "herege" que se recusou a restringir o conceito de Libido à mera sexualidade. Num plano mais elevado, reconhece-se ao homem a autoria de expressões que entraram para a linguagem corrente, termos como "complexo", "introvertido" e "extrovertido", "arquétipos", "inconsciente coletivo" e "mandala". O psicólogo de Zurique não deixou, porém, um "sistema" propriamente dito. Considerou-se sempre um empiricista e, repetidamente, assegurou que falava apenas como psiquiatra, como um pioneiro da psicologia, um investigador científico que reconhece humildemente — coisa que não fizeram outros de seus ilustres colegas — a enormidade da tarefa, apenas agora iniciada, de aprofundamento nos arcanos abissais da psique humana.

Jung foi um filósofo sem dogmatismos, um sábio amparado

num vasto cabedal de conhecimentos enciclopédicos amontoados em estudos e experiência clínica de quase sessenta anos e, mais do que isso, talvez um dos profetas do mundo que nasce, graças ao poder sugestivo de suas intuições geniais. Isso explica o interesse que despertou em setores tão diversos do pensamento contemporâneo quanto a filosofia da história (Toynbee), a teologia (Tillich e Quispel), a história das religiões (Eliade), o orientalismo (Teitaro Suzuki e Richard Wilhelm), a filosofia das artes (Herbert Read e Lewis Mumford) e até a física teórica (Pauli). Para só citar alguns. Vamos mesmo encontrar certas trouvailles mais pitorescas de Jung no campo da astrologia e da filosofia chinesa (a era do Aquarius e o uso do livro oracular do I-Ching ou Livro das Mutações) em grande voga nos círculos mais avançados do chamado pensamento jovem.

Abordando os assuntos mais sagrados e mais rebarbativos — como a doutrina do privatio bonum, o dogma da Assunção, a alquimia e os discos-voadores — abriu Jung novos horizontes para a sôfrega curiosidade do espírito humano de modo que sua influência ultrapassa a área da psiquiatria e da psicologia propriamente ditas. E como não é difícil prever o papel considerável que suas idéias estão fadadas a desempenhar na cultura moderna, cabe lamentar a pouca divulgação que têm obtido no Brasil.

As teorias gerais de psicologia são prematuras. Em suas famosas Conferências de Tavistock (1935), insistiu Jung que a ciência não parece ainda entender a verdadeira natureza da psique que nos enche de espanto e perplexidade, sobretudo por ser ao mesmo tempo o objeto da observação científica e o sujeito dessa observação. Tudo que sabemos sobre o Inconsciente não pode ser alcançado senão através da consciência, pois não podemos ir além daquilo que nos diz e revela.

Freud, pelo contrário, pertencendo ao racionalismo e ao "cientificismo" positivista do século XIX, pretende elaborar uma "teoria geral" da psique. Seu método é essencialmente redutivo. Procura a "causa" do fenômeno mental e encontra a "explicação" no fator incestuoso do "complexo de Édipo". É esse o postulado fundamental da psicanálise. Rígido, dogmático, intolerante, simplista — e por isso mesmo fascinante para os espíritos menos prevenidos. Trata-se de um determinismo análogo aos que configuram o pensamento ideológico do século XIX: o econômico, o racista, o geográfico, o historicista, etc. Paradoxalmente, era Freud um romântico e um puritano em rebeldia: o escândalo desencadeado por suas doutrinas é compreensível como reação à hipocrisia da era vitoriana. O escândalo transformou-se em sucesso monumental, nesta nossa época de hippies e de rebelião dionisíaca.

O fundador da Psicanálise investiga prospectivamente o passado individual do adolescente e procura descobrir as raízes das perturbações psíquicas nas vicissitudes traumáticas da mais tenra idade. A tendência redutiva intensifica-se na obra de Melanie Klein e de Alfred Adler, o outro grande discípulo de Freud. Adler substitui contudo a concupiscência pela vontade de poder, a qual representaria o esforço compensatório do "complexo de inferioridade" por certos defeitos ou fraquezas fisiológicas inatas. Jung, ao contrário, pouco se interessa pela criança. Prefere estudar o homem maduro, na "segunda metade da vida", e nesse estágio — ai de nós, homens maduros! — o que mais nos importa não é o sexo (cujos problemas, normalmente, já devemos haver superado) mas a vida em seu todo. E a morte!

Por isso também não são tanto o passado do doente e a história da doença que prendem a atenção de Jung, mas seu futuro. O método de cura é amplificativo e teleológico: não visa a reduzir o sintoma pela descoberta do trauma original, mas a reconstruir a personalidade em torno de seu Centro, a partir dos elementos em conflito que ainda não surgiram à tona da consciência. Às causas eficientes das psicanálises freudiana e adleriana — acrescenta as causas formais. A terapêutica é construtiva. Na pesquisa, o raciocínio principalmente indutivo. A idéia é amplificada e enriquecida com todos os possíveis paralelos mitológicos, folclóricos, literários, filosóficos e teológicos, para chegar a uma visão global do problema.

Com esses temas, tornou-se Jung o Magalhães que circunavegou a alma humana, após os descobrimentos do Colombo psicanalítico. Fabricada a chave, Jung, à semelhança do Mefistófeles goethiano, ensinou como empregá-la para abrir as pesadas portas do Inconsciente. Lançando corajosamente a psicologia moderna na exploração pioneira do homem total que vive em sociedade, do homem histórico e político, do homem religioso, como raça e espécie, permitiu o velho sábio compreender a história como um alargamento progressivo da consciência e da cultura, como um esforço de libertação e de individuação do Ego que se procura na imagem transcendente de si mesmo.

Uma chave eminentemente útil para uma psicologia coletiva. Sobretudo para uma psicologia de efeitos pedagógicos.

Cercada de mistério, colorida de ironia, comprometida pela sua subordinação à psiquiatria, reveste-se ainda a Análise, na imaginação popular, de trajes teatrais que pouca justiça fazem à seriedade do trabalho realizado pela psicologia moderna. A concepção vulgarizada pelo cinema, a ficção e os rumores da tradição freudiana — do famoso sofá dos segredos inconfessáveis — tem certamente prejudicado a mais larga aceitação das teses da psicologia analítica. Não há apenas sintoma de característica neurose nas grandes cidades sofisticadas, mas um certo aspecto frívolo de moda grã-fina nessa atual mania psicanalítica que percorre, como uma vaga, os salões da gente abastada e muito menos perturbada pela Angústia existencial do que pela Abundância da sociedade de consumo. Dois mil profissionais em grande prosperidade exercem, segundo se diz, seu métier *no Rio e em São Paulo.*

Lembremo-nos, no entanto, do que diz a psicóloga Karen Horney: "Quando focalizamos nossa atenção sobre as dificuldades neuróticas atuais, reconhecemos que as neuroses são geradas não somente pelas experiências incidentais individuais, mas também pelas condições específicas das culturas sob as quais vivemos. De fato, as condições culturais não somente emprestam densidade e cor às experiências individuais mas, em última análise, determinam-lhes a forma particular". A condição mental de cada um de nós — além daquilo que, na psique, nos é peculiar e que se entende pela nossa herança, as condições inatas e as peripécias de nosso desenvolvimento — é também afetada pelos problemas religiosos, éticos e sociais relacionados com a consciência coletiva do momento. Problemas que surgem no contexto dos processos mitológicos inconscientes, simultaneamente em ação. Entre os primitivos, no Oriente, sobretudo na China, bem como na Grécia antiga com a filosofia de Sócrates e de Platão, era comum identificar o distúrbio meramente pessoal com uma situação geralmente válida. A terapia partia do princípio de que a doença individual tem suas razões numa perturbação coletiva do momento. E vice-versa. Essa concepção possui o mérito, redescoberto pela psicoterapia moderna, de ligar a sorte do indivíduo à do grupo humano ao qual pertence.

Procurará, nesse sentido, ater-se o presente trabalho ao paralelismo do subjetivo e do coletivo, isto é, do mundo interior psíquico

e do mundo objetivo da história pragmática, da antropologia cultural e da evolução social. Isso porque, conforme pondera Jung, "se os conhecimentos psicológicos ajudam à compreensão da história, inversamente podem os materiais históricos iluminar, com uma nova claridade, os encadeamentos da psicologia individual". Impossível é alguém alcançar um conhecimento satisfatório de si próprio senão em termos da terra em que nasceu, do grupo político ao qual pertence, dos princípios morais e religiosos em que foi educado, da cultura para a qual contribui. Inversamente, não existe psicologia coletiva como ciência abstrata. O coletivo não é um superorganismo, uma realidade biológica em si, independente dos membros individuais que o compõem. A Sociedade é formada pelo conjunto dos comportamentos, do temperamento, das paixões e angústias, das imperfeições e anseios, dos hábitos e representações de todos os que dela fazem parte.

Uma interpretação dos mitos e das utopias do Brasil, para servir de base a uma análise psicológica coletiva brasileira, não poderia ser empreendida senão a partir de experiências individuais. Cada qual carrega os mitos e as utopias dentro de sua própria instância inconsciente. E se é correto denominar "objetivo" todo fenômeno psíquico comum a mais de uma pessoa, não menos certo considerar subjetivos os mitos, símbolos e representações primordiais, pois eles não ocorrem na dimensão do espaço mas no âmago temporal da psique. É através do reconhecimento dos símbolos que os arquétipos do Inconsciente coletivo se tornam patentes. O símbolo re-liga (religare, *como etimologia possível da palavra "religião"). O símbolo prende a consciência individual, frágil e evanescente, à eterna continuidade no desenvolvimento divino e humano em que cumpre cada povo o seu destino histórico neste mundo.*

Não menos perniciosa do que a definição do humorista para quem, num consultório psicanalítico, é sempre difícil distinguir qual o mais biruta dos dois interlocutores, é essa outra lenda que vislumbra em Jung uma espécie de místico (ou mistificador) de terminologia hermética, exprimindo-se, alemão que é, através de conceitos inacessíveis ao espírito claro e positivo do homem latino.

Se Jung se coloca historicamente na vertente da reação contra os excessos do racionalismo, do intelectualismo e do dogmatismo que caracterizam a civilização técnico-científica moderna, não é de modo algum um profeta do irracionalismo intuicionista. Denuncia Jung o excesso, mas não procura corrigi-lo pelo excesso oposto. Seria mal interpretá-lo, no Brasil, acreditar que nossas falhas

também estão do lado do excessivo racionalismo e intelectualismo. Somos diferentes dos povos protestantes cujos defeitos Jung analisou. Nem por isso deixam as teses de Jung de se revelarem úteis na análise de nosso caso.

Que constitui a análise, verdadeiramente, a não ser um processo pedagógico muito simples de reconstrução da personalidade? A análise convida a uma Educação. Paidéia *e* psique. *Graças à* Paidéia *procura o Ego exercitar-se no equilíbrio e emprego harmônico das funções da consciência.*

Do que acabamos de acentuar, podemos chegar à tese de que a análise, segundo os métodos aplicados pela psicologia da escola de Zurique, obedece a dois preceitos da antiga sabedoria introspectiva délfica: o gnothi seauton *ou "Conhecer-se a Si Próprio"; e o* meden agan *ou "Nada em Excesso!". É o preceito da harmonia apolínea pela autocrítica. O programa de música das esferas platônicas. Filosofia segundo o paradigma socrático.*

O processo auto-educativo requer o retorno às raízes da psique, àquilo que os alemães chamam o Grund *— num duplo sentido de "terra" ou "solo", e de eterno fundamento espiritual da personalidade. Tal conclusão declara-se de indiscutível autoridade.*

O papel da psicologia consistiria em reconhecer os seguintes fatos que, embora na aparência contraditórios, revelam o verdadeiro alcance da vida mental. O primeiro, de que a consciência individual, destacando-se do mundo, enfrentando-o na relação essencial de sujeito e objeto, e constituindo a realidade central da existência pelo gozo da liberdade no sentido ontológico da expressão, representa algo de absolutamente peculiar. Algo único no mundo. O segundo, de que embora desempenhe esse Eu *consciente papel de primeiro plano em toda filosofia da existência — com tudo que isto eventualmente implique no terreno político e social — não pode deixar de reconhecer a sua situação concreta de enraizamento na terra. Em tal reconhecimento essas raízes devem ser simultaneamente consideradas na sua naturalidade temporal e na sua eterna transcendência.*

Onde está o Grund? *O próprio Schopenhauer, cujo papel decisivo na gênese da psicologia moderna principiou, em sua obra mestra, com a constatação singela de que "o mundo é minha idéia", acentuava representar a consciência apenas a* superfície *de nossa mente. Como a terra, do homem não conhecemos o interior mas*

apenas a face. Se o mundo exterior só é suscetível de conhecimento a partir de nossas sensações e idéias; e se, com mais forte razão, o mundo da psicologia só pode ser interpretado a partir de nossa própria posição consciente — não obstante, constitui o lado interior e subterrâneo um vasto universo inconsciente ao qual estamos invencivelmente presos pelos laços da gravidade telúrica.

O Grund *é terra, mas também espírito. Nesse sentido a análise psicológica contribui para a revisão dos valores filosóficos em que se originou nossa cultura ocidental. A psicologia dos arquétipos é pitagórica, pois postula um equilíbrio entre a saúde da alma e a harmonia da natureza, equilíbrio que se processa ao nível do Inconsciente coletivo. É heraclitiana, no sentido de que constituem a natureza e a vida um enigma — um* griphos *— e, muito embora fosse Heráclito chamado de "filósofo obscuro", considerava-se solvedor de enigmas crípticos. É platônica, pois reintegra o elemento ético na psicologia, abstendo-se de encarar o paciente apenas como o objeto frio da terapêutica, e tornando a função existencial da psicologia inseparável do diagnóstico analítico. É sobretudo uma maiêutica socrática. * Ou uma sabedoria no sentido da palavra francesa* sagesse *ou da inglesa* wisdom. *Como fora na Grécia antiga, quando sobre o trinômio* sophia, paidéia, politéia *— Sabedoria, Educação e Política — se construía a personalidade e se organizava o Estado.*

Vislumbramos assim, na nova psicologia dos arquétipos, uma vasta síntese com ramificações na ciência, na filosofia, na teologia e na teoria política, a qual, em flagrante contraste com as tendências dissociativas e redutivas reveladas pela inteligência positivista do século XIX, possui os mais sólidos alicerces no pensamento tradicional do Ocidente.

O segundo propósito desta obra — neste livro e no próximo — já está visto — é ligado ao precedente: realizar uma tentativa, que espero original, de aplicar a metodologia analítica moderna, especialmente a da escola jungiana, ao estudo do caráter, não de um indivíduo-padrão, mas de toda uma coletividade. Uma "análise de grupo" de âmbito nacional.

---

* "Encontram por si mesmos e em si mesmos uma porção de coisas belas que dão à luz; Deus e eu próprio nada mais fizemos para eles do que um serviço de parteira..."

A psicologia analítica constitui, a meu ver, um caminho legítimo e apropriado para tal fim. Pelo menos na medida em que depende da caracterização dos temperamentos ou "tipos nacionais", assim como da pesquisa dos conteúdos inconscientes que afetam a cultura como um todo e determinam, de maneira decisiva, o desenvolvimento da história. Não dispomos aqui de nenhum sofá onde se poderá deitar o paciente. E só a muito longo prazo poderá o analista esperar sequer uma reação de transferência *por parte do analisando. (O mais provável, aliás, será uma reação de indiferença ou hostilidade por parte dos críticos...) Entretanto, e precisamente porque o método jungiano se dedicou à exploração do inconsciente* coletivo, *serve melhor do que o de outras escolas psicanalíticas para nosso propósito específico.*

Independentemente do método conjurado, sempre tem sido empreendida uma psicologia dos povos, se não pelos critérios sistemáticos da filosofia, pelo menos empiricamente na literatura de ficção, nos estudos sociológicos e nas anedotas e contos evocados pela sabedoria popular.

Encontramos na Bíblia uma psicologia completa do homem e, mais particularmente, do povo hebreu. O próprio Onipotente às vezes opina, como quando qualifica seus Escolhidos de "gente de nuca dura"... Platão elaborou uma psicologia em sua República. *Caracteriza, por exemplo, os Gregos por seu amor à ciência. Descreve os Trácios como possuídos de espírito combativo. Nota que os Egípcios e os Fenícios amavam o dinheiro (os Fenícios são os Libaneses de hoje). As classes da Cidade Ideal platônica seriam estruturadas segundo o tipo psicológico de seus membros: os mais sábios no governo, os mais corajosos na guerra, os mais operosos na economia, os poetas no exílio. Gibbon transmitiu-nos uma sentença antiga segundo a qual a divindade concedeu aos Gregos excelência no cérebro, aos Árabes na língua, aos Chineses na mão.*

Santo Agostinho foi um aprofundado psicólogo, tanto de si mesmo nas Confissões *quanto do homem coletivo na* Cidade de Deus, *obra que representa uma admirável tentativa de fundamentar a política — em seu conteúdo pragmático e terreno, e bem assim em seu sentido transcendente — nas paixões contraditórias da alma humana.*

Kant não hesitou em oferecer algumas idéias de psicologia étnica que denominou "caráter dos povos". Incluiu a matéria em sua última obra Anthropologie, *publicada em 1789 — ano fatídico. Trata-se de uma tentativa de aplicar critérios sistemáticos ao que tinha sido, até então, uma prática de notórios diletantes, bem viajados e providos de arguto dom de observação. Fornece Kant uma descrição do tipo alemão, seu contemporâneo, e do tipo espanhol, ambas ainda muito atuais. E atribui o "temperamento nacional" a uma combinação de fatores culturais e de fatores inatos, o que quer dizer relacionados com a origem étnica dos indivíduos.*

A psicologia social e cultural muito interessou os franceses. Em fins do século passado foram eles "donos do assunto"... Gabriel Tarde e Gustave Le Bon utilizaram-se das pesquisas especializadas de Janet e Charcot, valendo recordar que é da escola francesa que partiu Freud para suas meteóricas incursões psicoterapêuticas.

Durante e após a Segunda Guerra Mundial os estudos de psicologia do caráter nacional multiplicaram-se. É fácil de compreender a cousa dessa voga. Lin Yutang nos permitiu descobrir a China; Fosco Maraini, o Japão. A UNESCO encetou uma coleção sob o tema "Como as Nações se Vêem umas às Outras". As antropólogas americanas Margaret Mead e Ruth Benedict realizaram obras meritórias, a primeira aplicando o critério do Dionisíaco e do Apolíneo à análise da cultura de certos índios norte-americanos; a segunda revelando, num magnífico trabalho empreendido em plena guerra a respeito do Japão — A Espada e o Crisântemo *— sem mesmo a oportunidade de visitar o arquipélago, aguda intuição que lhe poderia haver fornecido resultados ainda mais surpreendentes, caso houvesse enfrentado os mitos cosmogônicos japoneses na base da arquetipologia jungiana.*

Arthur Keith e Walter B. Cannon, citados por Gilberto Freyre no prefácio à primeira edição de Casa-Grande & Senzala, *estudaram esses fatores "psicofisiológicos". Tais estudos, reconhece o mestre de Apipucos, "parecem indicar que atuam sobre as Sociedades, como sobre os indivíduos, independente de pressão econômica,* forças psicológicas, *suscetíveis, ao que se supõe, de controle pelas futuras elites científicas... Forças de uma grande intensidade de repercussão". A antropologia cultural americana tem sido, entretanto, geralmente cética no uso da mitologia.*

Mais recentemente, foi a literatura universal enriquecida por um grande número de ensaios que não são de natureza científica ou filosófica, porém realizados numa base empírica e graças à intuição penetrante de seus autores. Alguns são estimulantes tentativas de aplicação coletiva do conselho socrático de autoconhecimento.

Luigi Barzini escreveu sobre os Italianos um estudo que, incidentalmente, nos é de grande benefício, dadas as notórias convergências entre o temperamento italiano e o nosso. Fernando Díaz-

-Plaja ocupou-se do Espanhol e dos seus Sete Pecados Capitais, acentuando o papel do Orgulho, da Luxúria e da Preguiça na psique ibérica. O conde Sanche de Gramont publicou em 1969 um "retrato" do caráter nacional francês, ensaio tanto mais notável quanto não se pode conceber um povo menos inclinado do que o francês — em virtude de seu racionalismo suficiente — a beber o cálice amargo da autocrítica.

Mais curiosa é a experiência de um diplomata japonês, Ichiro Kawasaki, que, também recentemente, se dedicou a inquirir sobre os defeitos e traços característicos do povo nipônico e seus complexos de inferioridade. O título do livro é expressivo: Japan Unmasked. *O Gaimuchô considerou o trabalho de desmascaramento um tanto impróprio para um Embaixador. Aposentou-o. Como o livrinho continha, porém, comentários apimentados sobre a vida política nipônica e como o japonês lê muito, fez sucesso e largamente compensou as finanças do diplomata pela perda de seu alto cargo. (De qualquer forma, espero seja o Itamaraty mais indulgente com a minha modesta tentativa de "desmascaramento" nacional...)*

A psicologia dos povos ou psicologia cultural tem sido aventurada na base do bom-senso e da observação arguta. Representa aliás uma prática quotidiana que muito nos diverte quando viajamos no exterior. Um sem-número de anedotas existem para realizar de maneira jocosa e sintética uma tal psicologia turística.

Pensa Aldous Huxley que "um homem pode ser um excelente psicólogo prático e, no entanto, estar na ignorância completa das teorias modernas de psicologia. Mais interessante, porém, é que pode ser grandemente erudito em teorias psicológicas, evidentemente inadequadas, e contudo conservar-se, graças à sua intuição inata, um excelente psicólogo prático" (em The Devils of Loudun*).*

Na literatura brota a análise psicológica espontaneamente da percepção do autor. O cinema dos grandes diretores tem obtido sucessos semelhantes. Shakespeare é um verdadeiro monstro de intuição e não parece existir uma só conquista da psicologia moderna que já não tenha sido explorada, em algum recanto, pela pena do Bardo. Conhecemos os russos de antes da Revolução por esses gigantes do romance psicológico que foram Dostoiévski, Tolstói, Turgueniev, Gogol, Tchekov. "As literaturas nacionais" — escreve José Fernando Carneiro — "valem como testemunhos que as nações dão de si mesmas".

Acontece que, em qualquer população, só uma minoria de indivíduos corresponde a tipos nitidamente estabelecidos ou caracterís-

ticos. A maioria é incolor, composta de versões intermediárias. O que se deve procurar é a nota dominante e realmente significativa. Diferenças notáveis de temperamento podem existir dentro de uma mesma esfera cultural. Os latinos, por exemplo, diferem profundamente entre si, um inglês de um americano, um suíço de um alemão, um chinês do norte de um cantonês, um argentino de um chileno. Tais contrastes podem ser descobertos dentro de uma mesma nacionalidade: entre um gaúcho e um nordestino ou entre um paranaense e um baiano, sem que seja fácil atribuí-los a condições climáticas, étnicas ou históricas. O brasileiro é um "homem cordial", mas existe uma quantidade de brasileiros macambúzios. Somos geralmente extrovertidos, mas reservados são o mineiro e o jagunço. Intuitiva é nossa inteligência, o que não impede a existência de uma porção de brasileiros analíticos, calculadores e empíricos. Somos afetivos, mas em nosso país há homens excepcionais — e geralmente poderosos — que se destacam pela sua inteligência fria e insensível.

A ciência teórica procura estabelecer leis, encontrar regularidades, fixar tipos bem definidos, destinados a cobrir o maior número possível de casos que configurem uma "média ideal". A psicologia positivista, triunfante em muitas academias anglo-saxônicas, está atrás, justamente, de conclusões que possam ser expressas em gráficos ou termos matemáticos. Desse proceder estatístico podemos dizer, todavia, que se compara a um biquíni: revela muito mas esconde o essencial...

A verdadeira psicologia preocupa-se com o sujeito individual em cuja singularidade tenta penetrar. E cuida do substrato arquetípico que é, de certo modo, idêntico não obstante as variações de manifestação individual. De todas as ciências é a psicologia a única que não se interessa tanto pela regra da maioria quanto pela exceção à regra, uma vez que a irregularidade e a individualidade do comportamento de cada qual é que constituem a sua essência pessoal. Daí a dificuldade de toda psicologia coletiva que deve partir do "conhecimento de si próprio", individual e concreto, para a abstração coletiva, sem no entanto cair na generalização temerária. Daí também a severidade do critério que deve presidir à seleção das "figuras representativas", tanto históricas quanto literárias. Sendo a natureza do homem ao mesmo tempo genérica e única, é difícil sair desse dilema. Uma vez acentuados esses problemas e determinados com clareza os limites da investigação, nem por isso devemos recuar.

O problema da definição de uma psicologia coletiva — expressão do que se poderia chamar o "caráter nacional" — não é novo em nossa sociologia e antropologia cultural. Foi José Bonifácio, talvez, o primeiro a preocupar-se com o "Caráter Geral dos Brasileiros". Encontramos, entretanto, observações na literatura colonial que desde logo fixam certos parâmetros invariáveis de nosso desenvolvimento e configuram os elementos de nossos mitos cosmogônicos. É interessante, aliás, tal preocupação analítica entre nossos autores. Somos indiscutivelmente um povo dotado de considerável (e elogiável!) capacidade de autocrítica. Uma grande virtude! Autocrítica às vezes com forte dose de humorismo, como no anedotário carioca. O pendor poderia ser quiçá explicado pelo sentimento de uma necessidade pedagógica — uma exigência íntima — visando a corrigir sérios defeitos que herdamos da época colonial e se agravaram no correr do nosso primeiro século de independência.*

José Honório Rodrigues, em seu livro Aspirações Nacionais, *apresenta uma bibliografia dos autores que escrevem sobre as "características nacionais". Capistrano de Abreu, sobretudo nos* Ensaios e Estudos*; Sílvio Romero em* O Caráter Nacional *e* Origens do Povo Brasileiro*; Euclides da Cunha, nesse edifício monumental que é* Os Sertões, *muito embora seja a análise restrita a uma região; Afonso Celso no ensaio otimista* Porque me Ufano do meu País, destinado *a contrabalançar a bruma pessimista que encobria então a intelectualidade brasileira; Oliveira Viana em* Populações Meridionais do Brasil, Pequenos Estudos de Psicologia Social, *além de* Evolução do Povo Brasileiro *e* O Idealismo da Constituição, *onde são os aspectos políticos da psicologia coletiva mais incisivamente examinados; Fernando de Azevedo em* A Cultura Brasileira*; Afonso Arinos em* Conceito de Civilização Brasileira. *Sobretudo Paulo Prado em seu notável* Retrato do Brasil, *num prisma de acerba apreciação da cobiça, tristeza e luxúria que definiriam o pecado nacional.** Sua linha*

* Em inquérito da UNESCO realizado em 1950, do qual nos faz parte Thales de Azevedo, verificou-se que os brasileiros se consideram principalmente "bondosos, inteligentes, religiosos, preguiçosos, amigueiros, sensuais etc.", em escala descendente de adjudicação. Thales de Azevedo nota que, ao contrário de outros povos que responderam a questionários sobre si próprios, não nos atribuímos exclusivamente qualidades positivas. Não reprimimos idéias capazes de perturbar-nos. Aceitamos nossas falhas.

** O diagnóstico dos nossos defeitos, falhas e insuficiências já foi feito por esses autores. Reconheço que estou condenado a repetir muito do que já foi dito. Mas não é isso mesmo a essência do método pedagógico: a repetição até que a verdade penetre no crânio do aluno?

de pensamento é em muitos pontos paralela à de Keyserling, o qual, entretanto, apreciou os aspectos positivos de nossa personalidade. E Sérgio Buarque de Holanda, em Raízes do Brasil. *Essas obras dos dois paulistas parecem-me fundamentais e muito pretendo utilizá-las como orientação neste trabalho.*

Também Gilberto Freyre com observações valiosíssimas, embora de novo essencialmente regionais, dispersas em sua imensa obra. As conclusões de Vianna Moog, no estudo paralelo de Bandeirantes e Pioneiros, *aqueles do Brasil, estes dos Estados Unidos, são particularmente instrutivas no que diz respeito à mentalidade do mazombo. E ainda: Alceu de Amoroso Lima, João Camilo de Oliveira Torres com sua* Interpretação da Realidade Brasileira, *Cassiano Ricardo (com seu "homem cordial" e "homem bom"), Gilberto Amado, José Fernando Carneiro com sua pequena e esplêndida* Psicologia do Brasileiro, *e muitos outros tocando neste ou naquele setor social, político ou simplesmente humano de nossa psicologia.**

Nota-se verdadeiramente, sobretudo a partir do movimento modernista, uma preocupação, uma quase ânsia de melhor compreender o Brasil, fruto incontestável das inquietações da hora presente e sintoma do grande desafio desenvolvimentista. Circunstância feliz. Convém que muita gente procure explicações para nossa condição existencial, não ideológicas ou inspiradas em projeções sobre bodes expiatórios estrangeiros ou circunstâncias naturais inexoráveis, mas em nós mesmos, em nossa mentalidade e temperamento feminino, ou em nosso "caráter nacional". Tal alargamento da consciência crítica terá o efeito positivo de impor um desejo de mudança. Que é o que importa, sobretudo no momento "revolucionário" que estamos vivendo.

* Há, porém, exceções. O livro de Dante Moreira Leite sobre *O Caráter Nacional Brasileiro* nada revela sobre o caráter nacional brasileiro. O professor Moreira Leite parece infelizmente considerar a psicologia como uma simples "superestrutura" de condições econômicas. A psicologia nada mais seria do que uma ideologia das classes dominantes. Isso equivale a dizer que, se não há diferenças entre os povos, mas apenas diferenças entre os respectivos modos de produção, teríamos que admitir que o brasileiro é idêntico ao nigeriano e ao indiano; que o americano se assemelha ao suíço; e que nada distingue um russo de um chinês, ou um cubano de um albanês. Seria isso admissível? A coitada da psicologia fica relegada à prateleira dos discos de propaganda. Tal ponto de vista do nobre catedrático de psicologia de Araraquara conduz à eliminação da psicologia como método de interpretação sociológica.

Vale dizer que muitos estrangeiros já tentaram a aventura. No século passado e em princípios do atual fomos visitados por argutos observadores que deixaram um rico, às vezes saboroso acervo de notas, comentários, anedotas e finas críticas, graças às quais adquirimos o sabor de nossa psicologia em formação.

Lorde James Bryce, o ilustre estadista, diplomata e scholar *britânico, notou a visão poética e aventurosa da vida — aquilo que aqui estamos chamando o traço intuitivo de nossa psicologia. "Têm uma rápida suscetibilidade às idéias", escreveu. E a espiritualidade que nos atribui seria uma certa maneira de caracterizar a nossa forte afetividade.*

Nestes últimos trinta anos o Brasil foi objeto de uma série preciosa de monografias — geralmente bem mais simpáticas a nosso país do que aquelas que saíram da pena de autores nacionais — série que é longo enumerar. Basta lembrar com afeto os nomes de Zweig e de Bernanos, os quais, nas emoções da guerra e do exílio, escreveram verdadeiras páginas de amor à nossa terra. Mas ainda Lambert, Bastide, Morazé, Lynn-Smith, Roy Nash, Konrad Günther, John dos Passos, Lawrence Hill, Charles Wagley e tantos outros que seria injusto esquecer.

*Em obra publicada há uns quarenta e poucos anos, o conde Hermann de Keyserling externou o que me parece representar uma das mais interessantes e perspicazes teses sobre a psicologia profunda dos povos latino-americanos.**

---

* Keyserling não era um filósofo no sentido convencional ou acadêmico da palavra. Aristocrata de imensa cultura e fértil imaginação, egocêntrico, exuberante, caprichoso, foi um diletante, um turista da filosofia. Suas aptidões se enquadram, no entanto, nas técnicas modernas da psicologia analítica — a de Jung especialmente, que sobre ele exerceu enorme, embora nem sempre conhecida influência. A riqueza das categorias que inventou (*Sangue — Delicadeza — Gana — Fado*), que muitas vezes nos deixam perplexos e um tanto nas nuvens, transmitem sugestões prenhes de poder criador. Foi um dos primeiros a tentar, sem sistema, a aplicação de métodos supra ou para-racionais à investigação da psique coletiva. Fê-lo de sua amada Europa na *Análise Espectral de um Continente*; dos Estados Unidos em obra fortemente controvertida, *Psicanálise da América*; do Oriente, em seu *Diário de Viagem de um Filósofo*, que redigiu como outra ponte lançada no esforço contemporâneo de mútua compreensão entre Oriente e Ocidente. A nossa própria área foi objeto de suas *Meditações Sul-Americanas*.

Esse livro é lamentavelmente esquecido em nossa terra. Nunca foi traduzido para o português. É praticamente ignorado, involuntária ou propositadamente, até por alguns de nossos autores que aqui e acolá se inspiraram de certas sugestões keyserlingianas em seus temas mais estimulantes. Sem dúvida, rápida foi a passagem de Keyserling por nossas plagas. Algumas de suas vastas pinturas não são legítimas, às vezes apressadas e superficiais, o que parece inevitável nesse gênero de pesquisa de natureza quase jornalística. Custou sobretudo em distinguir as características peculiares de povos tão diferentes uns dos outros quanto são os que habitam a América do Sul — o que é também uma fatalidade de quantos tentam, após curta viagem, generalizar num continente tão vasto quanto o nosso. Mas, de qualquer maneira, a grande contribuição das *Meditações* foi compreender as íntimas e misteriosas relações existentes entre a Alma e a Terra, relações que nada têm a ver com o determinismo geográfico ou climático.

Com a obra de Keyserling, fica definitivamente estabelecido que toda análise profunda do Brasil não pode prescindir desse dado primário que é a natureza tropical, o meio ambiente englobante de calor e profusa vegetação, expressão objetiva do arquétipo primordial da Magna Mater de cujo esplêndido seio ainda não escapamos. Na literatura brasileira, como aliás em toda a literatura ibero-americana, o mundo gigantesco da floresta virgem e dos grandes sertões, onde se sente o homem ainda como um intruso perdido, tem sido magnificamente evocado. A selva nos oprime. O subdesenvolvimento material configura sobretudo uma experiência de impotência, de inércia ou de vingança predatória perante as forças indomáveis da natureza matriz, ao redor de nós e dentro de nós mesmos.

Muitos dos nossos pesquisadores patrícios, desde Euclides da Cunha e Paulo Prado até Gilberto Freyre e Miran de Barros Latif, se tornaram cônscios desse fator fundamental e sobre ele construíram o edifício de uma nova ecologia social.

A nossa própria análise objetiva desenvolver o tema, porém num approach *fundamentalmente psicológico — graças ao qual esperamos ampliar e aprofundar os aspectos envolventes com que, neste vasto e fértil território do Brasil, nos alimentam, inspiram e ordenam todas as Mães.*

Este é o nosso imperativo: que nos atrevamos a transpor o nível do individual para propor, em escala nacional, uma espécie de exame de consciência. Apresentaremos uma série de ensaios onde a prospecção dos mitos, utopias, lendas, costumes, hábitos e tendências coletivas suscita um apelo para uma verdadeira tomada de consciência perante certos aspectos nem sempre positivos da realidade brasileira. Não se admire pois o leitor condescendente de uma combina-

ção de rotas que, à primeira vista, poderão parecer, pelo menos, atrapalhadas...

A psicanálise ensinou-nos a tirar proveito dos sonhos, das associações espontâneas, dos atos falhados e lapsos de língua. Jung a esses acrescentou os mitos, os símbolos religiosos, as formas herméticas do pensamento. O material literário é também por excelência aproveitável, como já acentuamos, pois o sucesso de um tema, de um episódio ou de uma personagem de romance revela suficientemente a sua incidência sobre a alma popular.

Freud sempre manifestou surpresa com o fato de que os poetas e os romancistas, em suas fantasias imaginativas, conhecem *espontaneamente o trabalho do Inconsciente. Goethe, Sófocles em sua* Tragédia de Édipo, *Shakespeare no* Rei Lear, *em* Hamlet, Julio Cesar *e tantas outras tragédias, Jensen em sua novela* Gradiva *manifestariam um conhecimento intuitivo que só a muito custo, ele, Freud, obteve após longo e meticuloso trabalho de psicanálise. Sempre foi assim com prazer que Freud encontrou, na literatura, confirmação de suas teorias e pesquisas.*

A literatura desempenha, numa análise coletiva, o papel das reminiscências e associações de idéias na análise individual, do mesmo modo como os mitos substituem os sonhos individuais. A literatura fornece o principal material analítico. E se os mitos, as lendas e as personagens folclóricas carregam conteúdos mais primitivos (e portanto mais profundos, no Inconsciente), nem por isso perdem os heróis dos romances importância como veículos de significado. Às vezes mais fácil é exprimir toda uma tese psicológica através de uma única figura literária, particularmente rica. Há tipos universais. Eis que o Otelo shakespeariano, por exemplo, explora todas as facetas do homem afetivo, extrovertido e imensamente sugestionável. No Don Juan assistimos às aventuras da intuição desgarrada. O "desmascaramento" do Jacinto de Tormes na Cidade e seu reencontro com a própria alma, nas Serras, apresenta sob matizes heróicos o motivo arquetípico do Retorno. Todos esses heróis — e heroínas também, como a Gabriela de Jorge Amado — movem-se, em conjunto, para a constelação do grande Mito do Brasil.

Nessas condições, estou seguro de que o leitor tolerante facilmente compreenderá por que razão conservo o hábito de freqüentes citações, inclusive de ficção e poesia. Não se trata de um recurso provinciano. É uma necessidade da própria pesquisa. Procuro destacar o consenso de opinião que se manifesta através do veículo das letras,

contanto que o trecho ou verso citados revelem uma verdadeira intuição psicológica. Quando vários autores, sobretudo de épocas, estilos e modos diferentes, chegam a juízos semelhantes de certas particularidades de nosso comportamento coletivo, esse fato por si só possui imensa relevância psicológica. O acordo é sinal de uma conscientização do problema específico, o que acarreta, desde logo, o desejo de resolvê-lo.

Quero terminar esta introdução com alguns comentários sobre o método de investigação. É um método que não se atreve a atacar frontalmente a dificuldade, mas obedece à técnica dos feiticeiros primitivos. O Inconsciente representa algo de mágico, misterioso: algo de caráter "numinoso". O processo analítico para fins terapêuticos e o próprio Processo de Individuação podem ser comparados ao movimento de circumambulatio, *em volta de um Centro possuído de luz ofuscante. Jung assinala a presença desse modo de avizinhação no* opus alchymicum *dos mágicos medievais, assim como nas escolas de introversão orientais (Ioga, Zen, Tantra). A aproximação do Inconsciente nunca deve ser direta: temos que "girar em torno" do problema, em cautelosa exploração. Como os hebreus de Josué que contornaram uma, duas, sete vezes os muros de Jericó, para fazê-los tombar.*

Nesse sentido, a aproximação do tema de nossas próprias análises deverá seguir o mesmo venerável ritual de magia. Não enfrentaremos de chofre o assunto circinado: vamos contorná-lo com negaças, em círculos ou circuitos, circunvoluções que o constrangem progressivamente. A forma total, que já se nos apresenta no início do trabalho sob os aspectos vagos, nebulosos, muito sutis dos Três Mitos da Terra, será elucidada sob perspectivas que reaparecem, porém em ângulos cada vez mais agudos.

Tal método poderá causar espécie. Corremos sempre o risco de repetições e, às vezes, de contradições. As incoerências também são inevitáveis, porque da essência da psique. A dialética psíquica implica um eterno retorno das mesmas antinomias que surgem entre as afirmativas voluntariosas da consciência e as respostas brumosas do Inconsciente: o conflito dos opostos. Tais contradições no processo circumambulatório agravam-se de muito quando enfrentamos temas coletivos. Porém, às objeções de uma lógica quiçá demasiada-

mente pudibunda, respondamos com o ardor desassombrado de Walt Whitman:

Do I contradict myself?
Very well then, I contradict myself,
I am large, I contain multitudes.

II

AS MÃES

Die Mütter! Mütter! — 's klingt so wunderlich!

As Mães! As Mães! como soa estranho!

FAUSTO NO REINO DAS MÃES

ENCONTRAMOS NA OBRA DE GOETHE um episódio que tem surpreendido e mesmo escandalizado os críticos. Refiro-me à cena quinta do primeiro ato do segundo *Fausto*, "numa galeria escura", em que são invocadas As Mães! Entre todas as imagens e símbolos herméticos que enriquecem e dificultam essa obra estranha da velhice de Goethe, talvez nenhum seja mais suscetível de nos confundir.

O segundo *Fausto* é povoado de fantasmas e alegorias. E uma sucessão alucinante de cenas quiméricas e intrigas mitológicas. Daí a importância que seus motivos possuem como material ilustrativo de entidades da psique coletiva, o que explica a freqüência com que o cita C. G. Jung. A mitologia greco-romana, as lendas germânicas, as figuras fantasmagóricas da alquimia, as pesadas superstições medievais, as alegorias poéticas do romantismo, categorias abstratas e metafísicas, e contribuições da filosofia idealista alemã — tudo entra nesse extraordinário *pot-pourri*. O próprio Goethe compreendeu a sua obra não como o produto da inteligência racional mas como o da imaginação e da intuição. Em carta a Eckermann, escreveu: "sou de opinião que quanto mais uma obra poética é incomensurável e inacessível à inteligência, melhor é".

Vale lembrar a cena que desejamos analisar. Fausto e seu companheiro Mefistófeles se haviam apresentado à corte do Imperador onde logo se notabilizaram por estupendos feitos de arte mágica. O monarca, caprichoso e irresponsável, ofuscado também pelo poder dos dois misteriosos visitantes, logo lhes reclama a visão de Helena e de Páris, os heróis da *Ilíada*.

Na lenda medieval de Fausto já existia uma apresentação da figura de Helena. Esta, por cuja causa mil navios velejaram para

Tróia, é a beleza sem par da clássica poesia épica. Mulher de Menelau e amante de Páris, personifica incomparavelmente o princípio feminino. Ao compor o seu segundo *Fausto*, não podia Goethe prescindir de uma personagem tão rica de possibilidades. A presença de Helena permitir-lhe-ia alçar bem alto o vôo da imaginação romântica e determinaria, além disso, pela extensão que a rainha de Esparta tomaria na elaboração final da obra, uma evidente ativação das suas mais profundas intuições psicológicas. Helena sucedeu a Margarida como a *femme inspiratrice* do herói goethiano — num sentido, porém, mais figurado e metafísico, mais desencarnado, de que constitui o episódio das Mães, precisamente, a perfeita introdução dramática.

Tomado de surpresa e perplexo diante do pedido do Imperador, pois está na inteira dependência de Mefistófeles para as evocações de magia, Fausto ao diabo recorre. Este, porém, se recusa a interferir. Helena simboliza a beleza clássica. É o "ideal dos homens", além de ser uma figura da mitologia helênica. A intervenção do demônio cristão nesse capítulo seria não apenas anacrônica mas detestável para a mentalidade apolínea de Goethe, toda impregnada de entusiástica paixão pela antiguidade. Conseqüentemente, dirige Mefistófeles acerbas críticas a Fausto, por haver-se levianamente abalado a conceder ao monarca uma tão absurda solicitação. A dívida contratada fora temerária. Pois se ele, o diabo, se achava prazerosamente às ordens de Fausto quando se tratasse de feitiçaria, alquimia, magia negra, de fantasmas sutis, de anões com papeira e outros prodígios da mesma espécie — o terreno que agora pretendiam invadir escapava inteiramente à sua ação satânica.

Com queixas furiosas, entretanto, Fausto assedia seu indócil companheiro. Acusa-o de sempre lhe exigir novas propinas: "és o pai de todas as obstruções". Insiste no pedido.

Retruca Mefistófeles: "A raça dos pagãos não é da minha alçada: reside em seu próprio inferno" ... "No entanto há um meio!" *Doch gibt's ein Mittel*!

"Fala sem tardança" — exclama Fausto. Mefistófeles explica-lhe então:

> A contragosto revelo um mistério supremo.
> Deusas há que troneiam, formidáveis, na solidão:
> Não há espaço à sua volta, muito menos tempo;
> A elas muito embaraçoso é referir-me.
> São AS MÃES!

"As Mães!?" — repete Fausto, atemorizado.

"Estremeces?" — retruca Mefistófeles com sarcasmo.

Fausto de novo exclama: "As Mães! As Mães! Como soa estranho!".

As Mães. Onde as teria Goethe descoberto, para evocá-las de tão impressionante maneira? Uma coisa é certa. O próprio poeta indicou: a idéia ter-lhe-ia sido inspirada por uma referência de Plutarco às "deusas mães" adoradas num templo da cidade de Engyum, construída pelos Cretenses. São também "as rainhas de aspecto terrível", as "horrendas deusas" envolvidas no destino trágico do Édipo de Sófocles. Os intérpretes do pensamento goethiano supõem tenha o poeta construído a cena para exprimir a sua concepção filosófica original do que chamava os *Urphenomena*, os modelos primordiais utilizados pela natureza para elaborar as formas vegetais e animais mais simples. As Mães seriam as "representações coletivas" da psicologia social. Talvez as idéias platônicas — que servem de padrão para todas as coisas. Ou ainda, numa versão da doutrina do *Apeiron* de Anaximandro, o "Ilimitado", o Infinito e Indefinido, *l'éternel increé* que precede os objetos criados. Ou, finalmente, uma representação desse reino das profundidades subliminais onde imperam as *Idéias-Mães*, as formas arquetípicas independentes do espaço e do tempo, categorias universais que governam as formações e transformações das criaturas e constituem como que os "esquemas" de todas as coisas vivas.

Jung não se furtou ao interesse pela imagem goethiana e, no seu entender, todo o episódio fáustico da descida ao reino das Mães corresponde muito exatamente a uma penetração nas profundidades avassaladoras do Inconsciente Coletivo que podem ser alcançadas pela intuição poética ou artística, assim como nos devaneios e sonhos das pessoas normais, nas alucinações neuróticas, nos estados de êxtase místico ou ainda, artificialmente, graças às técnicas especiais da psicologia analítica moderna.

A tese de que o reino das Mães seja o substrato psíquico onde, graças à intuição criadora, vai o artista pescar as mônades ou idéias originais — a Idéia de Beleza, por exemplo, ou a *anima*, personificada por Helena de Tróia — não contradiz, antes confirma as várias hipóteses que os críticos aventaram sobre o mito. É fácil de compreender por que alguns psicólogos modernos, a começar por Freud, encontraram no episódio uma tão admirável ilustração de suas próprias teorias a respeito da natureza do Inconsciente. O Inconsciente é precisamente o domínio insondável dos arquétipos, "os

reinos infinitos de todas as formas possíveis" onde "serpenteiam os fantasmas como um rio de névoas"...

As Mães são as imagens primordiais — a expressão multiforme, englobante e dramática daquilo que é o arquétipo primordial da Natureza: a *Magna Mater*, a Grande Mãe. Ou a Terra Mãe.

A compreensão do episódio das Mães no segundo *Fausto* é fortalecida pela lembrança de outra cena, desta vez no primeiro *Fausto*, onde similarmente se tem a crítica enredado numa posição de grande perplexidade: a invocação do *Erdgeist*.

No monólogo com que se inicia a sua apresentação no drama, Fausto está a revelar profunda decepção, um desencanto, um desespero mesmo com a ciência erudita, o pensamento racional, o Nada devorador da Gnose. Nada o satisfaz. Nada mitiga a sua curiosidade na procura angustiante dos últimos mistérios da vida e da natureza. O monólogo é um grito de asco do sábio desabusado e pessimista para quem a imensa cultura livresca e acadêmica nada mais vale do que a montanha de volumes que enche a biblioteca até o teto, que o cupim está roendo, a poeira recobre e se amontoa como papelagem esfumaçada:

> Direito, Medicina, Filosofia,
> E também, infelizmente, Teologia!
> Tudo estudei a fundo, num esforço ardente,
> E eis-me aqui, pobre demente,
> Tão sábio quanto era antes...

A invocação do Espírito da Terra, o *Erdgeist*, representa o último recurso da ansiedade intelectual. Na intuição de sua chama ofuscante vai o feiticeiro, ainda aprendiz, descobrir o instrumento graças ao qual espera atingir ao conhecimento vivo e imediato da realidade subjacente, conhecimento a que aspira com toda a paixão titânica de um gênio frustrado. Fausto revela-se aí como o grande Espírito que procura o poder pela ciência. Eis o que o torna o protótipo da cultura ocidental — a cultura que Spengler qualificou de "fáustica" — (Fausto seria o protótipo germânico, como Don Juan o protótipo latino dessa cultura).

O apelo ao *Erdgeist*, entretanto, mal sucedido a princípio, só produzirá resultados pelo amor humano, pois lhe facilitará a conquista de Margarida.

Escrito na mocidade romântica de Goethe, o primeiro *Fausto* reflete idéias filosóficas diferentes daquelas que se manifestarão na obra mais madura e mística do segundo *Fausto*. Não obstante, certas concepções originais no que diz respeito ao papel da Natureza e à maneira de nela encontrarmos a inspiração para o esforço da existência — não se modificaram sensivelmente no correr da evolução intelectual que, com mais de meio século de intervalo, conduz da primeira à execução da segunda parte do drama goethiano. Corresponde assim o episódio das Mães, de certa forma, à invocação do *Erdgeist*. A quase identidade do Espírito da Terra e daquele que anima as Mães é confirmada pela semelhança dos resultados atingidos. A noção do Espírito da Terra é apenas mais concreta, mais definida, menos cercada de misteriosos simbolismos do que a imagem tenebrosa das Deusas maternas.

Vale notar desde logo — e a observação é importante! — que não se concebe o *Erdgeist*, nem tampouco as Mães, como instrumentos subordinados à vontade de Mefistófeles. São invocados por Fausto diretamente. Sem a intervenção ou auxílio do Diabo. Trata-se, sem dúvida, de um princípio de natureza mágica equivalente ao *archeus terrae* de Paracelso, à *anima terrae* de Giordano Bruno, a outros fatores telúricos sobre os quais se fundamenta o Inconsciente, bem como ao conceito de "Natureza" na filosofia científica, especialmente nas elocubrações teóricas dos alquimistas e filósofos naturalistas do Renascimento e dos princípios do século XIX.

O princípio, porém, é anterior à distinção entre o Bem e o Mal. Precede o Cristianismo. Goethe segue a tradição naturalista e, nesse sentido, se o *Erdgeist* evoca noções medievais — em contraposição ao episódio das Mães que se origina num mito clássico — nem por isso deixam as duas fórmulas de pertencer à mesma categoria de pensamento, independente de qualquer valorização ética positiva ou negativa, e por isso mesmo associadas a uma visão do mundo que é essencialmente panteísta, cosmológica e imanentista. O Espírito da Terra é o próprio espírito que anima o mundo subterrâneo: é uma inspiração espontânea, por assim dizer biológica, que permite à consciência penetrar nos arcanos do Inconsciente Coletivo.

Após haver mencionado o reino das Mães como depositário da imagem de Helena, Mefistófeles revela a Fausto o caminho a seguir. Região inexplorada e para sempre inexplorável, para penetrar na qual não há porta a abrir nem fechadura a romper, deverá o aven-

tureiro navegar na solidão absoluta, no Nada onde nada de sólido lhe poderá servir de apoio aos passos cegos. Aos avisos e admoestações do seu companheiro, porém, responde Fausto com desdém. Acentua o seu destemor. Confirma o desejo de aprofundar o mistério: "Naquilo que chamas o Nada espero descobrir aquilo que, para mim, é Tudo!".

Mefistófeles declara-se incapaz de acompanhá-lo na expedição, oferecendo-lhe porém uma chave que, certamente, o conduzirá ao domínio das Deusas.

Estremece Fausto mais uma vez: "As Mães! Penetra-me como um relâmpago! Que há na palavra que não a posso ouvir?". Goethe traduz perfeitamente a experiência de respeito místico perante o supremo desconhecido da alma, com aqueles qualificativos de *tremendum*, *fascinans* e *numinosum* com que Rudolf Otto define o sentimento religioso, e que também nos empolga na fascinante experiência psicanalítica de confrontação com o Inconsciente:

> Não procuro na indiferença a minha salvação, declara Fausto:
> O frêmito de espanto é o que de melhor há em nossa Humanidade.
> Tão caro lhe faça o mundo pagar a emoção,
> Profundamente sente o homem a Imensidade.

Repetindo então Heráclito, para quem "o mesmo é o caminho para cima e o caminho para baixo" — repetindo também a *tabula smaragdina*: *"ascendit a terra in coelum, iterumque descendit in terram, et recipit vim superiorum et inferiorum"* — dá-lhe Mefistófeles os últimos conselhos: "Afunda, enterra-te no abismo. Poderei também dizer: sobe às alturas! É o mesmo. Deixa o mundo criado fugir em direção aos espaços indefinidos das formas possíveis!". No fundo do abismo deverá Fausto encontrar um tripé ardente a indicar-lhe que atingiu os seus últimos recessos: "recolhe então toda tua coragem, pois grande é o perigo. Avança diretamente para o tripé, toca-o com a chave!".

Também em Plutarco deve ter Goethe descoberto o tripé. Plutarco propunha a tese de que existem 188 mundos, dispostos em forma de triângulo cuja área se chama o "campo da verdade", no qual se encontram as bases, as formas e imagens originais de todas as coisas. Vaso hermético no qual o matrimônio sagrado, a *hierogamia* real dos opostos, será consumado, representa nesse sentido o tripé o objetivo final, incestuoso, da grande obra humana. Ao tocá-lo terá Fausto atingido o sentido de sua existência e, depois do mal que

causou na primeira parte da obra, demonstrará, na segunda, a contribuição que pode oferecer à humanidade sofredora.

Possui toda a cena, indubitavelmente, um penetrante sentido psicológico. É difícil avaliar até que ponto teve Goethe a intuição das teses mais ousadas da psicologia moderna ou até que ponto perceberam os psicólogos modernos, no *Fausto*, uma comprovação poética de teorias que tentam hoje cientificamente edificar. Na invocação das Mães encontramos a perfeita equivalência do que entendemos por "penetração no Inconsciente". No caso específico de Goethe, um romântico por excelência, o episódio exprime o papel positivo que, nesse processo, deve exercer o elemento feminino, portador da ternura e da capacidade de amar com as quais lhe serão facultados o equilíbrio e a harmonia intelectual, exigidos pelo classicismo.

As Mães e o fantasma de Helena configuram a Imagem da Alma — a *Anima* de que nos fala Jung. Se a Anima é a categoria do "eterno femino", elemento compensatório e inspirador, fator ativo dentro da psique do Homem e por ele herdado da Mãe — representam as Mães a própria matriz, o útero inesgotável das energias do Inconsciente. São o oceano primordial, profundo e insondável, gerador de nossas idéias. Constituem a fonte de nossos sentimentos, nossas intuições e as imagens espontâneas que surgem em nossa mente.

A tonalidade emotiva dessa presença deslumbrante confirma estarmos em presença de conteúdos dificilmente acessíveis a formulações racionais. Só através de símbolos dessa natureza pode o poeta evocar as categorias com que, em linguagem e com métodos científicos, lida a moderna psicologia profunda. Abordar tais entidades através de conceitos puramente lógicos só conduziria a frustrações, a mal-entendidos. E, se para o positivista pedestre e filisteu, o episódio das Mães configura uma mistificação em que abusa Goethe da liberdade de linguagem simbólica tradicionalmente permitida aos poetas, para o indivíduo familiarizado com o idioma específico do Inconsciente são as vozes das Mães as únicas suscetíveis de traduzirem adequadamente a nossa realidade interior — representando nesse caso a análise psicológica de tipo jungiano a única chave mágica (na verdade mefistofélica!) com a qual se atreve a nossa mente fáustica, curiosa e intimorata, a mergulhar em si mesma à procura dos supremos enigmas.

Notemos bem: Mefistófeles, agindo como um verdadeiro psicoterapeuta, indica apenas o caminho. Ele representa no caso um guia

espiritual, *Psychopompos*. Revela a existência das Mães, fornece a chave da interpretação e previne contra os perigos da proeza. É-lhe vedado, porém, violar o segredo ou acompanhar o *Eu* consciente em sua peregrinação interior.

As Mães! Palavra estranha que faz estarrecer e atinge como um raio! Que são esses arquétipos nas camadas ctônicas da psique humana? Poderemos, porventura, vislumbrar o seu sentido esotérico e reconhecer em nós mesmos a realidade de sua presença? Estaremos justificados em nossos desígnios que consistem justamente em percorrer diversos caminhos suscetíveis de conduzir às Mães — caminhos abertos pela antropologia cultural, pela mitologia, a crítica literária, a história comparada e, sobretudo, a psicologia das profundezas? Qual o propósito, qual o valor, a importância do método adotado? Como agarrar o conceito fugidio de *Anima* — um dos Shibboleths da psicologia de Jung — após ouvir Nietzsche cujas intuições o aclamam precursor da psicologia analítica moderna e que dizia: "Todo o mundo carrega em si uma imagem de mulher que deriva da Mãe. Por essa imagem é o homem determinado, ou a reverenciar a mulher em geral; ou a levá-la em pouca consideração; ou para com ela manter uma certa indiferença"? Eis a nossa meta: indagar como surge a imagem feminina coletiva da visão primordial da Magna Mater, do mesmo modo como surge a *Anima* de sua primeira expressão individual na *Imago* ou figura materna. Nessa rota ingrata e perigosa, coalhada de rochedos submersos como aqueles que ameaçavam a nau de Ulisses, mas segurando sem temor a chave mágica da análise, vamos procurar lhe descobrir o reino.

Elas são muitas e uma só, a Grande Mãe. E no seu reino, que tanto está em cima quanto embaixo, talvez possamos consultá-la em seu pítico tripé e de seus pronunciamentos oraculares esclarecer alguns dos problemas fundamentais da psicologia coletiva brasileira. Vamos procurar descobri-la porque a Mãe, ainda hoje, constitui o núcleo e unidade central da sociedade brasileira. E porque na Mãe, nos laços que a ela prendem o homem brasileiro, se articula o complexo central da nossa alma coletiva.

Avancemos pois. Mas para tanto reconheçamos desde logo que o termo Magna Mater é usado para designar uma mera abstração psicológica, resultante de um trabalho especulativo que procura ferir os aspectos multiformes da maternidade. O termo exprime a forma nuclear e sintética do arquétipo do feminino. Abarca um conjunto

de símbolos, carregados de tonalidade emotiva. Manifesta a realidade do arquétipo não apenas em seu sentido de "complexo" individual, isto é, quanto à influência que, sobre cada um de nós, sobre nosso caráter, nosso temperamento, nossa moral, nossas tendências e opiniões, exerceu nossa própria Mãe — mas também no sentido coletivo de pertencermos à terra, à nação, à cidade, como entidades geradoras e englobantes da comunidade humana que nos viu nascer — uma terra e uma nação onde, justamente, a Deusa Mãe da pré-história parece haver readquirido algo de seu poder antigo e formidável.

Em quase todas as línguas, a comunidade, a coletividade é designada por palavras do gênero feminino: a sociedade, a nação, a *res-publica*, *die Gemeinschaft*. Na Cabala mística, a *Shekinah* designa o corpo do mundo, assim como a comunidade de Israel. A coletividade, nesse sentido, representa a matriz inconsciente da vida individual, constituindo um dos aspectos do grande arquétipo. O termo consubstancia assim imagens de rica e variada forma. Imagens que envolvem não apenas a figura compreensiva da Mãe humana e pessoal, mas a de outras Mães que ocupam relevante posição hierárquica na estrutura global da psique. Vamos caminhar de amplificação em amplificação, excluindo porém, no mais alto escalão espiritual, a figura da *ecclesia*, a Santa Madre Igreja, a que não se atreveria a endereçar um ensaio limitado em escopo psicossocial como este.

Mais próxima de nossa atenção, nesse sentido, está a Mãe que engloba a idéia mística do território. É dela que se ocupa a Ecologia, como estudo dos costumes, usos e caracteres humanos, condicionados ou acomodados às condições do ambiente físico. É dela também que se ocupa a psicologia profunda que descobre ser a simbologia nacional muito mais material do que "patriótica". Embora não a ponto de nos compararmos à Índia, onde a nação é identificada à "Mãe Vaca", convenhamos que a nossa terra é "amada e idolatrada", cheia de encantos mil, Mãe gentil em cujo seio nossa vida tem mais amores e Terra adorada que escorre e nos envolve com seus apelos apaixonantes.

A NATUREZA MÃE
OU GRANDE DEUSA DOS CEM NOMES

ENTIDADE GERADORA por excelência de um mundo concebido como Natureza e como Inconsciência, representam as Mães a categoria primordial sobre a qual vai agir o Logos, isto é, a Razão ou Verbo que é o Espírito criador. O mundo original feminino é o mundo do *tehom*, do *tohu-bohu*, o caos, o "deserto sem forma e vazio", a que se refere o Gênese (1:2), quando "havia trevas sobre a face do abismo e o Espírito se movia sobre a face das águas". É o mundo do dragão Tiamat, no mito caldeu de Marduk, universo matriarcal que precede o mundo masculino do Pai — como na alquimia a matéria-prima precede o ouro solar procurado na pedra filosofal. Já Plutarco, falando dos mistérios de Ísis, explica-nos que a Deusa "é o princípio feminino da natureza e aquilo que é capaz de receber toda a gênese: em virtude do que foi denominada por Platão genitrix e recipiendária de tudo, ao passo que a multidão a prefere chamar 'aquela que possui dez mil nomes', por ser suscetível de transformação através do Logos, e receber todas as formas e idéias".

Nem sempre é fácil compreender o sentido psicológico da constatação de que *o princípio é a Mãe*. A maternidade é natural, a paternidade mentalmente adquirida. O homem primitivo *vê* o alimento surgir da terra, vê a criança no ventre materno. No estágio selvagem, como o dos habitantes da Austrália antes dos primeiros contactos com os europeus, desconhece mesmo a relação existente entre dois acontecimentos separados por nove meses de intervalo e ignora o seu próprio papel no ato de procriação. A criança similarmente conhece a Mãe antes de conhecer o Pai, conhece o seio antes de conhecer o mundo, vive na escuridão da Mãe antes de nascer para a luz.

É o seio materno, como reservatório do leite nutriente, o símbolo essencial desse estágio, razão pela qual certas escolas psicanalíticas radicalizam o seio como determinação originária do desenvolvimento da psique humana.

Para a consciência nascente, mergulhada na penumbra pululante e borbulhante do universo em gestação, a energia criadora surge de baixo, emerge do limo, das plantas, das águas, da terra, do colo materno. É o mundo do ventre primordial. A princípio, esse mundo elementar é presidido por um único instinto, o de sobrevivência pela absorção, isto é, pelo instinto de alimentação. A fome constitui-lhe o dinamismo essencial, o que corresponderia ao nível primário da Libido no estágio do erotismo bucal e visceral da concepção freudiana. Nesse nível, em que ainda não sabe a mente distinguir, nem pode mesmo destacar o sujeito do objeto, a dicotomia sexual não existe. Confunde-se Libido com instinto de conservação, sendo o seio desprovido de qualquer significado sexual.

O canibalismo é sintomático desse estágio. A vida conserva-se pela destruição da vida e pela absorção da matéria orgânica. O animal mais fraco alimenta-se do vegetal, o animal mais forte da carne do mais fraco, sendo o mais fraco obrigado a reproduzir-se com mais freqüência para compensar a inferioridade. A inteligência, ainda tênue e imprecisa, concentra-se na necessidade de defesa e na luta pela sobrevivência. A fome engloba inicialmente as duas tendências ou impulsos contraditórios, os dois instintos que mais tarde se diferenciarão — o erótico ou de absorção, fusão, que é primordialmente materno e feminino; e o destruidor ou agressor, de domínio e conquista, que é primordialmente masculino. Os dois impulsos básicos ainda não se especializaram sexualmente, nem se dissociaram no dualismo que, segundo Schiller, domina a vida, a Fome e o Amor; nem se opuseram na antinomia dos instintos de Vida (*Eros*) e de Morte (*Thanatos*) de que nos fala a metapsicologia freudiana; nem ainda se caracterizaram na antítese que separou Freud de Adler, com o instinto sexual do primeiro e a vontade de domínio do segundo — nem se exprimiram naquela polaridade primária da metafísica chinesa, representada pelo englobamento mútuo do *Yin* e do *Yang* — isto é, do passivo e do ativo, do negativo e do positivo, do frio e do calor, da noite e do dia, do inverno e do verão, do estático e do dinâmico, do horizontal e do vertical, do preto e do branco, da água e do fogo, do absorvente e do perfurante, do feminino e do masculino, da mãe e do pai, da mulher e do homem, da Terra e do Céu.

O estágio originário é o estágio do *uroboros*, a imensa serpente mitológica que morde a própria cauda. O Ego encontra-se numa situação de absorção e inteiro englobamento no cosmos, uma postura passiva, de indeterminação, de não-caracterização. Uma potencialidade. Algo que *ainda não é, Noch-nicht-Sein,* como dizem os filósofos alemães. O Espírito consciente ainda não criou: move-se apenas sobre a face do abismo. É o momento do gênese.

A ambivalência da Mãe prende-se, contudo, a uma situação que já encerra, no nível biológico, a possibilidade de discriminação dos opostos. A sístole e a diástole da existência equaciona o problema vital, pela identificação do ato de comer com o de destruição da matéria orgânica caçada, morta e mastigada; e do ato de digestão com o de absorção dessa matéria orgânica; assim como pela associação dos fenômenos de gravidez e parto com as funções propriamente viscerais de engorda e expulsão dos detritos. Tais paralelismos do metabolismo e da sexualidade estabelecem-se, ao nível anatômico e completando o quadro dessa estrutura orgânica, pela dupla função das patas e braços, das garras e dentes; e pela proximidade dos órgãos genitais aos de eliminação.

Assim concebido como feminino, o mundo primordial é o da Natureza Mãe. Mais próxima da natureza, por isso, está a mulher do que o homem. A mulher é mais enraizada e instintivamente melhor exprime o *Grund*. Por isso é a terra representada como mulher e como vegetal, como deusa. E do mesmo modo como o vegetal "precede" o animal, a mulher, ao nível da natureza, "precede" o homem.

O Gênese, é bem verdade, fá-la nascer de uma costela de Adão. Mas a Bíblia propõe-nos uma versão "espiritual" do mito cosmogônico, pois, espiritualmente, o homem precede a mulher e mais próximo está da imagem do Logos criador, *spermatikos,* cujos traços, no monoteísmo judeu-cristão, são essencialmente masculinos. O Gênese, aliás, também declara (1:27): "E Deus criou o homem à sua imagem: à imagem de Deus o criou: *macho e fêmea os criou*".

A relação psicológica primordial Mãe-Filho é aquela que, ao nível coletivo, corresponde à relação Terra-Homem. A Terra-Mãe logicamente precede o Filho como fenômeno da Natureza, como fato objetivo, ao passo que o Filho-Homem historicamente precede a Mãe como consciência, como dado subjetivo inicial, como Logos ou noção teleológica.

Como pensava Kierkegaard, "a mulher possui, para explicar o

finito, um talento inato, um dom original, uma maturidade absoluta... A mulher percebe o finito, o compreende radicalmente e por isso é soberba... Ela é mais perfeita do que o homem pois aquele que explica alguma coisa é mais perfeito do que aquele que procura uma explicação. A mulher explica o finito, o homem corre para o infinito".

A consciência do homem paleolítico concebeu o princípio materno como dado primordial, antes de se conceber a si mesma na sua identidade, na sua autonomia e no seu anseio. O objeto primário da consciência do homem primitivo foi a Grande Mãe. Subsistindo por si mesma, imutável, envolvente e contínua, tem ela necessariamente, em suas relações com o homem, de ser o objeto inicial de toda análise psicológica coletiva. No início do desenvolvimento psíquico de qualquer coletividade humana, como na base de qualquer estrutura mental infantil, as condições que se apresentam assemelham-se à da pré-história e reproduzem esse revestimento do Ego nascente pelo grande arquétipo materno. É por essa razão que a hipótese antropológica do Matriarcado, isto é, a teoria de que tenha a Mãe aparecido inicialmente como o núcleo da sociedade e a encarnação do princípio criador, revela-se útil ao prosseguimento de nosso arrazoado. O conceito do Matriarcado, porém, deve desde logo ser entendido em seu sentido mental, isto é, em termos do papel que desempenha inconscientemente a autoridade materna na psique coletiva.

A antropologia e a história comparada das religiões, confirmando ponderáveis dados arqueológicos, constata a presença de uma divindade feminina cujo culto se parece estender, a partir da era paleolítica, desde a Europa até a Índia e mais além. A maternidade ter-se-ia personalizado em forma divina quando ainda o animismo iluminava a aurora do espírito humano, exprimindo um sentimento religioso de amor e esperança, oferecendo proteção ao homem que sente sua posição precária diante das forças hostis do meio ambiente. Mas talvez não fosse ainda propriamente uma deusa mas um princípio mágico de fecundidade e alimentação, capaz de gerar e nutrir sem a intervenção de qualquer elemento fertilizante externo. Acompanhavam-no símbolos vários: a serpente, a pomba, a lua, o machado ou *labrys,* colares, os chifres da consagração, a cornucópia, árvores, o *phallus,* animais vários e seres tão fantásticos quanto a imaginação excitada do Inconsciente.

Mais tarde, na idade do bronze, a Grande Mãe acentua sua personalidade, caracteriza-se com muitos predicados e muitas formas, e recebe cem nomes vários. Como escreve Sir Arthur Evans, o grande arqueologista, "estamos em presença de um culto em grande parte monoteístico no qual a forma feminina da divindade ocupa lugar supremo". É a Deusa da Lua, a Deusa do Mar, a *Magna Dea* ou *Dea Genitrix* ou *Dea Nutrix* do matriarcado dominante. E será Ardvi, Aditi e Prithivi na Índia antiga, representada com círculos ou *yoni* na região vulvar; e Shakti, Devi, Durga, Parvati, Rama e Sita, e Kali a horrenda, e a doce Lakshmi, e Sarasvati, na Índia moderna, especialmente em suas pobres aldeias; Mata, Mataji, Maha Mai, Mathamma, as Mães divinas e a Vaca Mãe, Vaca Sagrada que representa a pátria indiana e cujos cinco líquidos ou excrementos constituem a mais sagrada bebida do devoto.

Será Nut, Neith, a deusa do Céu que dá à luz todas as manhãs ao Sol; Anatis, a vaca Hathor e finalmente a ilustre Ísis, no Egito, que tamanho papel teria no gênese da hiperdulia da Virgem em nossa própria religião. Será Milita, Alia e Mitra, conforme a chamavam os Assírios e os Persas, segundo Heródoto. Será Nini ou Anahita no Irã, Senhora dos Bichos, Atargatis ou Derketo, na Síria, a *Dea Syria* ou Diasuria. Em Ashkelon dos Filisteus, na costa da Palestina, possui um rabo de peixe como uma sereia. Na Capadócia dos Hititas será Arinna, Hebat e Ninatta; e mais tarde será a grande Cibele, na Frígia, em cuja honra os sacerdotes se castravam em ritos orgiásticos; e Hannahanna, a avó, Mao Ma, também Bellona, a deusa da guerra. *Dea domina Dindymene* na Trácia, será a famosa Artêmis na Ásia Menor, a deusa dos mil seios cujo templo em Éfeso, será admirado como uma das Sete Maravilhas do mundo. Britomartis e Dikthyana em Creta, associada a Artêmis e expondo, em moda moderníssima, seus seios magníficos entre as mangas do bolero. Athtar, na Arábia, será mais tarde conhecida como Al-Uzza, ocupando a venerável Ka'aba da Meca e sendo servida por sacerdotisas antes do triunfo do austero Islam patriarcal.

E será Ishtar na Babilônia, com prodigiosa mitologia, e também Nana na Suméria, Ninmah, Mah, Nintu, Ninhursaga, Inanna, Ana, acompanhada de milhares de prostitutas sagradas. Será Astartéia na Fenícia e Tanit em Cartago; Ashera, Ashtarot ou Aherat para os hebreus e outros semitas. Será Antit ou Anat ou Anahit contra a qual deblaterava Jeremias, fulminando os hierosolimitas que lhe queimavam incenso e faziam oferendas à "rainha dos céus" (44-15 a 19), muito embora houvesse o culto sido suprimido pelo rei Josias. Essa Anat, Nana, Inanna ou Ninatta será talvez a deusa que convergirá com a *Ana Perena* romana, vinda de Cartago; e com Sant'Ana, a qual a tradição nos diz ter sido a mãe da Virgem Maria e protetora das mulheres grávidas.

Será também Anu ou Annis, a deusa céltica que dominou a Europa ocidental pré-histórica até a Irlanda e, na Europa oriental, será Tanaís, Nanaí, Danu, Danaé, dando seu nome ao Danúbio e ao Don, e venerada pelas tribos de conquistadores louros que falavam línguas arianas e espalharam a idade do bronze. Será também a deusa da lua céltica Bridgit, que se transformou em Santa Brígida. E será Aphro, Aphréia, Apru, Aphordita, Afrodite e Vênus, mãe dágua, deusa do mar de origem oriental, célebre por seus adultérios e fornicações, e ilustre como a grande sedutora.

E todas aquelas veneráveis matronas que, já em épocas patriarcais, iriam ocupar, ao lado de seus companheiros olímpicos, os panteões da Grécia e de Roma, a começar por Domater, Deo, Dôis, Dea, Rhéa Syria, De-Meter, Diviana, a "deusa" mais conhecida como Diana, a Magna Dea, Rhéa, Gaia ou Gê, a terra (a deusa da Geografia ...). E ainda Tellus, Ceres e Maia. E Hera, Dione e Persephone. E Athenas, Minerva, a deusa da cultura e da inteligência que foi patrona de uma das mais veneráveis cidades do Velho Mundo. E reaparecerá sob a forma da Divina Sofia, *Haya Sophia* no Gnosticismo e no Cristianismo ortodoxo, a Sagrada Sabedoria de Deus. Lammeter, a "mãe de tudo..."

O MATRIARCADO

QUE EXPLICAÇÃO CIENTÍFICA podemos atribuir a todas essas crenças, a esses ritos, aos mitos, à devoção antiga e multiforme que recebem as Mães? Como formular objetivamente o problema?

A Magna Mater da mitologia helênica fora pressentida por Goethe como anterior ao monoteísmo masculino. Mas só na obra do suíço J. J. Bachofen é que em hipótese científica se transformou o que fora apenas uma intuição genial do poeta alemão. Bachofen. Ainda hoje mal conhecido, ferozmente controvertido nos setores acadêmicos e quase não traduzido, é ele o autor de uma obra, *Mutterrecht,* em que, pela primeira vez, foi sugerida a idéia de haver sido o matriarcado a forma original da ordem social e, por conseguinte, do desenvolvimento religioso. A tese de Bachofen é velha de mais de um século. Foi, porém, ignorada por Freud que, em *Totem e Tabu,* se confessa perplexo com o papel das divindades femininas ("onde se encontra, nessa evolução, o lugar das divindades femininas que, talvez, tenham precedido os deuses-pais — eis o que não saberei dizer"), propondo a tese, tão difícil quão ilógica, de que tenham as deusas não só precedido os deuses-pais da era patriarcal mas também *sucedido* ao Pai primevo da orda simiesca, postulado naquela obra (capítulo IV, § sexto).

Aceita, contudo, em seus traços gerais, por Jung, Neumann, Fromm e outros psicólogos, torna-se a tese de Bachofen de grande relevância, em que pesem seus defeitos e exageros, no contexto do tema específico deste ensaio. Cobre efetivamente todos os aspectos antropológicos de problema, servindo de base às nossas generalizações subseqüentes em torno da posição nuclear do Complexo Materno na estrutura psicológica atual do povo brasileiro.

No início da história humana, raciocinava Bachofen, as relações sexuais eram promíscuas, como ocorre com a grande maioria dos animais. Conseqüentemente, somente o parentesco materno seria indiscutível. Vale atentar para esse fato psicológico importante de que a associação de idéias entre o ato sexual e o parto — fenômenos separados por nove meses de intervalo — exige um tal esforço de observação, de memória e de raciocínio pela categoria lógica de causa e efeito, que equivale ao próprio albor da inteligência. Nove meses é uma longa duração para uma mente ainda embrionária! Ora, a consciência exige justamente, como bem o demonstrou Bergson, uma capacidade de duração no tempo, ao passo que a maternidade é um dado imediato de percepção e um sentimento inseparável do instinto.

Alguns anos depois da publicação da obra de Bachofen, o americano Lewis H. Morgan propôs, em seu livro *Ancient Society,* que data de 1877, uma concepção evolucionista da cultura em muitos aspectos semelhante à do sábio suíço. Morgan sugeriu que os sistemas de afinidade teriam evoluído, a partir de um estágio inicial de promiscuidade, para um sistema de "família consangüínea", baseada no casamento de grupos; daí, para o sistema de clãs matrilineares e, só posteriormente, para o patriarcado. É sabido que o pensamento de Morgan influiu sobre o de Engels e de outros marxistas que têm explorado o problema das relações entre sexo, família e propriedade.

Mais recentemente (1927), o canadense Robert Briffault, completando a obra de Bachofen, publicou um alentado estudo em três volumes sobre as origens dos sentimentos e instituições civilizadas, trabalho cujo título significativo faz recordar o tema goethiano com que iniciamos este ensaio: *The Mothers,* as Mães.

As teses da antropologia especulativa devem ser tomadas *cum grano salis.* Freud construiu a sua teoria sociológica de *Totem e Tabu,* baseando-se na hipótese de que a clã primitiva era governada por um macaco velho, gorila monopolizador de todas as fêmeas e perseguidor ciumento de todos os seus filhos varões. Freud sofria de um notório "complexo paterno". Jamais conseguiu sobrepujar o seu próprio "Édipo", racionalizando o complexo nessa tese extravagante que não encontra qualquer apoio empírico e ignora intei-

ramente o papel da mulher na sociedade primitiva — como ignora o fato de que não pode haver consciência de "paternidade" e tabu do incesto no nível primitivo. Briffault escreveu mais de duas mil eruditas páginas para provar exatamente o contrário, isto é, que a clã primitiva era exclusivamente dominada pelas mães e que o princípio da exogamia (o tabu do incesto) teria sido imposto pelos ciúmes da matriarca.

Para Briffault, os caracteres sociais do espírito humano são susceptíveis de explicação através da operação de instintos que estão relacionados com as funções da fêmea. Reconsiderou, por conseguinte, o desenvolvimento primitivo da sociedade à luz da teoria matriarcal, aduzindo-lhe uma soma monumental de argumentos. A contribuição de Briffault, maçuda e especulativa, tem pelo menos o mérito de demonstrar a vulnerabilidade da teoria psicanalítica quando pretende atribuir o amor e, de um modo geral, os sentimentos de ternura, afeição e devoção dos pais pelos filhos, exclusivamente ao instinto sexual. Segundo o antropólogo canadense, a união sexual é, ao nível animal, resultante meramente da fome, da crueldade e do instinto de domínio. "Os sentimentos de ternura e afeição entre os sexos", acentua, "não estão ligados originariamente ao impulso sexual mas a um instinto inteiramente diferente" — o que chama o *mating instinct,* instinto de união ou reprodução, instinto de família — que resulta da necessidade do macho permanecer junto à fêmea para com ela cooperar e para defendê-la, durante o período em que, ao cuidar da prole recém-nascida, ela se encontra em situação de perigosa desvantagem na luta pela vida. Tais sentimentos constituem uma extensão e uma adaptação especial das funções reprodutivas da fêmea. O instinto materno é o único verdadeiramente amoroso já na escala animal.

A força do argumento de Briffault consiste em estender teleologicamente o conceito de amor àquilo que, no fenômeno da reprodução, interessa realmente à espécie: a prole e não simplesmente a satisfação do desejo sexual — no sentido de que talvez a criação e proteção da prole exigem um trabalho mental muito mais longo e mais complexo do que a simples união sexual, refletindo ao mesmo tempo um impulso que transcende os interesses do indivíduo e os de sua própria preservação, ou de seu desejo.

A transformação do *mating instinct* em amor, cercado de ternura, é um processo que, segundo Briffault, ocorreu inicialmente na evolução psicológica da fêmea. O "instinto social", a necessidade da vida familiar, o desejo de companhia, o sentimento de solidariedade do grupo consangüíneo — tudo o que deu origem à organização social — seriam fundamentalmente produto do cuidado materno prolongado. Sendo assim, o que, em contraste com os outros animais, caracteriza o homem é que, mesmo após o nascimento biológico, continua a ser "um embrião fora do útero". Nos dois primeiros anos de sua existência extra-uterina vive a criança num meio quase que exclusivamente determinado pela mãe — e essa longa associação reforça os laços mútuos entre os dois seres, estabelecendo as bases psíquicas de uma dependência que surgiu, fisiologicamente, no momento mesmo da concepção.

Contrariando assim a tese de Freud, sustenta Briffault que as associações humanas mais primitivas devem ter ocorrido em virtude de uma manifestação, não dos impulsos libidinosos do macho, mas do instinto materno da fêmea. Assim também, o mandamento universal da exogamia seria explicável pelo mecanismo em conseqüência do qual é o jovem macho forçado, pela possessividade ciumenta da Mãe, a procurar companheira fora do grupo familiar. Briffault insiste sobre a mudança que, no decorrer do desenvolvimento para uma forma mais adiantada de agricultura, o que quer dizer da estrutura tribal para a estrutura sedentária e urbana, teria afetado a relação inicial entre os sexos. É nesse momento importante da evolução da sociedade, momento de transição para a civilização urbana, que começa a se impor a forma de casamento patriarcal hoje comum: é também quando aparece o rei primitivo e bem assim os primeiros arremedos de organização política.

Tanto as idéias de Bachofen quanto as de Morgan e Briffault foram ardentemente combatidas por antropólogos que consideram a família monogâmica um fenômeno universal nas sociedades atuais, mesmo nas mais selvagens. Não encontraríamos efetivamente, na época contemporânea, fundamento empírico suficiente para sustentar a hipótese do matriarcado inicial.

A antropologia nos Estados Unidos e na Inglaterra, no entanto, continua dominada pelo íncubo positivista do século XIX e não se conseguiu ainda libertar de preconceitos funcionalistas, deterministas, behavioristas e estreitamente empiricistas de homens como Boas, Malinowski e Gordon Childe.

Parece claro que o tom geralmente violento das controvérsias se prende a motivos psicológicos, relacionados com os complexos de seus respectivos autores e sua própria atitude, muitas vezes inconsciente, em relação às Mães. O debate está evidentemente vi-

ciado por posições subjetivas. É assim que se os preconceitos deterministas e funcionalistas da antropologia positivista pecam por falta de imaginação, negando-se a reconhecer a realidade dos testemunhos fornecidos pela análise da mitologia e pelos elementos analógicos do desenvolvimento psíquico individual (ontogênese e filogênese), a tese de Bachofen e de outros "matriarquistas" sofre de seu conteúdo exacerbadamente emocional.

Em tese, dificilmente pode ser combatida a concepção evolucionista, embora naturalmente seja possível e mesmo necessário um desenvolvimento das interpretações e um aperfeiçoamento das pesquisas, à medida que novos dados empíricos forem sendo recolhidos. Pode-se mesmo adiantar que a idéia de um estado primitivo de promiscuidade sexual, evoluindo para um domínio feminino, ou melhor, para uma atuação mais destacada da Mãe sobre o grupo humano, constitui uma hipótese de trabalho aparentemente mais fértil do que qualquer outra, tendo em vista sobretudo suas possíveis extensões ao campo da psicologia analítica.

Talvez a origem de alguns dos mal-entendidos em torno da hipótese de Bachofen, de Morgan e de Briffault se prenda ao emprego incorreto da expressão "matriarcado". Esse termo presta-se a confusões. O sufixo *archein* sugere domínio, chefia, governo. Ele é mal aplicado a um estado primitivo onde a autoridade, a propriedade e a organização política não se achavam suficientemente desenvolvidas. A descendência por linha materna, tão comum entre as sociedades de selvagens que permite a generalização de haver sido a forma usual no início da evolução da sociedade humana, não implica necessariamente a existência de uma *ordem matriarcal*. Esta é compatível e coexiste freqüentemente com uma condição em que é a mulher subjugada pelo homem. A autoridade, a lei, a propriedade, a guerra e o domínio da família monogâmica são aliás, mesmo na concepção de Bachofen, produtos do estágio patriarcal, representando conseqüentemente uma etapa posterior de evolução histórica. A instituição do matrimônio de tipo patriarcal não representa apenas uma união pessoal, de natureza jurídica, entre um homem e uma mulher, destina-se a tornar permanente o seu laço sexual para fins de proteção e educação da prole. Estabelece também uma relação contratual entre dois grupos políticos e econômicos (famílias e clãs) aos quais pertencem os consortes.

Se o patriarcado configura portanto uma etapa posterior da evolução, não se pode deduzir desse fato que a etapa anterior tenha

sido forçosamente a de um primado *autoritário* da mulher. A Mãe, como símbolo protetor e nutriente, como a mais antiga e elementar imagem humana, não representa uma "autoridade", uma "lei", impostas racionalmente sobre a clã primeva. Bachofen caracteriza muito bem a "cultura matriarcal" como salientando o amor e o afeto, os laços do sangue e do solo, a aceitação passiva dos fenômenos naturais, a primazia sobre a vontade de domínio do instinto de alimentação e de seu corolário, o de reprodução. Constata-se nisso um contraste evidente com a sociedade patriarcal que conduz à noção de governo e de ordem jurídica, que cria a vida pública urbana, que acarreta um esforço conscientemente lógico para influir sobre o destino e sobre os fenômenos naturais através da técnica. O homem é, e provavelmente sempre foi, desde quando surgiu a espécie, o líder da caça e da guerra, o obreiro inventor e artista, o chefe político nas relações da clã com os estrangeiros. A mulher manteve sua primazia na casa e na direção das funções domésticas. E como há pouca distinção entre Estado e casa, presume-se que o papel da mulher tenha sido, em tais condições primitivas, relativamente mais importante do que nas sociedades evoluídas.

O fato é que Bachofen e Morgan eram românticos e a objetividade de suas teorias se vê comprometida pelo colorido sentimental de sua exposição. Morgan, por exemplo, revela com extrema clareza o substrato romântico de sua tese, ao propor o matriarcado como a forma *futura* mais elevada de civilização. O matriarcado seria "uma repetição do princípio de liberdade, igualdade e fraternidade que caracteriza a antiga *gens*". É fácil de perceber a íntima associação dessa tese, que se quer "científica", com o romantismo político "à la Rousseau".

Bachofen nega-se igualmente a aceitar tenha sido a evolução do "matriarcado" para o patriarcado um progresso incontestável. Suas convicções refletem a corrente romântica do Idealismo filosófico alemão, transferida para o domínio da antropologia. "O sistema de relações através do qual a humanidade alcançou a civilização, que é o princípio do desenvolvimento de toda a virtude e da formação dos aspectos mais nobres da existência humana" — escreve Bachofen em *Der Mythus von Orient und Okzident* — "é o princípio matriarcal. Torna-se este efetivo como o princípio do amor, da unidade e da paz. A mulher ao cuidar da criança aprende, antes que o homem, a estender o seu amor além de si mesma para outros seres humanos; e a dirigir todos os seus dons e a sua imaginação

para a preservação e o embelezamento da existência dos outros seres".

É curioso notar que Freud, outro romântico *malgré lui,* haja proposto uma tese de patriarcalismo estrito: a tirania do gorila primevo. Freud, porém, não se detém no patriarcalismo: incentiva a revolta dos filhos que, desejando o incesto com suas próprias mães, devem matar e comer o pai num festim canibalesco. A solução freudiana é a do "contrato social" entre os filhos revoltados os quais, após lerem a obra de Rousseau, concordam com a imposição da exogamia, solução que corrige a frustração erótica a que haviam sido condenados pelo gorila. Se Freud não permite o incesto, pelo menos propõe a vingança contra o Pai. A bem dizer a supressão violenta do Logos.

Em seu mito, afirma ainda o fundador da psicanálise que grande parte do poder, tornado disponível pelo assassínio do pai-gorila, passou para as mulheres. O tempo do matriarcado ter-se-ia assim sucedido a esse suposto crime primordial. A liberdade sexual ou promiscuidade natural, do matriarcado, não seria um fenômeno primário, mas uma conseqüência transitória da revolta dos filhos — antes que se desenvolvesse a nova autoridade imposta pelo Super-Ego. *

Bachofen, interpretando literalmente o primeiro ato do Mito do Gênese, visualiza no domínio primitivo da Magna Mater um estado paradisíaco ou uma Idade de Ouro em que teriam reinado a liberdade, a igualdade e o amor. O Paraíso, para ele, existiu realmente — sob a égide da Magna Mater. Freud valeu-se de outro episódio do Gênese — o da desobediência e expulsão do Paraíso — que também interpretou literalmente. Ambos, Bachofen e Freud, concordam nisso que assumem uma atitude francamente hostil à ordem patriarcal, esperando talvez uma volta à libertinagem pré-social: complexo materno positivo, no primeiro caso; complexo paterno negativo, no segundo.

A concepção do matriarcado adquire um poderoso reforço para seu arrazoado temerário se aceita limitar-se em âmbito histórico e geográfico. Nesse sentido, vale lembrar que a tese de Bachofen, "o historiador da pré-história", foi arquitetada depois de

* Em *Moses and Monotheism.*

uma análise brilhante dos mitos e tragédias da Grécia Antiga. Bachofen partiu de um material relativamente recente, descurando de todo o trabalho da antropologia em outras partes do mundo e "localizando", por assim dizer, a sua teoria numa determinada área do planeta e num determinado período da evolução do homem. E foi assim que, só na base da interpretação dos documentos da antiguidade greco-romana, pôde chegar à conclusão de que a religião olímpica fora precedida por uma fase em que as divindades femininas teriam reinado sobre o pantheon, com exclusão de qualquer herói ou deus varão.

As idéias de Bachofen, sustentadas pelas de Morgan e de Briffault, que também se dedicaram com particular interesse à área do Mediterrâneo, encontraram um brilhante intérprete literário na pessoa do mitólogo, romancista e poeta inglês contemporâneo Robert Graves.

A hipótese de Graves é radicalmente "histórica". Sobretudo poética — donde sua importância como testemunho. Baseia-se numa versão *sui generis* dos dados da antropologia, da arqueologia e da mitologia cujo argumento é sustentado por uma soma considerável de material erudito, incluindo documentos egípcios, semitas, sírios, fenícios e celtas, bem como dos habitantes pré-históricos, pelagianos e cretenses, e dos invasores aqueanos e dóricos da Grécia homérica. Graves procura resolver não apenas alguns mistérios da mitologia olímpica (*Greek Mythology*), mas penetra no mito do Gênese (*Adam's Rib*), na interpretação da vida de Cristo (*King Jesus*) e nas origens da poesia (*The White Goddess* e *Homer's Daughter*).

De suas análises, conclui Graves pela exaltação da Grande Deusa, Deusa Branca ou da Lua, Senhora da Lareira e da fertilidade da terra, que aparece em forma trinitária — de virgem, ninfa e velha feiticeira — correspondendo sempre às fases da lua nova, lua cheia e quarto minguante. Acredita que o domínio das filhas e sacerdotisas da Deusa dos Mil Nomes foi decaindo a partir do segundo milênio antes de Cristo, em conseqüência de certos progressos nos conhecimentos da agricultura e da relevância do fator sexual no fenômeno da gravidez, coincidindo com as primeiras invasões de povos indo-europeus ou arianos, oriundos do norte e leste da Europa. Estes guerreiros nômades, portadores da cultura do ferro e domadores de cavalos, eram regidos por um sistema patriarcal que se traduzia em mitos heróicos e masculinos. O que teria então ocorrido é o seguinte: o barão ariano, rebelando-se contra o papel subordinado de amante da sacerdotisa da lua que esta lhe quer reservar,

recusa-se a ser sacrificado anualmente em benefício da fertilidade da terra. Procura substituir o seu próprio rito masculino de incineração aos hábitos funerários de enterro vigorantes. E, à medida que cresce em número e poder, no período posterior às grandes invasões dóricas e italiotas, emerge como soberano em pleno gozo de sua integridade física e ordenador da sociedade.

O sistema olímpico posteriormente criado por Homero e Hesíodo seria um reflexo das relações e compromissos confusos que surgiram dos contactos entre os invasores indo-europeus e as populações pelagianas matriarcais. As princesas-sacerdotisas da Deusa agrária local, ao se conjugarem com os barões arianos, tiveram que estabelecer um *modus vivendi*, de caráter religioso e político. Na verdade, os problemas assim criados, os sincretismos, conciliações e alianças, teriam tecido o imenso emaranhado de mitos e lendas — que se cristalizaram e chegaram até nós em estágios diferentes de evolução. Nunca será possível, segundo Graves, interpretar um drama como o de Édipo, o matricídio de Orestes, as lendas épicas de Tróia ou as intrigas amorosas de Zeus, senão em termos desse *modus vivendi*.

O conflito religioso continuaria na história moderna. A Virgem Maria, venerada pelos católicos e mesmo adorada como uma divindade em certas partes da área mediterrânica (afastada embora pelos protestantes nórdicos que são monoteístas mais convictos) não representaria senão a própria Grande Mãe primitiva, transfigurada como *Theotokos* sob influência de monges gregos matriarcalizantes. As três Marias mencionadas nos Evangelhos refletiriam o caráter trimórfico da personagem, sendo Maria Virgem a Mãe, Maria de Betânia (irmã de Marta e de Lázaro) a ninfa, e Maria Madalena a feiticeira.

Combatendo, a meu ver injustificadamente, o método de análise dos símbolos psicológicos que diz ser inconciliável com seu próprio sistema de interpretação "histórica", Graves também oferece uma interessante versão do mito de Édipo. Este teria sido simplesmente um príncipe ariano de Corinto que conquistou Tebas, da qual se tornou rei após eliminar seu predecessor, Laio, e casar com a rainha viúva, Jocasta, sacerdotisa do culto feminino local. Obediente à antiga tradição, o novo rei, muito embora estrangeiro e oriundo da tribo invasora, seria, teórica e juridicamente (porém não biologicamente), filho do velho rei, Laio, cujo trono usurpara. Esse costume foi desfigurado posteriormente, por motivos morais e propagandísticos, em parricídio e incesto. "A teoria freudiana do complexo de

Édipo foi sugerida pela anedota pervertida", comenta Graves. E acrescenta, com ironia: "muito embora tenha Plutarco insinuado que o hipopótamo matou o pai e forçou a própria mãe, jamais teria ousado declarar que todo homem possui um complexo de hipopótamo"...

Eric Fromm, em *The Forgotten Language*, sustenta um ponto de vista semelhante, embora com mais substância do que Graves. Para Fromm, o incesto de Édipo consubstanciaria apenas o ato final, necessariamente trágico, da luta do rei primitivo para impor sua autoridade em contraposição ao culto difuso e sufocante da rainha-sacerdotisa — episódio decisivo para a história psicológica da Humanidade.

Mais vasta foi a influência de Bachofen do que a da sua simples hipótese revolucionária sobre o Matriarcado primitivo. Pioneiro genial, foi efetivamente um dos fundadores das ciências sociais modernas. Sua tese da fase da ginecocracia no desenvolvimento histórico da humanidade mediterrânica foi elaborada sem qualquer sugestão de estudos anteriores e graças meramente a investigações bem fundamentadas no campo restrito da cultura clássica. Não obstante a falta de comprovação empírica universal, representa o trabalho uma das mais preciosas contribuições para o nosso entendimento da evolução da humanidade primitiva. Foi Bachofen o primeiro a tentar a interpretação dos símbolos mitológicos e religiosos dos povos antigos, em suas múltiplas relações com os tipos de cultura, num sentido que chamaríamos hoje de arquetípico. Em sua perspectiva de observação, servia a mitologia para a elaboração da "autobiografia" de um povo. Com isto, a tese sustenta o que de mais ousado se pensa hoje sobre a natureza do Inconsciente coletivo. Ora, foi precisamente nesse método que se inspirou Jung para o desenvolvimento de sua própria teoria do Inconsciente.

Um discípulo de Jung, o israelense Eric Neumann, elaborou muito interessantemente esse vasto material em seus livros *The Origin and History of Consciousness* e *The Great Mother* *, utilizando os elementos fornecidos pela mitologia, a arte e a literatura religiosa da anti-

* Outros discípulos de Jung, entre os quais Esther Harding em *Woman's Mysteries*, analisaram o papel da mulher nos cultos antigos e modernos, oferecendo uma interpretação psicológica do princípio materno, tal como fulgura nos mitos, nos ritos e nos sonhos.

guidade, para caracterizar o esplêndido despertar da consciência a partir de seu berço materno. Neumann destacou o notável paralelismo do fenômeno coletivo, que analisou do ponto de vista histórico, com o fenômeno individual apreciado biograficamente nos sonhos, devaneios e reminiscências espontâneas dos normais, e nas imagens e alucinações dos alienados.

Dessa investigação ressalta que o símbolo central da Magna Mater — de nutrição, reprodução e propagação natural — constitui uma unidade essencial e permanente de vida que se manifesta através da sucessão cíclica das estações e das gerações, no ritmo incessante do nascer e do morrer, e possuindo uma realidade que é, ao mesmo tempo, imanente e transcendente, interior e externa, subjetiva e objetiva, abstrata e concreta. A interpretação dos motivos arcaicos, esparsos na cultura neolítica criada sobretudo pelos povos morenos e relacionados com a experiência imemorial da espécie humana, forneceu a Jung a idéia de transferir as proposições de Bachofen do domínio da antropologia para o da psicologia coletiva. Foi na base da investigação de seu conterrâneo de Basiléia que construiu Jung os alicerces da metodologia analítica da sua própria escola.

A psicologia jungiana postula ser o matriarcado um fenômeno subjetivo tanto mais poderoso quanto mais inconsciente — expressão do império que exerce a Magna Genitrix nas profundidades da psique coletiva. O corolário dessa tese, que aqui vamos elaborar, é o de que, no processo de análise do complexo materno, devemos procurar a chave mefistofélica para o estudo das sociedades de nosso tipo: eróticas, prolíficas, cordiais e românticas.

OS SÍMBOLOS DA MÃE

PARA A CRIANÇA NO BERÇO, não configura a Mãe uma personagem de contornos ainda bem definidos. Suas intenções são vagas. Representa antes uma força onipotente, absoluta, generalizada. Em sua inteira dependência se encontra para proteção, conforto e alimentação.

Assim também, a Magna Mater não se exprime para o homem primitivo sob a forma de uma deusa particular, de traços bem caracterizados, que se poderia chamar por um nome ou identificar com atributos certos. No princípio, ela é um "espírito" que se distribui pelas rochas, os rios, as árvores, os meteoros, as águas e outros fenômenos naturais. É uma instância multiforme, poderosa, cambiante, caprichosa. Ao mesmo tempo generosa e terrível — a instância a que se deve recorrer pela magia e a feitiçaria. Apenas num estado mais avançado de evolução cultural é que aparece a Deusa de Muitos Nomes e isso numa área que, aparentemente, ficou limitada à Europa ocidental, o Mediterrâneo, o Oriente Médio e a Índia.

Nos abismos do Inconsciente cerca-se a Deusa dos Mil Nomes de um riquíssimo tesouro de imagens simbólicas. Esses símbolos, entretanto, não podem ser freudianamente reduzidos à representação exclusiva dos seios ou da vulva ou do ventre. Nem à própria Imago da Mãe natural. O indivíduo pode sofrer de um complexo materno sendo órfão de Mãe (foi o caso de Rousseau, por exemplo). Pode sentir atração erótica pelo seio, embora tenha sido, quando bebê, alimentado de mamadeira (coisa que Melanie Klein evidentemente esqueceu...). A influência da Magna Mater, insistimos, é mais vasta e universal do que a da mulher. No *Rig-Veda*, o mais sagrado dos

livros da Índia antiga, encontramos esta magnífica estância dedicada ao caráter polimorfo da Grande Deusa:

> Aditi é o Céu; Aditi é o Ar.
> Aditi é a Mãe; é o Pai; é o Filho.
> Aditi é todos os deuses e os cinco tipos de seres.
> Aditi é o que já nasceu; Aditi o que nascerá.

Para se manifestar concretamente na consciência, utiliza a Deusa Mãe uma imaginária enciclopédica, colhida na própria riqueza de formas da natureza terrena. No *Burro de Ouro*, Lucius Apuleius invoca a Magna Mater nos seguintes termos: "Rainha dos Céus, quer sejas chamada Ceres, generosa mãe das frutas terrenas, ou celeste Vênus, ou irmã de Phoebus, o deus do sol, ou Proserpina que infunde terror com suas ululações noturnas, és aquela que ilumina com tua bondade feminina os muros de todas as cidades".

A Magna Mater é a deusa da Terra e da Lua. E para começar a deusa das águas e do mar. É a Mãe Dágua. No Brasil, Iemanjá é a Grande Dona do Mar, Mamãe Guiomar — de origem iorubana, cujo culto confluiu com a crença nas fadas e sereias de origem européia e nas iaras e cecis ameríndias. Artur Ramos acredita que "as deusas-mães nos chegaram ao Brasil por intermédio de Iemanjá". A palavra Iemanjá viria de "Mãe do Peixe", segundo A. B. Ellis (de *Yeye* = mãe; *eja* = peixe). Jorge Amado, um apaixonado da Grande Mãe baiana, fala-nos da Dona Janaína, a de cinco nomes, em cuja honra os marinheiros, saveiros e pescadores de Salvador cantam nas noites de festa:

> Iemanjá vem...
> Vem do mar...
> É a sereia
> A sereia vem brincar na areia...
> Sereia do mar levantou...
> Sereia do mar quer brincar.

Na verdade, a princípio, quando a terra era ainda sem forma e vazia, o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. Numa possível referência às próprias origens da vida neste planeta, é das águas que surge, como Vênus anadiomena, a primeira visão da realidade interior. A psicologia analítica reconhece no mar a presença de um dos símbolos mais comuns do Inconsciente, como matriz de todos os conteúdos psíquicos. Semelhanças etimológicas confirmam

a associação: *Mãe = Mar; Mère = Mer; Mutter = Meer; Mater = Mare.*

Segundo o psicanalista Ferenczi, traduz-se o esforço do indivíduo para sobrepujar o traumatismo do nascimento por um desejo de regressão "thalássica" — de retorno ao oceano abandonado nos tempos antigos. *Thalassa*: o mar, o útero, a Mãe.

A explicação de tais identificações parece, desde logo, bastante fácil. O ambiente aquoso é aquele em que vive o feto no ventre materno. É a água que circula com a seiva das plantas. Condensada em nuvens e caindo em chuva, é ela que fertiliza a terra como um dos elementos escultores da paisagem. O Oceano é o meio original em que teria aparecido a vida e onde, até épocas recentes, acreditava a ciência se gerassem espontaneamente todas as formas biológicas. O Oceano da mitologia helênica bem como as "águas da profundidade" da simbologia judaica constituem um elemento propício à manifestação da Magna Mater em seu aspecto terrífico: a imensidão abissal do mar. Não nos esqueçamos que, mesmo hoje, com todos os progressos da técnica, mais dificuldade temos encontrado para penetrar, com nossa curiosidade científica, a cinco ou dez mil metros de profundidade nos grandes abismos oceânicos, do que a milhões de anos-luz com nossos telescópios ou a centenas de milhares de quilômetros com nossas naves espaciais. Mais fácil tem sido à indústria alcançar os céus do que à espeleologia entranhar-se no âmago de nosso próprio *habitat*. Mais rebelde parece ser a Magna Déa que vive sob nossos pés, aos anseios de nossa vontade fáustica, do que a distante Urânia que preside aos espaços interestelares.

A mitologia de Ísis, da Astartéia Senhora do Mar, da Afrodite Anadiomena nascida das ondas em Cythera ou em Paphos, na ilha de Chipre; da Afrodite que, segundo Camões, seria Mãe da nossa raça lusitana; da Artêmis de Iolcos; de Anfitrite, "a terceira que cerca", isto é, o mar; a mitologia da Iemanjá de nossos cultos sincretísticos como da Iara indígena — identificam uma das formas mais comuns por que se manifesta a Deusa-Mãe. Cristalina e Celestial, é ela a senhora das águas e graças a ela "o nível do oceano sorri e o céu, passado seu furor, se ilumina de luz". Perto de nós, pode viver nas ondas, na praia, numa concha (como Vênus ao nascer) ou no corpo de um peixe. Manifesta-se na chuva, através da qual a deusa fertiliza a colheita. Habita os rios, os riachos, os lagos, as fontes, córregos e rochedos litorâneos, seguida ou personificada em uma multidão de ninfas, ondinas, nereidas e sereias, assim como em nossas

janaínas, "mães de tudo quanto existe sobre a face da terra". A Virgem também aparece nas águas e nos rios. Como no Paraíba, em Aparecida.

No "Poema Terciário" de Domingos Carvalho da Silva, a alegoria identifica o mar à mulher numa justa compreensão da imagem arquetípica:

Teu cabelo era ainda musgo.
Teus olhos o corpo frio
de uma ostra semiviva.
E tua alma sempre-viva
sobrenadava o oceano
qual uma estrela perdida.

Teu coração era concha
fechada e sem pulsação.
E teu gesto — que é teu riso —
era um mineral estático
ainda não escavado
pelo mar duro e fleumático.

Em seu aspecto terrível e destruidor, porém, pode a Rainha do Mar utilizar-se das enchentes, dos dilúvios e das águas do abismo. Personificada nas sereias que Ulisses, acorrentado, ouviu cantar ao largo da costa amalfitana; na Lorelei das lendas germânicas ou na deusa que, no âmago do Venusberg, foi visitada pelo cavaleiro Tannhäuser; em Ariel que foi espírito das águas na demonologia da Cabala antes de tornar-se etéreo sob a pena inspirada de Shakespeare; nas iaras de nosso folclore indígena ou nas banhistas morenas das nossas praias tropicais — é também a sedutora irresistível cuja voz melodiosa, andar ondulante e corpo luzidio induzem o romântico navegante desprevenido à aventura perigosa:

J'ai rêvé dans la grotte où nage la sirène.

Senhoras de um destino incerto, amantes tentadoras, alucinantes e fatais, afogam a consciência masculina para melhor a destruir. Kierkegaard, no capítulo "As Etapas Eróticas Espontâneas ou o Erotismo Musical" de sua obra-mestra sobre a Alternativa, o *Enten-Eller* (*Ou Isso ou Aquilo*), fala-nos desse Monte de Vênus ou Venusberg que não se encontra em qualquer mapa: "Lá está a sensualidade em sua casa e encontra seus selvagens prazeres. Pois é um reino, um Estado. Nem a língua, nem a circunspecção do pensa-

mento, nem a aquisição laboriosa da reflexão lá se podem estabelecer — só se ouve a voz elementar da paixão, o jogo dos desejos, a algazarra selvagem da embriaguez. E só se satisfaz num eterno rumor".

O afogamento do herói no seio de Vênus é um símbolo de retorno ao Inconsciente. As iaras, sereias, nereidas e ondinas são nesse sentido frias como a água, calculadoras como a lua, insondáveis como o Oceano. "Mulheres fatais", são serpentes implacáveis, insensíveis à emoção, desejosas apenas de alcançar o poder sobre o homem. São ardentes no desejo porém indiferentes ao amor, e expressões puras do instinto demoníaco no que tem de mais gelidamente destruidor. A Fata Morgana das lendas célticas era "nascida das águas" — como o nome indicava — e para as águas atraía seus amantes. Vivia, como as outras fadas, eternamente jovem num mundo de música, de dança, amor e eterna alegria. O paraíso era concebido como "ilha das mulheres nuas", verdadeira terra de sonhos e encantos que exerciam uma atração fatal sobre o incauto.

Num grau mais avançado do desenvolvimento psíquico, no entanto, exprime-se a consciência como barco ou navio que sobrenada o oceano maternal tal qual o Espírito sobre as águas — *fluctuat nec mergitur*. Nesse estágio, cabe ao Eu consciente prevenir-se contra o canto sedutor das sereias para que não volte a submergir nas águas abissais do Inconsciente. Ulisses atado ao mastro de seu navio. No simbolismo cristão, é a Igreja a Arca da Salvação contra o Dilúvio das tentações. A Madona é a *Stella Maris* à qual rezam marinheiros e pecadores na tempestade furiosa.

Nesse estágio da deusa cristalina, manifestar-se-á a consciência nascente sob a forma simbólica de um peixe. O peixe é associado ao phallus dos cultos pagãos da Magna Mater. Mais tarde, o peixe representará o próprio filho adolescente da Grande Deusa. Nas lendas da nossa Iemanjá, ela "escolhe os homens que há de levar para o passeio infindável no fundo do mar", os homens que transforma em peixes para o brinquedo de amor.

Esse símbolo, já em forma sublimada, reaparecerá com freqüência na iconografia do Cristianismo primitivo, como representação alegórica do Filho de Maria. A Virgem receberá como atributo uma estrela-do-mar. Nós também, cristãos, vivendo sob o signo zodiacal dos Peixes, seremos peixinhos, *pisciculi*, que o grande apóstolo pescador recolherá, após batismo com água e sal, na rede da Santa Madre Igreja...

Como útero, como seio, como regaço, é a Magna Mater especificamente tudo que protege, resguarda, esconde, encobre, envolve, engloba, defende, acalenta, embala, aconchega. É um "vaso" no sentido mais lato da palavra. Aquilo que "contém". E viverá na noite, nas profundezas tenebrosas, nas grutas e cavernas com os homens primitivos, os troglodítas. Como viverá, mais tarde, nas casas, especialmente nos átrios e lareiras, e nas cidades dos homens civilizados. As cidades serão deusas tutelares. Deusas-mães ou "metrópoles". Como foram, por exemplo, Atenas, Roma e Bizâncio; e são hoje Paris e a nossa "cidade maravilhosa, cheia de encantos mil". *Home*, *Heimat*, *Homeland*: as línguas germânicas estabelecem a ligação etimológica entre a casa, o lar, a terra natal — e a Mãe.

A gruta é um útero, assim como a montanha o ventre da terra. A entrada da gruta é uma enorme boca ou vagina telúrica por onde se penetra nas sombrias regiões subterrâneas habitadas pelas sacerdotisas da Deusa Mãe, e mais tarde pelas feiticeiras e macumbeiras. É o sentido da aventura de Fausto a procura das Mães.

Deusa da Terra, é ela também a Deusa da Morte, Matuta, "mãe dos mortos". Senhora e dona do túmulo, como no Egito, "devoradora dos corpos mortos da humanidade" e companheira do funéreo Osíris. É a *sarcófaga*, "comedora de carne". A deusa Mut, a "Mãe", é representada como um abutre.

Daí também a presença tão comum da Deusa primitiva nos sítios ermos, entre os cerros agrestes. Na selva também, de maneira tenebrosa. Na floresta virgem das deusas virgens, caçadoras e guerreiras — das Amazonas. No arvoredo como o do Brasil original, "tanto e tamanho e tão basto e de tantas prumagens que não podia homem dar conta" — tal como pelo conquistador lusitano foi aqui encontrado. Nos vales e cavernas permanecerá por milênios, como em Delphos. Até hoje, prefere a Virgem as grutas para as suas aparições.* (Em contraste, procurarão os deuses de preferência as alturas, seus templos erguer-se-ão no topo das montanhas ou no vórtice de monumentos piramidais. Nosso Deus também: no Sinai, no Tabor, no monte das Tentações e no monte das Beatitudes — no Gólgota.)

Tal o vasto simbolismo da Magna Mater que se exprime como corpo, carne, natureza. Como *matéria*. Existe aliás uma correlação etimológica direta entre as duas palavras (em sânscrito *matram* e

* Como símbolo da Terra, diria S. Agostinho que "a Verdade surgiu da Terra porque Deus nasceu da Virgem".

matri, de *ma*: criar, fazer), pois se o Logos patriarcal impõe a Lei, a forma, a ordem, a estrutura, a organização, a idéia abstrata — fornece de seu lado a Magna Mater o corpo, a substância concreta, a matéria caótica a ser moldada pelo Verbo. Ela tende a incorporar-se, encarnar-se, materializar-se. O que potencialmente existe na semente, como forma, manifesta-se visível e concretamente no broto que nasce da terra.

Assim, a Magna Genitrix, mais ainda do que água e lua, é deusa da terra. "A Terra é o útero da realidade, visto como algo de feminino", escreve Eric Neumann, "o umbigo e o centro do qual se nutre o universo". Neumann propõe a seguinte fórmula universal para o período matriarcal com que se iniciou o desenvolvimento da humanidade: mulher = corpo = vaso = mundo ou natureza terrena. Na verdade, quando emerge o Espírito das águas primordiais e desce sobre um meio mais sólido e firme, reaparece a Magna Mater ricamente trajada de plantas e pedrarias como o Espírito da Terra, o *Erdgeist*.

No *Tractatus Aureus*, uma obra alquímica de 1610, está escrito que "o macho é verdadeiramente o céu da fêmea, e a fêmea a terra do macho" (*Verum masculus est coelum foeminae et femina terra masculi*). Deusa da terra, é ela tudo que alimenta, desde o colo materno até aquele "seio nutriz da natureza bruta" cantado por Olavo Bilac. São os alimentos, as frutas, os cereais, e num sentido geral a vegetação, a árvore, a flor, a semente e o grão. Flora e Demeter. A planta é feminina. São também certos animais mais ligados à Mãe, a tartaruga, a serpente, a vaca. Ela é a deusa dos animais e de tudo enfim que criou Deus no terceiro dia de Seu trabalho cosmogônico.

Nas *Danaidas* de Ésquilo, proclama *Afrodite*:

> O puro Céu apaixonadamente arde de atravessar a Terra,
> E similarmente deseja seu matrimônio.
> Cai a chuva do noivo Céu e faz prenhe a Terra.
> E produz sua geração de homens mortais,
> Pastos de gado e milho, a dádiva de Demeter,
> Enquanto árvores daquele mesmo brilho crescem
> Frutas que amadurecem.

O próprio Cosmos adquire a forma de um corpo humano, feminino. A Grande Deusa matriarcal do Mediterrâneo foi a Deusa da Lua e da noite. A Lua reflete a Terra como um espelho na noite fria, presidindo, junto com o Sol, ao universo de estrelas fixas.

A Grande Deusa possui a Lua porque, como nos diz Plutarco, "chamam à Lua a Mãe do Universo, tendo naturezas ao mesmo tempo masculina e feminina": ela é livre e virgem, não tem marido mas tem filho.

A mulher foi primitivamente identificada à lua e seu poder de conceber e parir considerado uma dádiva especial de nosso pálido satélite — assim como o ciclo mensal da mulher, que corresponde às fases da lua, estabelece um misterioso laço entre elas de onde resulta, na crença do selvagem mas também na do bronco camponês de hoje, o poder que ambas detêm sobre a fertilidade da terra e a agricultura. É ainda Plutarco que nos garante ser a lua, "com seu poder úmido e generativo, favorável à propagação dos animais e ao crescimento das plantas". Mitologicamente, Helena é uma forma de Selene, a deusa da lua, encarnação da mesma como criadora de ilusões, tecedora do véu que encobre a nossa realidade mais íntima. A poesia romântica não esqueceu a lua. Nem as águas, os lagos e as plantas que continuam representando, com a mulher, os sentimentos noturnos de amor e os mistérios tenebrosos da grande paixão desencadeada.

Estrela-d'alva, virgem e jovem, é a Phosphorus dos gregos. Crepuscular, é a Hesperus que anuncia a morte diária do Sol. É Cynthia e Selene. No Brasil, é filha do jurutauí, ave noturna e melancólica, chamada Mãe-da-Lua, e possui associações curiosas com a virgindade feminina.

A identificação psicológica é tão poderosa na mente humana que o Cristianismo não a eliminou, antes sublimou, atribuindo a Cristo o "Sol da Justiça" e à Virgem Maria "a Lua Perfeita e Eterna", "Nossa Lua", a "Lua Espiritual", a "Lua da Igreja". Foi o grande Papa Inocêncio III que nos aconselhou: "É para a lua que deve olhar aquele que se acha enterrado na sombra do pecado e da iniqüidade. Tendo perdido a graça divina, o dia desaparece. Não há mais sol. Que se dirija a Maria: sob sua influência milhares encontram diariamente seu caminho para Deus". Na iconografia católica, aliás, a imagem da Virgem continua representada de pé sobre um crescente lunar.

A multiplicidade do caráter da Grande Deusa pode ser concretamente ilustrada pela sua mais primitiva representação plástica. As estatuetas femininas encontradas nas cavernas do paleolítico, constituindo talvez a mais antiga e persistente manifestação artística do

homem, já denunciam a existência de uma diferenciação que se acentuará com o tempo. No período aurignáceo, sobretudo na área do mar Cáspio e do Mediterrâneo que é talvez seu berço original, na Europa ocidental e no Oriente Médio, dois tipos de deusa nua já estão bem caracterizados.

Temos a Vênus de Willendorf, na Morávia, e a de Lespugne em França, as terracotas e marfins encontrados em Chipre, na Creta, na Palestina, Síria e Mesopotâmia, até Harappa na Índia: segurando os seios pendentes com as mãos, freqüentemente prenhes ou abrindo as pernas numa atitude obscena, às vezes de cócoras como se prontas para parir — são imensos símbolos de fertilidade, cornucópias de abundância vegetal, obesas ao ponto do surrealismo para sugerir o alimento em excesso, a satisfação da fome, ostentando peitos gigantescos arrebentando de leite, ventre esférico, imensas nádegas ou esteatopígia, um exagero em toda a região vulvar... mas sem cabeça!

E temos, por outro lado, as figurinas de Mohenjo-Daro, no vale do Indus, e sobretudo as refinadas bonecas de mármore descobertas nas ilhas Cíclades, do Egeu, com suas formas geométricas, finas e puras. Como que intelectualizadas, espiritualizadas. E, muitas vezes, tão estilizadas que mais parecem prematuros modelos de violino!

Já pela boca de um dos convivas, no *Simpósio*, declarara Platão que existem dois tipos de Afrodite: a Celestial e a Vulgar ou Natural. As deusas cicládicas são "celestiais". As de Willendorf, Lespugne, Canaã e Mesopotâmia, "vulgares" ou "naturais". A distinção platônica entre as duas aparências contraditórias da deusa do amor exerceu, desde a Idade Média e o Renascimento até nossos dias, a mais profunda influência sobre a filosofia, as artes e a literatura. Kenneth Clark, em seu *Estudo Sobre a Arte Ideal, The Nude*, adotou o conceito platônico, oferecendo aos dois modelos de Vênus os nomes de Cristalina e de Vegetal. Neumann, seguindo na mesma trilha, qualificou a primeira de "astênica", a segunda de "pícnica". Também poderíamos chamar uma de apolínea; a outra de dionisíaca, ctônica ou telúrica.

A representação ideal da Afrodite obesa, Vegetal ou Pícnica, é encontrada em Rubens, em Rembrandt e, mais recentemente, na pintura de Renoir e na escultura de Henry Moore. A fina Vênus cristalina é, por excelência, a de Botticelli ou a de Velázquez. Hoje, o tipo ideal dito "moderno" que aparece na pintura de Modigliani e de Matisse. A mulher "moderna" é desportiva, tem pernas longas,

cintura fina, seios pequenos. Usa biquíni, minissaia e às vezes anda nua. Mas tem cabeça!

A Vênus pícnica ou vulgar configura essencialmente a fertilidade da natureza. É a *Daa Nutrix*. Não há dúvida que as estatuetas possuíam virtudes mágicas relacionadas com a fertilidade, fertilidade da natureza que alimenta, fertilidade da bem-aventurada mãe cujo ventre produz e cujo seio amamenta. Eram possivelmente utilizadas como macumba pelas mulheres estéreis ou para facilitar o parto. Talvez pelos homens com fins eróticos ou um objetivo agrícola. Sua representação nas paredes das cavernas ou sob a forma de estatuetas de pedra, terracota, mármore ou marfim denuncia o seu domínio generalizado, não somente sobre os homens mas sobre os animais. Às vezes eram pintadas de ocre para sugerir o sangue, símbolo vital.

Ocorre igualmente uma relação com a incipiente arte da cerâmica, a qual pode ter tido uma origem feminina, se considerarmos o elevado número de usos domésticos dos vasos, urnas, potes, jarros e outros receptáculos pré-históricos. Vasos, urnas, potes de cerâmica ou barro são, como as cavernas, as palhoças e as casas, símbolos femininos de proteção e segurança. São ventres, úteros, seios ou continentes. Estão ligados à terra. A semelhança é às vezes concretamente expressa em jarros e vasos que reproduzem formas femininas, com suas opulentas redondezas.

As deusas cicládicas, pelo contrário, nascidas de um mar cristalino de pensamento e de eternidade, filhas da Urânia celestial como a Afrodite cipriota, procuram reduzir a proliferação luxuriante das formas maternas a uma disciplina que diríamos apolínea. Esta, nas mãos de um Praxíteles, produziria a pura e harmoniosa nudez da grande estatuária grega — já quase desprovida de sensualidade e de indicações de fertilidade. Mas a esplêndida nudez feminina já havia conquistado as praias do Mediterrâneo, como conquistaria mais tarde as do Atlântico.*

* Um traço comum entre as primitivas deusas pícnicas e as astênicas é o triângulo invertido na região vulvar, o qual também se estiliza progressivamente. Na Grécia, as proporções clássicas dos torsos das Afrodites, as de Praxíteles e a de Milo por exemplo, revelam uma eqüidistância entre os bicos do seio e o umbigo, formando um perfeito triângulo equilátero. Mais tarde, no final de uma longa evolução, o triângulo invertido entrará para a simbologia medieval, cabalística e alquímica, como uma forma geométrica desprovida de qualquer conotação corporal, porém representando a Fêmea, como espírito do mal. Essas formas geométricas do triângulo sexual passam a ser essencialmente cabalísticas e rituais, com propósitos mágicos. Não possuem qualquer intenção estética.

Através de suas representações pintadas ou esculpidas, identifica-se a mulher, direta e espontaneamente, com a Magna Mater telúrica. A experiência psiquiátrica demonstra, segundo Jung, o fato normal do predomínio, na mulher, da imagem materna que se revela sob forma ctônica — de Mãe telúrica. No homem, entretanto, sobretudo no homem brasileiro, o comum é sua cisão em formas ambivalentes: de um lado uma imagem feminina grosseira, vulgar e sensual que projetará as mais das vezes sobre a prostituta e a amante; e do outro a Urânia, etérea e pura, que projetará sobre a Mãe de seus filhos. É uma divisão freqüente, psicológica e socialmente muito relevante, a qual, embora não correspondente exatamente aos dois tipos estéticos de Vênus, tem a mesma origem na ambivalência do arquétipo feminino.

Para a mulher, o filho da Magna Mater telúrica é geralmente representado pelo símbolo mitológico e ritual do *phallus*. O homem, entretanto, identifica-se em relação à Magna Mater como o *puer aeternus* ou *filius sapientiae* — figura arquetípica essencial para o entendimento da psicologia coletiva dominada pela Mãe, como teremos ocasião de acentuar em capítulo subseqüente.

Na mitologia de certos povos, determinadas partes do corpo feminino são associadas a aspectos do mundo e a acidentes geográficos. Os cabelos são as florestas; os seios e as nádegas são montanhas; o colo, um vale; os líquidos corporais, rios; e os homens, suas folhas e flores. Canta o poeta da *Ilíade*:

> As gerações dos homens
> São como as folhas da floresta.
> As folhas caem
> Sob o bafejo da brisa
> E outras crescem na primavera.
> Assim também
> Como vão e novamente voltam,
> Ocorre com os homens na Terra.

Ésquilo fala-nos da Terra que "gera todos os seres, os alimenta e depois novamente os recebe, como germes fecundos". E Platão, no *Menexenus*, afirma pela boca de Aspásia, ao fazer o elogio da terra da Ática, que, "na fertilidade e na geração, não é a mulher que estabelece um exemplo para a terra, mas a terra que dá um exemplo à mulher". Eis a verdadeira intuição do sentido arquetípico

da maternidade, presente em Platão de maneira alegórica e mitológica, presente no Cristianismo sob a forma já transfigurada e espiritualizada da *Theotokos*, a Mãe de Deus.

É o que também compreendeu Bachofen quando declarou que "as folhas das árvores não crescem uma das outras, mas todas conjuntamente desde os galhos. E do mesmo modo crescem as gerações dos homens na visão matriarcal... O que é gerado pertence à matéria materna que o abrigou, que lhe deu à luz e o nutriu. Mas sempre será essa Mãe a mesma Mãe: em última análise, a Terra, representada pela mulher terrestre através das gerações infinitas das mães e das filhas"...

Ignorante, supersticioso, vivendo uma vida quase exclusivamente de rotina fisiológica, mergulhado na escuridão inconsciente de determinações puramente instintivas, ricas porém de potencialidades psíquicas, depara-se o homem primitivo numa situação de total englobamento no seio da natureza matriz. Passivo e inerte, como que dorme preguiçosamente no berço onde o deitara a grande Mãe telúrica. Existe e sobrevive num mundo inexaurível onde todas as suas necessidades são supridas pela terra e de sua generosidade ou de seus caprichos depende. Aplicar-se-ia ao caso o pensamento de Clarice Lispector para quem "a primeira verdade está no corpo e na terra".

No estado primordial coletivo, que corresponde ao da criança na fase de amamentação, os traços da influência materna evidenciam-se num Ego ainda embrionário que não exerce atividade própria, pois mal saído está da vida instintiva. O mundo do arquétipo materno apresenta-se como um universo que alimenta e protege, que aquece e dá prazer, que conforta e perdoa. Sempre será a Mãe aquela que cumpre, aquela que ajuda. E sua imagem reaparecerá por esse motivo em todas as épocas de desespero, como o refúgio e auxílio da Humanidade sofredora, numa nostalgia cujas profundas raízes se prendem à memória milenar do estágio inicial de dependência bem-aventurada.

Esse estágio, entretanto, não durou indefinidamente. A luta contra os animais selvagens na procura do alimento, os fenômenos naturais calamitosos e talvez os longos períodos glaciários, a peleja constante pela vida devem ter correspondido a um desafio que trouxe míngua, fome, sofrimento, luta, mas estimulou o homem do paleolítico no caminho da evolução. Exposto ao meio ambiente hostil imprevisível, fora do regaço materno, sentiu-se desamparado. Esse

estado psíquico de vulnerabilidade essencial corresponde ainda hoje ao do indígena, não obstante sua melhor adaptação natural. E pode ocorrer ao homem civilizado quando se depara, abandonado, na vastidão do oceano, na cerrada profusão da selva tropical, longe dos recursos e da companhia de seus semelhantes. Perante a grandeza da Natureza virgem, a consciência crepuscular mantém-se num estado de espanto e terror. De impotência. A magia é então a sua única defesa. A magia visa a recriar, por uma técnica especial, a instância materna toda poderosa. Ela é precisamente a primitiva técnica feminina; como a técnica é a magia da sociedade moderna, lógica e masculina.

No estágio inicial, em suma, a consciência ainda não surgiu para denunciar as antíteses inerentes à imagem primordial. O homem primitivo, como a criança, fez a experiência da Magna Mater na sua duplicidade e paradoxal convivência do Bem e do Mal, ele é incapaz de diferenciar os dois aspectos opostos dessa realidade. Logo que desperta a consciência, porém, *ipso facto distingue*. Discrimina.

O homem contempla então o mundo exterior como caracterizado pela sua total irracionalidade. É a crueldade às vezes incompreensível da natureza. A facilidade com que mata — as inundações, as avalanches, as epidemias, os grandes cataclismas naturais — essa áspera maldade que constitui o seu sombrio segredo. O domínio do capricho, do acaso, da incerteza demoníaca, quando não é possível prever nem a satisfação da fome, nem a ocorrência repentina do ataque, da violência e da morte. A partir dessa alvorada do Eu, portanto, o estado de inconsciência será visto como um retorno impossível ao passado exaurido. O Ego que principia a ter consciência de sua própria autonomia, de sua liberdade e responsabilidade, começa também a sentir que a Mãe está falhando na pretensão de conceder absoluta proteção e alimento. A consciência viril comporta duplamente uma afirmação de independência e uma perda de confiança na onipotência materna.

No decorrer de sua evolução psíquica, conscientemente valorizará o homem o aspecto amante e generoso da Mãe — e da Esposa e da Filha — numa sociedade progressivamente monogâmica e patriarcal. Inconscientemente, porém, o derrame do aspecto maléfico ativará os traços negativos da megera funesta e daninha que, com ameaças, venenos e a companhia de animais tenebrosos (serpente, aranha, corvo), associados à atração mórbida da morte, perturbará o equilíbrio psíquico, sobretudo no domínio da sexualidade. Nos

casos extremos, o mal conduzirá à pederastia, à masturbação, à impotência, ao vício das drogas e do álcool, à neurose e ao suicídio.

Ao procurar cortar o cordão umbilical que o prende à Mãe para enfrentar as conseqüências tremendas da "desmama" psicológica, desponta necessariamente essa nova imagem feminina, sob novo aspecto, antitético. Com a figura da Grande Mãe Protetora, surge a da Mãe Terrível, a Mãe Castradora, a Devoradora, a Velha Feiticeira, a Deusa da Morte. As Mães principiam então a adquirir aquela máscara sombria que também lhes conhecemos na mitologia.

No Gênese da Bíblia a distinção é clara. A imagem da divina Ousia cinde-se em duas faces contraditórias, a da Primeira e a da Segunda Eva. A problemática está expressa na figura de Lilith que, na versão apócrifa da heterodoxia judaica, é companheira de Satan. Eva é a esposa de Adão, a mãe generosa e sofredora de toda a Humanidade. Eva é ao mesmo tempo, como Lilith, o "dragão noturno", a sedutora e primeira culpada pela tentação que conduziu à Queda. Como tal é identificada à própria serpente diabólica com a qual mantém uma relação ambivalente. Será eternamente temida e rejeitada pelos místicos, os eremitas, os castos e os puritanos.

A psicologia profunda descobre a conexão entre o arquétipo materno e o culto do sangue, tão característico dos rituais primitivos da agricultura. Neumann atribui essa associação ao fenômeno da cessação da menstruação durante a gravidez. O sangue seria considerado fértil, segundo ponto de vista arcaico, e graças a ele se formaria o embrião. Não há dúvida que o aspecto sádico dos rituais de fertilidade, durante os quais o sangue das vítimas sacrificadas era derramado aos borbotões, contribui para configurar a imagem terrífica da Deusa Mãe primitiva. O sangue que acompanha o nascimento, o defloramento e a menstruação repete, na sua influência sobre a psicologia individual, a antiga associação da divindade ctônica com o poder fecundante do sangue, o que parece retirar o sadismo sangrento da esfera da psicologia estrictamente masculina. Eis porque o impulso dionisíaco é ao mesmo tempo obsceno e sangrento, fato cujos resquícios podem ainda ser comprovados em formas tão "evoluídas" do fenômeno quanto o nosso carnaval; bem como na moderna associação, nas artes populares e literatura, do erotismo com a violência sangrenta.

Daí o aparecimento, na mitologia clássica, das figuras de Hécate, a Gorgona e Medusa. A própria Afrodite, deusa da vida e do

amor livre, do prazer e da sensualidade, possui o seu aspecto funesto. Apuleius relaciona Vênus com a *nocturnis ululatibus horrenda Proserpina*. Alguns dos epítetos da Grande Deusa são significativos: em Atenas era irmã das Eríneas, a mais velha das deusas do destino; em outras cidades era Melaenis, a Negra, Scotia, a escura; Androphonas, assassina de Homens. Plutarco também a qualifica de Epitymbria, lembrando sua associação com o túmulo. Persephone é denominada a "virgem comedora de excrementos", a que "carrega as chaves" do mundo subterrâneo. A Eterna Sombria. Com olhos de Gorgona. Num sentido torturado e mortal, pode ela atrair a alma para os fundos flácidos e pútridos das águas estagnadas — para a morte em que a própria lua se reflete mortalmente, como nos versos de Verhaeren:

La lune et tout le grand ciel d'or
Tombent et roulent vers leur mort...
Elle le fausse et le salit,
L'attire à elle au fond du lit
d'algues et de goëmons flasques.

A Mãe Negativa, a Mãe Devoradora, a bruxa ou feiticeira surgem quando sofre a criança, mais do que é normal para a espécie, da hostilidade do meio. Ou quando não foi preparada por essa mesma Mãe para enfrentar um ambiente normalmente hostil. A Mãe, como destino supremo, fado envolvente e amante, sorte inexorável, torna-se nesse caso ela própria hostil ou destruidora; ou, inversamente, pela sua resistência em libertá-la, ou deixá-la desprender-se de seu seio e lançá-la ao mundo.

A Magna Mater é por isso, para os primitivos que a conceberam à sua própria imagem assim como para nosso Inconsciente que herdou essas figurações, um ser também cruel, lascivo e sanguinário, movido pelos instintos como os animais selvagens com os quais co-habita e se identifica na bestialidade. É aquela criatura ambivalente na sua generosidade e no seu horror que evoca Machado de Assis em versos sombrios:

Sei de uma criatura antiga e formidável,
Que a si mesma devora os membros e as entranhas
Com a sofreguidão da fome insaciável.

Habita juntamente os vales e as montanhas;
E no mar, que se rasga à maneira de abismo,
Espreguiça-se toda em convulsões estranhas.

Traz impresso na fronte o obscuro despotismo.
Cada olhar que despede, acerbo e mavioso,
Parece uma expansão de amor e egoísmo.

Friamente contempla o desespero e o gozo,
Gosta do colibri, como gosta do verme,
E cinge no coração o belo e o monstruoso.

As Mães são as deusas do destino. Elas exprimem, através do símbolo lunar, a fatalidade da mulher com seu poder sobre nossas paixões. E agem, graças a seu reflexo na alma do homem (que é a *Anima*), qual instância que ao mesmo tempo acaricia, inspira, exalta e seduz; ou atraiçoa, escraviza e corrompe.

O homem afetivo é especialmente sujeito ao poder da Anima que lhe controla os humores e impõe um Destino tirânico. O Destino caracteriza-se pela confusão do Bem e do Mal, pela ausência de uma lógica ou de uma justiça evidente na distribuição dos bens deste mundo. Ou pela fatalidade interna determinada no jogo das paixões incontroladas. Por isso, quase todas as deusas foram consideradas "tecelãs" do destino. Para os egípcios, os mortais estavam presos ao véu de Ísis. Ao nascer, era o espírito, como se fora, emaranhado na natureza, preso ou atado à rede das circunstâncias impostas pela deusa — sem o que não poderia esperar percorrer o mar da realidade encarnada para esperar a oportunidade de salvação.

O matriarcado está ligado ao mistério primordial da tecelagem, que foi invenção da mulher e durante milhares de anos atividade puramente feminina. Cármen é o arquétipo da mulher fatal porque seu nome sugere carmear — do latim *carminare*, preparar a lã para a tecelagem. A roupa protege e encobre. Os "tecidos" do nosso corpo são também formados no ventre da Mãe. As Deusas eram senhoras do fado humano: Eleithya, Hécate e Athenas; as Moirai, filhas da Necessidade, *Anankê*, mais poderosa do que os próprios Deuses; e também chamadas Klothes, "tecelãs", a terceira das quais era Atropos, a Inexorável. As Norns dos germanos que detinham em suas mãos a sorte dos guerreiros, ou as Walkírias que teciam, para os heróis, o fio da vitória e da fama. No próprio Islam, não obstante o feroz patriarcalismo do Profeta, a Grande Mãe triúnica sobreviveu no mito das Três Virgens Santas ou Três Filhas de Allah, Al-Ilat, Al-Uzza e Manat. A terceira, Manat, configura o tempo, no sentido de destino, sorte ou fatalidade. As três feiticeiras ou bruxas no *Macbeth* de Shakespeare são chamadas *way ward* ou *weird sisters*. Etimologicamente vem a palavra do velho inglês *wyrd*

com o sentido de "sorte" ou "destino". São elas que presidem ao desenrolar da tragédia, e envolvem ou embrulham Macbeth como se fora num tecido fatal do qual não mais se poderá livrar. Freud analisou o tema das "três deusas" no *Rei Lear* e no *Mercador de Veneza*. A escolha das três caixinhas — de ouro, de prata e de chumbo, a última das quais contém o retrato da mais bela, também repetiria o tema clássico das três formas pelas quais se apresenta a figura arquetípica da mulher, como Mãe, esposa e feiticeira da morte. Esta é a "terceira" das três filhas, a silenciosa, a preferida de Lear, Cordélia, que o conduz à batalha final.

As três irmãs da mitologia clássica, islâmica ou shakespeariana, exprimiriam, em seu tríplice aspecto de passado, presente e futuro, o mundo subterrâneo ou infernal, o mundo terreno atual, e o mundo celestial ou paradisíaco que há de vir.

Para Platão, a Grande Deusa é a Necessidade, *Anankê*, em torno de cujo fuso giram as oito esferas do Cosmos. Anankê constituía para os gregos o grande fado da paixão, o calor do fogo primevo que, segundo os Estóicos, produzia o destino. Schiller diria mais tarde que "as estrelas do teu próprio destino jazem em teu peito". A literatura, como o folclore, o mito e a teoria psicológica reproduzem pois a figura arquetípica das três deusas do destino. E se a escolha sempre recai na terceira (como sobre Vênus na maçã de Páris), isso quer dizer que a beleza e o amor, prometidos ao herói que escolhe, encobrem sempre, no final, a imagem silenciosa da Morte que o recolherá em seus braços amantes.

É dela que nos fala Brás Cubas quando, no início de suas *Memórias Póstumas*, sofre os espasmos do delírio, deparando com uma figura de mulher, um vulto imenso que o fitava com olhos rutilantes como o sol. "Sou tua Mãe e tua inimiga", disse ela. E Brás Cubas, estupefacto e assustado, ouve a figura que tinha a vastidão das formas selváticas dar uma gargalhada como um tufão. "Levo na minha bolsa os bens e os males", insiste ela. "Eu não sou somente a vida, sou também a morte, e tu estás prestes a devolver-me o que emprestei. Grande lascivo, espera-te a voluptuosidade do nada".

Em nossa própria cultura cristã é a Virgem Santíssima, pela qual oramos "agora e na hora da nossa morte", a Intercessora suprema nessa esfera incompreensível e inteiramente irracional de nosso Destino — o Destino que interfere em nossa existência terrena independentemente de qualquer justo critério de Virtude recompensada ou Crime castigado.

Pois os desígnios da Magna Mater são, na verdade e por definição, imprevisíveis, cambiantes e irracionais, em contraste com a Vontade de Deus, a qual, embora igualmente insondável e imprevisível, é impregnada pela categoria ética da Justiça. O que caracteriza o fado como destino sofredor imanente, em contraste com a fatalidade imposta por Deus, é que o fado ocorre irracionalmente e nos atinge independentemente de qualquer culpa ou mérito, ao passo que procuramos, à medida que crescemos espiritualmente, conceber a Vontade de Deus, a qual pedimos "seja feita assim na terra como no céu", como inspirada por uma Providência que se orienta por um inflexível critério moral.

A sublimação do princípio feminino, na sua mais alta expressão espiritual, ocorreu no seio da Igreja Católica que nos educou. Já na segunda epístola de São Clemente aos Coríntios se afirma: "Pois dizem as Escrituras, 'Deus fez o homem macho e fêmea': o macho é Cristo, a fêmea sua Igreja". São Clemente dizia também: "Só ela não tem leite, porque só ela não se tornou mulher, mas é virgem e mãe, sendo pura como uma virgem e amante como uma Mãe; e chamando a si seus filhos, os nutre com leite santo, porque o Logos era leite, alimentando essa criança linda e nascida em Sua própria casa, o Corpo de Cristo".

A concepção da Igreja como mulher constitui uma extrapolação do mito da Cidade como divina Madre. Jerusalém também era noiva e mulher para os judeus. Cristo descrevia a Cidade Santa em termos maternos segundo o Evangelho de São Mateus (23:37). A simbologia feminina entrou para a noção da *Mater Ecclesia* que domina o pensamento nos primeiros séculos do Cristianismo com Irineu, Tertuliano, São Clemente de Alexandria, Orígenes e, finalmente, Santo Agostinho.

Paralelamente ao desenvolvimento dessa doutrina cristã, deparamos com a dos gnósticos que veneravam a Deusa-Mãe, a *Aion Matres*. A Mãe era a Terra e era Jerusalém que se defrontavam com Deus, nosso Pai. A seita herege dos Ofitas considerava a Virgem Maria uma verdadeira deusa. Até hoje os gnósticos jungianos de Zurique revelam especial carinho pelo que chamam o "lado feminino" da divindade. No *Zohar*, um livro de Iluminação cabalística concebido pelo misticismo judaico do século XIII e atribuído ao espanhol Moisés de León, Ela é representada como implícita na Eterna Sabedoria de Deus e de sua união amorosa com a Divindade, descrita como o nono

Sefiroth, nasce o mundo e todas as outras emanações de Deus. A mulher na terra, "pequena em seu exílio, porém poderosa", seria uma expressão da Matrona, a *Shekinah*, hipóstase da comunidade do povo de Israel.

A idéia do matrimônio divino — já presente no Cântico dos Cânticos atribuído ao rei Salomão — evoluiu com os séculos, transformando-se na noção de uma hierogamia (que é também uma cosmogamia) de Cristo com sua noiva, a *ecclesia,* ou de Deus com o mundo criado — idéia tão freqüente no misticismo cristão. E foi em Éfeso, na Ásia Menor, célebre por seu antigo culto de Artêmis, que o Concílio ecumênico do ano 431 conferiu a Maria o título de *Theotokos*, "Mãe de Deus", depois de ardente controvérsia cristológica. Só no século XIII, entretanto, surge realmente o culto ou hiperdulia de Maria Santíssima, a Madona, coincidindo com a construção das magníficas catedrais góticas, a Ela dedicadas, e com a expansão impressionante do Cristianismo batalhador e cavalheiresco das Cruzadas.

Muito curioso o seguinte fato histórico: no centro do imenso arco marítimo subtropical que foi a antiga área de domínio da Grande Deusa Mãe, nasceu o monoteísmo semítico. Uma religião estricta e ferozmente patriarcal. Foi também nessa área que, graças ao fortalecimento dos princípios éticos sob influência de divindades masculinas, se estruturou a família em bases sólidas com a imposição do *pater potestas*. É a área em que vigora hoje, de modo mais saliente, o regime social de preeminência masculina com inferioridade jurídica da mulher. Um paradoxo. O paradoxo, no entanto, não é verdadeiramente tão surpreendente mas uma necessidade lógica que só é de difícil entendimento para quem desconhece o funcionamento da alma humana — na sua inerente tensão e em seu equilíbrio compensatório entre a esfera do Eu consciente e o reino subliminar do Inconsciente Coletivo que se lhe contrapõe. Ao domínio que o Logos do Pai exerce sobre a estrutura objetiva de nossa sociedade, através da austera educação que nos proporcionaram a Bíblia judaica, os Evangelhos, as leis de Roma, a filosofia grega e o racionalismo escolástico — o todo em grande parte transmitido pela Igreja Católica — corresponde, ao nível subjetivo, a soberania tanto mais incontrastável de que goza o princípio materno, com o poder absorvente de seu amor, sobre nosso destino terreno.

O Catolicismo conseguiu realizar essa união nupcial do Verbo com a Carne que, segundo Santo Agostinho, representa, no seio da Virgem, o matrimônio de Cristo com a Igreja. Enquanto no Judaís-

mo e no Protestantismo o princípio feminino é reprimido, às vezes com puritana violência, estabeleceu o Catolicismo um esplêndido equilíbrio psicológico na alma dos crentes, oferecendo-lhes a possibilidade de extravasar seus sentimentos de amor, de respeito e veneração pela Madre Santíssima. É um equilíbrio criador que muito explica a força perene e serenidade da Igreja, em tantos séculos de transformações e cataclismos.

O CONTINENTE DE GONDWANA E A RAÇA MORENA

QUE PODERÍAMOS DEDUZIR de todas as interpretações do Matriarcado primitivo? Que valor possui realmente essa simbologia da Grande Mãe como Espírito da Terra, expressão sublime da Natureza ou alegoria do Destino que misteriosamente preside a nossa vida e nossa morte? E, para começar, que extensão, que realidade histórica se pode legitimamente atribuir à hipótese matriarcal?

Quase todos os matriarcalistas limitam seus estudos ao Ocidente ou, mais exatamente, à faixa da Europa, da bacia do Mediterrâneo e do Oriente Médio que foi coberta pela mitologia clássica e, posteriormente, pelo monoteísmo judeu-cristão e islâmico. Se deparamos com ritos de fertilidade e resquícios de um culto original de divindades femininas aqui e acolá, na África, na Austrália, na Polinésia, na América, na China — em parte alguma suas características são tão definidas, seu culto tão persistente e sua memória tão recente quanto naquela faixa.

O problema que se avoluma não é fácil de contornar. A hipótese evolucionista, ao propor a etapa inicial do matriarcado, depara-se com as justas críticas daqueles que apontam para a prova atual empírica de tribos selvagens sobreviventes, nenhuma das quais patenteia uma estrutura social ou crenças religiosas susceptíveis de confirmarem plenamente as grandes intuições de Bachofen, Morgan e Briffault. Vale acentuar que a hipótese fala numa etapa matriarcal em estado relativamente adiantado da evolução histórica. Qualquer que tenha sido o verdadeiro domínio do culto da Magna Déa, por exemplo, na religião dos pelagianos e dos cretenses pré-helênicos, gozavam esses povos certamente de um grau de civilização bem superior ao

das tribos africanas, australianas e ameríndias que se demoram ainda hoje em plena idade da pedra, sem que seja possível nelas caracterizar um sistema matriarcal. Os pelagianos, os cretenses, os antigos iberos e todos os adoradores semitas de Ishtar-Ashtarot já haviam revelado, pela sua arte (uma vez que não nos deixaram documentos escritos), um progresso espiritual distintamente superior ao de qualquer população selvagem contemporânea. Como explicar tais fatos e que pensar, em tais circunstâncias, de todas as teorias apresentadas em defesa do matriarcado?

A solução que aqueles autores indiretamente sugerem e que devemos aceitar como hipótese segura é a de que a área de soberania da Grande Deusa foi relativamente limitada — limitada geograficamente, limitada historicamente e limitada talvez etnicamente, isto é, no número de seus adoradores. Os povos que habitavam a faixa meridional da Europa e o contorno do Mediterrâneo, suas ilhas, bem como a região mais antigamente civilizada do Oriente Médio (do Crescente Fértil ao vale do Indus, passando pelo Irã) pertenciam talvez a uma raça determinada. E o culto da Mãe de que nos falam Bachofen e seus discípulos, do modo acentuado como o consideramos, não seria, na realidade, uma etapa primária e universal da evolução da humanidade, mas um fenômeno peculiar a essa região e a essa raça.

O matriarcado não teria constituído propriamente uma estrutura social, muito menos uma forma de domínio político, mas essencialmente uma atitude mental. Foi um estágio de desenvolvimento psicológico que, sendo próprio de toda a humanidade, se caracterizou na alma dos habitantes daquela zona privilegiada pela geografia e a história.

A civilização parece haver nascido do choque entre duas correntes humanas perfeitamente distintas em seu potencial psíquico e cultural, choque que teve efeitos imensamente criadores para a humanidade. Os invasores mongóis da China e do Japão, procedentes da Sibéria e do Turquestão, encontraram no sul populações já anteriormente estabelecidas, de origem meridional, com uma constituição aparentemente matriarcal. A concepção metafísica do *Yin-Yang* a qual se perde na noite dos tempos, regista a precedência do *Yin*, que é feminino, sobre o *Yang* masculino. Talvez o *Yin-Yang* exprima assim uma doutrina de conciliação, uma polaridade viva entre os dois princípios abstratos, respectivamente representados pelos autóctones matriarcais do Sul e os invasores patriarcais do Norte, elaborados no momento histórico em que entraram em matrimônio criador para

gerar a cultura chinesa clássica. Na Índia, há indicações sérias de que os Drávidas, os habitantes da península anteriores às invasões arianas, tenham adorado divindades femininas. Os Aryas é que teriam trazido, juntamente com os Vedas, a cultura patriarcal. O substrato matriarcal, porém, muito difuso, persiste nos cultos femininos do Hinduísmo e na reverência generalizada pela vaca. Os invasores indo-europeus do Mediterrâneo e da Europa eram notoriamente inferiores em cultura, embora superiores nos conhecimentos técnicos e na organização político-militar, às populações insulares e ribeirinhas que lhes sofreram o embate. Os invadidos conheciam a Deusa-Mãe e ofereciam a sua arte, a sua cerâmica e tecelagem, a sua agricultura, o seu suave modo de vida. Os invasores traziam o domínio feudal, a metalurgia do ferro e a domesticação do cavalo. Foi um choque altamente produtivo do ponto de vista da cultura, que se refletiu religiosamente numa hierogamia divina.

Eis a conclusão a que somos forçados a chegar: o patriarcalismo social e familiar, correspondente a um matriarcalismo psicológico, é a expressão cultural moderna que encobre uma realidade histórica antiga. Estamos diante de um esquema de âmbito mundial que poderia ser assim destacado: o Norte, lógico, industrial, viril e agressivo, acentuou os elementos sociais, religiosos e psicológicos de que é o Pai a expressão; o Sul, quente, subdesenvolvido, erótico e afetivo, conservou os símbolos representativos da Mãe. Aquele foi portador das virtudes de inteligência e dinamismo masculinos que dão nascimento às sociedades lógicas; este, inspirado pelos sentimentos femininos, produziu as condições que favoreceram o surgimento das sociedades eróticas.

A polaridade Norte x Sul, apreciada segundo esse critério, constituiria um traço permanente do desenvolvimento histórico da cultura universal. A agressividade do Norte possui um caráter mesmo arquetípico. Ela é conhecida desde a China até o Ocidente. Elihu, no hino à Sabedoria Omnipotente do Livro de Jó (37:9), já cantava:

> **Da recâmara austral sai a tempestade**
> **E os Ventos do Norte trazem o frio.**

Júlio Cesar, no *De Bello Gallico*, também comentara a masculinidade dos bárbaros germânicos e a feminilidade da Provença civilizada. Verificamos que essa distinção histórico-cultural também é válida na China, na Índia e no Japão — como continuará sendo válida sempre que procurarmos estabelecer aquilo que distingue o patriar-

calismo lógico do matriarcalismo erótico. Existem certamente características psicológicas específicas dos dois tipos humanos e McDougall, estudando as doenças nervosas na Europa, acentuava que os meridionais sofrem do tipo histérico (extrovertido) e os nórdicos do tipo neurastênico (introvertido). O que quer dizer que psicologicamente, como econômica e sociologicamente, estaria o mundo dividido em dois hemisférios.

O fato é que poderíamos descrever graficamente a polaridade em apreço relacionando-a com as novas teorias geológicas dos continentes derivantes, conforme a presunção original de Wegener, e bem assim com certas hipóteses de paleontologia que explicam agrupamentos continentais de certas espécies de flora e fauna. Teria havido, há uns 250 milhões de anos, um supercontinente que recebeu o nome de *Gondwana* e foi composto da América do Sul, África, Índia, Antártida e Oceania; e um outro supercontinente, chamado Laurásia, formado pela América do Norte, Groenlândia, Europa e Ásia. Ambos se teriam cindido e lentamente derivado para constituir os atuais continentes, em suas respectivas posições geográficas.

O hemisfério sul subdesenvolvido que se opõe ao hemisfério norte industrializado, segundo uma concepção econômica hoje vulgarizada pelos círculos onusianos, coincide em seus traços largos com essa dualidade supercontinental do Gondwana e da Laurásia. Mas para nós creio ser mais interessante procurar aquilo que aproxima, do que aquilo que divide a Humanidade.

A religião sublimou a tensão criadora entre o fator matriarcal subconsciente e erótico, do lado Sul, e o fator patriarcal, lógico, do Norte, tensão que tem estruturado espiritualmente a civilização ocidental. A fecunda matriz dessa religião localizou-se historicamente às margens orientais do Mediterrâneo, isto é, justamente na área axial da história que é também o fulcro de movimentação dos continentes derivantes. A solução judaica e islâmica foi radical: Jeová e Allah repeliram ciumentamente o que parecem haver considerado sérias "concorrentes" femininas. Era com efeito necessário impor, com certa violência emocional, a autoridade paterna sobre populações milenarmente condicionadas ao culto das Mães. Mas se os judeus representam hoje, em virtude de sua dura experiência histórica de respeito aos preceitos da Lei (a Torá), uma sociedade eminentemente patriarcal e lógica — transborda o Islã de eroticismo anárquico que se insinuou na sensualidade árabe, graças à tolerância moral do Profeta.

Repetimos, só a solução católica e ortodoxa foi verdadeiramente conciliatória, graças à veneração que dedica à Virgem Mãe de Deus.

Podemos assim conceber a civilização cristã ocidental como sendo o fruto dessa *coniunctio* magnífica, desse matrimônio transcendente entre o Deus Pai Criador, revelado pelos Profetas, e a antiga Magna Mater do Gondwana, Mãe dos primitivos povos morenos da faixa tropical.

Em toda a área da Europa meridional e da América do Sul, nessa área que inclui os países mediterrânicos que mais contribuíram para nossa formação cultural e religiosa, continua a Grande Mãe a desempenhar o seu papel dominante não apenas nos mais íntimos recessos da alcova e do lar, mas nas profundezas abissais da alma coletiva. A Magna Mater estendeu as fronteiras de seu reino original a esta terra, estuante de amor e de vida, onde exerce sua influência carinhosa e suave, mas também freqüentemente tirânica, através dos conteúdos emocionais fixados e constelados em torno do Complexo Materno. O nosso Reino das Mães!

No Brasil, sem dúvida, encontrou nossa Alma Mater um novo e acolhedor habitat quando para aqui se trasladou nos navios dos imigrantes europeus e nos porões dos negreiros que carregavam escravos africanos. Aqui se deparou com uma terra ainda sem forma e vazia quando as trevas do primitivismo ameríndio, na floresta virgem, cobriam a face do abismo... ou, pelo menos, a maior parte do território nacional.

Ocorreu, entretanto, um "rebaixamento do nível mental" que, repaganizando ou barbarizando o símbolo, procurou raízes mais profundas. Reabsorvendo-se, por assim dizer, na massa telúrica de onde partira, ei-lo que surge, já no início da epopéia da conquista, na lenda das Amazonas, dessas estranhas e fantásticas mulheres guerreiras que dariam seu nome ao maior vale aflorestado do mundo — como o mito da ilha Matinino ou da *isle femelle* das lendas medievais, só habitadas por mulheres, havia desempenhado importante papel no impulso dos descobrimentos. As Amazonas e mulheres insulares seriam como que vagas reminiscências ou quiçá intuições obscuras de uma longínqua época matriarcal, transferidas para o novo mundo das Américas.

Cultuada nas igrejas sob sua forma mística de Mãe de Deus, Noiva de Cristo ou Virgem Santíssima, mais freqüentemente degra-

dou-se a Magna Mater arquetípica para reaparecer nas lojas espíritas, nos terreiros, nas cabanas de Umbanda e Quimbanda, nos candomblés e catimbós, nos bosques e nas praias, alastrando-se com a vaga de neopaganismo que excita em frenesi carnavalesco a massa da nossa população mestiça. As Bacantes desencadeadas. O nosso próprio Cristianismo, o Cristianismo de um país que se diz 92% Católico ou o "maior país católico do mundo", não é uma religião monoteísta mas um culto ainda a meio caminho do sincretismo. Como aquele que dominara a antiga Alexandria. Não é a Cristologia que interessa às nossas difusas veleidades teológicas, mas o Marianismo. O sentimento religioso popular, mesmo no seio mais ortodoxo da Igreja, não parece tanto invocar a Santíssima Trindade quanto a Sagrada Família. E sobre essa babel de santos e orixás, alguns dos quais são absolutamente míticos como São Jorge, e outros o são quase como Cosme e Damião, reinam majestosamente Nossa Senhora, São José e o Menino Jesus. De modo que para muito ateu brasileiro é verdadeiro o *bon-mot* de Santayana: *There is no God and Mary is His Mother.*

E enquanto hoje, na Europa latina, inclusive na Itália — não obstante o papel que, nas famílias e na sociedade, ainda desempenham as Mães; não obstante a hiperdúlia que ainda recebe *La Madonna;* não obstante o neo-romantismo e neopaganismo da cultura contemporânea, com a libertação dos costumes sexuais e o erotismo do movimento *hippie* — o edifício gigantesco da civilização industrial começa a oprimir e recalcar a venerável imagem, com sua lógica brutal e o poder avassalador de sua máquina de domínio — no Brasil, em nossa terra cheia de encantos e maravilhosas promissões, ainda encontra a Magna Mater filhos fiéis e mais amantes que a adoram com toda a força de sua juventude desordenada.

Aqui, quase ainda não foi a paisagem tocada pelo homem. No Brasil, é ainda a paisagem a expressão franca e pujante da massa telúrica, ao contrário do que ocorre em outras terras mais cultas onde constitui o produto da ação milenar do homem sobre a natureza bravia. Aqui, mais fácil se torna descobrir em que considerável medida exerce o Espírito da Terra seu poder sobre a alma coletiva. A lei que aqui domina é a da Terra, *jus soli* — princípio jurídico formador da nacionalidade. Pois o que importa para a identidade é o sangue da Mãe. Por atavismo mediterrânico e africano, por nascimento e por adaptação ao Continente do Terceiro Dia da Criação, somos homens afetivos, pertencemos à Sociedade

Erótica, estamos presos por laços emocionais à imagem arquetípica da Senhora do Destino cujo reino aqui se manifesta em toda a sua extraordinária pujança criadora.

Rebeberando-se com as águas primordiais que banham as praias de nossa terra, ei-la que se manifesta no mais baixo nível emocional, no das lendas e ritos da Iemanjá dos cinco nomes. Ela que, no dizer desse ilustre babalorixá que é Jorge Amado, é sereia e é Mãe-Dágua. A dona do mar, Iemanjá, Dona Janaína, Dona Maria, Inaê, Princesa de Aiocá, que podia morar nas cidades do Mediterrâneo, nos mares da China, na Califórnia, no mar Egeu, no golfo do México, e que antigamente na certa morava nas costas ocidentais da África, no golfo do Benin que dizem que é perto das terras de Aiocá. Mas veio para a Bahia ver as águas do rio Paraguaçu. E visita Copacabana onde toda uma população de negros e brancos, de mulheres e homens, de crentes e ateus, cristãos e espíritas, na maior exibição de ritual sincretista registada no mundo, lhe presta as mesmas homenagens que tem recebido através de milênios, de flores e velinhas em generosas dádivas. Veneração evidentemente supersticiosa, primária, mas que não nos deve iludir quanto às necessidades místicas portentosas de uma população cujo baixo nível cultural corresponde ao mais alto teor emotivo.

E mais perto de nós, encarnada em mulheres líquidas e cristalinas, multiplica-se ela hoje nas areias de Copacabana, Amaralinda ou Guarujá, em esplêndidos exemplares da Vênus de Botticelli saindo das águas — segundo modelos que a moda exige, o cinema sugere, a propaganda divulga, a saúde permite, a civilização refina e o biquíni revela. Mais comum ainda aparece no tipo da Vênus vulgar. Gerada muitas vezes por influência da mestiçagem africana, mas também com as características pícnicas da mulher mediterrânica, de ancas largas, olhar lânguido, boca sensual, andar ondulante e fertilidade evidente, é amplo continente de filhos sem conta — a revelar na opulência das formas a sua incrível capacidade geradora e a provocar, nas entranhas de seu ventre bem-aventurado, a mais espantosa explosão demográfica do planeta.

Na verdade, é a mulher brasileira a expressão mais imediata e concreta do arquétipo feminino. Ela representa o produto expressivo da nossa terra, a obra-prima deste continente de antes do Pecado de Eva — precisamente por que com tanta profusão e perfeição aqui se apresenta sob as formas plásticas primordiais do Eterno Feminino. Conjugando os dois aspectos físicos e mentais da

Magna Mater, confirma a Mulher brasileira o domínio que detém em nossas plagas onde renasceu, como Afrodite em Paphos, das verdes ondas atlânticas.

Foi Elliot Smith quem primeiro sugeriu a hipótese da existência de uma Raça Morena. Esse grande agrupamento étnico, cujo *habitat* original se estenderia desde as ilhas Canárias, no Atlântico, até o Oceano Pacífico, seria composto de diversas sub-raças entre as quais se destacam os ibero-insulares a Ocidente, os semitas, berberes e árabes na África do Norte e Oriente Médio, os indo-afegãos ao redor do Oceano Índico, e os indonésios, malaios e polinésios no Extremo-Oriente. *

A raça que Elliot Smith e o etnólogo francês G. Montandon chamam de *Morena*, Poisson de *Meridional* e Deniker de *Ibero-Insular*, é também conhecida, por outros autores, simplesmente como *Raça Mediterrânica*. Se não existe unanimidade em admitir a sua extensão por toda a vasta faixa litorânea subtropical do Atlântico ao Pacífico, através de Suez e Singapura, há concordância geral na caracterização do tipo moreno mediterrânico do Ocidente. Ocupa ele, atualmente, o território de Portugal e Espanha, o sul da França e a metade meridional da Itália, a Grécia e as ilhas do Egeu, figurando ainda como um dos elementos constituintes das populações germânicas e eslavas, especialmente no sul da Alemanha, da Polônia e da URSS, assim como em certos tipos das ilhas britânicas, notadamente os da Irlanda e País de Gales.

A extensão e a marcha das geleiras, na época paleolítica, e seu

* Em sua obra *Le Peuplement de l'Europe*, o etnólogo francês G. Poisson traça as origens da Raça Morena ao tipo que chama de Proto-Humano Meridional. Na Europa, durante a era paleolítica superior, "o estudo dos esqueletos e das indústrias estabelece a existência de duas raças principais, a de Cro-Magnon e a de Combe-Capelle ou de Predmost". Esta última seria morena e pode ter sofrido certas influências africanas ou etíopes. Conforme, entre outros, observa o professor português Mendes Correia: "Encontra-se no homem aurignácio de Combe-Capelle, assim como na raça de Grimaldi (esqueletos encontrados nas grotas de Grimaldi, perto de Monte Carlo), tendências etiópicas ou negróides que os separam muito nitidamente do tipo caucasóide de Cro-Magnon". G. Poisson indaga se a origem da raça de Combe-Capelle-Predmost-Grimaldi, tão notável pelas suas obras artísticas, sua pintura nas cavernas e seu progresso industrial, no que diz respeito ao fabrico de armas de pedra lascada, poderia, porventura, ser encontrada na Índia.

recuo nos períodos interglaciários são estudados hoje pelos geólogos graças ao exame dos depósitos e sedimentos que deixaram. Não obstante a intensidade do frio, está provado que, em alguns lugares mais abrigados da Europa, o clima se manteve suficientemente temperado para permitir não apenas a vida animal, mas ainda o desenvolvimento da espécie humana que, para sobreviver, teve de lutar com engenho crescente contra a natureza hostil. Em todo o caso, as geleiras constituíram durante muito tempo barreiras intransponíveis que compartimentaram o Velho Mundo, determinando a caracterização racial dos grupos humanos em isolamento genético. Assim se formou a Raça Mediterrânica Morena.

Ao sul do Mediterrâneo, entretanto, as condições climáticas eram extremamente favoráveis ao homem. Uma única geleira, aparentemente, deixou traços de sua passagem no maciço do Atlas marroquino. A umidade atmosférica que se traduzira, no norte, pelas geleiras, provocava, no sul, mais fortes e abundantes chuvas que fertilizavam agradavelmente terras hoje desérticas. O próprio Saara parece ter sido recoberto pelo menos de pastagens. A África do Norte e a Arábia eram zonas férteis, favoráveis à vida humana no seu estágio cultural ainda rudimentar. Animais que hoje vivem na África Equatorial podiam ser então encontrados no Marrocos, na Líbia, no Egito. Eram caçados pelo homem pré-histórico. O Nilo, o Tigres e o Eufrates eram rios muito mais caudalosos. Os geólogos e arqueólogos descobriram que o leito do Nilo, numa extensão bem mais larga do que hoje, irrigava zonas férteis onde viviam caçadores paleolíticos. Descobriram-se vestígios dessa idade, através de armas de pedra deixadas pelos primeiros homens em todo o litoral do Mediterrâneo, nas camadas do pleistoceno, e inferiu-se que coincidiu com o fim do período glaciário. A vasta faixa desértica que hoje, da Espanha, se estende pela África do Norte e Ásia ocidental até as planuras da Ásia central, não existia então, por força dessas condições climáticas privilegiadas.

Na época mesolítica, isto é, no período que vai do ano 5500 ao ano 4000 antes de Cristo, aproximadamente, a Europa é finalmente liberada dos gelos que a oprimiam na era glaciária. Seu clima é mais ameno, os grandes animais paleolíticos, como o mamute e o rinoceronte, já desapareceram: eis o grande período de expansão da Raça Morena. Segundo os testemunhos arqueológicos mais dignos de fé, os Morenos ter-se-iam movimentado em duas correntes principais, a primeira pela África do Norte e Europa meridional e oci-

dental; e a segunda pela Síria, Ásia Menor e Europa Oriental. A expansão é confirmada até na Grã-Bretanha e Irlanda onde tradições lendárias e observações antropológicas evidenciam a presença de uma forte dose de elemento "ibérico". Esses povos da idade neolítica teriam, segundo o italiano S. Sergi, sido expulsos do litoral septentrional da África em conseqüência da aridização progressiva do Saara, e teriam ocupado o vale do Nilo e ilhas de Creta e do mar Egeu onde vieram a constituir o que os gregos chamavam de "pelágios" ou "povos do mar". O movimento coincide com um grande passo à frente na nossa civilização. Constata-se o aparecimento da agricultura, a domesticação dos animais, além de notáveis progressos nas artes primitivas da cerâmica e tecelagem, e a introdução do estilo arquitetônico das cabanas redondas.

Elliot Smith caracterizou a Raça Morena do seguinte modo: estatura relativamente baixa; cabelos pretos ondulados; olhos escuros; esqueleto geralmente fino; dolicocefalia generalizada; pele mais ou menos morena, às vezes azeitonada; testa estreita, vertical ou arqueada; mandíbulas relativamente pouco desenvolvidas; queixo pontiagudo; ortognatismo geral, com prognatismo mais saliente no Sul. *

A Raça Morena apresenta um polimorfismo caleidoscópico de detalhe, juntamente com grande clareza geral de estrutura. Na região que mais nos interessa, contatos teriam ocorrido com os negróides africanos e mais pronunciados com os nórdicos germânicos e os alpinos dos Pirineus. Esses contatos intensificaram-se quando a raça em questão se trasladou para a América Latina, após as Grandes Navegações dos séculos XV e XVI de nossa era.

Os autores brasileiros consideram quase invariavelmente o povo português étnica e psicologicamente mestiço. E com isso explicam seu pendor pela miscigenação. Os portugueses seriam o produto multiforme de uma confluência de sangue ibero, celta, germânico, árabe, mouro, negro e judeu. O senhor Afonso Arinos afirma que "o erotismo natural do luso" e o "seu príapo inexaurível e ardente" decorre dessas condições peculiares à nação lusitana. Não explica,

* Montandon, ao aceitar a concepção da Raça Morena Meridional, afirma que ela sofreu influências somáticas mais ou menos acentuadas de seus vários vizinhos. Estes seriam os Negros, no Sul; os seus primos septentrionais dolicocéfalos que se tornaram louros e de olhos azuis, no Norte da Europa; e os braquicéfalos alpinos ("alp-armênios") da Europa Central e Oriente Médio.

entretanto, em que medida o priapismo e o erotismo estão ligados à questão da mestiçagem. O senhor Vianna Moog, em *Bandeirantes e Pioneiros,* também declara que Portugal, "depois de oito séculos de ocupação mourisca e ali na encruzilhada de dois continentes, é óbvio que não pode reivindicar nem reivindica para si foros de homogeneidade ou de pureza de origem".

O que se nota em tal teoria, da qual infelizmente nem o próprio mestre Gilberto Freyre escapou, é a confusão muito comum entre *etnia,* conceito meramente cultural, e *raça,* noção que tem um sentido antropológico mais concretamente hereditário ou somático. De um ponto de vista "étnico" seria legítimo falar em "mestiçagem portuguesa". A Lusitânia foi efetivamente, no correr da história, um cadinho de influências culturais dos primitivos iberos, dos celtas, dos colonizadores gregos, dos navegadores fenícios e cartagineses, dos conquistadores romanos, dos invasores germanos (suevos, vândalos, visigodos) e dos árabes, berberes, sírios, mouros e judeus sefarditas no período da ocupação muçulmana.

De um ponto de vista estritamente racial, porém, Portugal constitui um dos conglomerados mais homogêneos da Europa. Pois é preciso não esquecer que iberos, gregos, cartagineses, romanos, árabes, mouros e judeus sefarditas pertenciam como ainda pertencem, em seu maior número, à mesma raça — à Raça Morena, Mediterrânica ou Meridional. Por isso, nenhuma das múltiplas migrações, invasões e ocupações que sofreu afetou profundamente a mistura básica do sangue lusitano. As próprias tribos germânicas invasoras, de suevos, vândalos e godos, eram mestiças pois nelas forte dose de sangue moreno já se acrescentava aos traços genéticos dos louros dolicocéfalos.

Indiscutivelmente, tipos louros nórdicos e, em maior proporção, tipos alpinos braquicefálicos aparecem amiúde entre os chamados povos "latinos" da Europa que se transferiram para o Sul do continente americano. Indiscutivelmente, o complexo racial brasileiro está sendo profundamente afetado pela mestiçagem com o ameríndio mongolóide e braquicéfalo (cabeça chata), encontrado no momento da descoberta, e com um número considerável de imigrantes provenientes das mais diversas regiões do globo que para aqui se mudaram após a Independência. Cabe indagar, porém, se o estupendo cadinho de raças que é o Brasil de hoje não tem contribuído antes para reforçar do que para diluir a dose maciça de sangue "moreno" de nossa população pois, a bem dizer, todos os povos

que concorreram para a formação do complexo racial brasileiro são híbridos em que, pelo menos, um dos componentes mais importantes pertence à Raça Morena Mediterrânica. Além disso, a forte dose de sangue africano de nossa identidade antropológica contribuiu poderosamente para salientar certas facetas características do temperamento da Raça Morena, particularmente o aspecto afetivo ou erótico, o seu grande calor emocional e o seu indisfarsável pendor dionisíaco musical.

Três outras teses de grande relevância merecem ser notadas, ao desenvolvermos o presente argumento em torno dos aspectos raciais do problema sobre o qual nos debruçamos. A primeira é que Elliot Smith, em sua obra *The Ancient Egyptians and the Origin of Civilization,* atribui à Raça Morena um papel decisivo na origem da civilização, contrariando frontalmente e com poderosos argumentos históricos as teorias arianistas de Gobineau e de H. S. Chamberlain, os quais dão preeminência cultural aos nórdicos louros. Constata-se efetivamente no Egito, na Mesopotâmia, no vale do Indus, em Creta, nas ilhas do mar Egeu e na Europa Ocidental pré-histórica o papel cultural de primeiro plano desempenhado originariamente pela Raça Morena. Mesmo levando em conta o estímulo que indiscutivelmente representaram, para a extensão e o desenvolvimento da civilização a partir dos meados do segundo milênio antes de Cristo, as grandes invasões dos povos ditos arianos ou indo-europeus — hititas, aqueanos, dórios, italiotas, persas, celtas, germanos, normandos, etc. — é preciso não esquecer que os próprios arianos, ao contrário do que vulgarmente se imagina, não eram nórdicos puros, todos louros soberbos, altos e de olhos azuis. Eram mestiços em cujas veias já corria forte dose de sangue meridional. A maioria da população da Alemanha, Inglaterra e França de hoje não é nórdica, porém morena e alpina. É mestiça.

A segunda proposição que nos impressiona fortemente é que a área de extensão da Raça Morena Mediterrânica corresponde, *grosso modo,* à do reino da Grande Deusa trimórfica. Essa coincidência não parece fortuita. O suposto predomínio da divindade feminina — e quiçá do matriarcado proposto pelos evolucionistas mais exaltados, a partir de Bachofen — ocorreu no momento de maior alastramento geográfico e expansão cultural dos morenos mediterrânicos. A relação entre os dois fenômenos parece ser íntima, direta e relevante. A Raça Morena é a raça dos filhos da Grande Deusa.

Os homens morenos foram os primeiros adoradores da Magna Genitrix e até hoje lhe são fiéis.

A terceira proposição é que foram também três povos do Mediterrâneo — três grandes povos morenos, já mestiçados é bem verdade, de elementos alpinos e nórdicos — que, não obstante a sua descendência próxima da Magna Mater, revelaram o Logos à Humanidade. Esses três povos foram os judeus, os gregos e os romanos. Os primeiros foram os porta-vozes do Deus Único e de sua lei moral. Os segundos deram-nos a Filosofia, na conjugação harmônica do Belo e do Verdadeiro. Os terceiros legaram-nos a idéia de cidadania livre dentro do Império e da Lei.

Nessas condições, a título de generalização hipotética e como fundamento objetivo do argumento psicológico que a seguir vamos desenvolver, podemos apresentar a idéia de que existe uma relação significativa — embora não necessariamente de causa e efeito — entre: a) a extensão geográfica da Raça Morena Mediterrânica no litoral dos mares quentes, ao sul da massa continental eurasiática (Gondwana), e sua expansão pré-histórica e histórica; b) a hipótese do matriarcado primitivo, relacionado com o culto da Grande *Pan-mater;* c) um certo número de características psicológicas que constituem o Complexo Materno, como base do temperamento afetivo dos povos mediterrânicos e latinos; e, finalmente, d) a Revelação do Logos Encarnado no seio mesmo da área onde dominou a Grande Mãe.

Essa hipótese, que leva na devida consideração o grande passado histórico da Raça Morena, não nos deve de modo algum induzir a cogitações quer ufanistas, quer pessimistas quanto ao nosso potencial de crescimento e de criatividade cultural. Sugere, entretanto, certas linhas necessariamente especiais para o nosso Desenvolvimento.

TERRA E SANGUE

A TERRA E O SANGUE. No início de muitos estudos sociológicos sobre o Brasil costumam os autores abordar os temas da Raça e da Geografia. Em alguns casos, os possíveis motivos do atraso econômico do Brasil têm sido relacionados com teorias deterministas racistas ou geográficas. A irrelevância dessas doutrinas tem, em outros casos, sido argumentada. O racismo caiu de moda, depois da catastrófica experiência hitleriana e no calor da revolução americana. Não se pode, porém, dizer o mesmo do determinismo geográfico. A concepção econômica, hoje vulgarizada entre nós e elaborada como esteio de nossa política externa por certos pensadores nacionalistas — que divide o mundo num hemisfério norte, industrializado e explorador, e num hemisfério sul subdesenvolvido e explorado — estabelece uma implícita correlação entre subdesenvolvimento e o clima tropical de Gondwana.

Não é minha intenção fazer aqui nem a crítica nem a defesa de tais teorias. Não pretendo negar as influências da Terra e do Sangue. Elas existem em toda a parte. Destacam-se sobretudo no Brasil onde enfrentamos uma natureza excepcionalmente exuberante, tanto na sua generosidade quanto na sua tenaz hostilidade à civilização humana. Natureza capaz de plasmar o habitante desta terra que representa, reconhecidamente, um dos mais variados e interessantes *pot-pourris* do planeta.

Como o critério com que colocamos a problemática brasileira é psicológico, não nos cabe tocar em Antropologia e Geografia senão na medida em que possam essas disciplinas ajudar à compreensão da

a brasileira. Terra e Sangue constituem *dados* iniciais, elementos de base do problema. Nada mais.

Quando um analista enceta a análise de um paciente, precisa conhecer o ambiente em que nasceu e foi educado, requer informações sobre o *background* dos pais e necessita formar um quadro aproximado de sua constituição biofísica ou tipológica. E esses dados são importantes porque Terra e Sangue representam o fator "natural" da equação de nosso destino: aquele que herdamos da Magna Mater. O fator feminino. O fator *Yin*.

Ao abordar a análise de um paciente coletivo, certas preliminares se impõem. Não as podemos repelir na base de preconceitos, nem sobre elas passar em discreto silêncio. O Brasil é um país tropical. Os trópicos, sobretudo os trópicos úmidos, configuram um ambiente físico que exerce sobre o homem determinadas influências. Não sabemos exatamente de que tipo, mas verificamos empiricamente que elas não têm sido, até hoje, muito estimulantes para a tecnologia industrial moderno. Os altos índices de renda per capita colocam-se, indubitavelmente, ao norte do Câncer ou ao sul do Capricórnio.

No próprio Brasil a verificação é fácil. Os climas temperados do planalto meridional teriam, aparentemente, favorecido a eclosão de um progresso econômico mais rápido do que os climas tórridos do Nordeste e da Amazônia. O fosso econômico e social entre o Brasil Moderno e o Brasil Arcaico — fosso que, seja dito de passagem, é mais profundo do que aquele que separa, por exemplo, o Estado de São Paulo de qualquer nação desenvolvida e industrializada da Europa — denuncia certas correlações climáticas. Não podemos negar essa realidade ofuscante, muito embora seja prematuro tirar conclusões definitivas ou oferecer hipóteses explicativas.

Também não podemos abstrair o argumento contrário: é um fato *histórico* que o Nordeste encabeçou, nos primeiros séculos da colônia, o desenvolvimento do país. Que foi no Norte que se criou a civilização do açúcar. Que essa civilização se tornou possível graças à introdução do elemento africano escravo. Que o Brasil em seguida foi o café, e o café foi o negro; e que sem o negro não teria ocorrido o esplêndido florescimento barroco de Pernambuco, da Bahia e de Minas Gerais. O português, sozinho, não teria conseguido enfrentar o tremendo desafio da natureza tropical. E vencê-la! Sozinho, tampouco teria podido empreender a extraordinária epopéia das Bandeiras, essa conquista que realizou quando seu sangue já estava mesclado com a forte estirpe dos caboclos ameríndios, mais bem adaptados às grandes penetrações pelo interior selvagem.

O fator Raça e o fator Terra estão indissoluvelmente ligados: eis outra constatação inarredável. Ligados no seio da Magna Mater. Houve mestiçagem do branco com o índio e com o negro, porque sem esse hímen inter-racial não teria a terra sido penetrada, nem conquistada, colonizada e aproveitada. A Terra do Brasil é a terra do Homem Moreno, cuja profusão de tons e matizes e feitios corresponde à própria variedade das espécies tanto vegetais quanto animais que a cobrem. O negro africano foi vendido no Brasil, como na região do Caribe e no sul dos Estados Unidos, porque só ali se podia ajustar às condições climáticas. Ninguém jamais pensou trazer escravos africanos para a Patagônia e o Canadá, nem mesmo para o planalto curitibano.

Também o europeu, a cujo influxo potente deve São Paulo e todo o sul do Brasil grande parte de seu progresso — esse imigrante, ao chegar ao Brasil, escolheu naturalmente os estados sulinos porque mais favorável lhe era ali o clima. São conhecidas as tentativas fracassadas de colocar colonos nórdicos em climas tórridos. Clima e pigmentação influenciam-se mutuamente. O calor atrai o negro como o frio atrai o louro. A relação entre a rapidez de pigmentação da pele e a intensidade luminosa é hoje estudada cientificamente, em função das raças. O enraizamento na terra, de ordem afetiva, explica além disso o extraordinário poder de absorção e assimilação, como "a elástica firmeza das fibras de buriti", que o Brasil revela — a facilidade com que transforma em brasileiros todos esses índios pagãos, esses pretos macumbeiros, alemães luteranos, judeus ashquenazis, japoneses shintoístas — gente, em suma, de todas as cores, raças e religiões.

Mas essas constatações históricas, geográficas e antropológicas, quando postas em confronto com certas realidades econômicas, políticas e sociais, em que pesem como explicações relevantes para os especialistas das respectivas ciências, não conduzem a qualquer resultado útil do ponto de vista cultural e psicológico. As tentativas de construir filosofias da história em bases tão problemáticas nunca foram coroadas de sucesso. Tomemos como exemplo uma das mais recentes, a de Arnold Toynbee.

Em seu *Estudo da História*, desenvolveu Toynbee a sua concepção de uma série de flutuações rítmicas, em virtude das quais vivem as sociedades por ele analisadas dentro de um ciclo invariável e uniforme de crescimento, maturidade e desintegração. Tudo por força de uma espécie de maravilhosa dialética de desafio e resposta (*challenge and response*).

Essa dialética toynbiana está, entretanto, contaminada por raciocínio vicioso. Uma sociedade determinada — tomemos como exemplo a dos esquimós — não oferece uma resposta adequada ao meio. Mas que provas teremos de que o desafio não foi de molde a suscitar uma *response* adequada? Precisamente, o fato de que não houve resposta adequada. Os esquimós não progrediram porque não reagiram ao desafio do frio excessivo e a prova que o frio excessivo não é desafio que provoque uma reação de progresso se encontra no fato de que os esquimós não progrediram. Que lógica admirável!

Toynbee argumenta do mesmo modo em relação ao Brasil. Pretende ele que o litoral atlântico da América do Sul apresenta, obviamente fenômenos paralelos: "No Brasil, por exemplo, a maior parte da riqueza nacional, equipamento, população e energia está concentrada na pequena fração deste vasto território que se encontra ao sul do 20.° grau de latitude sul. Além disso, o sul do Brasil ele próprio é inferior em civilizações às regiões mais para o sul, dos dois lados do estuário do Rio da Prata, a República do Uruguai e o Estado argentino de Buenos Aires (sic)." É evidente, conclui Toynbee, "que ao longo do litoral Atlântico da América do Sul, o setor equatorial não é estimulante mas positivamente *relaxing*". O nosso autor prova que o clima do Rio da Prata é um *optimum* com o argumento que ainda mais para o Sul, na Patagônia e na Terra do Fogo, a civilização novamente decai.

Uma tão franca e temerária exposição do determinismo geográfico não deixa de ser estranha num historicista do calibre de Toynbee. Ora, ocorre que, em perspectiva histórica, a única invariável (ou quase) é o clima. Na época do Egito faraônico ou da Babilônia de Nabucodonosor, os climas do Egito e da Mesopotâmia e o da Inglaterra não eram muito diferentes do que são hoje. Havia o mesmo sol no Egito, a mesma secura na Mesopotâmia e a mesma bruma spleenética na Inglaterra. Como explicar então que tenha estimulado os egípcios e os babilônios a uma *response* civilizadora adequada, ao passo que os bretões de então continuavam mergulhados na selvageria da idade da pedra? A civilização antiga foi o produto das terras quentes e só nos últimos mil anos se pode dizer que o frio constitui um "desafio" civilizador. Os climas do norte e do sul do Brasil, assim como o do Rio da Prata, são exatamente os mesmos que eram nos séculos XVI e XVII. Como explicar então que a Bahia e Pernambuco criaram a "civilização do açúcar", ao passo que São Paulo não passava, naquela época, de um burgo miserável de Bandeirantes ansiosos; e Buenos Aires de pouco mais do que

isso? Por que a *resposta* era diferente então, se o *desafio* do clima permaneceu o mesmo? A "explicação" de Toynbee pode ser muito fina e popular, mas que dirá ele se ocorrer um dia, no Brasil, um progresso material maior do que o do que chama ele o "Estado argentino de Buenos Aires"? E será hoje São Paulo inferior em civilização ao Uruguai? A explicação toynbiana é filosoficamente estéril e não oferece base para uma interpretação psicológica válida.

E o que pensar da teoria do desafio racial? O que pensariam os antigos egípcios se, na época em que eram governados pelos faraós negros da dinastia etíope, lhes fôssemos demonstrar que os loiros antepassados de Toynbee ofereciam melhores *responses* culturais às frígidas condições do arquipélago britânico do que os núbios ao calor seco do vale do Nilo?

As constatações de fato, no que diz respeito à incidência dos fatores climáticos e raciais sobre o grau de cultura ou o índice de progresso econômico, são importantes sem dúvida, mas não conduzem a quaisquer conclusões práticas. Se o sul do Brasil, de São Paulo ao Rio Grande, é mais adiantado e mais próspero do que o Nordeste — como de fato é — porque seu clima é temperado e sua população descendente de imigrantes europeus, então o único remédio que podemos oferecer é fortalecer a Sudene com seus incentivos fiscais.

Os determinismos são um beco sem saída. * Um sofisma. É evidente que representam constantes de uma equação em que existem outras variáveis mais interessantes. *Não podemos mudar o clima do Brasil mas podemos mudar seu grau de civilização.* Se três quartas

* A teoria da influência do clima e, por extensão, do meio geográfico sobre o caráter nacional e as instituições políticas está ligada à concepção do que Eric Voegelin denomina a "Ordem Cosmológica" do Oriente. Tal concepção, com suas raízes astrológicas na antiga Babilônia, difundiu-se por todo o mundo clássico na época helenística, por influência sobretudo de Ptolomeu. Vale dizer que constitui uma expressão do paralelismo mágico entre a ordem cósmica e a ordem política terrena. Para Ptolomeu, as constelações zodiacais e os planetas influenciavam as doze regiões terrenas correspondentes, sendo os climas terrestres por sua vez determinantes do caráter das nações. "A geografia astrológica", escreve Voegelin, "expandira-se numa psicologia e numa etnografia astrológica". A concepção ptolomaica persistiu durante toda a Idade Média e, não obstante a revolução coperniciana e os grandes descobrimentos marítimos, foi transformada e adaptada nos séculos XVI e XVII, encontrando novo vigor no *Methodus* de Bodin — sobrevivendo através de famosos intermediários, como por exemplo Montesquieu, até a época moderna.

partes do território nacional sofrem de um clima sufocante, mais propício à siesta do que ao trabalho industrial ou à pesquisa científica, temos que nos resignar a esse handicap, enquanto nos balançamos suavemente em rede nordestina, abanando-nos com um leque... até que aparelhos de ar condicionado obtenham mais larga difusão. A civilização européia também foi possível além dos Alpes porque se descobriu a lareira no inverno. De qualquer forma, não será o ar condicionado apenas que resolverá o problema dialético do desafio e da resposta cultural. O progresso e a cultura são obra de uma determinação humana consciente, não do "Estudo" de Toynbee.

Toda coletividade, como todo indivíduo, nasce com certas características físicas, certos dons, certas taras e uma tipologia física e psicológica determinada. Esses dons, taras e características, recebidas dos nossos antepassados segundo as leis da hereditariedade, constituem um dado inicial da nossa condição humana, ao qual se acrescentam as influências ambientais que passivamente sofremos nos anos da nossa aprendizagem infantil, de parte de nossos pais e do meio social que nos educa. Somos frutos de nossa Família e de nossa Casa. Uma vez maduros, pouco podemos fazer para modificar tais condições — aquelas com as quais nos gerou a Magna Mater. A filosofia nos ensina, entretanto, a aceitar como uma realidade existencial (*Dasein*) aquilo que somos *hic et nunc*, aqui e agora. É o que os gregos chamavam *Anankê* — a Necessidade. O que importa é saber o uso que vamos fazer do patrimônio físico e mental com que fomos involuntariamente lançados à existência neste nosso estranho planeta. A psicologia analítica nos ensina, por outro lado, a procurarmos obter a consciência correta e tanto mais profunda e autêntica quanto possível, de tais condições. O conhecimento de nós próprios contribui, essencialmente, para o sentido que desejamos dar à nossa vida. Só a partir de uma tal consciência da nossa realidade *atual* é que podemos encetar um desenvolvimento conforme a nossos caros desejos, nossos sublimes ideais e nossos "objetivos nacionais permanentes".

Estamos tomando uma posição que se poderia chamar, se quiserem, de fenomenológica. O objetivo é a investigação intuitiva direta e a descrição das reações do comportamento do brasileiro, tal como as podemos experimentar subjetivamente no convívio social, sem procurar uma explicação causal para esse comportamento, nem

tampouco fundamentar nossas observações em teorias preconcebidas ou pressuposições determinadas pelas ciências naturais empíricas.

Se assim é, os dois dados fenomenológicos iniciais de nossa posição existencial coletiva são *esta* Terra tropical e *este* Sangue moreno da nossa gente mestiça.

Que implicações psicológicas acarretaria uma tal realização inicial de nossa condição coletiva? E, para começar, que relevância possuem então os fatores da Terra e do Sangue sobre o temperamento, o caráter e o desenvolvimento cultural do povo brasileiro?

Em poucas palavras, poderemos oferecer as seguintes respostas iniciais: num povo em estado inicial de desenvolvimento como o nosso, um povo "jovem" numa terra ainda parcialmente virgem, um povo cuja história apenas se inicia e cuja demografia imatura se caracteriza, ela própria, pelo índice de extrema mocidade, a influência mesológica da Terra será tanto mais poderosa. Ora, esta Terra, na sua exuberância transbordante, englobante e pesadamente envolvente, este nosso habitat que, seguindo Spengler, é para nós uma "força cósmica, misteriosa, que enlaça num mesmo ritmo os que convivem estreitamente unidos" — esta nossa paisagem é o dado que constela, mais talvez do que em qualquer outra parte do mundo, os conteúdos arquetípicos da Magna Mater telúrica. Foi por esse motivo que encetamos o nosso estudo com um capítulo sobre as Mães — elas cujo predomínio em nossa alma revela justamente o estado de passividade em que ainda nos deparamos.

Nascemos com certas características de temperamento, certa índole, certas feições, modos, maneiras, hábitos, a nota afetiva dominante, a fisionomia mental, a intuição vivaz, o dom musical e lúdico, a propensão artística antiintelectual, o pendor cordial e erótico. Sendo esse caráter tal que só um longo processo educativo e a própria dura experiência histórica da nacionalidade poderão, a longo prazo, ir modificando segundo modelos cujo esboço é impossível prever, mas que se configurarão em paradigmas conforme a nossa vontade consciente, politicamente expressa.

A psicologia ainda não conseguiu determinar os pesos respectivos — na formação do caráter de um indivíduo adulto — dos fatores inatos ou hereditários, em relação aos traços que foram adquiridos na infância e na crise da adolescência. Tampouco conseguimos, numa coletividade, determinar em que medida precisa o tipo nacional resulta de uma combinação de fatores temperamentais hereditários dos indivíduos que a compõem (Raça), em confronto com os fatores culturais ou psicossociais de sua formação histórica.

Essa imprecisão, na realidade, não importa muito. O que vale é apenas reconhecer que a Terra prevaleceu com esta ou aquela possível influência geofísica; e que o Sangue — o sangue branco, preto, índio, moreno, mestiço — deu aqui um pendor preguiçoso e sensual, ali aventureiro e utópico, mais além introvertido e desconfiado; na Bahia um cenáculo de retórica florida e de calor humano; no Rio Grande do Sul uma partida extrovertida e pugnaz de campeadores; no Ceará a "raça forte" cabocla de Euclides da Cunha; no Rio de Janeiro uma escola carnavalesca, cética e bem-humorada; em São Paulo ou Paraná, uma fazenda, um escritório, uma usina altamente sofisticada. Terra e Sangue. Correlações misteriosas. Ainda largamente desconhecidas.

III

OS TRÊS MITOS DA TERRA

"VISÃO DO PARAÍSO"
(*Primeiro Mito*)

Ao sair da Idade Média, em um Mito projetou a Europa renascentista o desejo imemorial da Humanidade de retorno ao seu passado uterino. A mentalidade antiga — hebraica, iraniana e grega — sempre fora fascinada pela crença em uma remota Idade de Ouro, da qual decaíra o homem. A grande conquista histórico-espiritual do Cristianismo granjeou ao homem a esperança transcendente de realizar, *no futuro,* esse seu ardente anseio. Na visão paradisíaca do Renascimento os dois fatores, o clássico e o judeu-cristão, se fundem: a nostalgia da Idade de Ouro e a esperança de Salvação, combinando-se num poderosíssimo ímpeto que motiva os europeus para a colossal tarefa das grandes navegações. O Mito projeta-se sobre as novas terras descobertas da América.

A crença na proximidade do Paraíso na Terra Prometida da América configura, assim, uma fantasia universal característica da epopéia iniciada no século XV. E se não no espaço, pelo menos no tempo, há de perdurar como um dos parâmetros de nosso desenvolvimento psicocultural. *

---

* Como bem demonstrou o ilustre historiador e sociólogo paulista Sérgio Buarque de Holanda, em sua erudita obra *Visão do Paraíso,* a "geografia fantástica do Brasil, como do restante da América, se tem como fundamento, em grande parte, as narrativas que os conquistadores ouviram ou quiseram ouvir dos indígenas, achou-se além disso contaminada, desde cedo, por determinados motivos que, sem grande exagero, se podem considerar arquetípicos. E foi constantemente, por intermédio de tais motivos, que se interpretaram e, muitas vezes, se 'traduziram' os discursos dos naturais da terra".

Leonardo Olschki, em *Storia Letteraria delle Scoperte,* explica tais sonhos otimistas dos descobridores como a realização de um esquema imaginativo que Dante bebera em longa tradição, transfigurando-a em sua fantasia e em seu estilo. Aproximando-se das margens do Paraíso, vagueia o poeta no canto XXVIII do Purgatório, à procura do objeto maravilhoso pressentido desde o início da *Divina Comédia*:

Vago già di cercar dentro e dinterno
la divina foresta spessa e viva,
ch'a li occhi temperava il novo giorno,
sanza piu aspettar, lasciai la riva,
prendendo la campagna lento lento
sur per lo suol che d'ogni parte auliva.

"Infinitas na literatura medieval são as variantes desse motivo, que reaparece nas descrições do paraíso, dos jardins de amor e delícias, de uma natureza hirta, entre árvores sempre verdes e pássaros sempre músicos, a viver numa primavera constante."

Os homens da Idade Média herdaram dos antigos a suspeita da existência real de terras estranhas para além do Oceano, onde se localizavam esses sonhos. Desde a Última Thule ao norte até a Atlântida ao sul, a crença atravessou os séculos. Várias versões medievais são notáveis, como a de Cantrevs de Dyfed dos Galenses; a da cidade de Ys e da Ile Verte dos Bretões; a do país de Lyonesse dos habitantes de Cornwall; e, finalmente, as ilhas Bem-Aventuradas de São Brandão, e a *Hy Brasil* ou *Bresaíl* dos irlandeses. É a "ilha Brasil" cuja versão, comprovadamente anterior ao nosso descobrimento, lança sérias dúvidas sobre a explicação vulgar das origens do nome de nosso país.

A imaginação medieval não distingue claramente a fantasia onírica da informação aleatória. O que simplesmente faz o Renascimento é secularizar o sonho bíblico, repaganizar a imagem edênica e ativar o movimento espontâneo para realizá-la. Um forte impulso é dado à aventura pelos elementos revividos da utopia clássica: Idade de Ouro, Jardim das Hespérides, Atlântida platônica. A epopéia das grandes navegações ibéricas pode ser concebida como uma procura intensiva e bem organizada do Paraíso terreno, fundindo por assim dizer o mito saudosista com a esperança futurista — no primeiro grande empreendimento utópico da Civilização ocidental.

A ânsia do maravilhoso e do delicioso não se impôs originariamente apenas à ingenuidade e credulidade da gente humilde, dos

marinheiros, mercadores e camponeses que primeiro chegaram à terra. O sonho abala os navegadores antes mesmo de seu desembarque na costa da Bahia. Inspira os descobridores espanhóis como, antes deles, talvez, os irlandeses e, depois, os franceses e ingleses. Cristóvão Colombo escrevera aos Reis Católicos, após atingir a Hispaniola, que ia mandar "descobrirlo todo hacia aquellas partes" ... isto é, à região ao norte do rio Amazonas. Pois, afirmava convicto, ... "Y entre tanto que vengan a noticia esto destas tierras que agora nuevamente, tengo asentado en el ânima que alli es el *Paraiso terrenal*, irá al adelantado con tres navios bien ataviados para ello à ver más adelante".

O gentio encontrado em tais paragens, ainda segundo o almirante genovês, é "de amor y sin cudicia, y convenible para toda cosa, que certifico a Vuestras Altezas que en el mundo creio que no hay mejor gente ni mejor tierra: ellos aman a sus prójimos como à si mismos (!), y tienen una habla la mas dulce del mundo, y mansa, y siempre con risa. Ellos andan desnudos, hombres y mujeres, como sus madres los parieron" ...

Alinhando-se pela crença de Colombo e de seus marinheiros, Américo Vespúcio, na carta Bartolozzi de 1502, descreve o seu *Mundus Novus* com tintas tão lisonjeiras que sua pena assim contribui para que o continente lhe mereça o nome. Conforme observa Buarque de Holanda, Vespúcio reproduz quase todos os lugares comuns das descrições medievais do deleitoso horto. O italiano admira-se com o bem proporcionado dos corpos dos índios e com sua "nudez paradisíaca, sem distinção de sexos". Acrescenta que se lhes deve atribuir uma filosofia epicurista.

A crença é porém universal. Em 1599, Richard Hakluyt, descrevendo *As Principais Navegações*, afirma que "o Paraíso terrestre está sob a linha equinocial ou a pouca distância dela, e é o único sítio deste mundo onde reina a perfeição".*

Se a "ilha Brasil" teria realmente sido, segundo Jaime Cortesão, imaginada pelos navegadores lusos do século XV como um mito geopolítico, destinado a desviar para o oeste a sua rota logicamente mais curta para a Índia oriental. E se desse desvio resultou a descoberta do Brasil, resultou também, desde que Southey se referiu ao

* *And in conclusion, it is now thought that no where else but under the Equinoctiall, or not farr from thence is the Earthly Paradise, and the onely place of perfection in this world!*

fato de o incidente haver ocorrido "por acaso", uma infinidade de discussões eruditas entre os nossos historiadores.

Mas se as grandes explorações marítimas podem ser de certo modo assimiladas, como pensa Sérgio Buarque de Holanda, a uma "vasta empresa exorcística do tosco realismo português", essa interpretação não contradiz a tese de uma secularização real do velho anseio cristão pelo estado de bem-aventurança. Tal esperança é apenas transmudada, graças ao espírito extrovertido do Renascimento o qual projeta o sonho místico de um passado remotíssimo sobre um futuro imediato, num lugar determinado, de sensações concretas. A projeção é alimentada pela ativação dos poderosos conteúdos inconscientes do mito cosmogônico. Estes irão colorir a imagem da nova terra na mente dos rudes descobridores e é nas praias da Bahia que a imagem arquetípica há de adquirir toda sua poderosa característica de vivência coletiva. A Visão do Paraíso.

Na cosmogonia brasileira o Primeiro Mito da terra evoca portanto o quadro delicioso de uma praia tropical, um jardim edênico habitado por homens bons e mulheres nuas.

Na verdade, a primeira impressão que assaltou os portugueses ao desembarcarem foi de encantamento pela beleza maravilhosa do litoral e pelo que parecia suavidade inata dos indígenas encontrados. Uma tal impressão de otimismo é bem expressa na famosa carta de Pero Vaz de Caminha, anunciando a descoberta a el-Rey e Senhor.

Os portugueses desceram à terra. Foram imediatamente envolvidos pela sedução do ambiente. Extasiados, beberam a beleza destas alvas praias, imaculadas, destes verdes mares bravios que brilhavam como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, da elegância dos coqueiros e palmeiras onde canta o sabiá, da profundidade e transparência de um céu de azul limpíssimo. Maravilharam-se com a vegetação luxuriante, com a aparente fertilidade do solo num mundo de germinação prodigiosa. Aquelas palavras de Pero Vaz de Caminha sobre a terra descoberta soam ainda aos nossos ouvidos modernos como um condicionamento permanente do nosso desenvolvimento nacional: "em se querendo aproveitá-la, dar-se-á nela tudo"... Até hoje!

O espanto perante o esplendor da natureza tropical tem quase invariavelmente sacudido os europeus em seu primeiro contacto físico com as praias do trópico. "Essa terra é uma grande e selvagem estufa, luxuriante e desordenada que para si própria fez a Natureza", escreveu Charles Darwin. Visitando a floresta adentro de Salvador, vivendo alguns dias na enseada de Botafogo, gozando este ambiente estimulante da imaginação ao subir o Corcovado, Darwin descobriu no Brasil a última página do Gênese ("ainda a escrever-se", como pensava Euclides da Cunha). E não cessou de admirar as maravilhas vegetais e animais de uma terra primária que o inspirou a elaborar a teoria da *Evolução das Espécies* e da *Luta pela Vida.*

Oitenta anos mais tarde, o conde Herman de Keyserling irá de novo descrever a América do Sul em termos de Gênese: Continente do Terceiro Dia da Criação. Foi nesse Terceiro Dia que Deus ajuntou as águas debaixo dos céus, num lugar, e apareceu a porção seca, que foi chamada de terra. E disse: "produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente está nela sobre a terra". "E a terra produziu erva, erva dando semente conforme a sua espécie e árvore frutífera, cuja semente está nela conforme a sua espécie."

A América do Sul é mosto ou fermento da Criação. O contacto com a natureza é aqui direto, violento, dominador. Mais do que em qualquer outro lugar do mundo a imaginação se fixou aqui nas formas da natureza. "Nenhum continente, escreveu Keyserling, produz um número tão enorme de ervas medicinais, de venenos, de plantas nutritivas. Em parte alguma se mostra o mundo das plantas e do sangue frio tão rico e tão invasor — rico em todos os sentidos da palavra. A pele dos sapos brasileiros possui faculdades que poderia invejar o maior gênio técnico e medicinal. O Amazonas hospeda, ao que se diz, mil e cem espécies de peixes que só lá existem; e as florestas virgens que lhes cobrem a bacia são habitadas por espécies de pássaros e de insetos quase tão numerosas quanto as que vivem no resto do mundo."

Mas sobretudo, nessa atmosfera de puro sopro afrodisíaco, a alucinante nudez dos índios pareceu aos europeus tão natural como a evocar nostalgicamente Adão e Eva no Paraíso: "A inocência de Adão não seria maior quanto à vergonha", acentua Pero Vaz de Caminha. As mulheres nuas entregavam-se aos marinheiros com abandono delicioso. É que, pensa o escriba, essas moças eram "novinhas e gentis", "tão bem feitas e tão redondas", "com os cabelos muito pretos e compridos pelas espáduas e suas vergonhas (que não tinham) tão altas e cerradinhas, e tão limpas de cabeleira que, de as muito bem olharmos, não se envergonhavam"...

É preciso compreender e avaliar o elemento de erotismo primitivo na formação do Brasil, o fator libidinoso que constitui quiçá, com o ócio, uma das determinantes iniciais da nossa psicologia coletiva. Ninguém melhor do que Paulo Prado soube salientar a lascívia do branco, solto na terra estranha. Sua excitação respirando aquele ar úmido e como que até então irrespirado. Sua volúpia sofrendo a sedução dos trópicos e vivendo intensamente uma nova vida animal, inteiramente ligada ao solo.*

Anchieta e os outros missionários jesuítas que procuravam forçar um semblante de ordem moral nessa terra virgem, desesperavam-se com o estado de coisas: "las mujeres andan desnudas y no saben negar a ninguno, mas aún ellas mismas acometen y importunan los hombres, achando-se con elles en las redes; porque tienen por honra dormir con los blancos"...

Quase todos nossos historiadores e sociólogos observaram essa reação natural do marinheiro português, após os perigos e jejum da longa travessia atlântica. Com a ausência de preconceitos raciais e de inibições morais num povo já muito acostumado ao contacto com os Mouros de pele escura — tudo conspirava para exaltar-lhes a concupiscência. Daí veio o dito famoso: *ultra aequinoctialem non peccavit* — "além do equador não há pecado" — dito que reflete evidentemente uma condição anterior ao inoportuno aparecimento da serpente satânica... Uma condição de Inconsciência, de inexistência de sentimento de culpa, de desconhecimento da discriminação entre o Bem e o Mal. **

* "Tudo favorecia a exaltação de seu prazer", escreveu nosso brilhante retratista, "os impulsos da raça, a malícia do ambiente físico, a contínua primavera, a ligeireza do vestuário, a cumplicidade do deserto e, sobretudo, a submissão fácil e admirativa da mulher indígena, mais sensual do que o homem como em todos os povos primitivos, e que em seus amores dava preferência ao europeu, talvez por considerações priápicas, insinua o severo Varnhagen."

** Keyserling também notou a hipertrofia da sensualidade, condicionada por influências telúricas e atmosféricas, todas atuando no mesmo sentido: "o ambiente do Rio de Janeiro é um puro afrodisíaco e a atmosfera dos bosques virgens é por toda a parte sobreexcitante". A Magna Mater revela a sua presença dominante ao despertar em seus filhos um apetite sexual frenético, que se manifesta logo à adaptação dos imigrantes ao novo solo. "Cria o espírito da paisagem potência e fecundidade extraordinárias."

Em sua obra sociológica sobre a época colonial, aborda Gilberto Freyre a sociedade da monocultura latifundiária e escravocrata que também descreve como entorpecida pelo gozo e pelo ócio, com o domínio sexual do grande Senhor de Engenho. As condições de clima, de raça e de produção favoreciam, segundo nosso autor, a eclosão de uma verdadeira "patologia social" do langor lascivo.

O mito do Paraíso de homens nus, vivendo na liberdade irresponsável do prazer e do ócio, vai permanecer como uma constante de nossa literatura e de nossa vida coletiva. Será também o núcleo formador da sociedade erótica que se organiza no período colonial, dentro de uma tessitura de laços libidinosos e irresponsabilidade moral. Essa sociedade onde, segundo a descrição otimista do cronista, "tudo eram delícias; e não parecia esta terra senão um retrato do terreal paraíso ..."

O mito do Paraíso tropical reflete crenças renascentistas adaptadas aos episódios do descobrimento da América. Do Novo Mundo, porém, retorna à Europa, depois de adquirir uma nova coloração, e da Europa volta ao Brasil onde o ambiente é sempre propício a seu acolhimento entusiástico.

Os índios brasileiros apareceram na corte do rei de França. Jean de Léry escreve da América sobre os índios. Montaigne a eles se refere. A visita ilustrou um outro mito correlato que começa a surgir, para alcançar seu fastígio na obra revolucionária de Jean-Jacques Rousseau, o mito do "Bom Selvagem" ou da bondade natural do homem — nova metástase da heresia antinômica. Rousseau proclamaria o seu grande princípio que "a natureza fez o homem feliz e bom — mas a sociedade o depravou e tornou miserável" — princípio destinado a frutificar de maneira surpreendente, até tornar-se um dos pilares do romantismo, deixando um impacto ilustre e poderoso sobre a história cultural do Ocidente até nossos dias. No Brasil, daria nascimento a outra definição ingênua do brasileiro: "o homem bom" ...

No século passado transfigura-se o índio num símbolo nacionalista. A literatura, com José de Alencar e Gonçalves Dias à frente, exaltou a sabedoria do cacique morubixaba, Iracema de lábios de mel, o nobre selvagem Peri que amou Ceci como o não faria um gentleman britânico, e o guerreiro Tamoio que é bravo e é forte e filho do norte. O tropicalismo anárquico do movimento modernista não prescinde da simbologia romântica. Mesmo a "antropofagia" literária utiliza galhofeiramente o protótipo indígena.

Mas a influência será quiçá mais extensa. Sua força evocativa deixará marca no utopianismo de fundo político de nossos dias. Assim também ajudará a constelar a utopia do "Novo Mundo", Canaã ou Terra Prometida para os perseguidos e os abandonados, os aventureiros e os miseráveis esperançosos da Europa — desencadeando o grande movimento migratório que povoará a América e dela fará o principal *habitat* da raça branca.

As condições edênicas imaginadas na terra virgem são sempre as mesmas: o amor, a inocência, a ausência de dor e de morte, o solo ubérrimo onde "plantando, dá", o bosque de árvores aprazíveis numa atmosfera que embriaga e tonteia, as boas e opíparas comidas, as frutas deliciosas que caem da árvore ao tocar da mão, as flores que espantam pelo odor e colorido deliciosos. Sobretudo o ócio, a preguiça magnífica, a indolência como condição normal da existência, quando todos os desejos são satisfeitos, sem esforço, pela dádiva gratuita de uma Natureza-Mãe prolífica,

vários deleites e infinitos
que afeminam os efeitos generosos

— como já lamentava Camões.

É o *ivey marãei*, a "terra sem mal" dos índios tupis, que por ela estavam conquistando o Brasil e que a nossa literatura colonial adota como inspiração. A terra adorada, cheia de encantos mil, que até hoje nos embala e por cujo motivo nos ufanamos do Brasil. O solo a tal ponto generoso que acabamos por atribuir a Deus a nossa própria nacionalidade.

Na *Crônica da Companhia de Jesus* do padre Simão de Vasconcelos, o argumento de São Tomás de Aquino para colocar o paraíso debaixo da linha equinocial será invocado para exaltar as bondades e excelências que fazem do Brasil, entre as regiões equatoriais, "a mais perfeita habitação dos homens". Symão Estácio da Sylveira, em sua *Relação Sumária das Cousas do Maranhão*, também afiançará que, "deste clima e deste terreno debaixo da zona tórrida (de que os antigos não tiveram notícia, e foram de parecer que seria inabitável), depois que a experiência mostrou o desengano, houve autores que imaginaram que aqui devia ser o Paraíso de deleites, onde nossos primeiros Pais foram gerados".

Pouco mais tarde, Sebastião da Rocha Pita, na *História da América Portuguesa*, procurará mostrar uma erudição clássica ao exclamar: "Deixe a memória o Tempe de Thessália, os pensis de Babilônia e os jardins das Hespérides, porque este terreno em continuada primavera (refere-se à Bahia) é o vergel do mundo, e se os antigos o alcançaram, com razão podiam pôr nele o terreal Paraíso, o Lethes e os Campos Elísios, que das suas inclinações lisonjeadas e reverentes, as suas pátrias fantasiaram em outros lugares".

O tema do bom clima e da pureza do ar é acentuado, aliás, prematuramente, por Pero de Magalhães Gandavo na *História da Província de Santa Cruz*. A terra é ali apreciada como "muito salutífera e de bons ares, onde as pessoas se acham bem dispostas e vivem muitos anos; principalmente os velhos têm boa disposição e parecem que tornarão a renovar, e por isso se não querem tornar às suas pátrias, temendo que nelas se lhes ofereça a morte mais cedo". É o tema da saúde e imortalidade paradisíacas, "voltando a Matusalém", também inerente à visão paradisíaca — como assinala Buarque de Holanda.

O mesmo motivo que será repetido no *Diálogos das Grandezas do Brasil*, onde é elogiada "a terra tão sadia e de tão bons ares"... "como é a terra do Brasil", cuja natureza é "acostumada a tão excelente habitação e temperamento", pois "o calor que nela causa o sol do dia é temperado com a umidade da noite". O que é explicado porque "Saturno e Diana, planetas por qualidades frios, fazem nestas partes mais influências para se comunicarem nelas por linhas retas". E aludirá Brandônio, finalmente, aos "autores que querem afirmar estar nesta parte situado o paraíso terreal"...

A tradição otimista e ufanista desses autores da época colonial persistirá, como uma constante, na literatura brasileira, especialmente na que floresce com o romantismo. Os românticos cantarão patrioticamente as belezas e bondades do Brasil. Outros escreverão ensaios encomiásticos, dos quais o mais característico é o de Afonso Celso cujo título designará todo o movimento. Estes versos de Olavo Bilac simbolizam, na poesia deste século, a visão ufanista de nossa terra edênica:

> Boa Terra! Jamais negou a quem trabalha
> O pão que mata a fome, o teto que agasalha,
> Quem com seu suor a fecunda e umedece,
> vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece.

Bom clima. Boa gente. Lindos corpos. Boas comidas também. À doçura do ambiente tropical deverá corresponder a doçura do alimento. Donde o cultivo do açúcar que, após a exploração do pau-

-brasil, desencadeará o segundo ciclo econômico do país. A concupiscência carnal juntar-se-á a gula ou gulodice. "Bem cheio de pecados nasce esse doce", já refletia o padre Fernão Cardim, referindo-se à cidade do Salvador. Aí, comentava o sacerdote, "os encargos da consciência são muitos e os pecados que se cometem não têm conta"...

Na sociedade erótica e prolífica que se estabiliza em Pernambuco e na Bahia, no século XVII, os Senhores de Engenho, as iaiás e sinhô-moços, as sinhazinhas e os meninos, os próprios moleques e as negras serão preguiçosos e gulosos por doces e comidas açucaradas. Todos gulosos e sensuais. Na Casa-Grande da civilização do açúcar, a ociosidade molenga e melosa caracterizará a vida, num ambiente de harém oriental onde engordarão as esposas brancas e as concubinas negras para a satisfação de maridos e senhores, enquanto falarão mal da vida alheia e comerão guloseimas, "deleites turcos" e comidas apimentadas. *

Que a gula e o ócio tenham efeitos psíquicos, ou que sejam pelo menos uma expressão de determinada organização psíquica, eis que Dom Domingos de Loreto Couto, monge beneditino do século XVIII também citado por Gilberto Freyre, já explica com as concepções da época: "será assim que a continuada e demasiada comida de doces (aumenta o humor colérico), mas a experiência nos mostra que pessoas muito amigas de doces são fleumáticas; e talvez que da abundância desse humor proceda aquela preguiça que a tantos reduz a um miserável estado". O monge conclui com a afirmação de que o humor fleumático, "predominando no homem, o faz em tudo vagaroso, descansado, tardo, sonolento e preguiçoso".

Sensualidade, glutonaria e ócio — eis o tríplice alicerce paradisíaco da sociedade que se criará na época colonial, ao longo de todo o litoral atlântico do Amazonas ao Rio de Janeiro, passando pelo Nordeste. A sensualidade de um grupo humano ordenado exclusivamente na base do erotismo. A gula de uma economia organizada em torno do cultivo do açúcar. A pachorra de um Estado escravocrata cujo senhor não precisará senão levantar o chicote para obter seu sustento.

Vida do Pará
Vida de descanso
Comer de arremedo
Dormir de balanço.

Sensualidade, indolência e glutonice, aliás, mutuamente relacionadas. São traços que persistirão em uma população litorânea vivendo na magia do mito edênico e balouçada ao colo da Mãe Negra, a gorda e risonha Magna Mater de imensos seios, nádegas disformes e prodigioso ventre.

Quatrocentos anos passaram desde o início da colonização mas a Visão edênica persiste sobre o litoral brasileiro. O Rio de Janeiro desenvolveu-se sob uma auréola alucinante, desde o posto fortificado contra os franceses, fundado por Estácio de Sá, na Cidade Maravilhosa que pretende reconstituir o paraíso tropical à imagem dos tempos modernos. O Rio é como uma encantada praia das fabulosas ilhas dos Mares do Sul, recanto sibarítico segundo modelo de Miami, das Baamas e da Côte d'Azur. O calor é tórrido e úmido. Mas as praias oferecem alívio e Copacabana adquiriu reputação internacional como centro de sensualidade agitada e *dolce vita.* Triunfa a filosofia epicurista, como se todos os cariocas fossem discípulos de Aristipo de Cirene que, na antiga Alexandria, pregava o perfeito gozo de cada *monochronos hedone*, de cada momento de prazer.

Em parte alguma do mundo, provavelmente, uma população tão vasta e tão concentrada dedica-se tão obsessivamente a atividades de mero consumo. O fascínio do Rio de Janeiro reside nesse conflito verdadeiramente insolúvel entre o ideal paradisíaco de ócio, sensualismo e festa, de um lado; e as exigências tumultuárias mal satisfeitas de uma grande metrópole moderna em espantoso crescimento, do outro.

As tensões geradas pelo conflito são resolvidas no grande paroxismo dionisíaco da folia carnavalesca em que vive permanentemente a cidade, emprestando também ao carioca gozador aquele tempera-

* Nos seus estudos sobre o Nordeste, reserva Gilberto Freyre um lugar de importância considerável à arte culinária. Dir-se-ia que considera a cozinha o santo dos santos da família escravocrata. A cozinha e a cama, os altares da sociedade erótica. A libidinosidade da boca e do sexo, que equivale psicologicamente à extroversão da função de sensação combinada com a função afetiva, lhe constitui a dinâmica essencial no "estágio bucal" da sexualidade. O mestre de Apipucos enche páginas e mais páginas falando-nos de bolos, doces, pudins, quindins, goiabas, queijadinhas, suspiros, cocadinhas, de vatapás, moquecas, carurus, acarajés e toda aquela imensa arte do *gourmet* baiano, à base de azeite-de-dendê, de origem africana — onde o picante e o doce criam um ritual ambivalente da comida e do paladar. Uma verdadeira liturgia inteiramente dirigida para a engorda dos reprodutores de ambos os sexos.

mento displicente, cordial e humorista que tanto o distingue, na sua simpatia.

A Visão do Paraíso — a imagem mirífica da "boa vida", "só, na noite, ser feliz: um sabiá, uma palmeira, longe" — como no verso de Carlos Drummond de Andrade — ao lado de uma morena de Ipanema tentadora e provocante, lábios de mel e olhos de ressaca, seios durinhos, cintura de vespa, ancas largas, reboladas, um samba tocando no transistor e, pela frente, a ausência de qualquer obrigação ou qualquer responsabilidade — o ócio do prazer! — eis o que chamaríamos o Festival Tropicalista, o sonho litorâneo que é o nosso primeiro mito do Brasil.

Em outros ensaios da presente obra analisaremos em que sentido esse ideal se prende essencialmente à psicologia do *puer aeternus*, do adolescente gozador e indolente que se recusa a abandonar o aconchego meloso do colo materno. A Visão do Paraíso constitui sem dúvida o maior obstáculo ao amadurecimento da coletividade nacional. Mas é desde logo a faceta primeira do grande motivo telúrico sob cuja inspiração foi descoberto o Brasil, sob cujo ânimo foi colonizado no litoral e sob cujo poder tem sido idolatrado como terra abençoada de um "homem bom".

INFERNO VERDE
(*Segundo Mito*)

QUANDO, PORÉM, pensou o colonizador em abandonar as costas e penetrar terra adentro, esvaeceu rapidamente, qual miragem ilusória, o sonho afrodisíaco das praias onde havia desembarcado.

Revelou-se-lhe então, estarrecido, a hostilidade da floresta: as febres, os mosquitos, as serpentes, as piranhas, as chuvas diluvianas, o mato grosso impenetrável, todas as armadilhas dos trópicos. E os índios bravios, de atalaia. Não homens bons e inocentes como antes se pensava, porém canibais embrutecidos e sedentos de sangue cuja animosidade crescia à medida que assistiam a esses intrusos transpor os limites de suas reservas de caça.

O próprio Colombo, que pensara descobrir no "novo mundo" o Paraíso terrestre, surpreendeu-se repentinamente com as notícias de "hombres de um ojo y otros con hocicos de perros que comian hombres, y que en tomando un lo degollaban y le bebian su sangre y le cortaban su natura". A contrachapa das fantasias renascentistas era a alucinação dos monstros e prodígios horrorosos de que também nos dão ciência os escritos da época. A antítese das esperanças edênicas foi configurada pelo temor pânico dos mistérios do além-mundo tropical.

Foi assim que se criou o segundo mito do Brasil — o do Inferno Verde.

O homem branco, apanhado de surpresa pela floresta, sentiu-se oprimido pela natureza vegetal, obcecado pelo verde da mata. Como na "Ode Pessimista" de Rodrigo Mello Franco de Andrade, "aqui há um derrame desmedido de verde. Verde profundo de frondes, verde frívolo de parasitas, verde jovial de folha tenra, verde pisado de

folha seca, verde franco de jabotás e de perobas, verde dúbio de timbaúbas, verde atrevido de cipós, verde monótono, verde redundante. Na mataria, assim, indefinidamente verde, verde, repousam minhas pupilas ofuscadas". *

Ao procurar analisar esse ambiente englobante da floresta brasileira, acentua Miran de Barros Latif que "a incrível variedade das espécies coexistentes — pelo seu grande número, pequeno tamanho e entremeamento — dão ao trópico um caráter caótico que o calor e a umidade ainda reforçam, amolecendo e aglutinando, num sentido exatamente contrário ao do frio e da secura, que tendem a endurecer e separar. Adquire assim o trópico uma certa pastosidade, mais conformável do que conformante, e tão sem direções privilegiadas que pode ser comparável a um líquido. Só uns conseguem sobrenadar, enquanto que a maioria soçobra, resignadamente". Tavares Bastos já havia observado que "a sensação de profunda melancolia que se apodera do espírito nos adverte que estamos dentro das mais densas solidões do mundo". Claude Lévi-Strauss julga também o sertão brasileiro o ambiente mais hostil ao homem que existe sobre a superfície do planeta.

* Ninguém melhor talvez do que Ferreira de Castro, em seu romance *A Selva,* soube descrever o pasmo e terror da floresta em que se perde o europeu: "Era um aglomerado exuberante, arbitrário e louco, de troncos e hastes, ramaria pegada e multiforme, por onde serpeava, em curvas imprevistas, em balanços largos, em anéis repetidos e fatais, todo um mundo de lianas e parasitas verdes, que fazia de alguns trechos uma rede intransponível. Não havia caule que subisse limpo de tentáculos a expor a crista ao sol; a luz descia mui dificilmente e vinha, esfarrapando-se entre folhas, galhos e palmas, morrer na densa multidão de arbustos, cujo verde intenso e fresco nunca esmorecera com os ardores do estio. Primeiro, era a folhagem seca, que cobria o chão, apodrecendo em irmandade com troncos mortos e esfarelados, dos quais já brotavam, vitoriosos para a vida, folhitas petulantes como orelhas de coelho. Alastravam, depois, as largas palmas de tajás e de outra plantaria, de tudo quanto vinha nascendo e atapetava a terra onde as árvores sepultavam as raízes...

"Adivinhava-se que a selva tinha, como os monstros fabulosos, mil olhos ameaçadores, que espreitavam por toda parte... Era obsessionante aquela variedade assombrosa, que negava relevo individual, que impunha a si própria uma única expressão, atropelando-se, engalfinhando-se em raiva surda e eviterna. De bárbara grandiosidade, dava uma só forte impressão de beleza: a inicial, a que nunca mais se esquecia e nunca mais se voltava a sentir. Solo de constantes parturejamentos, úmido, fantástico na teima de criar, a sua cabeleira, contemplada por fora, sugeria vida liberta num mundo virgem, ainda não tocado pelos conceitos humanos; mas, vista por dentro, escravizava e fazia anelar a morte. Só a luz obrigava o monstro a mudar de expressão, revelando as suas pesadas atitudes".

Sem dúvida a imaginação se alvoroça na floresta. A psique revive o motivo arquetípico da Visita ao Inferno. O tema da luta contra o Dragão é ativado inconscientemente, na segunda fase da aventura da conquista: é a *katabasis*, a Descida à Caverna, a *Nekya* ou, como Jonas, a engolição no estômago do Leviathan. São esses os motivos antitéticos que se sucedem ao primeiro fascínio dos colonizadores perante o mistério da terra descoberta.

Quando o conquistador português pretendeu abandonar a praia, foi obrigado a tomar consciência, como civilizado, de que para dentro, nos árcanos do sertão, só havia bichos perigosos, calor tórrido, montanhas agrestes, rios caudalosos, chuvas diluvianas. Não somente os rios eram caudalosos, as montanhas também intransponíveis. "Chegaram a suspeitar as gentes agrestes que estavam armados aqueles montes para defensão sua", no dizer do cronista Symão de Vasconcelos. Outro comentarista, o padre Cristóvão de Gouveia, acentuava ser "o caminho cheio de tijucos, o pior que nunca vi, e sempre íamos subindo e descendo serras altíssimas e passando rios e caudais de água frigidíssima".

Outros e muitos obstáculos se erguiam. E os piores eram os mais mesquinhos e rastejantes: as aranhas, os escorpiões, as formigas, os mosquitos. O diabo era já, na Idade Média, considerado o Senhor supremo desse reino pululante, horripilante, dos insetos e artrópodes.

Eram as picadas dos mosquitos, das mutucas, dos miruins, dos piuns, dos carrapatos, dos biriguis, das jiquitaias e lavapés.

Eram os aromas, o olfato do medo, o cheiro fétido da podridão.

Eram silvos, gorjeios, murmúrios, grasnos, roncos, zumbidos estranhos. Ou o silêncio opressor da floresta ao meio-dia.

As feridas, as moléstias, as febres, a fome no meio da profusão vegetal. E as frechas certeiras, envenenadas. Morte, mistério e medo...

O grande símbolo dessa Transformação infernal no segundo mito brasileiro é a serpente, o "bicho mau" por excelência do nosso folclore sertanejo. A boiúna das águas e o boitatá dos incêndios. Também aquele que, até hoje, para o europeu (como para o turista no Butantã), melhor configura a periculosidade tenebrosa do que Martius chamou de *silva horrida.*

O Brasil não possui grandes e nobres animais ferozes. Não se orgulha de nada como um leão ou um tigre das grandes florestas

e desertos afro-asiáticos contra os quais o caçador imperial se procura medir. Nada como um elefante, um hipopótamo, um rinoceronte. No Brasil abundam apenas animais diminutos, animais da terra, bichos horrendos, numerosos, traiçoeiros. E uma cópia impressionante de cobras venenosas, a jararaca, a cascavel, a surucucu, a boipevaçu, a jararacuçu — e também a caninana e a jibóia — que, escondendo-se entre as pedras úmidas, enroscando-se pelos troncos das árvores ou projetando-se em bote mortífero da espessura do mato, afugentam o explorador para o qual passam a representar, melhor do que qualquer outro ser vivo, o mistério desse mundo inferior de mistério e danação.

O folclore brasileiro, especialmente o amazônico, está até hoje repleto de serpentes. A boiúna, *mboi-açu*, cobra grande, cobra preta ou mãe-dágua, espécie de dragão. Os antropólogos e folcloristas, inclusive Câmara Cascudo, não parecem chegar a acordo sobre se a boiúna é mito de origem indígena ou produto tardio, posterior à colonização e com influências africanas e européias. De qualquer forma é uma "coisa má", *maá aina*, já associada a produtos da civilização industrial, um barco, um vapor, às vezes um "navio fantasma". Assim também possui conotações sexuais: é uma sereia ou fantasma dos rios, associado à Iara.*

A serpente é arquetípica. Como o dragão, pois dragão também é, exprime o que há de mais primitivo em nosso sistema vegetativo cérebro-espinhal ou "simpático" — os centros inferiores do cérebro e particularmente a *medulla oblongata.* Simboliza assim os fatos psíquicos primários, constelados em torno dos aspectos negativos e devoradores da Magna Mater. Ela é efetivamente versátil, sinuosa, maléfica, desconfiada e insidiosa. Ela acompanha a mulher em toda a mitologia universal e nas associações oníricas comuns, ora divindade, ora demônio. Às vezes carregada de maldade como portadora do veneno e expressão tremenda do mal rasteiro e frio — outras vezes impregnada de ciência, de poder terapêutico pela sua química e sua capacidade de regeneração, numa polimorfia simbólica de que nenhum outro animal é capaz. É a víbora satânica que seduziu Eva no Paraíso, mas é também a cobra curandeira de Esculápio, a serpente do caduceu de Hermes, a jibóia caótica Tiamat do Pantheon babilônico.

* Como escreve Sérgio Buarque de Holanda em *Caminhos e Fronteiras,* "à idéia do perigo concreto, positivo, que ela representa, somavam-se confusamente imagens ancestrais, impressas na alma dos colonizadores brancos e que tornavam a figura nojenta, fria, viscosa da serpente, objeto de um sagrado terror... Enquadrada em uma nova e estranha paisagem, a víbora, símbolo da eterna malícia, continuava a ser o animal profético, o animal sapiente por excelência".

O conceito de que é a terra do Brasil um ambiente infernal, adverso à civilização, surgiu logo no início da colonização.

André Thévet, já no século XVI, escreveu sobre o Brasil sob inspiração do mito dantesco. Idéias vestidas de linguagem pseudo-científica. Os europeus, escrevia o franciscano, "ont la chaleur naturelle serrée et constrainte dedans par le froid extérieur qui les rend ainsi robustes et vaillans", ao passo que os habitantes do Brasil sofrem da circunstância de que "la chaleur si véhémente de l'air leur tire dehors la chaleur naturelle et la dissipe; et par ainsi sont chaulds seulement par dehors et froids en dedans".

Mas tal concepção floresce, em seu fastígio, no século XIX quando os recursos da ciência, da técnica e da medicina não demonstram ainda poder suficiente para vencer, em seu próprio reino, as artimanhas da Grande Mãe Devoradora. A noção de Inferno Verde é, nesse sentido, a expressão de condições que têm tornado até hoje tão difícil a ocupação do território nacional, sobretudo da Amazônia e do Mato Grosso — explicando a relutância do civilizado em abandonar as regiões mais amenas da faixa costeira onde já foi a natureza domesticada.

Cria-se em fontes tanto brasileiras quanto estrangeiras. Sobe à consciência do europeu quase que simultaneamente, como necessidade psicológica, para contrabalançar a ilusão do sonho edênico. Contrapõe-se à idealização romântica que tem exaltado a liberdade e a bondade do homem natural. Nessa concepção, diametralmente oposta, que se propaga entre os racionalistas dos séculos XVII e XVIII e os evolucionistas do século XIX, a brenha tropical é proclamada absolutamente imprópria para a civilização. Terra habitada por gente escura, incapaz de se civilizar. Gente degenerada ou marcada de um pecado original.

Os sábios calvinistas da era vitoriana, especialmente os anglo-saxões, ao recuarem horrorizados ante a luxúria, a corrupção e os vícios desses climas onde pululam homens de cor — homens indolentes e exóticos, homens pachorrentos, homens concupiscentes e mulheres despudoradas — racionalizam a sua repugnância pelo ambiente de calor dionisíaco em teorias, ditas "científicas", que decretam a irremediável sina de nossa terra.

Num repúdio à obesa Magna Mater, o clima e a natureza passam a ser considerados inóspitos para a raça branca — salvo quando, como ocorreu com a portuguesa, entrou em contacto íntimo com os nativos e com eles se mesclou para produzir um miserável híbrido, ser talvez mais adaptável às duras condições do meio, porém certamente eivado da mórbida tara do subdesenvolvimento tropical.*

Existiria como que uma incompatibilidade essencial do homem europeu com os trópicos. Seriam as "terras ardentes" e a floresta úmida dos trópicos, para o branco, verdadeiramente um purgatório. Se não um inferno. E só sobreviveria se, como os britânicos, ali não se estabelecesse em bases permanentes mas apenas ocupasse a terra como conquistador imperialista, vivendo uma vida de esplêndido isolamento e preservando-se, com muito uísque, o capacete colonial e o smoking branco, do ambiente, física e moralmente corruptor, quites a voltar para a Grã-Bretanha periodicamente para refazer a saúde e regenerar o seu *ethos*.

Nessa época foi o pensamento europeu dominado pelo íncubo ideológico do século XIX, o positivismo científico. Se o romantismo criara a imagem do "bom selvagem" e do paraíso tropical, o positivismo era puritano, segregacionista e farisaico. Intransigentes antitropicalistas, pontificavam Huntington, Bryce, Markham, Mills. H. T. Buckle afirmava que, se se levasse em consideração determinados fatores "físicos" tais como clima, a alimentação, o solo e o que chamava de "Aspecto Geral da Natureza", se poderia chegar a importantes conclusões quanto aos motivos pelos quais as várias civilizações se desenvolveram da maneira como o fizeram. A tese principal de Buckle era a de superioridade da história e da civilização da Europa temperada. Nas áreas tropicais, as condições "físicas" do clima, do solo, da alimentação e o Aspecto Geral da Natureza apresentavam-se tais, em sua tremenda potência hostil, que não podia haver perspectiva alguma para o florescimento de uma verdadeira civilização. Junto a "essa pompa e esplendor da natureza", concluía, "não há lugar para o homem"... A idéia do determinismo

* Um autor que estudou a colonização holandesa no Brasil e constatou seu fracasso, Herman Wätjen, admitia ainda que o homem isolado poderia, porventura, adaptar-se às regiões tropicais. A raça dos puritanos, porém, essa decididamente não podia. À própria Europa do Sul ela não se adaptaria (os italianos, os espanhóis, os provençais e os portugueses já eram, nessa época, pelos fariseus do norte considerados inferiores, indolentes, desonestos e impuros).

físico de Buckle obteve outras versões no decorrer de um século. James Bryce concluiria: "*Climate has told for much in compelling the inhabitants of the colder regions to work hard and enabling those of hotter to take life easily*". Isso é o motivo pelo qual, dizia ele, "*the tropical states have on the whole lagged behind the temperate ones*". Os estados tropicais são atrasados em relação aos estados temperados por causa do clima. Reapareceria a idéia, modificada embora por uma dialética historicista de estilo hegeliano, na doutrina do "desafio e resposta" de Arnold Toynbee. É a grande tese "científica" que sustenta a opinião depreciativa dos homens do norte em relação a nosso país de mestiços subdesenvolvidos...

Também entre nós, a tensão entre os dois primeiros Mitos da Terra se exprimiu, intelectualmente, no período da Primeira República, pela divisão entre os dois grupos de escritores que J. Camilo de Oliveira Torres chama de os Ufanistas e os Pessimistas.*

Até hoje, constitui o negativismo cínico uma das facetas de nossa possível resposta consciente de civilizados perante o desafio do meio natural nos trópicos: "não vale a pena!". É um reflexo psicológico exacerbado pelas frustrações de uma mente lógica, austera, perante as contradições da sociedade erótica e a exuberância do cafajestismo tropicalista. O Logos apolíneo não se sente bem: evidentemente não é este um clima acolhedor, nem um meio propício ao recebimento de sua palavra ponderada.**

* "O ufanismo, na linha de Afonso Celso e Olavo Bilac, partia em geral para o elogio e o derramamento retórico, em torno de belezas naturais, do rio Amazonas, o maior do mundo, da vitória-régia, a maior do mundo, da imensa variedade de borboletas e beija-flores e coisas no gênero". "Em contraposição", acentua esse autor, "um pessimismo mórbido, que criticava, no Brasil, a sua essência — o fato de ter sido colonizado pelos portugueses..., de ser uma população mestiça e, principalmente, com muita gente de cor preta, de ter tido o pecado original da monarquia em suas origens. Geralmente, omitia-se o fato de ser um país católico, já que se tinha a religião como coisa extinta".

** Paulo Prado traça-nos então um tremendo *Retrato do Brasil* que vale a pena reproduzir pois poucos exemplos porventura existirão, na literatura universal, de uma tão cruel e penetrante antianálise nacional. O trecho refere-se ao Brasil da época da Independência mas Paulo Prado deseja aplicá-lo como crítica permanente: "População sem nome, exausta pela verminose, pelo impaludismo e pela sífilis, tocando dois ou três quilômetros quadrados a cada indivíduo, sem nenhum ou pouco apego ao solo nutridor;

Tais as condições culturais. As condições sociais não eram mais felizes. Os historiadores reconhecem que, para sobreviver no ambiente adverso do Inferno Verde, teve o europeu que procurar escravizar o índio até destruí-lo; e depois importar o negro, para trabalhar, e a negra para com ela dormir e para amamentar seus filhos. A escravidão fez o Brasil. A mais perfeita personificação da Magna Mater na colônia foi a Mãe Negra. A escravidão e a imigração africana constituem o grande trauma de nossa formação social, a sombra que se projetou sobre nosso desenvolvimento econômico, a mácula que conduziu literalmente ao "denegrimento" coletivo da nacionalidade. O trauma perdura, pois coletivamente ainda reagimos como mulatos libertos ou como latifundiários empedernidos.

Taras morais, quase indeléveis, teríamos herdado das condições negativas engendradas pela colonização portuguesa escravagista no agressivo meio da selva tropical. Mas se a escravidão constituiu um mal que afetou o corpo social, o mesmo meio natural teria determinado o aparecimento de outros males, físicos esses, enfraquecendo e corrompendo os indivíduos. Muitos antigos observadores do Brasil notaram as deficiências de alimentação e o baixo nível geral de higiene e saúde, condições que ainda perduram. A pequena estatura e aspecto depauperado do brasileiro humilde não podem ser apenas atribuídos à mestiçagem, mas à má nutrição e à doença.

João Ferreira da Rosa, médico enviado por Lisboa a Recife no século XVII, para estudar a "epidemia de males" de que sofria a colônia, denunciou "a contumácia nos pecados ou desregrados costumes" — sífilis, doenças venéreas, tuberculose, resultantes de enorme prostituição, de má alimentação e de um modo de vida em geral insalubre.*

As moléstias têm mudado. A sífilis e a varíola mataram no século XVIII. A tuberculose foi a grande assassina do Brasil romântico e um pouco mais puritano dos sobrados e mocambos. Mas não obstante os progressos da Medicina, continua o país a registrar um dos mais altos índices mundiais de mortalidade infantil a reduzir de maneira drástica o que, de outro modo, poderia desencadear ainda mais potente explosão demográfica. E se nas cidades os conhecimentos de higiene, os recursos médicos que se desenvolvem rapidamente e a rede hospitalar em crescimento criaram condições suscetíveis de vencer a notória insalubridade do meio tropical, no interior trinta milhões de caboclos abandonados continuam padecendo, nesse "vasto hospital" que é o Brasil, de endemias rurais típicas: a malária, a ancilostomíase, o tracoma, a doença de Chagas, a leishmania, etc. "Tristes trópicos" seria a exclamação despertada pelas nossas "estruturas" na mente amarga de um Claude Lévi-Strauss... E Macunaíma proclamaria:

> Muita saúva e pouca saúde
> As pragas do Brasil são.

Com a moléstia, o calor, a luxúria e a escravidão, também o subdesenvolvimento. A miséria, o relaxamento e a sujeira representam a contrapartida "infernal" do ócio paradisíaco. Os primeiros viajantes europeus que estiveram no Brasil notaram os aspectos em nada edificantes deste jardim edênico perdido às margens do Atlântico. Luccock achou o Rio de Janeiro "uma das mais imundas associações de homens debaixo dos céus". Rango, viajante alemão, mencionou o cheiro penetrante, adocicado, que exalavam as ruas cheias de escravos negros, carregando fardos, no calor intenso. Spix e Martius ficaram impressionados com "a natureza primária e baixa dessa gentalha seminua que fere o sentimento do europeu".

país pobre sem o auxílio humano, arruinado pela exploração apressada, tumultuária e incompetente de suas riquezas minerais; cultura agrícola e pastoril limitada e atrasada, não suspeitando das formidáveis possibilidades das suas águas, das suas matas, dos seus campos e praias; povoadores mestiçados, sumindo-se o índio diante do europeu e do negro, para a tirania nos centros litorâneos do mulato e da mulata; clima amolecedor de energias, próprio para a 'vida de balanço'; hipertrofia do patriotismo indolente que se contentava em admirar as belezas naturais, 'as mais extraordinárias do mundo', como se fossem obras do homem; ao lado de um entusiasmo fácil, denegrimento desanimado e estéril.

> São desgraças do Brasil:
> Um patriotismo fofo,
> Leis com parolas, preguiça,
> Ferrugem, formiga e mofo.

Indigência intelectual e artística completa, em atraso secular, reflexo apagado da decadência da mãe-pátria; facilidade de decorar e loquacidade derramada, simulando cultura..."

* Gilberto Freyre escreve que, no Nordeste, na época da civilização do açúcar, "o homem da casa-grande sem saber ao certo quais os seus inimigos mais perigosos, foi criando um medo exagerado do ar, do 'sereno', da água, do sol, de toda a proximidade de mata; do contacto com a terra pegajenta, com a água barrenta. As portas e as janelas das casas-grandes foram trancadas a ferrolho e travessão às primeiras sombras da noite, por precaução contra inimigos misteriosos que andavam no ar, que vinham do mais profundo das matas e das águas. 'Miasmas'. Bichos. Era preciso fechar as casas contra bichos e miasmas. As casas e os próprios corpos".

O desenvolvimento do país não tem modificado sensivelmente as condições dominantes na época das *Memórias de um Sargento de Milícias*. O Rio de Janeiro da minha infância ainda guardava um sabor talvez provinciano, porém limpo, bem iluminado, bem calçado, bem policiado. Possuía mesmo um certo refinamento, como o de Santa Teresa e Botafogo. Como o daqueles pitorescos bairros de colonos ingleses nas cidades que construíram em seu império dos trópicos.

Hoje, é o Rio, com todos os seus arranha-céus, seus túneis ultramodernos e trevos automobilísticos, muito mais uma cidade do Levante e da África do que uma metrópole ocidental. O aspecto de caravansarai malcheiroso na Zona Norte. De ruas esburacadas, cheias de gente. Do lixo das feiras livres e das latas mal fechadas que se derramam às portas das casas, deixando as calçadas cheias de bananas, tomates e ervas mágicas em decomposição. Da falta de segurança num tráfego de selva terciária. De caminhões e ônibus assassinos, buzinando ensurdecedoramente e exalando mortífera fumaça. De terror pela ausência de policiamento numa aglomeração que se destaca pelo alto índice de criminalidade — bandidos e esquadrões-da-morte — a *jungle* do asfalto. De gente maltrapilha e barulhenta que se esparrama nas sarjetas; bêbados e mendigos; homens peludos, nus e lúbricos; prostitutas impertinentes nos *trottoirs* de Copacabana; mulatas pernósticas ostentando sua esteatopigia monumental; gente desgrenhada, magra, nervosa, histérica, irritada pelas condições da vida coletiva ou euforizada pela atmosfera de carnaval e campeonato de futebol. Massa humana gigantesca que lembra Dacar, Bombaim e Cantão, formigando pelas ruas do Méier, de Cascadura e Copacabana (onde atinge índices de concentração só comparáveis aos de Hong-Kong). Espremendo-se em calçadas estreitas, olhando para lojas anárquicas que criam uma atmosfera típica de bazar levantino, os eternos vendedores ambulantes que nenhuma administração consegue erradicar, o batuque ensurdecedor dos sambas tocados em alto-falantes, a barafunda — a bagunça, palavra tão brasileira! — toda a balbúrdia, os odores, o colorido, a promiscuidade, a exuberância da urbs tropical. O princípio do pandemônio triunfante!

E o que dizer das favelas? Nessas aglomerações anárquicas que trepam pelos morros cariocas, temos uma imagem não disfarçada de um rebaixamento geral do nível econômico e cultural da nossa população urbana, semelhante ao que já se registrou com a população rural das regiões centro e norte. O aviltamento social indica talvez

um princípio de adaptação ou retorno ao cálido abraço da Magna Mater, cujos peitos imensos arcam num suspiro de vitorioso prazer: Mãe Negra Devoradora que requer sacrifícios humanos periódicos sob a forma de mortíferas enchentes com deslizamentos de barreiras.

É no domínio da sexualidade, porém, que muitos autores foram descobrir os aspectos mais significantes do nosso mundo primário dos Trópicos Tristes. Escrevendo quase que simultaneamente ao final da década dos vinte, Keyserling e Paulo Prado destacaram o erotismo como uma das principais raízes da melancolia que, convivendo com a agitada extroversão, impregna a atmosfera de nossa Terra. Ambos lembraram o ditado *post coitum animal triste*. Keyserling acentua a "sexualidade frenética e reptil do sul-americano". Observa que "domina aqui o estado de ânimo do macho da rã, esgotado, ou da rã-fêmea, estalando com a abundância de ovos. E assim como o homem se sente devorado pelos bosques virgens do Amazonas, adverte aqui como se vai afundando no mangue de seu próprio mundo abissal. A exuberância da vida sul-americana não se manifesta jamais sob o signo da alegria"... "tudo para encobrir o próprio pântano interior".*

O quadro apresenta-nos, em conclusão, um trópico obsceno, doentio, imundo, pegajoso, malcheiroso de suor e podridão; um trópico cafajeste que se agita e pulula, aguilhoado pelo instinto genésico; um trópico hostil que pica, morde, infecta, envenena, abafa, espreme, envolve, aperta, estrangula, engole ou esmaga. Diante desse ambiente recua a consciência do homem civilizado, alucinada pela exuberância caótica que cria uma imagem de pornografia surrealista

---

* Note-se que Keyserling não era de modo algum um puritano, nem um vitoriano porventura escandalizado com as manifestações mais escabrosas da sociedade erótica. Dizem que, pessoalmente, não desgostou de suas alegres experiências turísticas na América meridional. O matiz de procriação efervescente do sangue-frio, com que descreve o continente, só aparecerá a um observador superficial como um poço de pecado. Integra, sem dúvida, muito que é tipicamente vicioso... "mas somente na medida em que não alberga exclusivamente mamíferos, senão também batráquios..."

Enfatiza Paulo Prado, de sua parte, que "a melancolia dos abusos venéreos e a melancolia dos que vivem na idéia fixa do enriquecimento — no absorto sem finalidade dessas paixões insaciáveis — são vincos fundos na nossa psique racial, paixões que não conhecem exceções no limitado viver instintivo do homem mas aqui se desenvolveram de uma origem patogênica, provocada sem dúvida pela ausência de sentimentos afetivos de ordem superior".

como ante uma pintura de Bosch. Sua reação moralista e pessimista, ao sofrer esse primeiro confronto chocante com a realidade, constela conteúdos negativos que passam a gravitar em torno do segundo mito da Terra.

DIALÉTICA DA PSIQUE

SE SUBMETERMOS A ESTRUTURA da mitologia brasileira à teoria freudiana, surge uma construção paralela em três estágios que corresponde à visão total da nossa cultura e *ethos* coletivo.

O primeiro estágio — no mito paradisíaco — equivale à situação inicial que se manifesta pela soberania do Princípio do Prazer, o *Lustprinzip* da terminologia psicanalítica. A Libido procura e obtém a satisfação integral de seus impulsos polimorfos. Direta e imediatamente. A força descontrolada do Eros exprime-se através de todos os sentidos. A gratificação do desejo constitui um fim em si mesma — a qualquer momento, em qualquer lugar! O funcionamento da psique reduz-se ao mecanismo do prazer e do desprazer: a atração por tudo aquilo que atende ao desejo e conduz à detumescência; a ojeriza de tudo aquilo que dificulta ou impede a satisfação. Freud não é, entretanto, bem claro na determinação dos aspectos psicológicos desse estágio verdadeiramente edênico de pura gratificação. Corresponderia porventura ao da criança no período pré-edipiano de amamentação? Seria, filogeneticamente, o do animal-homem, o do pitecantropo, tal como se teria manifestado anteriormente à ordenação da orda primitiva patriarcal?

De qualquer forma, quando a psique do animal evolui na de um ser humano, transforma-se por sua vez o instinto sexual, afetando não somente seus objetivos mas seus valores. O princípio irrestrito do Prazer entra em conflito com o ambiente social. Ingressamos num segundo estágio que corresponderia ao da Expulsão do Paraíso. O indivíduo chega à realização traumática que a gratificação completa e prazerosa de seus ímpetos instintivos se torna difícil, se não impossível, pois o princípio do Prazer, que orientou a economia de todo o aparelho mental, enfrenta agora uma situação que se disci-

plina por uma nova instância: o Princípio da Realidade. A Libido encontra um inimigo: *Anankê*!

A transformação interior, resultante do primeiro contacto psicológico autêntico com a situação ambiental, é reforçada e sustentada em virtude da "luta eterna e primordial pela existência... que persiste até nossos dias", provocando uma modificação de base no sistema de valores que governara, até então, o aparelho mental. A Necessidade, a Penúria (*Lebensnot*) impõem-se à consciência nascente. A satisfação imediata é substituída pelo adiamento da satisfação, a bem-aventurança pela "repressão" ou "recalque" — repressão e recalque que passam a exercer uma "censura" sobre os conteúdos inconscientes desejosos de penetrar sem tardança ao nível da consciência. O próprio jogo inicial (*ludus*) — livre, inocente e alegre — é posto de lado ou adiado em virtude das exigências do trabalho. A receptividade do instinto cede o passo às imposições da produtividade, pois se vê o homem forçado a reconhecer que não mais pode viver indefinidamente no ócio irresponsável. A repressão impulsional que se sucede é compensada, porém, por uma maior segurança física e social.

A interpretação psicanalítica sugere que a Necessidade — a *Anankê* do mito freudiano — ao revelar o caráter francamente hostil, exigente e autônomo do mundo exterior, impõe uma modificação na estrutura da psique, não apenas sobre a forma e tempo adequado do prazer, mas sobre a própria substância do desejo. Ocorrem então uma subjugação e diversificação progressiva das formas mais clamorosamente agressivas da gratificação erótica.

Freud supõe — como escreve em sua obra *Introdução Geral à Psicanálise* — que a modificação original da estrutura instintiva libidinosa seria, em última análise, uma imposição de fatores econômicos. Eis aí o único ponto em que o freudismo toca no marxismo, inspirando a obra de Reich, Marcuse e outros luminares da Nova Esquerda. A sociedade verificaria que não possui "meios suficientes para manter a vida de seus membros sem trabalho de sua parte, e precisaria, por isso, fazer com que seja restringido o número desses membros, de maneira que suas energias se concentrem no trabalho, privando-os das atividades sexuais ininterruptas".

O estabelecimento do Princípio da Necessidade implica a organização do *Ego*. O homem deixa de ser um animal livre no meio da natureza primária e passa a esforçar-se conscientemente pela realização de algo útil e moralmente justificável. É aí que surge também o sistema do Superego, instância moral, inseparável da civilização,

que o freudismo equaciona ao imperativo ético gerado pela educação paterna. É do conflito de *Anankê* com Eros que nasce, em suma, a civilização.

Com o Ego e o Princípio da Realidade desenvolvem-se as funções racionais. Seria o Logos, segundo Freud, um elemento originado por *Anankê*. O homem é obrigado, nesse segundo estágio, a testar ou experimentar intelectualmente a realidade objetiva, a distinguir não apenas o que é prazeroso ou detestável, mas o que é bom ou mau, verdadeiro ou falso, útil ou adverso. São adquiridas as faculdades de atenção, memória, raciocínio e julgamento. *Homo Ludens* torna-se *Homo Sapiens,* um ser pensante e conhecedor.

Numa concepção essencialmente erótica e romântica qual a do freudismo, a racionalidade do Logos apresenta-se como imposta ao homem de fora, dolorosa, quase que violentamente: o Logos é acusado de responsável pela repressão e pelo recalque porque se afirmam estes como uma necessidade inelutável e cruel do mundo. De nosso ponto de vista, isso explicaria porque os aspectos negativos da realidade telúrica, tal como se destacam num ambiente tropical, seriam mais sensíveis ao homem racional, pragmático e objetivo do que àquele em quem menor é a repressão dos impulsos libidinosos e menos avançado o processo de racionalização.

Em outras palavras, podemos deduzir da dialética freudiana que o tipo afetivo, sensual e erótico tenderá a permanecer, por inércia, ao nível do primeiro estágio paradisíaco, dominado pelo Princípio do Prazer que caracteriza o meio tropical; ao passo que o tipo pragmático que se submete ao Logos procurará impor ao ambiente uma ordem fria e racional. O primeiro ficará atado à Visão edênica. A consciência da realidade infernal do ambiente nele estimulará a nostalgia do colo materno. Procurará recreá-lo nem que artificialmente, tentará organizar a sua "boa vida" para um ócio luxurioso, preservando tanto quanto possível, na atividade concupiscente, a memória saudosista dos estágios passados de absoluta liberdade sexual.

O segundo tipo de homem, porém, acossado pelos aspectos negativos da realidade que lhe repugna e que, para ele, se consubstancia na visão da *silva horrida,* contra ela reagirá com seu intelecto atilado através de uma crítica destruidora que implicará retraimento, isolamento de civilizado, orgulhosa defesa numa torre de marfim puramente tecnológica.

No ensaio intitulado *Formulações Concernentes aos Dois Princípios do Funcionamento Mental,* Freud postula, no entanto, uma

terceira possibilidade. Haveria uma última instância que se separaria (*split off*) da nova organização do aparelho psíquico, procurando manter a sua liberdade em relação ao domínio do Princípio da Realidade. Esse novo modo de atividade mental é a Fantasia. Como já dizia Plotino, "quando são nossos desejos excitados, surge a imaginação que nos dá a ilusão de lhes possuir o objeto". A Fantasia é protegida das alterações culturais, mantendo-se atada ao Princípio do Prazer. Única instância mental que não se subordina inteiramente a *Anankê* e se rebela contra a Realidade, pois é oriunda, a nosso ver, da Intuição, a Fantasia projeta sobre o futuro uma descarga motora destinada a "aliviar o aparelho mental do acréscimo de estímulos". Mas de uma maneira nova que, sempre obedecendo à onipotência desiderativa da Libido, é agora empregada na "alteração apropriada da realidade", convertendo-se em *ação*.

ELDORADO
(*Terceiro Mito*)

Só UM OUTRO SONHO, sobremodo potente, seria capaz de romper a atração pelo litoral e vencer o temor do grande sertão. Esse sonho foi a busca do ouro. Eis, na mitologia do Brasil, o terceiro estágio do desenvolvimento dialético: ELDORADO.

Podemos associar a função da Fantasia com a Busca do Eldorado. É a Fantasia que cria esse terceiro mito do Brasil. Mas a Fantasia não se limita a imaginar a maneira de transcender a realidade: ela impele o indivíduo a alcançar o objeto inconscientemente colimado pelo seu desejo, traduzindo-se numa "procura", num esforço para sobrepujar a realidade ou modificá-la no sentido desejado. Torna-se um instrumento da cobiça que, mais além da Necessidade presente e através do tempo transcorrido pela mediação do esforço, do trabalho e sofrimento, descobre a possibilidade de transfiguração ideal do Princípio do Prazer. É essa terceira instância, essencialmente, a criadora da Utopia. O esquema em seu conjunto reproduz a dialética arquetípica do Gênese, também em três estágios, sob cujo influxo inconsciente sempre nos movemos: 1) Paraíso; 2) Queda e Expulsão do Paraíso; 3) Promessa de Salvação.

O próprio Colombo iniciou a lenda: "Há um país atravessado de um mar branco" — escreveu — "onde revolviam areias de ouro e pedras diamantíferas. A capital desse país era Manoa, uma grande cidade com muitos palácios, alguns eregidos com pedras cravejadas de gemas; outros possuíam tetos de ouro... ali reinava um homem que se chama El Dorado, porque possuía no corpo reflexos de ouro, como se fora um céu salpicado de estrelas".

O anseio de encontrar ouro nas terras recém-descobertas foi um denominador comum dos navegadores ibéricos. Uma obsessão. Pero Vaz de Caminha nos informa que o primeiro cuidado dos portugueses, ao desembarcarem, foi procurar ouro: "quanta coisa lhe houvéramos perguntado do ouro que nós desejávamos saber se o havia na terra". Com a colonização, porém, a esperança de fortuna rápida no interior desconhecido abalou os primeiros povoadores e, arrancando-os de suas redes preguiçosas, despertou-os para a extraordinária aventura das Bandeiras.

A marcha para o Oeste! Como o sol nos límpidos céus, lhe segue o homem o movimento diurno em direção ao poente. O mito do Ocidente é um mito do Oeste. Se é bem verdade que *ex Oriente lux,* é para o poente, *plus ultra,* além dos mares e dos montes, para além dos últimos horizontes das colunas de Hércules, de Atlas e da Última Thule, a Atlântida, que, desde os tempos da Fenícia e da Grécia Antiga, procuraram os Ocidentais realizar seu destino. No poente guarda o sol seu precioso tesouro de promessas fascinantes. Seguindo-lhe o trajeto diurno, historicamente estendeu-se a civilização, como a confirmar o impacto inconsciente. Colombo concretizou os vôos da Utopia helênica e os sonhos medievais de São Brandão. Mais tarde, será a América a nova Canaã dos "padres peregrinos", protestantes, assim como o "novo mundo" de cinqüenta milhões de imigrantes, aventureiros. O nosso próprio fenômeno do Bandeirantismo insere-se nesse rumor de passos para a Idade de Ouro que foi perdida e deve um dia ser reencontrada a Oeste — promessa, chamamento, fulcro de expectativas e anelos supremos: Eldorado!

O episódio merece uma consideração mais longa pois a ele podemos associar outra faceta permanente do temperamento nacional desde que, sobrepondo-se ao primeiro estágio (paradisíaco) do nosso processo dialético e contrapondo-se ao segundo, que é o estágio antitético de horror telúrico (infernal), configura o elemento de síntese na ação mais dinâmico de nosso desenvolvimento psicossocial.

Em nossa história artístico-literária que profetiza os acontecimentos políticos mais recentes, a tensão entre os Românticos-Ufanistas (do Primeiro Mito) e os Pessimistas-Positivistas (do Segundo Mito) é também transcendida pelos Modernistas os quais, excitados pela fantasia do Novo Mundo, procuram, a partir de 1922, dar expressão aos conteúdos do terceiro estágio. Seus efeitos estão aí, bem visíveis, refletidos na entusiástica expectativa desenvolvimentista, articulados na construção de Brasília, constelados em torno da utopia progressista brasileira. Seu preço também: o genocídio com que principiou nossa história; a exploração predatória, inflacionária e caótica com que se tem o desenvolvimento processado.

Referindo-se aos Bandeirantes, Saint-Hilaire, em trecho lapidar, proclamou o heroísmo da aventura de conquista: * "*On est saisit d'une sorte de stupéfaction. On serait tenté de croire que ces hommes appartenaient à une race de géants!*"

Eram, na verdade, homens excepcionais, gigantescos, aqueles que ousaram abandonar as planícies litorâneas. E é quase inacreditável que tenham sido contemporâneos e patrícios dos indolentes patriarcas do açúcar.

Foram na verdade guerreiros e viajantes formidáveis em cujas veias o sangue do índio havia contribuído para gerar uma resistência descomunal à dureza do meio e aos perigos da avançada. Uma audácia incrível possuíam, como a de Raposo Tavares. Uma vontade de ferro servindo uma imaginação absolutamente desvairada, como a de Fernão Dias Pais. Venceram a maior resistência que a natureza tenha até hoje oposto ao explorador ocidental. E desempenharam, como é sabido, um papel decisivo ao expandir em pelo menos dois terços o território do país, afastando a fronteira em direção aos Andes, para muito além do meridiano de Tordesilhas, até os mais longínquos rincões do que é hoje nosso patrimônio terrestre.

Seu motivo era a cobiça. Uma cobiça eternamente insatisfeita. A que Paulo Prado coloca ao lado da luxúria como obsessão determinante e original do caráter brasileiro — subjugando o espírito e o corpo de suas vítimas.

Dizia a crônica da época: "Das cidades, das vilas, dos recôncavos do fundo dos sertões, acorriam brancos, pardos, negros, índios. A mistura era de toda condição de pessoas, homens, mulheres, moços e velhos, pobres e ricos, plebeus e fidalgos, seculares e clérigos, religiosos de diferentes institutos, muitos que nem tinham no

* Afonso Arinos aponta mesmo para o que, na zoologia histórica, considera uma extraordinária demonstração de transformismo — esse do crustáceo prolífico do litoral para o carnívoro do interior: "estes caranguejos do século XVII, emprenhando, com vigor e fecundidade sem precedentes, as mulheres da terra, se transformariam nos avós daqueles jaguares astutos, resistentes e ferozes, que dentro em pouco, à cata das minas, no apresamento do selvagem e no rastro do gado, desbravariam os sertões".

Brasil convento nem casa — toda essa gente se precipitou à busca das Minas Gerais". Southey escreveu uma página admirável sobre o desvario dos buscadores de ouro. "Viviam num contínuo sonho de esperança, vítimas de uma espécie de loucura, forma aguda e crônica da doença que é a paixão do jogo". *

Na verdade, o mito do Eldorado faz surgir um tipo psicológico especial, diferente do colonizador europeu recém-desembarcado em nossas praias: o tipo do Caçador de Esmeraldas, do procurador de ouro, do garimpeiro. Diferente porque vive intensamente a luta dos opostos e procura, seguindo na trilha arquetípica do herói, sobrepujar o conflito dialético da tentação paradisíaca e da repulsa infernal. Nesse tipo, o ímpeto irrequieto, insaciável, a agitação ambulatória, o procurar sem fim do objetivo que sempre se afasta, determina o aparecimento de um traço de temperamento que doravante fará parte integrante do complexo nacional.

Carlos Frederico Hart referia-se ao mito do Eldorado, em 1845, como a um fenômeno romântico. "Falo das numerosas histórias e lendas sobre as riquezas subterrâneas do país, que nele são o único elemento de romantismo, e substituem para os brasileiros os inúmeros contos fabulosos de cavaleiros e espectros, os quais fornecem aos povos europeus uma fonte inesgotável e sempre nova para a poesia popular. Pareceu-me que a superstição do povo se tinha por assim dizer concentrado nesses contos." O herói prototípico das Bandeiras é efetivamente um personagem romântico, um aventureiro exacerbado até os limites da paixão pela loucura aurífera e a idéia fixa do enriquecimento rápido. Mas esse herói é também um intuitivo desvairado: é o Don Juan das Terras e analisá-lo-emos

* Sérgio Buarque de Holanda acredita que as Bandeiras constituem uma das mais profundas *Raízes do Brasil*. Graças a ela, escreve o eminente historiador paulista, "no planalto de Piratininga nasce em verdade um momento novo de nossa história nacional. Ali, pela primeira vez, a inércia difusa da população colonial adquire forma própria e encontra voz articulada. A expansão dos *pioneers* paulistas não tinha suas raízes do outro lado do oceano, podia dispensar o estímulo da metrópole e fazia-se freqüentemente contra a vontade e contra os interesses imediatos desta".

Oliveira Vianna, em *Evolução do Povo Brasileiro*, também acentua que "os sertanistas, preadores de índios, e os 'bandeirantes', pesquisadores de terrenos auríferos, têm uma função geográfica culminante: eles são os vanguardeiros, os batedores que desvendam os sertões desconhecidos, abrem os caminhos, estabelecem os roteiros e dizem da existência dos novos campos ou das terras ferazes, próprias para a fundação de engenhos e currais".

mais tarde, em sua personalidade psíquica, no terceiro volume de nossa trilogia.

Uma exaustiva pesquisa sobre o conteúdo do mito e de sua ação sobre o perene colorido utópico do Desenvolvimento brasileiro seria extremamente oportuna e profícua. Atrever-nos-emos aqui, entretanto, a um simples esboço de interpretação, deixando para outros um aprofundamento mais sério da matéria.

A busca do Eldorado está historicamente ligada ao fenômeno medieval da Alquimia, estudado por Jung.

Substrato sombrio e misterioso da ciência física moderna, foi também a Alquimia a fonte inspiradora da busca obsessiva do metal, própria da expansão colonial hispano-portuguesa. Os alquimistas procuravam, em suas retortas e através de experiências ao mesmo tempo empíricas e mágicas, o *lapis philosophorum*. Os Bandeirantes e Conquistadores buscavam-no debaixo da terra, no interior das florestas, atrás das montanhas, além dos grandes rios e dos imensos desertos. Sérgio Buarque de Holanda confirma haver o fascínio despertado pelas pedras preciosas e pelas pepitas de ouro descansado numa tradição imemorial, de que ficaram traços em toda a literatura medieval e que será conservada largamente durante o Quinhentos. "O papel considerável que elas desempenham nas alegorias e 'visões' paradisíacas, onde lhes costumam atribuir virtudes sobrenaturais, preserva-se em geral nos mitos da conquista da América onde serve para alimentar a ambição profana dos colonizadores e aventureiros".

Colombo ambicionava encontrar ouro com a ingenuidade da fé cristã. Motivos pagãos renascentistas e temas do espiritualismo medieval misturavam estranhamente, em sua alma, cobiça vulgar e esperança teologal: "Possa Nosso Senhor, em sua misericórdia, guiar-me e fazer encontrar esse ouro. O ouro é excelente. O tesouro é feito de ouro. Quem possui ouro faz tudo que deseja neste mundo e consegue enviar as almas ao paraíso".

Ouro, salvação, eternidade. Para os confins misteriosos do Oeste atira-se o aventureiro don-juanesco à cata do Tesouro Supremo de difícil acesso que lhe promete uma Fonte de Juventa e a *pharmakon athanasias*, a panacéia, a erva mágica da imortalidade. Guardando-lhes o acesso, como em quase todos os mitos heróicos, está a Serpente da Floresta. Novo Jasão, novo São Jorge (ou como

o Susa-no-wô da mitologia nipônica) — deverá o herói bandeirante vencer o Bicho Mau em seu próprio habitat infernal.

Ao sairmos da Idade Média para a grande explosão da *virtus* Renascentista, representa o *spiritus metallorum* da alquimia, segundo a escola psicanalítica de Zurique, uma filosofia natural que se contrapôs ao excessivo espiritualismo dogmático da cultura gótica. O ímpeto absolutamente irracional, maníaco e frenético das Entradas e Bandeiras configurou uma alquimia extrovertida, uma pesquisa ativa que trabalha no terreno e objetiva um sucesso material concreto. Como a ciência dos mágicos medievais, entretanto, a procura do Eldorado representou uma secularização ou mesmo uma profanação de promessas extramundanas que o Cristianismo havia inspirado — e por esse motivo o Jesuíta logo a ele se opôs tenazmente, no conflito político e social mais candente do período colonial.

Na figuração do mito do Eldorado possui o ouro um caráter mágico, totalmente irracional e relacionado com a função profética. O metal é um valor puramente subjetivo. Susceptível de despertar, naquele que o possui, a miragem das perspectivas desejáveis numa pletora de riquezas fáceis, por isso está simbolicamente ligado à intuição que se projeta sobre o futuro, antecipando como que através de um sexto sentido as "possibilidades" inerentes à situação atual. Pois enquanto o homem empírico e pragmático ama a realidade presente e prefere a Coisa imediatamente sensível — rebela-se, pelo contrário, o intuitivo contra a necessidade atual, ao vislumbrar no ouro as potencialidades que sugere livremente a sua fantasia profética. Esse caráter abstrato especial, que o tornou sustentáculo universal da moeda, o metal ainda não perdeu: o ouro só "vale" quando é trocado por uma Coisa útil, "realizado" em um objeto ou fato material. E é nesse momento exato que cessa o seu conteúdo de símbolo antecipatório.

O problema da cor levanta, nesta altura, mui interessantes questões. A teoria quantitativa ou física da luz, que surgiu com Newton, não é capaz de explicar certos fenômenos relacionados com a psicologia das cores, cujo significado inconsciente é irredutível à análise espectroscópica. Goethe possui o mérito de haver sido o primeiro a tentar, cientificamente, armar uma ponte entre a teoria físico-quantitativa e a teoria intuitivo-qualitativa. A simbologia das cores, que a psicologia analítica moderna procura desvendar, é particularmente fascinante no que diz respeito ao ouro, o qual não é

uma cor propriamente dita, nem pertence à sua escala numérica, mas em certas artes orientais, bem como na arte bizantina e no gótico antigo, fulgura como uma imagem eminentemente intuitiva da luz transcendente.

Substância telúrica, recolhe o ouro os raios solares, é da cor do astro-rei e representa, conseqüentemente, o mais alto valor. O ouro terrestre e o sol celeste associam-se na mente dos alquimistas bandeirantes como projeções de sua visão interior.

O ouro está também intimamente relacionado com o Mercúrio. O metal mercúrio, que dissolve o ouro, é identificado ao planeta Mercúrio que mais de perto acompanha o sol. O espírito do ouro é personificado por Hermes ou Mercúrio, divindade que, na hierarquia alquímica, tanto se contenta com a posição inferior da *prima materia*, quanto com a mais alta e sublime do *lapis philosophorum*. Concretamente, o duplo sentido de vil metal com seu odioso aroma fiscal e de mais alto paradigma espiritual, como objetivo da existência — o duplo sentido de excremento e pureza, de esperma e centelha criadora — corresponde à distinção hermética que faziam os mágicos de antão entre a matéria vulgar e o seu próprio padrão valiosíssimo: *aurum nostrum* (*aurum philosophicum*) *non est aurum vulgi*!

Como "guia espiritual", *Hermes psychopompos* é o *spiritus mercurialis* por natureza rápido, volátil, esperto, eloqüente, cobiçoso, aventureiro e explorador — o que constitui a perfeita expressão do pendor temperamental do Don Juan das Terras: o Bandeirante.

Em contraste com o ouro, a esmeralda é verde mas, à semelhança do ouro, exerceu um extraordinário e misterioso fascínio sobre os colonizadores do Brasil. Ela é da cor da terra tropical, revelando propriedades especiais ligadas ao próprio ouro. Ela é a antítese do ouro porque da cor da ferrugem. Thales de Mileto já declarava, num paradoxo alquímico:

> **Eis de fato o que os homens mais procuram,**
> **É a ferrugem que empresta à moeda o seu valor.**

Na concepção dos alquimistas, a ferrugem ou *verdigris* representa a lepra do metal. Entretanto, por uma conversão no contrário, a terrível enfermidade constitui a *vera prima materia* que granjeia a base de preparação para a manufatura da pedra filosofal. No *Rosarium Philosophorum*, uma obra publicada em Frankfurt em 1550, essa idéia que a *viriditas* — a cor verde do bronze e da esme-

ralda — conduz, pelo magistério alquímico, "ao nosso mais verdadeiro ouro", implica justamente um processo de transformação no contrário, como traço característico do que poderíamos chamar a "dialética" psíquica ou a *enantiodromia* heraclitiana própria dos processos jungianos.

É interessante notar que, muito embora seja o ouro, geralmente, o símbolo mais adequado da luz ou da intuição profética — donde também do Espírito Santo — desempenha o verde ocasionalmente esse mesmo papel. *

Matiz da natureza vegetal, das plantas e da floresta e portanto essencialmente cor telúrica que exprime a realidade da sensação presente e percepção imediata pelo sentido da visão — é também o verde a cor da esperança. O Muiraquitã que trará sorte e fortuna a Macunaíma. Nesse sentido, a verde esperança reforça a simbologia do ouro profético cujo secreto valor consiste precisamente em ser procurado e jamais descoberto, num eterno aproximar-se da realidade interior, à procura de si mesmo.

Tanto Carolina Michaelis de Vasconcellos quanto José Fernando Carneiro assinalaram a importância da pedraria verde no lirismo português e brasileiro. Uma pedra verde que aparece nos olhos das mulheres, a ânima de olhos verdes de nossa poesia e nossos mitos, os próprios olhos verdes da Nossa Senhora da Conceição do poema de Jorge de Lima.

> **Nossa Senhora, minha madrinha**
> **pinta meus olhos, que eu quero ver**
> **verdes os dias que inda virão.**
> **Nossa Senhora, minha madrinha,**
> **tu vês as coisas verdes, não é?**
> **Teus olhos verdes, felizes deles!**

Penhor de castidade e vida eterna, gema paradisíaca correspondente ao bdélio ou goma arábica do Gênese, constituía o *lapis prasinus* das visões medievais um meio para atingir ao supremo objetivo do *opus* mágico, ou seja, o segundo estágio (de antítese) no processo dialético que se completa, perfaz e integra em três momentos. Como

* No "Pèlerinage de l'Âme", poema de estilo dantesco composto em meados do século XIV por um poeta e prior cisterciano, Guillaume de Digulleville, "as três cores principais", ouro, vermelho e verde, são atribuídas respectivamente ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. O verde afirma-se como "la couleur qui verdoye et qui réconforte"...

símbolo sotérico que, no Brasil, se transformou numa alegoria da luta com o dragão, sobrepujado pelo *opus* da conquista do ouro, a esmeralda configura a pureza das intenções, o sofrimento que faz merecer a felicidade desejada, o duro passo necessário ao *matrimonium alchymicum*, o penhor preciosíssimo da Salvação e Transfiguração que serão alcançadas na plenitude final do "Mundo que há de vir".

Em outras palavras, caracteriza a esmeralda a natureza eminentemente telúrica que tem de ser vencida no segundo estágio do Mito cosmogônico, a fim de que possa a esperança (também verde) brilhar na consciência do Bandeirante, excitando-o pela visão luminosa e futurista do Eldorado: o Brasil do Futuro que se descobrirá a si mesmo.

São assim, ouro e esmeralda, metal e pedra — aspectos antinômicos de uma mesma realidade psicológica que se transcende no significado arquetípico da Terra. Constituem divisas autênticas daquele Tesouro Difícil de Alcançar cujo conteúdo dramático se destaca como *telos* da aventura mágica do Desenvolvimento — a pedra verde para representar a Terra-Mãe, o metal amarelo para simbolizar o Espírito transfigurante de Deus. Conciliação de opostos. Ambos presentes no auriverde pendão de nossa terra...

IV

A SOCIEDADE ERÓTICA

Eros é um grande daimon, *ó Sócrates! E, como tudo que é demoníaco, ocupa um lugar intermediário entre o divino e o mortal.*

Diotima no Banquete *de Platão*

NA SUA GRANDE OBRA ESTÉTICA *Do Espírito da Música, o Nascimento da Tragédia* assevera Frederico Nietzsche que a arte deve a sua evolução contínua a uma dualidade fundamental: a do apolíneo e do dionisíaco. Assim como a propagação da espécie depende dos dois sexos, de seus constantes conflitos e atos periódicos de reconciliação — assim também resulta a arte dessa dicotomia.

Os gregos corporificaram suas doutrinas místicas da arte nos deuses patronos, irmãos inimigos, Apolo e Dionísio. A distinção nos permite reconhecer o fosso tremendo, tanto no que diz respeito às origens quanto aos seus objetivos, que separa as artes plásticas serenamente presididas pelo espírito tutelar de Delfos, da arte não-visual da música inspirada pelo frenético demônio da Trácia.

Nietzsche pretende que melhor alcancemos a um entendimento ou apreensão direta das duas tendências estéticas ao apreciarmos os reinos separados do sonho e da intoxicação alcoólica. Esses fenômenos fisiológicos relacionar-se-iam um com o outro assim como o apolíneo e o dionisíaco.

Saindo do campo da estética, porém, está Nietzsche penetrando no da filosofia existencial — pois o que nos apresenta são dois modos de vida, duas concepções do mundo, duas formas de comportamento. Apolo é essencialmente uma divindade moral. Exige o controle e o reconhecimento de si próprio, a introspecção, o equilíbrio, a harmonia. Seu lema: nada em exagero, nada desordenado ou bárbaro, nada radical, excessivo ou extremo. Era em Delfos que habitava seu oráculo e os dois lemas de Delfos propunham justamente o "Conheça-te a ti próprio" e o "Nada em

excesso"! Harmonia interior e ritmo. Através do sonho e da ilusão estética atinge Apolo à unidade individual da existência, transfigurando-a com o princípio délfico que veio, finalmente, a exprimir-se nas alturas olímpicas da filosofia de Sócrates e de Platão.

Dionísio, ao contrário, configura uma atitude extrovertida de instinto desinibido, "mania", impulso ou movimento orgiástico popular. Dionísio é o deus do vinho, Baco. É chefe dos sátiros, bacantes, mênades e coribantos, cangaceiro, rei momo da folia carnavalesca, espírito tutelar dos bêbados e dos agitados. Furioso e sangüinário, recebeu o epíteto de *Bromios,* o "barulhento" — protótipo do homem em seu entusiasmo revolucionário juvenil extremista; símbolo da simplicidade e naturalidade na alegria e no sofrimento; profeta da sabedoria espontânea, nascida da matriz da natureza, e expressão da onipotência sexual a qual, por sua vez, encarna o poder criador da Terra Mãe.

Dionísio representa o prazer e o desejo, a Libido, o *élan vital,* o impulso cego para a existência, a vontade de viver, de amar, de dominar, de dançar, copular e morrer: Evoé! Como canta o coro nas "Bacantes" de Eurípedes, "odeia quem não apenas se preocupa de passar os dias e noites de doçura da existência na *joie de vivre*"...

Apolo e Dionísio. Na visão cósmica de Nietzsche, representam as duas personagens clara e concretamente dois reinos da arte de viver radicalmente dissimilares. Apolo personifica o gênio transcendente do *principium individuationis*: só através dele é possível alcançar à redenção pela ilusão. O júbilo místico de Dionísio, porém, irrompendo diretamente do Inconsciente coletivo, quebra o enlevo da individuação, abrindo o caminho para o útero materno do Ser.

Ao postular a dicotomia do dionisíaco e do apolíneo, resolve Nietzsche um problema estético e ao mesmo tempo exprime uma tensão do pensamento. A dicotomia é pertinente a toda análise psicológica.

Ora, a dualidade psíquica representada pelo contraste entre os dois filhos de Zeus nos fornece a perspectiva de uma primeira aproximação na tarefa de caracterizar o homem coletivo brasileiro. Diremos que o brasileiro é, coletivamente, um homem dionisíaco, o que quer dizer um homem musical e carnavalesco.

A música — essa arte tão brasileira que se poderia considerar a própria expressão existencial de nosso povo — não é uma

arte como aquela que representa a aparência ou a ilusão — mas exprime diretamente a Vontade, quer dizer o instinto ou libido como manifestação espontânea. Possuímos elementos apolíneos em nossa cultura — sobretudo em nosso gênio plástico ou em nossa sensibilidade individual pela Forma das coisas e do comportamento — mas são precisamente elementos de *cultura* e não de *natureza,* elementos impostos que gozam, por isso mesmo, de altíssima qualidade pedagógica. O que é natural e primário em nós é o elemento dionisíaco. Através do simbolismo trágico da arte musical — é ainda Nietzsche quem nos fala — uma voz autêntica nos diz: "Sejai como eu, a Mãe original, a qual, criando constantemente, encontra a sua satisfação no fluxo turbulento das aparências".

Nosso temperamento é musical, mais do que plástico. A grande arte que criamos, além da música, é a arquitetura a qual é também musical e barroca. No barroco brasileiro ocorreu uma fusão perfeita (donde seu alto padrão estético) da arte apolínea formal — fria e matemática — com a exuberância libidinosa e a alegre fantasia, excitada pelo arroubo dionisíaco.

A grande expressão cultural-estética do povo brasileiro, a manifestação sintomática por excelência da nossa psique coletiva — pelo menos no coração do Brasil tropical, litorâneo e mestiço — é o carnaval. Tentemos compreender a fuzarca como fenômeno dionisíaco: mergulho do indivíduo no inconsciente coletivo, facultando-lhe a identificação imediata e direta — ele que é normalmente individualista e preso ao círculo íntimo de seus clientes, de sua família e amigos — à alma desordenada e desencadeada do grupo telúrico.

O carnaval nos prende às nossas origens mediterrânicas, raízes psicossociais que se perdem na noite dos tempos. Recorda as florais, februálias, saturnálias e hilárias romanas, as festividades da antiga Babilônia, os ritos orgiásticos e sangrentos da pré-história, indelevelmente impregnados pelos cultos agrários da Magna Mater com sua magia de fertilidade. Os estudos de Sir James Frazer e de outros antropólogos, bem como as pesquisas e interpretações mitológicas empreendidas pela psicologia moderna, comprovam a extensão possivelmente universal de tais ritos que, no entanto, só se destacam mais claramente na bacia do Mediterrâneo onde dominou, omnipotente, nos milênios que precederam o triunfo do monoteísmo patriarcal, a Grande Deusa tríplice da gestação, do amor e da morte.

As danças implicavam um desencabrestar convulsivo da libido coletiva: Evoé, o hino das Bacantes! Ocorria uma licença generalizada. O caráter sagrado da orgia carnavalesca é comprovado em quase todas as religiões. Na União Soviética certas seitas fanáticas heterodoxas entregavam-se a excessos místicos durante os quais homens e mulheres se desnudavam e flagelavam. O culto orgiástico de Analuta, a Afrodite asiática, ainda seria praticado pelos chamados "extintores da luz" da Ásia Menor e certas seitas de curdos que se entregam ao mais selvagem deboche. As uniões adulterinas e mesmo incestuosas parecem constituir a principal distração do *Fasching,* o carnaval germânico no vale do Reno. A vaga dionisíaca rompe os laços de consangüinidade e da ordem familiar, arrebatando a massa pela intoxicação delirante da uva fermentada e do ritmo musical. Mesmo a austera lei mosaica não conseguiu suprimir o festival de Purim que talvez haja contribuído para o nosso.

O carnaval é caótico. Mas assim mesmo é uma disciplina ritual. Imposta pelo som, pelo ritmo, pela dança. E é só no frenesi da umbigada e do frevo que toda a população de uma cidade brasileira, milhões de indivíduos, se organizam, galvanizados por um impulso comum. E uníssonos, e como que sob efeito hipnótico, explodem em ondas rítmicas, "cantansambando, sambatucando, vociferapulando, sambaluando" (como no poema de Carlos Drummond de Andrade), em comunhão libidinosa de sexos, de classes, idades e temperamentos.

São excepcionais, nesse sentido, a organização e a ordem das escolas-de-samba: sua hierarquia, sua capacidade de previsão e cuidadosa preparação, a lenta e paciente aprendizagem para a atuação sinfônica. A disciplina musical na desordem. Tais características não são encontradiças em outras atividades mais sérias da coletividade nacional, sobretudo ao nível popular em que se celebra o rito anual.

O ritmo tem sido associado ao trabalho e ao sexo. Os freudianos interpretam-no como uma forma de manifestação na fase "nutritiva" da Libido infantil, de onde emigrou para a esfera sexual. Jung considera a tendência rítmica de expressão e repetição como peculiar aos processos emocionais em geral. A função da dança não estaria assim ligada exclusivamente à sexualidade, como provam as danças masculinas e guerreiras de certos povos, mas a um esbanjar primitivo de emoções.

No carnaval brasileiro deparamo-nos sem dúvida com um estágio evoluído do fenômeno dionisíaco. Trata-se de uma manifestação folclórica já admiravelmente refinada. Não mais se impõe

o derramamento de sangue. Nenhuma oferta propositada à fertilidade da terra. Nenhum sacrifício à Grande Mãe sob a forma da castração infligida aos beatos. Não mais se reclama, em nível ainda rudimentar, a morte e desmembramento da vítima humana. O carnaval não é mais, literalmente, uma *tragédia,* um "canto dos bodes" exacerbados pelo delírio da sexualidade agressiva. (Entretanto, não deixou o carnaval de ser um rito sangrento como o demonstram as estatísticas espantosas de crimes e acidentes na quarta-feira de cinzas...) Dionísio também foi despedaçado, ao nascer, pelos titãs que obedeciam às ordens de Hera. No seu ciclo heróico, o culto de alegria e terror que espalhou por toda a terra é marcado de sacrifícios sangrentos. Eis o caso de Pentheus, austero rei de Thebas que, a princípio, procurou opor-se à orgia, denunciando "o estrangeiro efeminado, charlatão e feiticeiro que introduziu a nova moléstia entre nossas esposas e corrompe nossos leitos" — e aprisionou as Mênades — mas foi finalmente avassalado pelo culto frenético e, completamente transtornado, ingressou na bacanal. E então as Mênades, excitadas pelo vinho e o fervor religioso, o estraçalharam, enquanto sua própria mãe, Agave, também enlouquecida, o tomou por um bicho e lhe arrancou a cabeça.

Outra vítima de Baco, Licurgo, rei dos Edônios da Trácia, foi esquartejado pelos súditos que lhe ataram os braços e pernas a cavalos selvagens. Na Síria, em Creta, na Frígia e Éfeso, os sacerdotes da Grande Deusa, excitados pelo furor dionisíaco, também se vestiam com trajes femininos e ocasionalmente se castravam. Outros travestis devotos e sectários prostituíam-se em homenagem à divindade, à guisa de submissão e amor. Na Palestina as *zonah* eram hieródulas ou prostitutas sagradas dos templos da Deusa Mãe. Quanto aos *Kedeshim* ou sodomitas, perseguidos pelos Profetas e pelo rei Josias, informa Luciano, na sua obra *De Dea Syria,* que se emasculavam e pelas ruas corriam ainda sangrando, atirando o órgão capado em alguma casa em sinal de boa sorte e recebendo em troca trajes de mulher. A freqüência do disfarce e o papel saliente que os pederastas desempenham em nosso carnaval, bem como a ocorrência de violência física, revelam uma evolução de costumes velhos de milhares de anos, uma revivescência de práticas pagãs que vinte séculos de Cristianismo não conseguiram apagar da memória da raça. Eis o mérito do *Orfeu Negro* de Vinicius de Moraes, que compreendeu esse liame arquetípico.

O sacrifício sangrento do deus filho — o *puer aeternus* nos cultos da Cibele frígia, da Astartéia síria, da Artêmis efesiana

e da Ísis egípcia, assim como nos ciclos do Dionísio Zagreus e do Orfeu helênico — prende-se ao estágio psicológico da sexualidade do adolescente. O "complexo de castração" freudiano explica apenas um dos aspectos do fenômeno, um aspecto unilateral e limitado. Na realidade, a castração e o desmembramento do deus-folião configuram o substrato da tragédia ritual — fazendo parte do fascínio tremendo do sexo, da orgia inebriante, do avassalamento pelo ritmo musical cujo caráter *ostinato* reduz e, finalmente, apaga a consciência individual. Representariam uma submissão mais profunda: uma fusão do indivíduo "extraviado" com a massa. Eis a face psicologicamente pertinente do carnaval!

No carnaval, é verdade, o tipo intuitivo brasileiro ainda procura a ilusão apolínea, usa a máscara, põe o disfarce e veste a fantasia. Por um curto momento de êxtase, o sonho fabuloso é realizado. O sujeito se transfigura em alguma personagem mítica ou histórica, Basileu constantinopolitano, o Candelabro barroco, a bela Cleópatra, Maria Antonieta, Sir Galahad, um pajé tupiniquim, o rei do Congo, o Pássaro encantado, o velho imperador Dom Pedro II de barbas brancas, manto de arminho e papo de tucano.

É esse o nível do refinamento plástico no baile do Municipal. Mais vulgar e generalizado, porém, é o rebaixamento ao nível da mera sensação. Os psicólogos franceses falam num *abaissement du niveau mental*. Cai a máscara. Desaparece a ilusão. A fantasia se rasga. A mulher se despe. O canto orfeônico se transmuda em berro selvagem. A dança de amor é uma roda frenética. É a farra, a orgia, a bacanal, a suruba, o "ato sagrado" ou *happening* místico. Sangue, suor e sêmen. O que é inicialmente rito se torna histeria.

Hysteria: a palavra como se sabe é associada a "útero". Isso revela desde logo o caráter erótico do rito coletivo, mas no sentido mais da Mãe do que da Virgem. A expressão é ao mesmo tempo associada ao porco, "animal uterino" dos cultos de mistério de Elêusis. Na "Noite de Walpurgis" das feiticeiras no segundo *Fausto,* também chega Baubo cavalgando uma porca:

Die alte Baubo kommt allein,
Sie reitet auf einem Mutterschwein.

O porco é provavelmente animal impuro para os judeus e os muçulmanos em virtude da reação do Deus patriarcal ao influxo de cultos femininos, ligados a um totem suíno que simbolizava a fertilidade. A grande festa de Afrodite em Argos era chamada de

Hysteria e foi nessa cidade que Dionísio, para punir Perseus de justa oposição, induziu um furor histérico nas mulheres que passaram a devorar seus próprios filhos. Na festa da Hysteria, as sacerdotisas de Vênus entravam em transe, induzido pela música, e por motivo dessa fermentação de impulsos primordiais é que a palavra designa um estado peculiar de desarranjo mental. Hysteria tornou-se sinônimo de Afrodísia. Embora a psicologia moderna não mais a considere como um fenômeno clínico exclusivamente feminino (pois há homens histéricos e existe uma histeria coletiva de homens e mulheres), a presença perturbadora da Magna Mater é invariavelmente registrada. No festival da Hysteria ou Afrodísia, os homens também se vestiam de mulheres e as mulheres às vezes de homens, como para indicar uma regressão a um estado pré-sexual ou infantil da Libido. Dionísio induziu Penteu a vestir trajes femininos. Donde também se chamar *Hybrística* — em conexão semântica com *Hubris,* o "ultraje", e com *Hybrida,* o filhote "híbrido" de uma porca e de um javali. O porco, com sua associação concreta ou figurada de imundície e fertilidade — para uma sociedade patriarcal moralmente limpa e ordenada, ou para uma situação de equilíbrio apolíneo — é uma alegoria do aspecto receptivo, rebarbativo e dissociador da natureza mãe. O "animal uterino" representa aí a Magna Mater telúrica em sua forma selvagem.

Se o Cristianismo brasileiro — tão repaganizado, profano, supersticioso, tão próximo à magia, tão pouco espiritual — seguiu o Catolicismo do Mediterrâneo ao admitir a orgia de Dionísio (que é também a de Saturno — "Saturnal") no seu calendário religioso, em contraste com o Cristianismo mais severo dos anglo-saxões que só se referem discretamente à festa da "pré-quaresma*"; se o carnaval brasileiro tem pontos que o caracterizam indelevelmente como um fenômeno de natureza "religiosa" — e se é verdadeiramente uma pseudo-religião popular, um culto profano de comunhão coletiva na imanência da Grande Mãe — é porque podemos de certa forma, em certas circunstâncias ou em determinadas áreas do país, definir a psicologia coletiva brasileira como dionisíaca e carnavalesca.

Cabe lembrar, a esta altura, que a prática psiquiátrica tem indicado serem as manifestações histéricas, embora não restritas aos tipos afetivos, próprias dos extrovertidos. Os brasileiros, so-

* Pois, conforme comentou Thomas Ewbank, no século passado, nosso clima "não favorece a severidade das seitas nórdicas. O austero metodismo ou o puritanismo jamais florescerão nos trópicos".

mos complicados e emocionalmente explosivos. Isso porque os sentimentos de uns para com os outros não são sempre compatíveis, nem a realidade amiúde corresponde aos sentimentos, nem exerce a inibição moral ou meramente social uma disciplina susceptível de coibir os excessos. A histeria assinala o limite neurótico do tipo de sentimento extrovertido — e nesse sentido qualquer neurose coletiva brasileira se encaminhará para uma expressão histérica.

Mas é necessário distinguir, no fenômeno, o lado nacional permanente de seu aspecto universal transitório. Podemos verificar que o mundo moderno, com sua revolução freudiana, suas arruaças de jovens, seus *happenings* teatrais e seus *hippies,* seu desarvoramento moral, o culto da violência sádica, a extensão do nudismo, a contaminação das artes plásticas e da literatura pela pornografia, o alastramento da homossexualidade e a "permissividade" sexual, está atravessando uma crise de subversão dionisíaca. As duas situações são, porém, apenas coincidentes. É mesmo possível que a família brasileira se preserve mais facilmente do contágio pelas desordens que o espírito agitado do Brômios anda soprando por este vasto mundo sublunar com o apelo de suas notas histéricas, graças exatamente ao fato de ser dionisíaca por direito de nascença. Pois, afinal de contas, chegamos a institucionalizar a folia de Momo, uma de nossas mais sólidas e veneráveis tradições, e incomparável no mundo.

É verdade que tudo pode constituir motivo para carnaval, pelo menos no Rio: as eleições, as revoluções, os congressos, os campeonatos de futebol, os concursos de beleza feminina e outros acontecimentos no gênero, susceptíveis de movimentar as massas e alegremente arrebatar a multidão. A histeria das Bacantes é no Brasil litorâneo um estado habitual e permanente. Faz parte da essência mais íntima da nossa alma popular. Não é, como na Europa setentrional ou na América do Norte, o resultado de uma crise cultural que nos enche de perplexidade; ou uma quiçá justificada reação contra os excessos da sociedade de consumo na civilização industrial materialista.*

* Por isso não me parece que possamos muito ganhar, em termos de verdadeiro esclarecimento da matéria, com a interpretação freudiana da música, da dança e do futebol brasileiros que nos oferece Pessoa de Morais. Por mais respeito que mereça o esforço de erudição e pesquisa do sociólogo pernambucano, em *Tradição e Transformação do Brasil,* lamento não poder acompanhá-lo em sua linha psicanalítica, pois julgo que pouco contribui para o entendimento da natureza do frevo, do samba ou da bossa-nova atribuí-los a um simples "alívio de conflitos" e "amortecimento

Denunciando apaixonadamente Sócrates e o platonismo, identificando-se com Dionísio como fez na fase inicial de sua loucura (durante a qual escreveu desregradas frases obscenas que a irmã mais tarde censurou em sua correspondência), Nietzsche pressentiu, profetizou e estimulou o desencadeamento das forças irracionais que hoje subvertem o mundo. Em seus raros momentos de serenidade e bom-senso, porém, o filósofo reconheceu que a cultura será sempre o produto de uma tensão equilibrada entre as duas tendências mentais que presidem respectivamente Apolo e Dionísio. Também na caverna de Delfos ao meio-irmão, que vinha do Oriente, abandonou Apolo a metade de seu poder...

A tragédia das *Bacantes* constituiu a grande contribuição de Eurípedes para o teatro dionisíaco e para a solução desse difícil problema. Seu sentido, porém, era dúbio e até hoje nos intriga, não parecendo que o fato de agora revivescer, sob o impacto das perturbações morais do mundo moderno, haja favorecido uma

de contradições". A explicação redutiva é muito pobre. Os brancos, negros e mestiços, nordestinos ou cariocas, não estão, na participação carnavalesca, meramente externando suas frustrações, seus ímpetos contidos pela "censura", seu instinto recalcado pelos preconceitos sociais e as "restrições do sistema semifeudal ou patriarcal".

Desde Paulo Prado e Gilberto Freyre sabemos que o problema psicológico brasileiro é precisamente o oposto. Nunca houve, em nosso meio, dificuldade em "desabafar as vozes crepitantes do sexo e de mil convenções". Menos ainda em "sublimar anseios contidos". E a explosão demográfica brasileira seria incompreensível se fôssemos admitir que o homem e a mulher do campo, "presos aos estafantes trabalhos da enxada... ficam sem poder realizar as extroversões" da vida sexual. O que caracteriza a vida coletiva no Brasil não é a repressão puritana dos instintos eróticos mas, pelo contrário, a quase total ausência de inibições à libertinagem do homem. O negro escravo sofreu inibições à sua atividade. Não porém, seguramente, em matéria sexual. A reprodução era mesmo incentivada pelos Senhores que nela descobriam vantagem econômica. Quanto à negra ou mulata, era sua concubina, era a prostituta ou a amante sempre desinibida. Mas escravos e Senhores todos gostavam de divertir-se.

A dança e a música representam, sem dúvida, sinais de extroversão libidinosa. Mas são manifestações espontâneas, destinadas a excitar ainda mais o ímpeto báquico — e não reações secundárias contra supostas tensões internas, impostas pelas convenções sociais que reprimem os instintos. O Freudismo pode ser aplicado à análise da sociedade introvertida e recalcada da época vitoriana, cujo ambiente influenciou o fundador da psicanálise. As obsessões sexuais dos anglo-saxões, escandinavos e huguenotes contemporâneos, estas, sim, se esclarecem à luz de uma teoria que reconhece a presença de um puritano *malgré lui* em todo *hippie* sebento e nu. Querer explicar do mesmo modo a psique brasileira só pode conduzir aos mais absurdos mal-entendidos.

melhor compreensão. Eurípedes talvez haja procurado denunciar seus críticos que o haviam torturado por suas inovações. A peça também possui um sentido profético, pois diz a tradição que o poeta morreu estraçalhado pelos cães do rei da Macedônia, onde procurara asilo. De qualquer forma, revela ensinamentos profundos que podemos vislumbrar não obstante suas muitas ambigüidades.

Reconhece Eurípedes o poder triunfante da paixão, da fúria erótica que chega ao êxtase místico. O grande trágico parece sofrer do contágio da emoção provocada por essa excitação religiosa, ao proclamar a necessidade de submeter-nos às forças desencadeadas da natureza humana.

Entretanto, também admoesta contra a superstição gerada por esses cultos convulsivos que podem ser causadores dos piores crimes. Dionísio está sendo condenado, pelo menos implicitamente, quando se diz que, "em seus ressentimentos, não devem os deuses imitar os mortais". E conclui o coro com uma exclamação cheia de asco: "Belo combate, esse em que se afogou a mão materna no sangue do próprio filho"!

Na verdade, a unilateralidade de qualquer tendência não é criadora: enfraquece, desvitaliza, esclerosa ou subverte a psique, sem nada gerar. Os gregos por isso associavam, de um lado, a "sóbria embriaguez" ou intoxicação da alma a uma orgia dionisíaca mitigada; e, do outro, à música harmônica que representa a transformação apolínea da emoção erótica. Eis um dos primeiros ensinamentos que obtemos em nossa análise psicológica do País do Carnaval: se pudéssemos gozar a expansão anual da préquaresma — uma *catharsis* — mas serenássemos posteriormente, em bela atitude apolínea, teríamos alcançado um equilíbrio ideal, ou seja, uma harmonia de cultura. Histeria coletiva sim, mas, por favor, uma só vez por ano!

PROMETEU E ADÃO

PROMETEU DESEMPENHA, na mitologia helênica, um papel semelhante ao de Adão no mito do Gênese. Incluído às vezes entre os sete Titãs que se rebelaram contra o supremo olímpico, seria ele o criador da humanidade civilizada, a quem ensinou, por inspiração de Athena, as artes da metalurgia, da matemática, da navegação, da medicina, da arquitetura e da astronomia. Em suma, representa para os gregos o protótipo do herói, criador da técnica, e se talvez a sua popularidade nunca tenha alcançado a de um Hércules, não pode haver dúvida sobre seus méritos especiais entre os semideuses.

Prometeu tinha um irmão, chamado Epimeteu, que desempenha no drama um papel significativo — o de sombra de Prometeu. Epimeteu carrega os aspectos negativos ou opostos aos da personalidade do herói — uma circunstância muito comum nesse tipo de relato mitológico. Sábio e prudente, Epimeteu conservou-se ao lado de Zeus na luta dos Titãs contra os deuses, tendo persuadido o irmão a adotar o mesmo partido neutro. As relações entre Prometeu e o grande Olímpico não tardaram, porém, a deteriorar. Prometeu, certa vez, conseguiu enganar o orgulhoso Júpiter, oferecendo-lhe os ossos de um touro sacrificado e guardando para os homens a saborosa carne do animal. Tendo percebido o engano, vingou-se Zeus da humanidade retirando-lhe o uso do fogo: "Que comam carne crua!" teria gritado (na versão de Hesíodo e de Luciano). Prometeu não se deu por vencido. Apelou novamente para Athena, a deusa da inteligência sua protetora, e pediu-lhe entrada no Olimpo por secreta porta traseira. Athena concedeu-lhe o desejo. Na celeste residência das nuvens, conseguiu Prometeu acender uma tocha na flamejante carruagem do Sol, obtendo uma brasa de carvão que sub-repticiamente trouxe à

terra. Foi assim que ensinou aos homens o uso do fogo: a primeira e sem dúvida a mais considerável das descobertas tecnológicas.

Nietzsche não se limitou a reduzir o dualismo fundamental da psique à oposição estética entre Apolo e Dionísio. Na *Genealogia da Moral,* fala-nos da dupla Prometeu e Adão. Prometeu e Adão seriam heróis irmãos, protótipicos de duas correntes de cultura paralelas, como aliás o estudo moderno da mitologia parece confirmar.

Prometeu é um herói nórdico, "ariano" e "Fáustico". Atesta seu talento para a visão trágica da vida. Rouba o fogo divino e paga com indizível e eterno sofrimento o crime cometido por amor dos homens. O fogo constitui-lhe o paládio que animará e movimentará a civilização nascente: o poder da técnica industrial que faculta à sociedade humana o domínio da natureza sem o auxílio divino. A nossa civilização ocidental é prometeana e podemos cultuar o titã que nos favoreceu com esse admirável mundo novo de conforto, poder e conhecimentos múltiplos. (Epimeteu, porém, abriu a caixa de Pandora, ato irrefletido em virtude do qual todos os males se espalharam pelo mundo, de que padecemos — inclusive a ilusória Esperança...)

Adão, no mito "semítico" ou meridional da Queda, é menos ativo. Age por reação. O drama edênico exibe a curiosidade, a mentira, a sugestibilidade, a concupiscência e toda a gama de fraquezas morais, principalmente femininas, que estariam na raiz do Mal — e seu sentido possui também um conteúdo erótico. A Bíblia na verdade subentende a responsabilidade da mulher no episódio da maçã, quase identificando Eva com a serpente, embora não abstraia a culpa de Adão. Com isso associam-se Eva e Pandora.

Assim, ao passo que a noção exaltada do crime, comportamento ativo, é propriamente prometeana e consubstancia o substrato ético da tragédia, é o pecado, no relato bíblico, atribuído inicialmente à mulher como fundamento trágico da ética. Ambos, Prometeu e Adão, desafiaram a autoridade divina. Ambos roubaram a Deus um de seus privilégios, Prometeu o poder, Adão o conhecimento. E se Prometeu, com seu roubo, desencadeia a revolução tecnológica, Adão, com sua desobediência, gera a cultura. Crime, pecado, sentimento de culpa, castigo, sofrimento, esperança. Sob o efeito desse drama, educa-se o herói e se fortalece a consciência como base para o desenvolvimento posterior da alma humana. Na distinção entre o Prometeu ariano, desafiando a Hubris e levado ao crime pela vontade titânica, e o Adão meridional, induzido ao pecado pela sedução feminina, temos dois pólos no *ethos* da cultura ocidental que nos formou.

Outro poeta, Carl Spitteler, destacou a personalidade de Prometeu da de seu irmão Epimeteu. Prometeu "pensa antecipadamente": é o tipo do intelectual ativo e operário criador — *Homo faber* e *Homo sapiens*. Epimeteu, ao contrário, pensando *a posteriori*, já aparece no *Protágoras* de Platão como representante do Eros que dispensa as forças da vida. Se Prometeu é um rebelde que transforma tecnologicamente o mundo, Epimeteu aceita a natureza tal como existe, artisticamente, a ela se adapta e tudo faz para retornar ao passado caótico de cujo seio materno emergiu.

Mas talvez estejamos a sair de nosso campo de estudo. Enlevados pelo prazer da especulação, nos intrometemos na seara alheia, a dos filósofos, mitólogos e teólogos. Quiçá não sejam o Gênese e a mitologia grega suscetíveis de fertilizar o terreno onde estamos plantando a pequena semente da nossa interpretação do Brasil, da qual esperamos abundante colheita analítica.

Mas por que não? O dualismo de Apolo e Dionísio, de Prometeu e Adão, ou de Prometeu e Epimeteu, servem para polarizar a nossa cultura e como tal orientam de certo modo a nossa psicologia coletiva. Não nos será difícil concluir que o brasileiro não é propriamente um homem prometeano, embora revele desde logo o atavismo epimeteano de nosso velho pai Adão. Recolhemos aqui um outro pequeno tijolo para o edifício de nossa caracterização coletiva. Haveria assim um tipo de cultura prometeana, que corresponderia à dos países industrializados da Europa ocidental e América, e haveria um tipo de cultura epimeteana ou adâmica que seria a dos povos do Mediterrâneo e latinos. O nosso esforço atual de Desenvolvimento se exerce no sentido de nos deixar penetrar com um pouco do espírito de Prometeu...

O BELO E O BOM

VAMOS AGORA FALAR de Schiller. O grande poeta romântico exprimiu, nas suas *Cartas Sobre a Educação Estética do Homem*, certas idéias que têm interessado os filósofos, os moralistas e os psicólogos modernos por tocar no problema sutil das relações entre o Belo e o Bom.

O que desperta a nossa atenção nessa obra de Schiller é a análise que faz da aparente incompatibilidade entre os sentimentos estéticos e as virtudes morais e cívicas do homem. O Belo e o Bom seriam adversários. Afirma Schiller, com certa razão, que não se pode citar um único exemplo de povo em que *belos* costumes se aliem a costumes *bons*, ou em que o refinamento do comportamento se coadune com a sua verdade. "Qualquer que seja a parte do mundo antigo a que possamos dirigir nossas vistas, vamos constatar que sempre o gosto e a liberdade se excluem, de modo que a beleza só estabelece seu domínio sobre o desaparecimento das virtudes heróicas." Para Schiller, que era um esteta formado numa cultura ainda fortemente impregnada de austeridade luterana, a influência da beleza é perigosa para a verdadeira cultura do homem.

Toda a obra de Schiller visa, no entanto, a transcender essa incompatibilidade empírica, descobrindo um terreno ideal onde virtude e beleza, o ético e o estético, ao invés de se oporem numa antítese aguda, se possam suavemente conciliar em terreno propício às mais altas criações da cultura. O tálamo onde se encontrariam os opostos é o da "atividade de fantasia criadora" — função intuitiva que Schiller denomina "instinto de jogo". Pois se, como diz ele, o homem só é inteiramente homem quando

brinca, o objeto do instinto de jogo é a beleza pura: "O homem deve brincar com a beleza. E só com ela".

A incompatibilidade do Belo e do Bom gera uma problemática que já preocupava gravemente os filósofos gregos. Platão acreditara haver superado a questão, ao identificar o Belo com a Idéia do Bem. Citava a máxima de Theognis, "amar aquilo que é belo." No Cristianismo meridional, especialmente no Catolicismo do Renascimento e do Barroco, a fusão se processa a ponto de se conceber o supremo Bem como a contemplação beata da Divindade — idéia que é concretamente expressa pela transfiguração artística do ritual religioso. A severa ética mosaica, herdada do Velho Testamento, vai aos poucos se diluindo no Catolicismo italiano em benefício de uma religião de pura beleza, de amor e ritual. A Reforma constituiu um protesto veemente contra essa ênfase excessiva sobre os aspectos puramente estéticos e eróticos da religião: no Calvinismo a ética se torna puritana e a beleza é temida, tornando-se suspeita como tentação diabólica.

No pensamento de Kierkegaard a tensão dolorosa entre o mandamento ético e a sedução estética atinge um alto grau de intensidade filosófica. Ao postular três atitudes que se superpõem hierarquicamente, a saber, a atitude estética, a atitude ética e a atitude religiosa, o pensador dinamarquês exprime a angústia luterana diante do conflito entre padrões de comportamento que se excluem mutuamente. *Enter Eller* — "Ou isto, ou aquilo": eis o título problemático de sua obra.

Vamos encontrar a influência da Alternativa kierkegaardiana no brilhante ensaio de interpretação do Brasil, empreendido por Mário Vieira de Mello em seu livro *Desenvolvimento e Cultura*. Vieira de Mello postula uma oposição inconciliável entre o imanente e o transcendente, entre o cósmico e o acósmico, entre o estético-científico e o ético-político. Essas oposições servem para caracterizar a tensão entre o mundo do Renascimento italiano e o mundo da Reforma de Lutero. Não temos dúvida quanto à intenção do autor: seu propósito é fazer a crítica definitiva da tradição estética renascentista dentro da qual foi formada a sociedade, ou o que já poderíamos considerar a "cultura" brasileira, apresentando, em conclusão, o mundo da ética socrática como exemplo ou paradigma supremo para nossa educação e a possível correção de nossos mais graves defeitos.*

* Uma distinção do mesmo tipo serviu ao ensaísta argentino Leopoldo Lugones para propor a existência de dois tipos bem definidos de cultura: a Cultura da Verdade que é essencialmente ética, própria da Reforma e

A esta altura da análise, verificamos que, novamente, nos estamos embrenhando num debate filosófico que só de longe parece incidir sobre o tema precípuo deste livro. O fato, todavia, é que o árduo problema da incompatibilidade porventura existente entre o estético e o ético receberia um acréscimo de esclarecimento se o pudéssemos apreciar numa perspectiva estritamente psicológica. Duas tendências divergentes são aí evidentes. Se é bem verdade que certos povos da Europa ocidental e América do Norte vieram, sob influência protestante, a se preocupar acima de tudo com o fenômeno ético-político, considerado sob o prisma

---

criadora da civilização técnico-científica; e a Cultura do Belo, que seria característica da Renascença e da tradição mediterrânica. A primeira é evidentemente a cultura prometeana que se desenvolveu na Europa ocidental, principalmente germânica e anglo-saxônica ou ainda, com maior precisão, na Europa calvinista de onde passou para a América do Norte; ao passo que a segunda representa aquela que nos formou, a nós brasileiros como a todos os povos da América meridional.

Lugones associa o desenvolvimento técnico-científico à civilização protestante do Norte. Essa tese me parece mais correta do que a de Vieira de Mello no que diz respeito à relação do estético com o *científico,* e de ambos com o Renascimento. A maior parte dos autores tem, na verdade, apontado para o caráter prometeano ou fáustico da civilização tecnológica desenvolvida na Europa nórdica. Essa civilização protestante da "Verdade" é ética e é também científica, qualquer que seja a secreta conexão entre as duas categorias de cultura. Ao contrário de Vieira de Mello, porém, Lugones era estetizante e não se curvou perante o mandamento socrático que exige a correção das tendências exageradamente imanentistas, amoralistas e românticas de nossa história. Nesse ponto prefiro o autor brasileiro ao argentino.

Como muito bem me recordou Walter Benevides, em comentário a meu livro *Psicologia do Subdesenvolvimento,* "o antagonismo entre esses dois tipos se manifesta, entre mil outros exemplos, e da maneira mais radical, na conclusão de dois dos monumentos que melhor contribuíram para a cultura do Ocidente: a *Divina Comédia* e a *Crítica da Razão Pura.* De um lado Dante, o perfeito erótico, encerra o máximo poema com um cântico à Virgem em que, ofuscado pelos fulgores do Paraíso, se convence ser 'o amor que move o sol e outras estrelas'; de outro Kant, contemporâneo da emergência da burguesia e nela integrado, despede-se do seu livro com um severo axioma 'duas coisas enchem o espírito de sempre nova e crescente admiração e respeito, quanto mais freqüente e demoradamente a reflexão nelas se aplica: o céu estrelado acima de mim e a lei moral dentro de mim'."

Benevides observa que o biótipo do *homo economicus* distinguível por uma série de traços, variáveis com as épocas e lugares, mas obedecendo a uma constante — a racionalização existencial — foi traçado por Werner Sombart em *Der Bourgeois,* publicado em 1913. O seu antônimo seria o *homo eroticus,* que somos nós.

da educação para a formação do caráter, para o conhecimento da verdade e a orientação social segundo padrões de um rígido moralismo; se é também verdade que outros povos, entre os quais os latinos da Europa meridional e da América do Sul, tendem para uma vida de contemplação meramente estética, desprezando os princípios e virtudes cívicas abstratas sem as quais é impossível ou, pelo menos, extremamente difícil a estruturação de uma sociedade ordenada, poderosa e desenvolvida — então o que se imporia é a pesquisa metódica das circunstâncias históricas que determinaram essa diferenciação. Convenhamos que ela ocorreu naquele momento crucial da história européia marcada pelos grandes Descobrimentos, o Renascimento e a Reforma. Por que seguiram alguns na tradição do Renascimento, como nós; e outros na linha da Reforma, como os norte-americanos? E se somos forçados a constatar que aqueles se organizaram politicamente e se desenvolveram industrialmente, passando para a vanguarda da civilização, ao passo que estamos nós marcando passo no subdesenvolvimento — que peso devemos atribuir aos fatores psicossociais que influenciaram um destino tão diverso?

O fato é que a Reforma protestante não nos atingiu. O Renascimento italiano se desenvolveu sob a forma, entre outras, de uma revivescência do esteticismo pagão, enquanto os austeros imperativos morais da Contra-Reforma, representados na história de nossa formação colonial pela disciplina dos Jesuítas, não conseguiram sobrepujar os impulsos do amoralismo renascentista, exemplificados na luxúria e cobiça desregradas dos Bandeirantes. Certos fatores inconscientes, relacionados como a própria estrutura arquetípica da cultura, devem portanto haver exercido uma influência determinante sobre a direção que tomou o nosso desenvolvimento. Na configuração de uma cultura, em suma, não podem os fatores psicológicos ser menosprezados. Eles contribuem para elucidar o pendor de uns pelo Belo supérfluo e mentiroso e de outros pelo Bem, verdadeiro e eficiente ainda que feio.

Este é um livro de psicologia. O que nos interessa, do ponto de vista analítico, é a associação existente entre as formas de cultura e o temperamento dos povos. A psicologia talvez não nos ofereça uma *explicação* satisfatória de fenômenos culturais tão complexos quanto estes que estamos debatendo. Ela fornece pelo menos certos dados que nos orientam na discussão e contribuem para retirar o problema da penumbra em que jaz.

O Belo e o Bom são categorias metafísicas transcendentes. Elas não parecem facilmente adaptáveis a uma caracterização de culturas nacionais. O perigo do uso de tais categorias no sentido

psicológico pode ser ilustrado pelo emprego abusivo que faz o senhor Cassiano Ricardo do adjetivo "bom" para definir o homem brasileiro. Contrariando a tendência dos críticos, os quais são quase unânimes em acentuar a predominância dos sentimentos estéticos sobre as virtudes éticas na comunidade brasileira (embora possam discordar quanto ao valor cultural relativo de tal predomínio), Cassiano Ricardo vai ao extremo de identificar, sem qualquer justificativa válida, a própria bondade com a humanidade de nosso povo: o "homem bom"! O autor reduz, em suma, uma categoria ética e metafísica a um traço psicológico inato do homem brasileiro.

Na verdade, o que apenas podemos verificar, como um dos paradoxos da Cultura, é que os povos eróticos estetizantes como o nosso não são necessariamente "ruins" tampouco. Nem constitui o *ethos* protestante uma fórmula necessariamente mais indicada para corrigir a maldade inata do homem. Os Italianos são, certamente, entre os grandes povos europeus, o mais amoral. A Itália é a terra do crime passional, dos ladrões napolitanos, da Mafia, de Al Capone e da Cosa Nostra, de César Bórgia, Casanova e Cagliostro. A história da Itália não registra, contudo, exemplos horripilantes de crueldade coletiva como os que notabilizaram seus vizinhos. Os Italianos talvez sejam os mais "humanos" de todos os europeus e sua península a terra mais doce de se viver.

A mesma observação é válida para o Brasil. A nossa sociedade católica, ao exaltar o amor e polir os sentimentos no ambiente afetivo da Grande Família, acabou obtendo resultados mais positivos, no sentido de abrandar os efeitos hereditários do crime de Caim, do que o austero imperativo categórico que disciplina os Protestantes do norte.

É por isso que a distinção que acabamos de examinar entre o ético e o estético propõe problemas — não os resolve. A distinção é fértil na sugestão de caminhos a trilhar em nossa pesquisa. Abre perspectivas amplas para a condução da análise e poderemos, graças a ela, após nova circunambulação psicológica, penetrar mais profundamente na essência de nossa cultura em gestação. Mas antes de nos atrevermos a generalizações em termos éticos ou estéticos, é mister desvendar a constelação psíquica que afeta a formação da cultura e só é corrigível por um esforço pedagógico consciente, na base de um paradigma socrático: educação para a virtude.

A Cultura é o produto, entre outras coisas, da tensão entre o Belo e o Bom. O propósito da Cultura é, entre outros, sobre-

pujar o conflito do ético com o estético para alcançar aquela suprema identificação platônica da Idéia do *Agathon* com a contemplação de Deus. Sendo assim, e aceitando embora a contragosto o pensamento simplista de Keats, para quem

Beauty is truth, truth beauty — that is all
Ye know on earth, and all ye need to know —

devemos assinalar que as categorias transcendentes do Belo e do Bom não podem servir a um princípio de análise, porém sobressair na sua conclusão.

O EGO, SUAS ATITUDES E FUNÇÕES

NO ENSAIO *Sobre a Energia Psíquica* (1912-1928), e na obra *Tipos Psicológicos,* que data de 1920, coloca Jung em termos gerais a tese energética aplicada à psicologia. A teoria jungiana pressupõe a extensão universal do princípio do dualismo arquetípico, pois toda energia implica uma polaridade positivo x negativo. A comparação pode ser feita com um circuito elétrico. Aos dois pólos chamamos simplesmente de "opostos". Quaisquer que sejam os opostos e como quer que possam ser definidos, o problema psicológico resume-se numa tensão bipolar que procura ser resolvida: quanto maior a tensão, maior a energia concentrada pela psique; quanto menor a oposição, tanto menor a energia manifesta. A intensidade psíquica mede-se através dessa tensão, nos mais diferentes níveis da vida interior.

Sobretudo no segundo daqueles livros, nosso autor, freqüentemente tão nebuloso, complexo, obscuro e abstrato, oferece-nos uma exposição eminentemente clara da sua teoria — e é graças a ela que vamos tentar uma aproximação definida do problema da psicologia coletiva brasileira.

Jung fala-nos em *atitudes* e em *funções da consciência.* A combinação das atitudes com as funções e bem assim a tensão energética que a atitude e funções dominantes na consciência criam em relação à atitude e funções que se lhes contrapõem no Inconsciente vão inicialmente permitir a configuração dos *tipos psicológicos.*

A teoria das funções possui, à primeira vista, um aspecto bastante esquemático. Não há dúvida que todo esquema é ridiculamente insuficiente para descrever o aspecto caleidoscópico da personalidade individual, a riqueza proteiforme da vida, a complexidade estupenda da alma. O que porventura ganha o esquema em clarificar a exposição da teoria, torná-la mais visual ou

mais acessível ao neófito, vai perder pela generalização indevida do que, na essência, é impreciso, vago, confuso, complicado. Que o leitor, porém, leve isto em consideração: o esquema das funções não constitui uma estrutura rígida, como a quadrivalência da molécula de carbono, mas apenas um modelo à luz do qual se procura pisar em terreno ainda mergulhado nas impenetráveis névoas da madrugada.

As pesquisas de Jung no campo da tipologia psíquica emergiram diretamente da tentativa de conciliar o famoso conflito doutrinário que cindiu o movimento psicanalítico em gestação — entre a insistência de Freud sobre o caráter pan-sexual da Libido e a tese de Adler relativa à subordinação do "complexo de inferioridade" ao instinto de poder ("A vontade de domínio" de Nietzsche). Jung primeiramente concebeu o dualismo psíquico sob a forma de uma oposição entre a atitude dita "extrovertida", isto é, dirigida sobre os objetos do mundo exterior, e a atitude chamada "introvertida", o que quer dizer concentrada sobre as imagens, idéias e sensações do mundo interior.

A tipologia da extroversão e da introversão tornou-se bastante conhecida, mesmo na observação de qualquer leigo, para que sobre ela seja necessário insistir. As expressões entraram para a linguagem corrente. Basta mencionar que, inicialmente, parece Jung ter desejado associar a atitude extrovertida com Freud, a função afetiva, Eros e o instinto sexual; e a atitude introvertida com Adler, a função do pensamento (Logos) e a vontade de poder. No mesmo sentido, o tipo prolífico de Blake seria extrovertido e o tipo devorador introvertido. O dionisíaco de Nietzsche extrovertido, o apolíneo introvertido. Prometeu introvertido, Epimeteu extrovertido.

O tipo extrovertido corresponde suficientemente ao tipo *romântico* da classificação de W. Ostwald. Em contraposição ao tipo *clássico* (introvertido) que procura "a perfeição sobre todos os pontos de vista, uma existência reservada e uma ação pessoal bastante fraca sobre o meio", dispõe o Romântico de uma grande velocidade de reação. O que lhe seria típico é a multiplicidade e originalidade do comportamento.

Extroversão e introversão não são propriamente *caracteres.* São sobretudo mecanismos que dirigem a Libido para fora ou para dentro. O extrovertido derrama-se para fora, não tendo gosto pela introspecção. O mundo interior geralmente o amedronta, o apavora. Pelo menos, procura tanto quanto possível evitá-lo.

Introvertidos e extrovertidos. Oposição perene dos tipos psicológicos. Não é o mesmo sentido destes versos de João Cabral de Melo Neto?

Há gente para quem
tanto faz dentro e fora
e por isso procura
viver fora das portas.
E em contra existe gente,
mais rara, em boa hora,
que se mostra por dentro,
se esconde por fora.
Há gente que se aquece
por dentro, e há em troca
pessoas que preferem
aquecer-se por fora.
Há gente que se gasta
de dentro para fora.
E há gente que prefere
gastar-se no que choca.
Há gente que se infiltra
dentro de outra, e aí mora,
vivendo do que filtra,
sem voltar para fora.
E passa outra gente
que se infiltra e retorna
vivendo com o de dentro
que subtraiu na volta.

No conto "Trio em Lá Menor", Machado de Assis também apresenta dois tipos característicos, Maciel, de vinte e seis anos, Miranda, de cinqüenta — dois homens em que, ao mesmo tempo, pensa amorosamente a heroína. O primeiro moço, alegre, social, cordial, interessado na vida das pessoas — um extrovertido... fastidioso. O outro, alto, seco, duro, gelado, macambúzio, porém engenhoso, fino, pensativo, profundo, interessado em idéias, espiritualmente completo. Introvertido. Machado apresenta-os diante da namorada com mais de vinte anos de diferença nas idades. Isso, talvez porque sempre imaginamos o Eros mais identificado à mocidade da vida, o Logos à maturidade e velhice. Mas será sempre assim?

A situação regista, de qualquer forma, "a mesma insuficiência individual dos dois homens e o mesmo complemento ideal por parte dela". Dois olhos de gato, duas estrelas impressas na retina, duas rodelas de opala em si mesma, uma bela estrela dupla que se desdobra em duas porções. E a heroína cria a imagem de um

tertius idealmente perfeito, ouvindo uma voz surgindo do abismo, com palavras que não entende:

é a tua pena, alma curiosa de perfeição; a tua pena é oscilar por toda a eternidade entre dois astros incompletos, ao som desta velha sonata do absoluto: lá, lá, lá.

No que diz respeito às quatro *funções* elementares de orientação mental, afirma Jung que elas são irredutíveis, abrangem a totalidade da atividade psíquica e correspondem ao que seria uma estrutura arquetípica quaternária, ou duplamente bipolar.

O primeiro par de funções, chamado "racional", compreende o *Pensamento* e o *Sentimento*. O segundo par, considerado "irracional", é formado pela Intuição e a Sensação. Permitem essas quatro funções "a orientação na situação momentânea, tão perfeitamente quanto a especificação geográfica de latitude e longitude". Daí a possibilidade de exprimir a teoria graficamente, através de um sistema de coordenadas (fig. 1).

Vale acrescentar que o termo "racional" deve ser qualificado: há duas "razões", a razão do sentimento (*la raison du coeur*, como dizem os franceses) e a razão intelectual ou lógica propriamente dita, que corresponde ao termo filosófico Razão ou Logos.*

Diante de um objeto, a primeira função que utilizamos é a de *Sensação*. Esta fornece-nos uma impressão imediata, visual, auditiva, olfativa — a forma, a cor, o cheiro, o gosto, a temperatura, a consistência, e outros dados de percepção susceptíveis de serem colhidos pelos cinco sentidos. Jung admite possa a consciência ter tido uma origem octodérmica na lenta evolução dos organismos vivos.

Função de percepção direta que nos permite apreender a realidade ambiental imediata, a Sensação é denominada pelos franceses *la fonction du réel*. É a *empiria*, a experiência segundo Aristóteles. Os tipos de sensação seriam, por conseguinte, realistas, pragmáticos, "quadrados" ou hedonistas. O critério fundamental da Sensação é o da existência ou não de um objeto e o da forma de

*** O desenho cruciforme representa, no entanto, mais do que uma simples imagem diagramática pois é o elemento primordial da metapsicologia jungiana. Ele estaria, de certo modo, relacionado com uma quaternidade cosmológica básica que se exprime, no plano físico, pelas quatro direções do compasso e, no plano psíquico, pela imagem quadrangular chamada *Mandala*.**

existência desse objeto. Para a filosofia empiricista, que se desenvolveu na Inglaterra nos séculos XVII e XVIII, todas as demais funções da psique seriam epifenômenos da Sensação: ofereceria esta o primeiro passo para o conhecimento, segundo a fórmula: *Nihil est in intellectu quod non fuerit in sensu.*

É também possível compreender o objeto através de idéias, conceitos abstratos, noções e deduções lógicas quanto às relações de causa e efeito do objeto com outros objetos cuja imagem é guardada em nossa memória. Estabelecendo uma escala de valores, na base do critério epistemológico "verdadeiro" ou "falso", a função do *Pensamento* dirá exatamente *o que é o objeto,* utilizando um sistema preexistente de conhecimento conceptual. Dirá, por exemplo, que o objeto que acabamos de perceber é uma flor. Graças à análise da cor e da forma do objeto, chegará à conclusão de que a flor pertence a uma determinada espécie: uma rosa.

Na era racionalista comparou-se o cérebro a uma complexa máquina. O Pensamento possui efetivamente uma frieza, uma precisão, um estilo matemático de trabalho que o assemelha a um mecanismo de relojoaria. Compara-se hoje também o cérebro a um computador eletrônico, porque o computador "pensa" em termos que correspondem à forma de atividade mental matemática. Melhor será dizer, contudo, que a máquina é a maior criação objetiva, uma projeção do Pensamento racional. Um exame atento do funcionamento psíquico esclarecerá, porém, que o Pensamento não pode ser identificado com a totalidade psíquica nos termos do *Cogito, ergo sum* cartesiano. Função extraordinariamente diferenciada e autonomizada no caso pessoal de Descartes, o qual vem a representar o intelectualismo característico do desenvolvimento cultural do Ocidente nos últimos trezentos anos, o Pensamento é apenas uma das funções psíquicas, grande conquista da inteligência humana; traço distintivo do *homo sapiens* concebido na Idade da Razão; reflexo entre nós do Logos transcendente e, como tal, privilégio divino. Mas não é a Totalidade.

Ora, se o Logos possui seu espelho cerebral, manifesta o Eros sua presença graças à função diferenciada do *Sentimento.* Deparamo-nos aqui com uma outra escala de valores, consoante uma razão que lhe é própria. Já avisava Pascal: o coração tem suas razões que a Razão desconhece. O julgamento afetivo de valor ocorre através de pontos de vista determinados pelo princípio do "prazer-desprazer" ou, em se tratando de julgar pessoas, segundo o critério "simpático-antipático". O Sentimento configura assim uma arte social, um precioso instrumento de relações humanas. Gostamos ou não desta flor. Achamo-la maravilhosa ou

murcha: é um critério de valor. Por uma associação afetiva (o que vale ela para mim?), a rosa evoca lembranças e inspira um humor alegre ou triste. Para o romântico, a flor não será o motivo de uma pesquisa de botânica. Para o mitólogo, evocará Afrodite e seu filho Eros — evocando também Dionísio e os cultos eróticos da Antiguidade. Para o poeta uma rosa é uma rosa é uma rosa...

Jung considerou inicialmente afetivos todos os extrovertidos. Como suas reações imediatas são naturalmente *pessoais,* uma vez que é a pessoa o objeto normal dos afetos, a atitude extrovertida leva o indivíduo a exprimir diretamente seus conteúdos afetivos perante o objeto. O extrovertido afetivo faz sentir sua presença por uma irrefragável exigência interna. Simultaneamente, abandona-se ao ambiente que o cerca e, nesse rápido e intenso comércio, os laços pessoais positivos e negativos se formam e se desfazem com grande intensidade. Mas também, porque rápida é a reação, a transferência ou exteriorização dos conteúdos afetivos é às vezes pouco cuidada, atabalhoada, confusa, nervosa.

No que diz respeito ao problema específico do Pensamento e do Sentimento a distinção proposta pela teoria das funções não constitui uma veleidade caprichosa da psicologia de Jung. Ela se fundamenta numa oposição bastante conhecida e geralmente admitida. Que as emoções, os afetos, as paixões, os humores pertençam a um quadro que exclui as definições racionais e intelectuais; e que, inversamente, uma cultura puramente intelectual, colocando o frio raciocínio, consoante uma lógica estricta de conceitos abstratos, acarrete aos poucos o esvaziamento do poder de sentir, o resfriamento dos laços "cordiais", o ressecamento da faculdade de amar, de sofrer e de detestar — eis que nos parece desde logo evidente.

A questão reflete-se, igualmente, no plano estético. Dir-se-á, por exemplo, que a forma, no comando da composição, imporá uma disciplina rígida e intelectual, em contraste com a profundidade e riqueza afetiva das cores. Aliás, a distinção entre a forma clássica e a forma impressionista reflete a mesma oposição. Assim também as cores "frias" — azul-claro, amarelo — sugerem o pensamento; ao passo que as cores "quentes", sobretudo vermelho, despertam as emoções. Num sentido cultural ainda mais vasto, a distinção corresponderia, grosso modo, à da Cultura, clássica e da Cultura romântica.

Jung e seus discípulos consideram de suma gravidade o *complexio oppositorum* pensamento x sentimento na vida moderna. Segundo o pensador suíço, grande parte dos desequilíbrios políti-

cos e sociais do mundo resulta do intelectualismo e racionalismo extremados da civilização tecnológica industrial, nos países protestantes mais avançados, determinando o recalque das funções afetivas. Estas, mergulhadas no Inconsciente, passaram a agir de maneira negativa, através de surtos emocionais coletivos, de caráter muitas vezes pernicioso. Foi o caso do nazismo na Alemanha, no fundo uma explosão de repaganização romântica que degenerou em paranóia coletiva. A rebelião dionisíaca que afeta, em nossos dias, a juventude dos Estados Unidos e de outras nações superindustrializadas deve ter a mesma explicação.

Pela função de *Intuição* — a quarta de nosso esquema — estaremos habilitados a agarrar imediatamente o significado do objeto em suas profundas relações de possibilidade com o mundo ambiente e com a nossa própria psique. Contrapondo-se num mesmo nível irracional à Sensação, a Intuição é também uma "percepção" das coisas. Mas não na dimensão do espaço, na do *tempo*. É uma percepção não do pormenor sensível, porém do sentido oculto e último, da potencialidade de relações e conseqüências do objeto, o qual aparecerá freqüentemente na sua dignidade simbólica por via subliminal. É algo que nos cai do céu, de repente. Na cabeça. Como dizem os alemães, uma *Einfall*. Milagrosa faculdade, "vê" subliminarmente a *realidade subjetiva* e futura, sem ligação lógica imediata com os fatos sensíveis.

Voltando a nosso exemplo prático: a Intuição nos cochichará, como se fora por uma voz interior, oracular, uma certa idéia ou imagem, se essa rosa simboliza pureza, pesar ou paixão e se cabe ou não enviá-la à namorada...*

O desenvolvimento da personalidade por efeito da educação, partindo da constituição inata, acarretará, naturalmente, a diferenciação de uma das funções em detrimento das demais. Essa função diferenciada, como dominante, ergue-se à categoria de *Função Principal* com as duas outras, do outro par, caracterizando-se então como Funções Auxiliares. A quarta função, que se opõe à Função Principal na mesma chave, passa a agir como uma Sombra inconsciente, a título de *Função Inferior*. A combinação das atitudes com as funções cria um prisma de oito tipos psicológicos fundamentais.

Jung e seus seguidores desenvolveram a teoria das funções de maneira extremamente pronunciada e se não nos cabe aqui transmitir conclusões mais pormenorizadas, devemos novamente destacar — como é mister aliás fazê-lo com relação a toda e qualquer tentativa de classificar os homens de acordo com tipos constitucionais — que não existem "tipos puros" desta ou daquela função. Nem desta ou daquela atitude. No correr do desenvolvimento psíquico, o nosso esquema pessoal pode e tende mesmo a mudar — com um câmbio de atitude muito sensível na *segunda metade da vida*, isto é, após os trinta e cinco ou quarenta anos de idade. Na medida em que "integramos" a nossa personalidade, nota-se um progressivo enriquecimento funcional, com uma utilização mais equilibrada das várias funções ou a substituição da oposição hostil pela tensão criadora.

Não é, contudo, fácil determinar empiricamente qual a função dominante em cada indivíduo ou grupo social, sobretudo se o sujeito é introvertido. Mas é tal função que determina prevalentemente o "tipo psicológico". Com as modificações que possam eventualmente ocorrer por força da educação, das necessidades profissionais e das "conversões", às vezes violentas, da idade madura — o que é certo é que a diferenciação funcional é tanto mais rica e completa quanto mais se sobe na escala cultural, constituindo um *habitus* relacionado positiva ou negativamente com os tipos reinantes na família e, em traços mais amplos, com os tipos habituais coletivos*.

* Não é uma flor da botânica. É a flor de Mallarmé: *Je dis une fleur! et, hors de l'oubli où ma voix relègue aucun contour, en tant que quelque chose d'autre que les calices sus, musicalemente se lève, idée même et suave, l'absente de tous bouquets.* (Digo: uma flor! e, para fora do esquecimento em que minha voz relega todos os contornos, se levanta, musicalmente, diferente de qualquer broto conhecido, aquela que está ausente de todos os ramalhetes, a idéia em si e suave.)

* Com a teoria geral das funções criou Jung uma tipologia que trouxe notável contribuição para uma ciência tão velha quanto Hipócrates. Jung entra para um rol que registra nomes ilustres como os de Klages, Adler, Weininger, Kretschmer, William James, F. Jordan e W. Sheldon.

As funções elas próprias são conhecidas desde a Grécia. Pitágoras também falava em pensamento, sentimento e intuição. Esquemas triúnicos ou quaternários do mesmo tipo aparecem no correr de toda a história da psicologia. Mais recentemente, nas *Lebensformen* de Spranger, encontramos uma tipologia de caráter psicossocial ou psicocultural que postula a existência de 1) um "homem teorético" ou do conhecimento, correspondente ao tipo de Pensamento de Jung; 2) um "homem utilitário" ou da economia, paralelo ao tipo de Sensação jungiano; 3) um "homem religioso" que, de certo modo, se aproxima do tipo introvertido intuitivo; e, finalmente 4) um "homem social" de características idênticas ao tipo de Sentimento.

A concepção de Jung apresenta, no entanto, a vantagem de ser estritamente psicológica. Oferece um sistema de orientação e um quadro des-

Verificamos que é sempre possível projetar o sistema de dinamismo bipolar da psique sobre tipos de cultura ou tipos de sociedade opostos. A polarização é não somente praticável mas muito útil. Isso porque *só podemos compreender o nosso tipo de cultura e de sociedade contrapondo-o ao tipo oposto.* Sendo assim, para a caracterização da coletividade brasileira e de seu tipo humano mais comum, temos que destacar a psicologia de suas figuras prototípicas, face às coletividades de temperamento ou natureza opostos, e face à sua própria Função Inferior inconsciente.

A prova do *pudding* psicológico só aparece ao comê-lo. É a observação empírica e clínica ou o exame de consciência que demonstram ser os pares de funções Pensamento e Sentimento, Sensação e Intuição, mutuamente exclusivos. O que quer dizer que não podem agir simultaneamente. O acréscimo de intensidade energética de uma função, na consciência, implica necessariamente a ativação inconsciente da função oposta: *Yang* e *Yin*. Em outras palavras: todos nós dispomos das quatro funções, nem seria concebível que estivéssemos privados de uma ou de outra. Mas utilizamos sempre, *principalmente*, uma das quatro funções, com o possível apoio de uma ou mesmo duas funções, ditas subsidiárias. As funções excluídas não desaparecem por isso, mas continuam a agir inconscientemente.

O Inconsciente tem que ser definido negativamente como composto daqueles elementos, conteúdos, funções ou processos que se desenvolvem independentemente da atenção desperta do Ego, mas cuja realidade pode ser demonstrada através de seus sintomas ou de suas manifestações nos sonhos, delírios, atos fortuitos, tiques, símbolos, mitos, fantasias, alucinações, inspirações, etc.

O equilíbrio psíquico é mantido graças ao caráter, por assim dizer, "compensatório" do sistema inconsciente.

Na psique e em torno de seu Centro colocam-se as quatro funções básicas que estão constitucionalmente sempre presentes. A

critivo sensivelmente mais rico do que os demais. Antes da guerra, a tipologia jungiana gozou de imenso sucesso e foi amplamente debatida nos círculos científicos da Europa e da América. Mas, embora tenha caído em certo olvido, nada perdeu de seu valor e atualidade. O que cabe sobretudo salientar é que, ao contrário dos demais sistemas de tipologia psicológica que são rígidos e estáticos, a fórmula jungiana é essencialmente fluída e flexível, pois concebe, dentro de uma estrutura constitucional precisa, a dinâmica consciente x inconsciente numa tensão cambiante. e susceptível de cobrir praticamente todos os casos submetidos à análise empírica.

diferenciação vai processar-se através do jogo das funções com as atitudes introvertida ou extrovertida, num plano de maior ou menor consciência. O domínio de uma função não impõe portanto a eliminação ou exclusão da função oposta, mas apenas o seu exílio ou ativação inconsciente. Graças a tal operação é mantido o equilíbrio psíquico. Uma diferenciação exagerada de determinada função exacerba a faculdade oposta, dormente no Inconsciente — e, se a tensão assim gerada for suficientemente intensa, pode resultar na ruptura do equilíbrio, o que quer dizer a neurose.

O caráter compensatório do sistema Inconsciente completa-se com a regra: quando a função dominante é extrovertida, a inferior é introvertida. E vice-versa. Assim, o tipo afetivo extrovertido terá como função inferior o pensamento introvertido o qual entrará na psique "pela porta dos fundos", inspirando idéias negativas, noções mentirosas ou conclusões pueris relacionadas com fatos ou objetos do mundo interior.

O mecanismo de compensação é muito característico da função psíquica. Tomemos um exemplo: um general está elaborando o plano estratégico de uma batalha, mas sabe que o filho se encontra num dos batalhões da primeira vaga de assalto. Frio e treinado por uma disciplina de ferro, eliminará de sua atenção a imagem do filho, reprimindo seus sentimentos. O sentimento, porém, não desaparece e provocará pesadelos, mau humor, rompantes, tiques nervosos, atos falhos e outras manifestações sintomáticas do conteúdo reprimido.

A compensação, em casos agudos, poderá provocar um rompimento total com a realidade. Nos casos psicóticos por exemplo. O Rubião — frustrado, sem amigos, sem grandeza, doente de amor — ver-se-á compensatoriamente, no espelho que é a alma, como um novo imperador dos franceses, Napoleão, levando sua dama na carruagem de luxo e majestade. Na realidade do mundo "ao vencedor as batatas", como proclama Quincas Borba. Na realidade da psique, toda inferioridade é contrabalançada por uma fantasia de grandeza e toda superioridade por um castigo, um remorso, uma sombra: a ***hubris***...

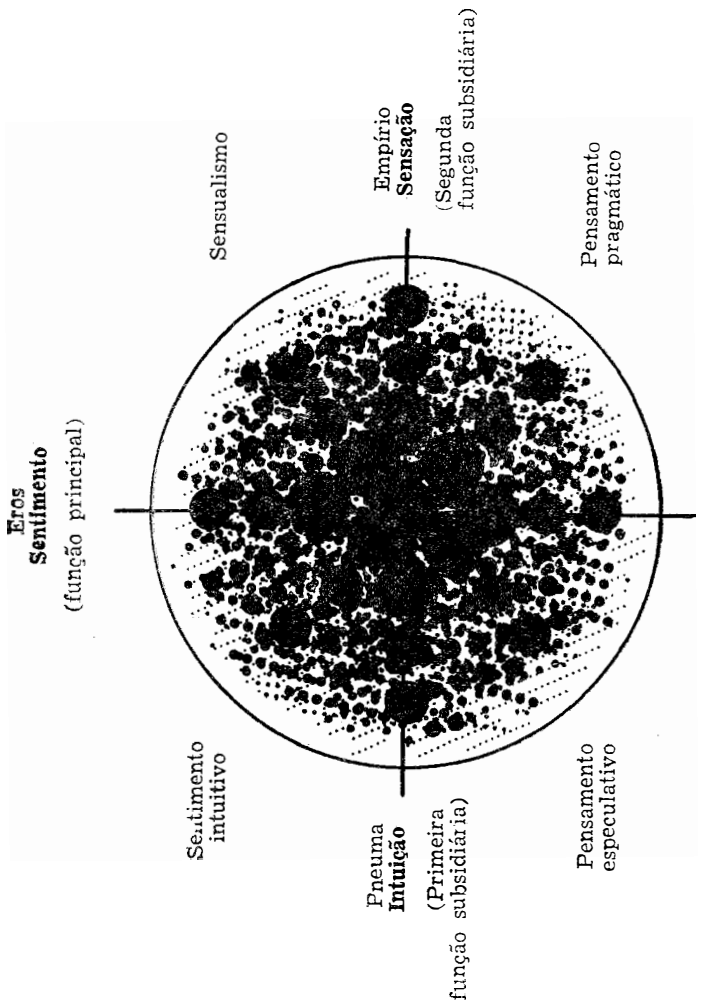

DIAGRAMA DAS FUNÇÕES
(num tipo de Sentimento-Intuitivo)

NO BANQUETE PLATÔNICO, principia Fedro o debate em torno da natureza de Eros com a seguinte proclamação: "É o amor um deus poderoso e objeto de admiração, por mui diversas razões, mas especialmente por causa de sua origem". Citando Hesíodo segundo cuja cosmogonia primeiro "foi o Caos produzido; depois a Terra de peitos largos, para servir de fundamento a todas as coisas; então o Amor", pensa Fedro que o jovem alado que despacha as setas da paixão seria uma mera abstração. Parmênides, porém, acentuava: "Mas foi o Amor criado antes de tudo". De fato, na antiga cosmogonia, o mundo teria principiado num ovo, cujas duas metades formaram o Céu e a Terra. Eros é o pássaro de penas de ouro que surgiu de dentro do ovo cósmico.

Ao prosseguir o simpósio, invoca Sócrates a opinião da profetisa Diotima de quem pretende haver aprendido "a ciência das coisas relacionadas com o Amor". É essa feiticeira que define Eros como "um grande Daimon" — "E como tudo que é demoníaco, ó Sócrates, ocupa um lugar intermediário entre o divino e o mortal"...

A idéia de que seja Eros um fator ambivalente da psique — ou. como diríamos hoje, um arquétipo — é essencial ao pensamento de Platão. Também no quarto livro da *República,* refere-se o filósofo ao coração, *thymos,* como um fator do sentimento igualmente distinto pelo seu aspecto positivo e negativo: "O coração ora combate pela razão da qual é a ponta de lança da indignação e da coragem; ora se coloca do lado do desejo, do qual é o tentáculo agressivo, a irritação, a cólera".

Santo Agostinho falava nos "dois amores" que orientam as Duas Cidades. Um era o *amor sui,* egoísta, da Cidade terrena; o

outro o amor transcendente, na Cidade de Deus. Em seu belo livro *O Coração e o Espírito do Amor,* o jesuíta M. C. d'Arcy traça um quadro interessante da oposição entre as duas concepções amorosas. A primeira, propriamente erótica, nasceu na Grécia com os chamados Cultos de Mistérios, sob influências órficas e dionisíacas. Na Idade Média é ministrada pelas heresias gnósticas e maniqueístas que, como na lenda de Tristão e Isolda, pregavam o amor paixão, a união mística com o Absoluto, o culto da morte por amor. Na Idade Moderna, pela paisagem do Romantismo rebelde.

A segunda concepção do amor está ligada ao Racionalismo humanista, surgindo igualmente na Grécia e consubstanciando o que, para muitos, há de mais distintamente ocidental no desenvolvimento da nossa cultura. Dinâmica, ativista, progressista, literária, essa tendência baseia-se, entretanto, numa noção utilitarista da existência quando levada às suas últimas conseqüências.

Segundo o padre d'Arcy, só o *Ágape* cristão é capaz de oferecer uma imagem de Eros susceptível de conciliar suas desavenças internas. O Ágape seria uma alternativa válida ao Eros romântico do amor-paixão. Na oposição entre o Leão, que simboliza o Eros tirânico, e o Unicorno, que representa o Ágape, seria este animal mítico que patrocinaria o *mysterium coiunctionis.**

Freud é responsável, mais do que qualquer pensador, por haver trazido o pequeno e irrequieto demônio de volta à ciência da psicologia. Esse o motivo pelo qual se projeta a sombra gigantesca do judeu vienense sobre esta segunda metade do século XX. O *Zohar,* o grande livro esotérico da Cabala mística, concebe o mundo como girando em torno de dois princípios, o feminino e o masculino — e afirma que "o sexo diz grandes coisas". Pode-se hoje provar que o pensamento freudiano segue essa tradição do misticismo judaico que combina com o furor romântico, desencadeado na Europa pela Revolução Francesa após a obra desastrosa de Jean-Jacques Rousseau.

No primeiro período do desenvolvimento da psicanálise concebeu Freud a ação de Eros sob a forma ainda brutal do instinto

* Pensamentos semelhantes são esposados pelo teólogo sueco A. Nyggren e por Denis de Rougemont em seus famosos ensaios *L'Amour et l'Occident* e *Comme Toi-même.* A polêmica que se estabelece não nos interessa aqui, exceto no sentido de que o Eros "pagão" seria um sinônimo da função libidinosa autônoma (a concupiscência da *libido sentiendi* dos teólogos) quando é o homem determinado puramente pelos seus afetos. Ao passo que o Ágape não exclui o Eros, mas conduz à sua sublimação graças à intervenção salvadora de um Logos ordenador.

sexual. Falava de Libido e pedia a Jung a promessa de nunca abandonar a teoria sexual: "É o mais essencial! Pois devemos dela fazer um dogma, um bastião inabalável". A palavra Libido, no entanto, possui complexo significado, dúbia e curiosa etimologia. Vem do latim *libet, lubet* = agrada; associada ao gótico *lubains,* no sentido de esperança; ao velho germânico *loben, lob* = louvar, glorificar; bem como ao eslavo *ljubov* = amor. Talvez o velho deus italiano da procriação, *Liber,* esteja relembrado no termo. Jung, porém, interpreta a palavra no sentido clássico (também empregado por Santo Agostinho) de *desejo ou energia psíquica,* qualquer que seja seu objeto — sexual, de domínio, de defesa, de agressão ou outro.

Freud é redutivista. Distingue a Libido de outro fator, manifesto através da "Censura" ou "Repressão", que se origina no *Super-Ego* por força de influências paternas impostas pelo meio social. A Libido opõe-se a *Anankê,* que é a Necessidade ou Realidade social e moral. O Pai representa ou encarna o Logos, configurando também o principal inimigo porque é o Pai que inflige a repressão e estabelece a Censura; muito embora seja também ele que, na verdade, ensine o modo de reconciliação com a dura Necessidade da Vida.

Mais tarde, não limitou Freud o sentido da sexualidade a uma compreensão popular ou banal. Para ele, a Libido veio a abranger uma esfera bem mais larga de pulsões e sentimentos. "Consideramos como pertencendo ao domínio da sexualidade" (escrevia num artigo "A Respeito da Psicanálise Dita *Selvagem*") "todas as manifestações de sentimentos ternos que decorrem da fonte das emoções sexuais primitivas, mesmo quando foram desviadas de seu objetivo sexual original — ou quando um objetivo não-sexual tenha vindo substituir o primeiro. É por isso que preferimos falar de *psicossexualidade,* sublinhando assim que não se deve nem desprezar, nem subestimar o fator psíquico. Servimo-nos da palavra *sexualidade,* atribuindo-lhe o sentido lato da palavra alemã *liebe* e sabemos, desde há muito, que uma falta de satisfação psíquica, com todas as suas conseqüências, pode existir mesmo onde não míngüem relações sexuais normais. Como terapeutas, nunca podemos também esquecer que as aspirações sexuais insatisfeitas (cujas satisfações substitutivas combatemos sob sua forma de sintomas neuróticos) não podem freqüentemente encontrar uma saída senão imperfeita, através do coito ou outros atos sexuais".

Mais adiante, no desenvolvimento de sua doutrina e especialmente no célebre ensaio *Além do Princípio do Prazer,* abandona Freud o cientificismo positivista e materialista de suas primeiras

hipóteses, para postular a tese eminentemente romântica — quase diríamos mística pois é cabalística — de que *Eros,* o Amor, juntamente com *Thanatos,* a Morte, constituem os dois princípios fundamentais da vida psíquica. Sendo assim, a Libido de nossos impulsos sexuais "coincidiria com o Eros dos poetas e filósofos que mantêm juntas todas as coisas vivas".

Num sentido Diotima tem razão. Eros é um pequeno moleque danado e um poderoso demônio que ocupa lugar intermediário entre o divino e o mortal. Num sentido primário e telúrico, podemos concebê-lo como o fez L. Büchner que o descreveu como uma "forma de atração molecular", repetindo assim a teoria de Empédocles para quem os átomos eram atraídos ou repelidos pela ação, respectivamente, do Amor e do Ódio. "Assim como o homem e a mulher se atraem uns aos outros", escrevia esse autor, "o oxigênio atrai o hidrogênio e, em união amorosa, formam a água. O potássio e o fósforo possuem uma paixão tão violenta pelo oxigênio que, até debaixo d'água, ardem e se unem ao objeto amado".

Ludwig Klajes pregou o irracionalismo extático do Eros cosmogônico. Um freudiano radical, Wilhelm Reich, chega a conceber esse imperialismo da sexualidade como expressão de uma força verdadeiramente cósmica. Postula a existência de uma energia vital universal, de cor azul (?), que chama de Orgônio. O *Orgônio* se manifestaria na natureza de várias formas, como nos furacões e auroras boreais, nos terremotos (que seriam "abraços sexuais" da natureza) e nas galáxias, criadas por um "orgasmo astronômico". Reich ficou possuído pelo freudismo a tal ponto que descambou para a demência. Mas suas idéias não deixam por isso de despertar curiosidade, como ilustração da extensão possível do sentimento ou impulso que se transfigura em Amor —

L'amor che move il sole e l'altre stelle.

Ora, a função mais diferenciada na psique nacional é o Sentimento. Tomamos aqui a palavra Sentimento no sentido estricto de função afetiva, segundo o termo alemão *Fühlen* e inglês *feeling.* Em atitude extrovertida, o domínio da função afetiva corresponde a uma impregnação da alma brasileira pelo Eros. É por isso que podemos qualificar de erótica a sociedade brasileira: a Sociedade Erótica.

A partir da dominante afetiva, concebemos o prisma psicológico brasileiro como se desenvolvendo num vasto arco de círculo:

de um lado para a Intuição, do outro para a Sensação. A Intuição, emanação específica do princípio espiritual, constitui a grande subsidiária e a mais preciosa função de nosso complexo do Eu, uma vez que sustenta poderosamente a atividade mental, prejudicada que seja pelo caráter inferior ou atrofiado das funções puramente intelectuais. *Se o brasileiro não pensa mas sente, pensa pela Intuição ou julga intuitivamente.*

A Sensação, que é a faculdade propriamente empírica de percepção da realidade atual, deverá ser considerada como mais primitiva, mais atada às suas origens telúricas e de cunho mais pronunciadamente instintivo, agente que é no limiar do pré-consciente. Na psicologia brasileira exprime-se, em conjunção com elevada carga afetiva, sob a forma de puro sensualismo — o que quer dizer, de extrema sensibilidade às formas, às cores, aos sons, aos perfumes. Seu tema constante será estabelecer um contacto com o objeto, não para compreendê-lo, mas para senti-lo ou gozá-lo.

A essa função corresponde a Luxúria, aquela que foi denunciada por Paulo Prado, a "superexcitação erótica em que vivia o conquistador e povoador, e que vincou tão fundamente o seu caráter psíquico". O homem sensual efetivamente procura o gozo imediato. Essa procura pode constituir o propósito exclusivo da existência. Sua moral tenderá para o epicurismo. Seu guia será o dos prazeres freudianos.

O hedonismo não é, entretanto, brutal e vulgar. Pelo contrário. Poderá ser refinado e sereno, aureolado de fantasia e pura paixão romântica. Coletivamente, essa procura do gozo se traduz pelo simples amor ao ócio, à vida fácil, à "boa vida" em que mais vale o consumo do que a produção. Lembremo-nos do primeiro Mito do Brasil!*

Opina Gilberto Freyre, na sua obra mestra, que o erotismo grosso, plebeu, de Portugal, só fez encontrar ambiente propício nas condições lúbricas da colonização. "A maior delícia do brasileiro é conversar safadeza. História de frades com freiras. De portugueses com negras. De ingleses impotentes."

*** É num nível primário que o domínio do Princípio do Prazer parece determinar nossa formação social. A acusação é antiga. Data do tempo da colônia. *Ils aiment le sexe à la folie,* escreveu Froger, um viajante de fins do século XVII. Outro francês, Gentil de la Barbinais, assinalou em princípios do século seguinte, o que até hoje é notório, a saber que os portugueses do Brasil preferem uma negra ou mulata à mais linda das mulheres — obviamente por motivos eróticos. Atribui tal capricho ao leite das pretas que bebiam em criança...**

Acentua nosso sociólogo que todo brasileiro, "mesmo alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo... a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro". Daí atribuir a marca da influência negra "na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida". Certamente o negro, a mulata, a Mãe Negra, o negrinho e o moleque contribuíram para esse resultado. Não creio, contudo, que unicamente a nossos irmãos de cor se deva atribuir o erotismo da sociedade brasileira. A influência africana seria apenas subsidiária. Acentuou uma tendência — *la volupté naturelle aux pays méridionaux,* de que fala Stendhal — erotizou ainda mais um ambiente que já vinha preparado pela terra, pelo sangue, pelo ardor sensual da Magna Mater a cujo reino libidinoso pertence o Brasil.

O fato de constituir o Sentimento um fenômeno subjetivo, um estado d'alma, não o impede de se referir a *objetos.* O sentimento como que apela, chama, exige a pessoa do Outro. Ele discrimina valores e requer, por natureza, manifestar-se, expandir-se, projetar-se sobre o objeto. Eros estabelece um *rapport,* prospera na relação ***Eu*** x ***Tu*** e garante a harmonia das relações sociais porque o objeto primordial da carga afetiva é a pessoa do Próximo. Isso explicaria a nossa incapacidade para a "abstração", pois considera Worringer, com efeito, que a tendência para a abstração, própria do introvertido intelectual, é oposta à necessidade de *Einfühlung.*

O tipo orientado pela função afetiva não se interessa pelas idéias e o conteúdo abstrato das Coisas e dos Fatos. É um filósofo nominalista sem o saber. Revela, porém, indiscutível maestria na conduta de suas relações pessoais cuja influência deve, de um modo geral, ser considerada benfazeja. Com aquele "terrestre amor das realidades humanas" a que já se referia o velho Gil Vicente, seu pensamento dedica-se quase que exclusivamente a acontecimentos de natureza mundana. O termo "sociedade" possui, nesse contexto, um sentido especial. É a comunidade dos presentes, amigos, conhecidos e clientes, interessados uns nos outros. Não é apenas a classe, conforme o significado europeu, ou *la bonne société.* É a sociedade daqueles que, por se conhecerem, podem estabelecer relações com certa dose afetiva. A sociedade daqueles com quem se fala. Essa sociedade é afetada pela "opinião" que, de cada um, têm os outros. O critério não é moral, é emocional. A opinião é curiosa como uma mulher e como ela volúvel; é

cruel como um tigre e venenosa como uma víbora; e vive das notícias de amores, escândalos, adultérios, brigas, complicadas intrigas; estórias de namoros, desquites, os conflitos de vaidades e paixões, incidentes dramáticos da vida, "casos" interessantes em suma — "a obra superfina da flor dos homens, a saber, do maior número," como ironisa Machado de Assis.

Num meio de intenso e caloroso convívio, uma pressão irresistível se exercerá em favor da extroversão dos Sentimentos. O calor irradia. A equação sentimento = calor é bastante conhecida da mitologia, da poesia lírica e da simbologia psicológica. Os deuses solares são deuses da paixão. A paixão arde, o amor é um calor frutificante e daí também a associação onírica do amor com o fogo, o sangue e a cor vermelha. O nosso instinto vital é essencialmente dirigido para a contemplação das formas orgânicas concretas, coloridas, numa atitude de exuberância tropical e efusão que aquece o nosso estilo de vida cordial.*

Nas suas *Cartas Sobre a Educação Estética do Homem,* Frederico Schiller, cujas idéias voltamos a evocar, se empenha num estudo descritivo profundo da distinção entre o que chama de "instinto sensível" e "instinto do pensamento". "O instinto sensível", escreve ele, "ocupa-se de inserir o homem nos limites do tempo e transformá-lo em matéria". "O homem nesse estado é apenas uma unidade numérica, um momento cheio de conteúdo — ou, melhor, não existe, pois sua personalidade fica abolida, enquanto sua sensação o domina e enquanto é carregado pelo fluxo do Tempo". "Através de laços indissolúveis (o espírito sensível) amarra ao mundo dos sentidos o espírito que aspira a ultrapassá-lo; e enquanto a abstração empreende livres peregrinações no mundo do infinito, o chama de volta às fronteiras do presente". Para Schiller, o objeto do instinto sensível é enunciado num conceito geral, a vida em seu sentido mais lato, toda a existência material e toda a presença sensível imediata.

O esteticismo brasileiro corresponderia assim ao quadro psíquico do sentimento extrovertido, subsidiado pela Sensação. "O gozo estético é uma objetivação do gozo em si mesmo", assinala Worringer. E Lipps, em sua *Estética,* afirma igualmente que a forma *bela* é a forma na qual se pode o indivíduo *sentir.* "Só na

* Pesquisa realizada no Rio entre pessoas de várias origens sociais, com a finalidade de determinar as reações da população diante da pintura moderna, concluiu que "o brasileiro é um exaltado pela cor, policrômico por natureza, trazendo de nascença um verdadeiro arco-íris diante de si."

medida em que existe essa *Einfühlung* são belas as formas". Donde a constante exigência de beleza em que vive o brasileiro e nossos incontestáveis dons para a poesia e as artes plásticas.

Inicialmente identificou Jung a extroversão com o tipo afetivo, só mais tarde vindo a corrigir esse ponto de vista para aceitar a existência de tipos afetivos introvertidos, assim como de lógicos pensadores extrovertidos. O lógico introvertido, de atitude reservada, será sempre um tipo excepcional no Brasil, considerado frio, indiferente, às vezes falsos, antipático, grosso. Sua adaptação será tanto mais difícil aos padrões sociais e culturais dominantes quanto mais galardoam estes a livre expressão da relação afetiva com o objeto. Mas precisamente por esse motivo lhe caberá um papel especial, criando uma tensão interna no seio da sociedade e contribuindo para seu aprofundamento consciente e a "sublimação" do erotismo.

Um bom sinal — fisiológico — da diferença entre o membro, introvertido e tenso, de uma sociedade lógica que valoriza a eficiência e o trabalho metódico; e o extrovertido em uma comunidade erótica que prefere o ócio e o amor — é que o primeiro sempre estará potencialmente sujeito às moléstias cardíacas, ao passo que o segundo, o cordial "relaxado", não será assim tão facilmente ofendido no órgão simbólico de sua função dominante. As estatísticas médicas podem comprovar o que acima está dito.

A observação sobre nossa extrema tendência extrovertida usual torna-se mais fácil quando confrontada com a atitude oposta de povos como o inglês, o alemão e, de um modo geral, os nórdicos e centro-europeus protestantes. Somos latinos ou meridionais no mesmo sentido em que somos eróticos extrovertidos. Sobretudo no sentido em que nos parecemos com os italianos, o povo europeu com o qual, a meu ver, mais nos assemelhamos (pois o português é freqüentemente circunspecto e reservado).

A extroversão, no sentido ainda primário com que se manifesta no temperamento do brasileiro litorâneo — implica o comportamento ruidoso, o *penchant* pelos coloridos espalhafatosos, a propensão a falar muito, a falar alto sem pensar e sem ouvir. Gostamos de adular ou impressionar. Esse desejo implica sobretudo a falta de cautela na exibição das emoções. Outros povos, como os ingleses e os japoneses, são sujeitos pela educação, com seus cânones estritos e tradicionais de bom comportamento social, a uma reserva draconiana na demonstração exterior ou fisionômica das reações emocionais. Assim como um tal recato, que não possuímos, denuncia a atitude introvertida, a ostentação de nossos

"humores" é realmente muito característica do nosso temperamento desinibido.

Para melhor esclarecer o conteúdo do Sentimento no tipo afetivo extrovertido devemos desde logo distingui-lo do tipo "sentimental". O sentimentalismo não é um traço do tipo afetivo. Paradoxo talvez! Precisamente porque, determinado em sua atividade consciente pelos impulsos espontâneos do coração, prescinde do recurso artificial que constitui o substrato do "sentimentalismo". O brasileiro não é sentimental. A palavra francesa *Sentiment*, também pelas mesmas razões, não evoca nem sombra de sentimentalismo. Sentimental é o americano, sentimental o alemão. Isso porque são povos cuja vida afetiva é subjugada e mesmo abandonada num estágio de desenvolvimento rudimentar, por força de severos cânones culturais lógicos. Por esse motivo nos parece, a nós brasileiros, tão ingênuo, pueril, tão "água com açúcar" o sentimentalismo americano. O sentimentalismo alemão cheira a cerveja e estábulo. A *Gemütlichkeit* evoca a imagem de uma sala cheia de fumaça onde, ouvindo uma Serenata de Schubert, se afaga os peitos de uma gorda Fräulein.

Nesse terreno de sentimento, nossa maturidade e serenidade são absolutas, inquestionáveis. Como a sociedade erótica visa especificamente a criar um campo emocional ameno e um ambiente "simpático", a nossa "técnica" de comportamento se destaca, pela sua superioridade, em relação à dos povos europeus nórdicos e dos norte-americanos.

Amabilidade, cordialidade, interesse e atenção pelos acontecimentos exteriores relacionados com as atividades do "outro" — eis o lado positivo do nosso tipo psicológico nacional. O sentimento define-se pelo ajustamento, a concordância, a consideração. Dada sua susceptibilidade, possui ele um maravilhoso sentido do modo, da forma, do comportamento social, do tato, da oportunidade — à maneira do Eclesiastes: "Tudo tem o seu tempo determinado, e todo o propósito debaixo do céu tem o seu tempo: há tempo de nascer e tempo de morrer... tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar... tempo de amar e tempo de aborrecer". Na sua mais alta expressão de refinamento, o Sentimento não apenas reconhece o valor do momento, mas se identifica com a outra pessoa (*Einfühlen*), sente as alegrias e as suas dores, e se motiva pela reverência e a piedade. No limiar da transcendência o Sentimento se transfigura. Eros torna-se *agape, philia, caritas*. É por isso que tão fácil e complicado, ao mesmo tempo tão alegre e sério, tão desinibido, tão profundo e

refinado pode ser o amor no Brasil. E por isso também é a mulher brasileira tão mulher.*

* Isso justificaria a interpretação de Keyserling. Num intuitivo que não deixava, por isso, de ser um filósofo germânico criado numa cultura impregnada de Razão e de Intelecto — viciada por certa incapacidade de verdadeiramente se deixar subjugar, em toda sua profunda pertinência psíquica, por um tipo de experiência coletiva como a nossa, quase que exclusivamente orientada pelas funções afetivas — Keyserling pressentiu entretanto que a cultura sul-americana do Sentimento, embora necessariamente de aspecto ainda erótico, representa um valor positivo, muito promissor para aquela "irrupção do espírito" que confiantemente aguardava entre nós.

DELICADEZA, JEITO E CORDIALIDADE

KEYSERLING contemplou o mundo do Terceiro Dia da Criação à luz de um ambiente psíquico dominado pela sensibilidade. O sul-americano é essencialmente passivo, carente de iniciativa, capaz apenas de reagir instintivamente. A susceptibilidade seria seu motivo fundamental — a qual nada tem que ver com o "ressentimento" no sentido existencialista, nietzschiano ou psicanalítico. É antes a reação imediata e fisiológica da *mimosa pudica* ao mais leve contacto, um perpétuo estar na defensiva, uma desconfiança absoluta, uma predisposição permanente a dar-se como ofendido. O que passa assim a reinar no continente sul-americano "é o medo primordial, exacerbado até a suprema hiperestesia do tato".

Dessa extrema sensibilidade resulta a primazia, nas relações entre os homens, da perífrase sobre a expressão direta, da etiqueta sobre a simplicidade, da cortesia sobre a franqueza. O que Henry James chamava de "murmúrio inarticulado de urbanidade". Não só Keyserling, outros observadores estrangeiros têm reconhecido que a mentalidade do sul-americano se assemelha à da mulher. Comportamo-nos com uma sensibilidade e uma tortuosidade serpentinas. Reagimos femininamente. Pensamos como mulheres: o que quer dizer, não pensamos, *sentimos* ou *intuímos*. Ou repetimos o que nos cochicha o *Ânimus* (o íncubo). Somos epimeteanos. E reagimos positiva ou negativamente conforme nossos humores os quais, segundo ensina a psicologia jungiana, são determinados pela imagem primordial feminina, o lado mulher da nossa alma, a nossa *Ânima*.

Note-se a diferença de nossa reação primária — pelo sentimento — com o modo normal de adaptação ao mundo dos tipos lógicos de pensamento pragmático, como o norte-americano, por

exemplo, cujo julgamento se processa segundo um critério elementar do útil, do eficiente, do verdadeiro, às vezes sem qualquer refinamento da sensibilidade. Salvador de Madariaga diz do espanhol algo que se aplica inteiramente ao brasileiro: "O pensamento espanhol nasce no momento em que se manifesta. O inglês pensa enquanto age, o espanhol pensa enquanto fala."

Keyserling configurou as suas impressões em torno do que seja a psicologia da sensibilidade sul-americana na expressão brasileira *Delicadeza*. O código não escrito da Delicadeza brasileira é a mais perfeita expressão da consideração que merece a sensibilidade alheia. A cultura brasileira poderia ser definida como a Cultura da Delicadeza. O filósofo ilustra o que entende por Delicadeza com uma série de anedotas, algumas inverossímeis e atribuíveis a observações superficiais, ou ao desejo de firmar seu ponto de vista com uma imagem forte, mesmo se exagerada. Mas seu conceito traduz, de qualquer forma, uma realidade autêntica de nossa forma de vida social.

Devemos distinguir inicialmente a Delicadeza brasileira da *politesse* francesa — embora se prenda à mesma tradição do culto da forma, originado na *courtoisie* da sociedade provençal da Idade Média. Distingamos também a nossa Delicadeza das estritas regras de etiqueta que ordenavam a antiga sociedade chinesa e ainda hoje disciplinam o comportamento dos japoneses*. A Delicadeza, como a nossa Cordialidade, não seriam só um produto de cultura, externo e imposto, mas também uma segunda natureza. Atuam com precisão absoluta, mesmo num estado de completo "relaxamento" da atenção. Como um reflexo condicionado.

Não se pode porém dizer, como às vezes o faz Keyserling, que nossa Delicadeza seja necessariamente primitiva, num sentido em que seríamos culturalmente primários. A polidez do homem primitivo se explica pela necessidade física de não ofender perigosamente a sensibilidade alheia — como a de um animal cujas reações ignoramos. Ainda hoje conservamos resquícios dessa polidez arcaica no hábito de cumprimentar tirando a mão do bolso (para mostrar que não está armada...). Não é bem esse o nosso caso.

*** Segundo as antigas regras da polidez confuciana não se deve afirmar a verdade, mas apenas aquilo que o locutor pensa ser mais agradável a seu respeitado ouvinte. Isso lembra a história daquele funcionário do Itamaraty, tão cioso de satisfazer os mínimos desejos de seu chefe que, quando este lhe perguntou: "que horas são?", respondeu obsequiosamente: "as horas que Vossa Excelência desejar...".**

A nossa Delicadeza é um dos frutos típicos, talvez o mais elegante, da cultura do sentimento — em que pesem as formas artificiais que às vezes o corrompem. O brasileiro é o povo do abraço apertado, das "saudações cordiais", das palmadinhas nas costas. Também dos beijos de Judas. Há às vezes uma necessidade de contato físico que lembra a pegajosidade dos levantinos. As fórmulas de cortesia, tais como "prazer em conhecê-lo", "encantado", "Vossa Excelência é bem-vindo", "a casa é sua" — não significam de modo algum que tenha Você realmente um grande prazer em conhecê-lo; nem que esteja encantado com sua presença neste momento ou disposto a oferecer-lhe a casa de graça; nem que haja excelência em sua personalidade. Tais fórmulas são por definição mentirosas, razão pela qual muito mais parcimoniosos em seu emprego se revelam os povos puritanos.

Donde o estatuto especial da palavra que, como teremos ocasião de examinar mais adiante, não deve ser um veículo da dura verdade, porém da mentira que agrada, da falsidade que lubrifica e da interpretação que não ofende. Verbo e vaselina. A boa palavra, a palavra delicada, o *placebo* que satisfaz o amigo e circunstante valem mais do que um valor material. Como escreve Graham Greene, a verdade é um símbolo que somente perseguem os matemáticos e os filósofos. Nas relações humanas, a bondade e as mentiras valem mais do que mil verdades. A impressão negativa da palavra ofensiva, brutalmente franca ou inoportuna, não pode ser compensada por qualquer vantagem prática. Cabe também usá-la com excesso de adjetivações e fórmulas consagradas para criar o ambiente propício de simpatia, antes de acudir à substância do assunto. Como aconselhava Talleyrand (ou será Voltaire?), *il ne suffit pas de convaincre, il faut plaire...*

Daí também o horror ao escândalo. O escândalo no Brasil é imperdoável porque realmente escandaloso. Somos, nesse sentido, profundamente aquilo que os ingleses chamam de *self-conscious*, especialmente diante de estrangeiros.

Keyserling também relaciona com bastante finura o conceito de Delicadeza e a atitude essencialmente estética e contemplativa do sul-americano. A Delicadeza seria uma forma elementar de comportamento própria da Cultura da Beleza e, nesse sentido, a condição natural para a elaboração possível de um renascimento estético em nossa terra.

Uma aplicação interessante da *trouvaille* de nosso filósofo se coloca no campo da política. Keyserling tece os maiores elogios

à organização estatal brasileira pela sua capacidade de agir por detrás da cortina (como se o governo não existisse), de evitar a prepotência das autoridades, de proteger e generosamente manter seus servidores ociosos, de não perseguir seus inimigos de modo patente. Como o Estado brasileiro é diferente nisso do russo! O fato é que administrar o Brasil constitui uma arte que segue os caminhos tortuosos da fêmea, a qual tudo refere ao primordial — e daí precisamente a razão de seus êxitos. Só as *impressões* desagradáveis despertam o rancor do primitivo. O essencial é evitá-las. Não infligir nenhuma violência pública. Não ostentar a força, mas impô-la com luvas de pelica através de métodos indiretos e sutis. Esconder o mais possível o arrocho da polícia. Vestir o militar a paisana. Não condenar à morte nos Tribunais mas eliminar os criminosos de soslaio, em segredo, pelo sistema do Esquadrão da Morte. A política do cochicho, das meias medidas. Sobretudo a tolerância, a chamada "solução brasileira" sempre feita de compromissos, paradoxos e bom-mocismo.

Por tal motivo se pode dizer que toda a vida política nacional obedece às regras refinadas da diplomacia a qual, segundo outra célebre fórmula de Talleyrand, utiliza a palavra não para exprimir, mas para encobrir o pensamento e a intenção. Os brasileiros são diplomatas natos. O que sempre se procura é resguardar as aparências ("o importante não é o fato, é a versão" — como dizia o político mineiro), manter as posições de compromisso, esconder, conciliar, transigir. Sobretudo não se comprometer. Sendo assim, nunca é muito definida a nossa posição e é ela principalmente vaga quando, com grande apoio de palavras obscuras e frases bem feitas, pretendemos "tornar clara e límpida a nossa posição"...

Naturalmente, tal tendência às soluções de compromisso ou eternamente adiadas possui também seus aspectos positivos. A ela devemos atribuir a nossa famosa reputação pelas "revoluções brancas" — o jeito sempre demonstrado pela "turma do deixa disso"... — que têm caracterizado, no correr da história, a solução dos mais graves problemas sociais brasileiros.

O mesmo se pode observar da maneira como temos abrandado a questão racial. É o sociólogo francês Jacques Lambert que assim nos elogia: "O tratamento feito de tato — o tato é uma virtude brasileira — e não de ciência e de direito, que o Brasil inconscientemente aplicou aos problemas do contato das raças, constitui a grande *réussite* brasileira no terreno social".

A Delicadeza e o Sentimento manifestam-se pela capacidade de atravessar as encruzilhadas difíceis através de uma "técnica"

especial — cujo sentido está expresso na locução popular intraduzível: "dar um jeito" (Os franceses dispõem de uma expressão aproximada, mas que não é a mesma coisa: *système D*). Trata-se de saber "quebrar o galho". Um processo ou ardil do pequeno moleque Eros para enganar ou iludir o Logos. (*Poros*, segundo Platão, era o *jeito* e pai de Eros.) É a súbita centelha da inteligência malandra para contornar a Lei, evitar o choque brutal com uma realidade social ou administrativa inquebrantável graças ao apelo bem feito ao depositário do regulamento, da ordenança e do dispositivo cominatório. O jeito é sempre finório, sinuoso, ofídico. É feminino como é também lúdico. É como saber delicadamente terminar uma aventura amorosa impossível. Possui algo de maquiavélico e esperto. Invoca sobretudo o modo da simpatia e da cordialidade. Insinua atitudes, como as descritas naquele poemeto de Prudente de Moraes Neto,

> Estradas curvas, sutis
> maliciosas
> complicadas
> como diplomatas, como galanteios
> como tudo que não procura
> o caminho mais curto entre dois pontos.

O jeito pode ser definido como a técnica supina de comportamento do intuitivo cordial numa sociedade erótica.

O homem brasileiro é o "homem cordial" e a grande contribuição brasileira para a civilização seria a Cordialidade. Sérgio Buarque de Holanda define a Cordialidade brasileira em termos que coincidem com a Delicadeza de Keyserling. A expressão teria sido usada pela primeira vez pelo embaixador Ribeiro Couto, em carta dirigida ao grande intelectual mexicano Alfonso Reyes. Buarque de Holanda, no capítulo V de suas ***Raízes do Brasil***, acolhe a palavra no sentido exato e estritamente etimológico do latim *cor*: "relativo ao coração".

Essa posição do historiador paulista parece-me absolutamente correta e deve ser destacada e preferida à do senhor Cassiano Ricardo que emprega o termo "Bondade". Escreve, com efeito, Buarque de Holanda: "Pela expressão 'cordialidade', se eliminam aqui deliberadamente os juízes éticos e as intenções apologéticas a que parece inclinar-se o senhor Cassiano Ricardo, quando prefere falar em 'bondade' ou em 'homem bom'. Cumpre ainda acrescentar que essa cordialidade, estranha por um lado a todo

formalismo e convencionalismo social, não abrange, por outro, apenas e obrigatoriamente, sentimentos positivos e de concórdia. A inimizade bem pode ser tão *cordial* como a amizade, nisto que uma e outra nascem do 'coração', procedem assim da esfera do íntimo, do familiar, do privado. Pertencem, efetivamente, para recorrer a termo consagrado pela moderna sociologia, ao domínio dos 'grupos primários' cuja unidade, segundo observa o próprio autor do conceito, 'não é somente de harmonia e amor' ".

Não poderíamos senão sustentar o ponto de vista do pensador de São Paulo. A palavra "bondade" está associada a um critério *ético* absolutamente inaceitável. Não somente em teoria — pois o que importa é o conteúdo psicológico — mas ainda na prática, pois não pode o brasileiro ser qualificado, empiricamente, de "bom" nem de "mau", nem é melhor ou pior do que o comum dos mortais. Carregamos a condição humana como quaisquer outros homens. Descendentes também somos de Adão e de Caim. A palavra "cordial" é mais oportuna porque se relaciona com o coração; e o coração, segundo crença tradicional aceita na linguagem corrente, é a sede dos nossos sentimentos.

Toquemos de leve sobre o problema da incidência dos julgamentos éticos no comportamento habitual do brasileiro. O critério ético não pode ser subordinado a qualquer das funções psicológicas. O tipo intelectual será ético ou virtuoso na medida em que saberá orientar a sua consciência, sobremodo dominada pela conceptualização abstrata, em termos de lei, de dever, de justiça e imperativo moral. Similarmente terá o intuitivo tendência a colorir sua moralidade com associações místicas ou com sua concepção estritamente pessoal e original do "bem" a ser atingido. O realista pragmático, de sua parte, por força de uma percepção sensual altamente diferenciada, poderá identificar a virtude com a aceitação paciente, corajosa e pedestre do mundo quotidiano tal como é: suas serão as chamadas virtudes naturais ou cardiais.

A ética possui fundamentos na ordem transcendente que independem da estrutura psíquica natural do indivíduo. Toda crença numa bondade natural do homem resulta de um preconceito romântico que esse lamentável pensador que foi Rousseau transformou em filosofia. Suas conseqüências são perniciosas e devemos repelir com energia a aplicação de um tal critério apologético à psicologia prática. Na realidade, a ética brasileira é principalmente uma ética erótica, uma "boa índole" se quiserem, uma "técnica da benevolência" como quer Djacir Meneses, orientada pelas leis da emoção e do sentimento, pela lealdade do amor e da amizade: numa tal ética, *"bom" é aquilo que agrada ao coração*

e não aquilo que se impõe por força de uma consideração abstrata, inspirada em alto sentido de justiça ou no dogmático mandamento religioso.

O tipo do homem afetivo extrovertido sobressai pelo seu talento especial nas relações pessoais. É o "homem social" de Spranger que se caracteriza pela sua extraordinária capacidade de fazer amigos, o que não quer dizer que a amizade seja necessariamente profunda. O importante é que sejam amigos úteis, engraçados e simpáticos (para a mulher o importante é saber encontrar um marido...). Saber conduzir a vida em relação ao próximo com finura e sabedoria, sem atritos; ser um mestre do bom viver, um exemplo de hospitalidade, um artista do calor humano, da "lhanesa no trato"; dar demonstração de outras qualidades que tanto impressionam os estrangeiros, que nos granjeiam seus maiores elogios e constituem, sem dúvida, a faceta mais interessante de nosso temperamento.

O que sempre tem mantido a nossa ordem social, sem atritos mais graves, sem alvoroço, sem revoluções sangrentas, são os poderosos laços de *sym* + *pathos* que unem parentes, amigos e conterrâneos uns aos outros. Podemos mencionar o sentimento de *philia*. Já nas *Leis* postulava Platão que a *polis* perfeita é ordenada conforme o amor ou amizade, *philia*. Na *Política* também consideraria Aristóteles que "a amizade é o maior bem da *polis*" a qual, para ser estável e firme, requer uma organização tal que se possa tornar uma rede diversificada de relações obrigatórias. A *philia* pressupõe uma comunidade de amigos, *philoi*, isto é, de pessoas que estão ligadas umas às outras por laços existenciais comuns de teor emocional. A energia específica da amizade criaria um *ethos*, um elo moral; e um *pathos*, uma ordem emocional. A *philia* representa assim uma carga erótica que constitui a substância última, cimento ou argamassa das relações humanas.

A *ordem* social presidida pelo espírito caprichoso e sutil do Eros pode ser tanto ou mais firme quanto a da razão e da inteligência: Eis o grande segredo da estabilidade do Brasil! Não obstante a extraordinária diversidade racial, seriíssimos contrastes de cultura e bem-estar social a aparente desordem política e permanente descalabro financeiro em que vive o país, o brasileiro age, no fundo, melhor do que poderia deixar transparecer a leviandade de sua expressão verbal e a irresponsabilidade de seu comportamento civil. Há como que um instinto secreto que nos conduz. O sentimento de *philia*, aliado à intuição, permite evitar

o famoso "abismo" à beira do qual sempre se depara o país — mesmo quando os excessos dialéticos possam porventura criar a impressão de um Estado entregue à maior confusão. Debaixo da anarquia intelectual, existe um sólido fundamento de ordem filadélfica cujo efeito é salutar — o que justificaria talvez a expressão popular, explicável não obstante seu profundo caráter blasfematório, de ser Deus brasileiro...

Keyserling refere-se de maneira curiosa ao fato de que só na América do Sul conseguiu compreender que não é necessária uma coerção exterior, através de uma autoridade inteligente e uma disciplina lógica, para evitar que a segurança coletiva se desintegre e desmorone. Na verdade, a estrutura dos sentimentos de *philia* e *simpatia* supre a falta de uma ética diferenciada. Ou, por outra, ela constitui uma moral *sui generis* que se cria espontaneamente e se fortalece pelo coração: cada qual respeita seus pais e irmãos, protege seus filhos e clientes, é leal a seus amigos e sócios, e ama sua mulher — não por força de um imperativo kantiano, mas pelo impulso natural do amor, da delicadeza e do carinho. E se entre nós o princípio racional não desempenha senão papel diminuto, mesmo no mundo masculino dos negócios e da política; se nem a consciência do dever, do valor e da responsabilidade, nem o reconhecimento do interesse geral são atores decisivos para o funcionamento das instituições — nem por isso deixam os laços de philia *verdadeira* de representar, enquanto perduram, vínculos menos seguros.

"PUER AETERNUS"

A EXPRESSÃO ARQUETÍPICA da Magna Mater, como entidade geradora e protetora na esfera humana, individual e familiar, é a Mãe. Esta evoca, na psicologia pré-consciente da criança, um estado verdadeiramente paradisíaco.

Jung estudou e denominou a figura do *puer aeternus*, que é o homem que não se libertou mentalmente da imagem da Mãe. Não "cresceu", por assim dizer, no sentido do caráter. Não passou da adolescência. Não perdeu as saudades do paraíso ao qual deseja voltar, pela inércia ou pela violência, mal conseguindo assim galgar a etapa em que a relação inicial filho-mãe é completada e enriquecida pela relação marido-mulher e a relação pai-filhos. Psicologicamente, pois, o *puer aeternus* é essencialmente o tipo do homem acorrentado a um complexo materno.

Certos traços da figura são por isso muito característicos. Ao *puer*, escreve Jung em *Símbolos da Transformação*, "é concedida apenas uma existência fugaz, uma vez que não representa senão a antecipação de alguma coisa desejada e esperada. Isso é tão literalmente verdadeiro que certo tipo de 'filho da Mamãe' realmente exibe todas as características do deus adolescente, semelhante a uma flor, morrendo mesmo de morte prematura".

Whom the gods love die young
was said of yore,

lembrou Byron no seu *D. Juan*. Os românticos morrem todos jovens e assim também Don Juan.

Se, no entanto, sua vida não é curta, interrompida por algum acidente funesto, pode seu aspecto apresentar-se como o de um

homem que não envelhece; e sua atitude de difícil adaptação ao mundo violento das responsabilidades masculinas passar despercebida. Representa como um lindo sonho, lírico, delicado, uma fantasia inefável — Peter Pan! — que a Grande Mãe sopra ao mundo dos espaços etéreos para, logo em seguida, em secreta cumplicidade, procurar reaver em suas entranhas sepulcrais. Conseqüente, é a morte do adolescente sempre um retorno, razão pela qual geralmente a Mãe, às vezes também a Avó, comparece à cena final. Pois a Grande Mãe é antropofágica. Não promete apenas a imortalidade, mas também a morte. Cria em seu ventre um fruto que logo, gulosamente, quer comer.

São esses os aspectos do mito romântico, como expressão moderna de uma antiga norma arquetípica. O significado psicológico da paixão romântica é o desejo do retorno ao ventre materno, um ideal de incesto. Mordido pela serpente telúrica, o *puer* entrega-se à própria dissolução e reabsorção no Inconsciente primordial. Tal o sentido subjacente de certas tendências místicas, a exaltação da Noite e a nostalgia do túmulo de que nos fala Denis de Rougemont a propósito da literatura dos menestréis medievais, o *Liebestod* de Tristão, a *Weltschmerz* do século XIX, o *spleen*, o pessimismo nostálgico e muitos aspectos do existencialismo contemporâneo — uma imensa saudade da morte que não significa outra coisa senão um desejo secreto de retornar, de voltar atrás, de desaparecer no Nirvana.

No *Canaã* de Graça Aranha deparamos com uma versão modernizada do mito romântico. No romance, a personagem heróica é representada pelo imigrante alemão, Miklaus, o qual parece haver deliberadamente efetuado um *sacrificium intellectus*, uma imolação de seu Logos consciente em benefício da relação meramente erótica que cria com a nova Terra Prometida. Um passado nutrido na atmosfera mais sentimental do idealismo germânico, o atavismo quiçá das velhas tendências milenaristas sempre atuantes na alma alemã serviram ao autor para justificar essa surpreendente conversão de um universitário de Heidelberg à dura vida do lavrador no sertão do Espírito Santo.

Embora também de origem alemã, Maria, a mulher sobre quem projeta sua *ânima*, é representada como miserável, inculta e inteiramente submissa ao destino telúrico — e tendo descido ao nível rústico da terra cujo espírito (*Erdgeist*) deve carregar.

O drama final do enredo segue a tradição secular do gênero, com a íntima vizinhança entre o amor e o apelo mórbido de *Thanatos*. Resolve-se o conflito numa invocação à força criadora

da Utopia: a Terra da Promissão virá no sangue das gerações futuras.

Cabe acentuar ainda que os brasileiros educados, que Graça Aranha apresenta no romance, são os oficiais de Justiça, caracterizados como tipos perfeitos de "pensamento negativo". Exprimem-se em matéria política em termos que vão desde o ridículo e obtuso jingoísmo ao pessimismo mais cínico e dissolvente. Nota-se que o autor não procura uma saída desse "momento crepuscular" em que ainda se encontraria o Brasil. Não apela para a Educação. Submete-se ao destino telúrico. O Logos em hipótese alguma entra em cena, como depositário das esperanças da Cultura, a não ser através de sugestões ominosas quanto às ameaças que o imperialismo estrangeiro faz pesar sobre o país. Toda a esperança é constelada em torno do poder reprodutor da Matriarca, em cujo ventre generoso aparentemente pensa Graça Aranha que se está gerando a Utopia nacional.

Muito claramente procurará o adolescente saudosista evitar de fundar família. Preferirá manter vivazes, tanto quanto possível, os laços que o prendem ao lar onde nasceu. Amará muito, sofrerá, mas sua vida sentimental será geralmente perturbada, pois evitará identificar-se com o modelo estável e sólido do Logos paterno, rejeitando as próprias virtualidades criadoras.

Na vida corrente, são os tipos de *puer* extremamente numerosos numa burguesia como a nossa, educada no privilégio — embora nem sempre constituam exemplos edificantes. Em que pese a simpatia que, em nós, possam às vezes despertar, como personagens delicados e refinados, muito cultos, artistas, bem educados, capazes de grandes paixões e de extrema diferenciação da função afetiva — encarnam-se, com maior freqüência, em temperamentos fracos. São os casos dos famosos *vencidos* de nossa literatura, especialmente em Machado de Assis. Aqueles que sofrem de uma tristeza, de uma melancolia igual à qual não há melancolia neste mundo, de um desencanto sem remédio, de uma inércia e misterioso ceticismo que nem mesmo a prosperidade ocasional consegue superar.*

* Nem todos os *puer* são como a figura deliciosa do *Petit Prince* de cabelos de ouro, o homenzinho que sorria sempre e nunca respondia a perguntas, no conto famoso de Saint-Exupéry — tão revelador aliás da própria psicologia de seu autor!

A bem dizer, a questão consiste em distinguir a expressão simbólica do *puer aeternus*, como representante do amor perene, eternamente recriador — da sua personificação real na vida quotidiana onde quase sempre lhe é desfavorável o julgamento. Explica-se: o bebê eterno é aquele que se recusa a crescer, e repele a lei natural do desenvolvimento da personalidade pelas etapas sucessivas da infância, puberdade, maturidade, velhice e morte. E como procura interromper o ciclo da vida e o ritmo natural das gerações, desafia e ofende a condição humana.

A interrupção do desenvolvimento psicológico na fase da adolescência tem efeitos desastrosos, precisamente no domínio da sexualidade. Todo contato sexual do adolescente com a mulher é duplamente uma vitória fisiológica e uma derrota da consciência viril — que nela se perde e se deixa voluptuosamente dissolver na totalidade envolvente da Vagina Primordial.*

Donde serem os problemas sexuais tão freqüentes no padrão "pueril", tão comum em nossas elites intelectuais: o agitado, o neurótico, o boêmio, o pederasta, o histérico, o viciado, o fracassado irredimível, o suicida. São figuras comuns cujos traços não precisariam chamar a atenção, se não constituíssem exemplos notórios, em nosso meio, do império das Mães devoradoras.

É às vezes difícil reconhecer em que medida a atitude materna de indulgência, tolerância e excessivo e ciumento amor pode adquirir um caráter verdadeiramente maligno. Conta-nos Jung a história de uma dessas mães que cercava o filho de uma solenidade extraordinária, cuidando dele e dando-lhe uma importância que, de modo algum, merecia. O resultado não se fez esperar: ao atingir a puberdade o filho tornou-se neurótico. A investigação analítica revelou que a mãe se orientara por um dogma sacrossanto, embora inconsciente: "meu filho é o Messias esperado!" O amor materno é sublime, a mais alta expressão do espírito de sacrifício. Daí precisamente a importância do momento em que é necessário sacrificá-lo em benefício da libertação do filho. Quantas supermães, por ausência de autoridade paterna, são, como as do Ziraldo, incapazes de compreender essa necessidade. Quantas abstêm-se de preparar os filhos para a vida exterior, para as duras realidades do mundo dando-lhes a capacidade de disciplina própria e de responsabilidade em relação aos

* Escreve Neumann por isso que o jovem amante experimenta uma orgia de sexo e, no orgasmo, se dissolve o Ego, para ser transcendido na morte. "Nesse nível, orgasmo e morte acompanham-se, do mesmo modo como orgasmo e castração".

outros! O amor é então um amor que castra e mata. Uma forma particularmente viciosa do ciúme. A relutância em largar ou perder o filho torna-se, na realidade, uma recusa em reprimir a sua própria atração egoísta. E, sem o querer, uma tal matriarca comporta-se como a antiga divindade devoradora, sacrificando o *puer* no altar de sua própria tirania afetiva.

Encontramo-nos, os brasileiros, num estágio decisivo de desenvolvimento mental no qual o Logos da cultura ocidental, que nos conquistou e educou, procura impor-se à consciência coletiva, favorecendo-lhe com um instrumento de ordem racional. O momento é decisivo porque só com tal instrumento poderemos pretender transpor os obstáculos que o nosso subdesenvolvimento levanta ao impacto da civilização moderna. A crise de crescimento que o Brasil atravessa também é uma crise de adolescência. Quase diríamos uma puberdade coletiva. O grande momento da nacionalidade. O problema psicológico da atualidade consiste portanto em saber se estamos preparados para a grande "tomada de consciência" que os acontecimentos contemporâneos nos impõem.

Ora, quais são os traços de temperamento ou de psicologia coletiva que nos podem conduzir ao diagnóstico, ao assumirmos que sofre o brasileiro de uma fixação materna? Que justificativa apresentar para tão vasta generalização? Como dar substância ao argumento de que a figura do *puer aeternus* é representativa se os conteúdos do complexo materno são, por definição, inconscientes, isto é, desconhecidos, não-realizados e inadmissíveis?

Nossos mitos coletivos, especialmente os que gravitam em torno da visão nuclear do Paraíso tropical, as lendas de nossos caipiras, os rituais sincretísticos de nossas cidades litorâneas, a veneração que recebe em nossas praias o orixá iorubano das águas e do mar, esse culto pela Mãe que a Igreja Católica, em sua imensa sabedoria, sublimou na hiperdúlia da padroeira do Brasil — a Virgem de Aparecida cuja negra imagem foi milagrosamente encontrada nas águas de um rio — toda essa complexa estrutura afetiva de nosso povo está a indicar a presença envolvente de laços que nos prendem ao seio da Grande Mãe telúrica.

Um fenômeno sobre o qual, lamentavelmente, a sociologia brasileira não tem prestado a devida atenção, é a incrível disseminação do espiritismo. O Brasil será hoje o país de maior expansão dessa mística fantasmagórica que mistura elementos orientalizantes da teosofia e as elocubrações mais ou menos visionárias de europeus, com o animismo subjacente no sincretismo indo-

africano das camadas mais baixas da população. Juntamente com a macumba, o culto de Iemanjá e o jogo de loteria, o espiritismo revela um estado de grave desequilíbrio entre a fachada européia da cultura brasileira e as tendências profundas de uma população mergulhada na vida crepuscular do paganismo matriarcal. Dentro da própria Igreja, aliás, o culto supersticioso de santos como São Jorge, São Judas Tadeu, Santo Antônio e Cosme e Damião indica o mesmo retorno a formas religiosas pouco afetadas pelo Verbo Divino.

Temos assim o espetáculo de uma coletividade que vive de maneira regressiva, procurando manter-se no afago da Grande Mãe, escapando de um mundo cruel de máquinas e de grandes potências, de alta finança, monopólios internacionais e aviões supersônicos, de poluição ambiental, complicada tecnologia e bombas atômicas. Um mundo que lhe parece recusar acolhida e compreensão.

O que ocorre com o homem-criança, ocorre com o grupo-criança, o *puer* coletivo. A Grande Mãe da Terra não aparenta, ao que se vê, nenhum desejo de que seu filho cresça para o mundo das lides internacionais. A terra é um "berço esplêndido" onde deseja continuar, como dantes, acariciada, mimada, como que absorvida pelo esbanjar-se da criatividade natural. O Brasil é, na feliz expressão de Emil Farhat, "o país dos coitadinhos". Do Governo não esperamos aquilo que mais comumente se deve receber do Pai, a vigência da disciplina educativa e o exercício da autoridade corretiva; mas aquilo que compete à Mãe distribuir: proteção, assistência e carinho. Ao Estado é atribuída uma atividade assistencial, vindo a constituir uma espécie de Mãe Negra que amamenta uma burocracia parasitária de proporções gigantescas. O Governo parece resumir-se ao INPS.

O Brasil é o país do "você sabe com quem está falando?", onde domina nas elites não a obediência à Lei, igual para todos, mas a reivindicação do tratamento especial. Ocorre uma universal procura do bem-estar e do privilégio, um refastelar ocioso na espera das coisas que a natureza, ou qualquer outra misteriosa agência sobrenatural nos deve prodigalizar. Reina uma nostalgia inconfundível daquele estado primordial de ócio edênico (mulheres nuas!) que os primeiros povoadores tiveram a ilusão de encontrar nas praias de areia fina, sob ondas refrescantes e coqueiros esguios que se torcem suavemente ao vento do entardecer. A inércia, a resignada aceitação das condições sociais onerosas do subdesenvolvimento; o apego à rotina; a incapacidade para a ação comunitária em benefício do progresso, salvo quando suplementada pelos

laços afetivos do parentesco (e assim mesmo!); a ausência de um verdadeiro civismo na iniciativa empresarial, de estímulo para ações de interesse coletivo cujo resultado se projete sobre o futuro — essa falta sendo substituída pela improvisação ou o entusiasmo romântico, despregado de qualquer sentido da realidade, esbanjando-se em emotividade teatral; o estilo de vida todo dirigido para a procura de uma sensualidade imediatista; o individualismo, sobretudo egoísta e anárquico, só sendo capaz de se organizar coletivamente para empreendimentos de caráter meramente juvenil — tais, em seus traços gerais, certamente muito esquemáticos, os aspectos negativos do temperamento brasileiro, susceptíveis de serem relacionados com a fixação tardia à *imago* materna.

Sem dúvida, notórios são também os aspectos positivos dessa mesma constelação de traços. Mal precisam ser lembrados, tão conhecidos são como alimento da nossa vaidade nacional. É aquele "carinho molengo, sensual e pegajoso, um carinho gostoso, semitriste, e a ironia de supetão" de que nos fala Mário de Andrade. É a amenidade do convívio humano, a cordialidade do tratamento pessoal, o grande calor das relações sociais, a delicadeza dos sentimentos, às vezes bastante refinados; a repugnância às manifestações de violência coletiva e, inclusive, o apreço àquelas feições de ócio e displicência que constituiriam elogiáveis reações de contestação ao excessivo mecanicismo, ao conformismo e à robotização da vida moderna na civilização industrial.

A criança é um ser essencialmente egoísta. Só vive do privilégio. Tudo requer dos pais. Nada lhes dá em troca, a não ser o prazer de sua própria existência. Pensa ter direitos, nenhum dever. Assim também é o Brasil patriarcal, o país dos "meninos impossíveis".

Como explicar tais tendências? Pela ação amortecedora do clima? Pelos vícios da sociedade escravocrata? Pelo atavismo da raça morena mediterrânica? Alguns historiadores têm discorrido sobre as condições vigorantes na Casa-Grande, tendentes a mal educar os nhonhôs e sinhás-moças. Outros falam na influência psicanalítica das Mães Negras, essas santas e imensas criaturas cujos fartos peitos literalmente sufocaram os nhonhôs e sinhás-moças de outrora. Depois das Mães Negras seriam as mulatas as quais, segundo José Veríssimo, teriam constituído "um dissolvente de nossa virilidade física e moral". No que concorreu Nina Rodrigues, considerando-as um tipo anormal de furor uterino o qual, presumivelmente, teria exaurido a masculinidade dos brancos. Houve indiscutivelmente, na sociedade barroca da colônia, uma

atmosfera de sensualidade açucarada tão pesada que contribuiu para "estragar" a educação dos meninos de engenho, os quais foram constituir a aristocracia rural então dominante, com seus padrões de cultura mais tarde imitados pelas outras classes*.

Vale considerar um fato curioso. O nome da Mãe é, no Brasil, como observou entre outros Câmara Cascudo, um dos mais poderosos tabus verbais, tanto entre as classes pobres como na chamada "alta sociedade". Donde ser o desafio ao sagrado nome da Mãe um dos mais graves insultos, exigindo repulsa imediata do ofendido. Por um paradoxo realmente extraordinário, "Mãe" passou a constituir um desaforo, quase uma palavra de baixo calão, e para evitar mal-entendidos a pessoa que a um amigo pergunta pela saúde da dita é obrigado a circunlóquios: "Como vai a Senhora sua Mãe?" "Como vai passando sua Progenitora?". Esse fato revela quão próximo, quase à flor da pele, se acha o complexo materno brasileiro, como se não fosse longínqua a época de promiscuidade sexual em que os homens realmente desconheciam seus pais, só sendo conseqüentemente identificáveis como "filhos da Mãe". Não conheço nenhum outro país em que o tabu da palavra "mãe" possui um poder semelhante e tão perigosas excrescências.

Mas volvamos à sociedade colonial. Koster, que foi um dos mais finos observadores de nossa psicologia, quando visitou o Brasil no século passado, escreveu o seguinte sobre a maneira de criar um "menino impossível" na Casa-Grande da família patriarcal: "Logo que a criança deixa o berço, dão-lhe um escravo do seu sexo e idade, pouco mais ou menos, por camarada ou, antes, para seus brinquedos. Crescem juntos e o escravo se torna um objeto sobre o qual o menino exerce seus caprichos; empregam-no em tudo e além disso incorre sempre em censura e punição... Enfim, a ridícula ternura dos pais anima o insuportável despotismo dos filhos". E continua, referindo-se às sinhás-moças: "Nascem, criam-se e continuam a viver rodeadas de escravos, sem experimentarem a mais ligeira contrariedade, concebendo exaltada opinião de sua superioridade sobre as outras criaturas humanas, e

* Sérgio Milliet relaciona a importância dos anjos e crianças em nossa sociedade colonial com o desenvolvimento do barroco no Brasil. A relação seria evidentemente indireta. O fundamento comum nas artes e na organização social é o papel central do arquétipo do *puer æternus*. Na arte italiana do Barroco, os anjinhos, sob aspecto de crianças rechonchudas e coradas, eram chamados *putos*. O *puto* refere-se efetivamente a uma forma extrema de *puer æternus* e me pergunto se a etimologia vulgar dessa palavra obscena, no Brasil, justificaria tal interpretação psicológica.

nunca imaginando que possam estar em erro". José Veríssimo confirma a opinião de Koster, acentuando que não havia casa onde não existisse um ou mais moleques, um ou mais curumins vítimas consagradas aos caprichos de nhonhô: "eram-lhe o cavalo, o leva-pancadas, os amigos, os companheiros, os criados"*.

Evidentemente a escravidão foi abolida em 1888 e nenhuma criança de papai rico tem hoje um moleque escravo sobre o qual possa projetar o seu "insuportável despotismo". Mas talvez ainda existam criadas domésticas, nas famílias abastadas, para exercer a mesma influência nefasta. O fato é que, nas famílias ricas ou nas modestas, na aristocracia ou na classe média, talvez mesmo entre a gente pobre, continua verdadeira a observação de Koster sobre a excessiva e ridícula ternura dos pais, suplementada pela ternura dos avós, das tias, das irmãs mais velhas, que concorrem todas nesse processo de insuflamento do prodigioso narcisismo das crianças, dos varões especialmente.

Em outras partes desta obra (no volume em preparação, *A Utopia Brasileira*) oferecer-nos-á novas ocasiões de voltar ao tema do *puer aeternus*, instruindo-o com exemplos literários que o tentarão configurar com maior clareza. É fato que se manifesta, no homem brasileiro, uma cisão da imagem feminina, firmada desde a mais tenra infância, no amplo regaço da família. A exagerada idealização da imagem materna, no setor consciente, acarreta uma correspondente coloração pejorativa da mulher como "ninfa". A ânima torna-se rebelde e tirânica, e caprichosamente impõe seus humores irritadiços e volúveis ao comportamento do homem. Ou então, incapaz de se projetar normalmente sobre a mulher, é contaminada pela Sombra.

Isso quer dizer que a imagem da mulher torna-se ambivalente. Poderíamos falar num complexo de Raquel e Hagar. A cisão corresponde a uma diferenciação consciente de classe entre o que se chama a "menina de família", susceptível de se converter em esposa e mãe; e a outra, a ninfa, a mulher livre, a que fornica. A prostituição sob todas as suas formas está intimamente rela-

* Ina von Binzer, uma alemã inteligente que fora preceptora de meninos de ilustre família paulista, e escreveu em 1885, conta sua surpresa quando um deles lhe disse do negrinho: "il est à moi; grand maman m'en a fait cadeau à mon jour de fête". Mais severa, Ina von Binzer assegurava que "todo trabalho é realizado pelos pretos, toda riqueza é adquirida por mãos negras, porque o brasileiro não trabalha, e quando é pobre prefere viver como parasita em casa dos parentes e dos amigos ricos, em vez de procurar ocupação honesta".

cionada com essa estrutura fechada da família patriarcal — o fenômeno sendo de comprovação fácil nas zonas rurais de todos os países da América Latina e do litoral do Mediterrâneo.

A experiência terapêutica revela a importância dessa cisão da ânima. No homem adulto, a cisão revela-se amiúde pela coexistência da esposa e da amante, ambas garantidoras da santidade e invulnerabilidade da família. E se é verdade que a urbanização rápida do Brasil, com a modernização dos costumes sob influência americana e européia, tende a reduzir tais diferenças — se a fusão da esposa e da amante já ocorre, de fato, nas classes mais abastadas do Rio e de São Paulo — basicamente ainda se mantém a ambivalência como inerente à estrutura conservadora da sociedade erótica. A bigamia inveterada do homem brasileiro não contradiz o nosso postulado sobre o papel preponderante da ordem familiar. Pelo contrário. E se já felizmente ultrapassamos o estágio em que todo homem brasileiro, que se prezasse como varão, devia manter uma amante (francesa, se fosse ele rico; mulata, se fosse português), ainda é bastante vulgarizada a prática para ser notada.

O excessivo ciúme é outro aspecto do mesmo fenômeno em que a ânima não evoluiu suficientemente. O caso de Otelo é típico e no nosso livro em preparação, já citado, vamos usar essa personagem shakespeariana para ilustrar a psicologia do homem moreno, de poderosos afetos, ardente sensualidade e limitada razão. A ânima de Otelo é literalmente ofuscada pela Sombra, de maneira que o herói acaba escravizado ao seu destino trágico em conseqüência da fraqueza de seu intelecto viril.

Temos ainda o exemplo do conquistador don-juanesco que, em todas as mulheres, procura infatigavelmente a imagem feminina ideal da Mãe, adquirida em tenra idade. E temos ainda um terceiro caso, o do intelectual boêmio e romântico em permanente estado de agitação emocional e de rebelião contra o Logos. Este procura, no exagero da paixão amorosa, no vício, na poesia, nas artes, em qualquer possível maneira de fuga, às vezes na perseguição revolucionária de algum vago credo político — uma meta inconsciente, porém obsessiva, de retorno ao ventre paradisíaco.

O MENINO IMPOSSÍVEL

(*"Sob as ordens da mamãe"*)

EM TODA A LITERATURA BRASILEIRA é sentida a grande presença materna. A literatura é o veículo para ilustrar a tese, sempre que nela possamos encontrar as figuras prototípicas, modelos ou padrões susceptíveis de caracterizar a psicologia dominante.

A literatura fornece-nos exemplos. Oferece mesmo um exemplo literalmente *vivido*, o de Oswald de Andrade.

Oswald de Andrade, tanto quanto posso crer, é o único autor brasileiro que percebeu a relevância do complexo materno, como explicação, e propôs conscientemente o matriarcado, como solução, para o problema do país. Romancista, poeta, ensaísta revolucionário e controvertido, *enfant térrible* do movimento modernista brasileiro na sua fase nacionalista de *devoração*, ou antropofagia, autor de alguns artigos filosóficos não muito profundos e de algumas teorias assaz confusas — é no entanto um escritor importante para a história de nosso pensamento por haver sido o primeiro, não simplesmente a escrever sob inspiração das Mães, mas a intuir, na base de um profundo envolvimento emocional, o papel por elas desempenhado na sociologia brasileira.

A compreensão do papel de Oswald de Andrade como *medium* de nossa realidade psicológica coletiva é grandemente facilitada pela leitura de sua autobiografia. Ele se nos revela, na obra, um autêntico *puer aeternus*. O subtítulo que ostenta em *Um Homem sem Profissão* é bastante indicativo: "*Sob as ordens da mamãe*"...*

* Como o descreve Antonio Cândido no prefácio, é "um menino inconsolável". Guarda as emoções, as fantasias, as birras e humores, sobretudo o

Filho único de família burguesa abastada, Oswald de Andrade cresceu evidentemente como um "menino impossível". Mas é curioso notar o pouco que se refere à mãe. Ela é uma virtualidade, uma presença mais do que uma influência real e consciente. Nunca se revela nitidamente em que medida está o filho "sob as ordens da Mamãe". As determinações maternas, porventura tirânicas e opressivas, ele as recebe por via do Inconsciente, indiretamente, através do que confessa ser uma ardente vida sexual infantil, fortemente reprimida. O quadro freudiano é perfeito. Sua mais longínqua lembrança é de caráter físico, a elaboração noturna do sonho sexual quando dormia "no meinho da larga cama dos pais".* Surgiram então, para conduzir sua biografia posterior, os elementos ambivalentes do complexo de Édipo, mais tarde desenvolvidos filosoficamente no "totemismo órfico" que dominará sua Visão do mundo.

Orfeu, na tradição clássica, representa um protótipo do *puer*. Seu mito é o da recusa da maturidade do Eros, razão pela qual é suposto haver introduzido a pederastia na Grécia. Ovídio, nas *Metamorfoses*, assevera que "ele deu um exemplo para a gente da Trácia ao oferecer o seu amor a tenros adolescentes, e gozando a primavera e as primeiras flores de seu crescimento". As mulheres da Trácia, contudo, enciumadas, moveram-se de paixão pelo suave poeta que acalmava as forças da natureza com sua lira maviosíssima. Excitadas em grau frenético, atiraram-se sobre Orfeu e fizeram-no aos pedaços. Mas o jovem deus, cuja vida é pura arte, puro jogo, sobrepujou a morte pelo seu canto erótico. Oswald de Andrade

devaneio desenfreado da infância. Já ultrapassada a adolescência, continuava afagado pela Senhora sua Mãe que trazia do Norte, de Pernambuco e do Amazonas, "o comunicativo, o animoso e a festividade", contando histórias terríveis do mato e da floresta, da selva e de suas feras, histórias de bichos fantásticos e fantasmas que lhe alimentavam a imaginação ardente do mais rico material folclórico. Antonio Cândido refere-se ao "lirismo telúrico" de Oswald de Andrade, "ao mesmo tempo crítico, mergulhado no inconsciente individual e coletivo": desse lirismo foi a Mãe sua *femme inspiratrice*.

* A Mãe, segundo nos propõe Freud em sua obra mestra, o *Traumdeutung*, representa originariamente a pureza, a beatitude, o paraíso. A ela se opõe então, como misteriosa impureza, como pecado e mancha, indeléveis, a revelação da sexualidade. Para o complexo materno, a virilidade confunde-se, em última análise, com a revelação da realidade ou da Necessidade, *Anankê*. Esta é suja, horrorosa, pecaminosa. O protesto viril seria uma antítese, um mal antimaterno. A luta na realidade infernal de Anankê constituiria uma ponte que atravessa o vazio entre o Paraíso Perdido da infância e a Terra Prometida no futuro.

antecipou, no "totemismo órfico", a maré *hippie* de nossos dias que se exprime, entre outros fenômenos, pela extensão da homossexualidade e os distúrbios do amor "pueril"...

Introvertido que tem medo da escola e da sociedade, a "débil segurança" do autobiógrafo é protegida pela mãe a qual vigia cautelosamente a virgindade do filho. Com a adolescência, porém, declara-se a revolta, normal em tais condições. Oswald nos diz que o maior trauma da idade escolar é a revelação do ato sexual, a constatação dos "cruéis segredos" da vida que ignorava profundamente e dos quais sua educação de burguesia puritana o havia até então preservado. A rebeldia é interpretada como uma "traição ao afago materno": aos vinte anos, não volta para a casa. O espetáculo da revolta de João Cândido, que assistiu no Rio de Janeiro — o encouraçado saindo barra a fora, de madrugada, com seus marinheiros amotinados — adquire para ele o valor de um drama simbólico, ao mesmo tempo coletivo e pessoal. O canhão do *Minas Gerais* é uma espécie de pênis em erecção. Oswald será sempre um revoltado romântico inconseqüente — numa linha característica da intelectualidade brasileira que mistura vagas idealizações socialistas com um incoercível *penchant* libertário, *parlour-pink*...

O totemismo órfico desenvolve-se à medida que parece sobrepujar as tendências homossexuais da adolescência, encaminhando-se para uma forma sofredora peculiar de don-juanismo. O impulso erótico é multiforme, apaixonado, inconstante. Uma das experiências encerra-se mesmo em tragédia. De Kamia passa para Landa, de Landa para Deisi, de uma vagina para outra, de francesas para russas, japonesas, brasileiras brancas e mulatas, através de outras muitas aventuras passageiras e mesmo de uma conquista frustrada de Isadora Duncan! Incapaz de cimentar seus afetos, toda a aflição e o desvario do Romantismo são entrecortados de ímpetos assassinos e de veleidades suicidas.

Já no início da idade madura, configura-se a forma sublimada do complexo edipiano que não conseguiu transcender. Descreve-nos Oswald como, certa vez, viajando pela Calábria, teve uma visão "e dos desmaios violetas dispersos em redor, criou-se num momento uma figura de mulher céu acima, alongou o braço fantástico. Chamou. Pensei em Mamãe"... Regressou ao Brasil às pressas. Mas antes de desembarcar soube do falecimento da mãe e, com ela, perdeu a fé em Deus — "porque Deus não permitiu que eu chegasse da Europa a tempo de encontrar viva a minha Mãe". (Também para o Brás Cubas machadiano a morte da mãe representa um momento

importante na transformação do filho — é nesse momento que a vida lhe aparece mais angustiantemente obscura, incongruente, insana ...) E Oswald conclui: "Fechava-se brutalmente o ciclo maravilhoso que, desde a primeira infância, defendiam os braços pequenos e gordos da fada de minhas noites e dias. Haviam-se fechado os olhos azuis para cuja aflitiva vigilância tinham-se aberto os meus".

Arrebenta então o setor negativo de seu complexo. No sarcasmo, no ódio à Igreja e ao Estado (símbolos do Logos patriarcal), na atribulação e na rebeldia da vida boêmia e na "antropofagia" que é um suicídio intelectual — a exaltação do protesto é elaborada teoricamente. Surge a tese extravagante que considera a mulher brasileira esmagada em seu espírito e torturada em seus direitos pela potência patriarcal. Do próprio pai, na verdade, pouco fala e a ele só se refere irritadamente, para relatar atritos. O pai aparentemente manifestara-se contra seu casamento com uma dançarina de maus princípios. O pai é o adversário, porque personifica a ordem, a lei, a autoridade, sobretudo o imperativo moral e a estrutura legal da família. Deus também existe como adversário do homem, eis o que declara ser a conquista espiritual da Antropofagia onde confessa a influência de Kierkegaard (?) e de Proudhon. Deus é o tabu, o limite. O contra. "O carro de Laio atravanca a minha estrada", proclama em clara alusão freudiana. Tão atravancada na verdade ficou que lhe deteve o amadurecimento emocional e conduziu finalmente ao fracasso seus dons de literato incontestavelmente excepcionais.

Em Oswald de Andrade, como em Eduardo Prado e em muitos dos nossos intelectuais adolescentes e "alienados" do movimento modernista das décadas 20-30, e do movimento nacionalista das décadas 50-60, o sentimento de uma excessiva dependência interior para com a cultura européia provoca uma reação radical de denegrimento da realidade brasileira atual. A Antropofagia, que toma como símbolo a triste sorte do bispo Sardinha, visava simplesmente a absorção canibalesca de todas as influências externas e sua redução a modelos nativos. "Tupi or not tupi", dizia ele, em fórmula genial. A idéia possui certa lógica divertida de natureza "mágica": o selvagem também acredita absorver as virtudes de sua vítima ao comer-lhe a carne. Infelizmente, as verdadeiras condições de absorção da Cultura não se deixam submeter a métodos tão simplistas de pajé tupinambá.

Já no movimento "Pau-Brasil", que desejava "consultar a floresta", encontrar a "alma vegetal" do Brasil, descobrir "o espírito das florestas e o sentido da vida vegetal", de maneira a limpar o terreno de toda aquela poesia nacional obsoleta, parnasiana e esclerosada, em seus modelos servilmente imitativos da literatura francesa — Oswald de Andrade e seus colegas modernistas pareciam trilhar um caminho mais construtivo. Caminho que teve posteriormente resultados benéficos de libertação intelectual.

Política e socialmente, porém, a pregação de Oswald de Andrade de uma espécie de utopia vagamente socialista se prende outra vez às formas exacerbadas de seu romantismo "pueril". Oswald visava a ociosidade, a irresponsabilidade, a comunidade de mulheres e crianças, a nudez, o amor livre, a simplicidade natural do selvagem. Trata-se de um *hippie* em avanço sobre seu século. A utopia consiste, na verdade, em um retorno impossível à vida primitiva, uma marcha para trás às condições idealizadas dos antropófagos de nossa visão tupiniquim.

O que torna a sua obra particularmente interessante é sua preocupação tardia com o Matriarcado, preocupação que se precisa em correlação com o utopianismo. Não apenas exalta o Matriarcado — como quando escreve, na coleção de ensaios *A Marcha da Utopia*: "a tese matriarcal abre rumo" — mas parece ainda condenar o patriarcado que considera a fonte de todos os nossos males e desigualdades sociais. Sua crítica amarga de Orestes e Hamleto é sintomática. Diz que o passado, "onde o domínio materno se instituiu longamente, fazendo que o filho não fosse de um só homem individualizado, mas, sim, o filho da tribo, está hoje muito mais atenta e favoravelmente julgado pela Sociologia, do que no tempo das afrontosas progenituras que fizeram a desigualdade do mundo. Caminha-se por todos os atalhos e por todas as estradas reais para que a criança seja considerada o filho da sociedade e não como sucede tão continuamente no regime da herança, com o filho de um irresponsável, de um tarado ou de um infeliz que não lhe pode dar educação e sustento". E conclui que, "pelas transformações sociais, que apontam de todo lado, chegamos à falência do regime paterno".

O que pretenderia ele alcançar? Seria o objetivo de um Herbert Marcuse de quem é precursor: a vitória prematura (num país subdesenvolvido como o nosso!) sobre a civilização técnica, patriarcalista e racional que criou o trabalho e a máquina? "Trata-se apenas de resolver um problema", acentua ele "— o da conquista do ócio. O ócio era permitido na seara fácil da selva matriarcal. Mas, desde que o alimento foi disputado, o mais hábil dividiu o mundo em classes e criou a herança. O ócio continuou a ser o maior dos bens... Há uma democratização do ócio, como uma democratização da cultura".

Todas essas idéias não têm muita clareza, nem muita lógica e sentido. Fogem sobretudo à nossa realidade atual cujo problema é o do ócio excessivo. Mas não são as teorias sociais de Oswald de Andrade que importam. O que vale é a clareza franca e corajosa com que expôs anseios vagamente sentidos de toda uma sociedade. A personalidade do autor revela-se assim prototípica de uma estrutura psicológica coletiva subjugada ainda ao colo gigantesco da nossa Magna Mater devoradora.

GABRIELA, A DO CRAVO E DA CANELA

No "Gabriela, Cravo e Canela", oferece-nos Jorge Amado um saboroso prato literário em torno do tema da sociedade erótica. Devemos apreciar esse romance do escritor baiano como uma das melhores observações psicanalíticas, já realizadas, de um mundo onde dominam os laços afetivos da paixão cordial; a mais fina descrição, em nossa literatura de ficção, de uma comunidade cuja ordem é mantida exclusivamente pela estrutura emocional das relações pessoais.

O local é a Bahia — aquela de Todos os Santos e quase todos os pecados, a mais brasileira de nossas províncias no que diz respeito ao calor úmido, verboso e pegajoso dos sentimentos extrovertidos. O romance, sem profundidade, é no entanto magnificamente ilustrativo pelo modo de transmitir a presença constante, multiforme e triunfante do princípio do Eros.

Tudo no enredo é erotismo. O livro inteiro examina sob todos os ângulos e inúmeras facetas a manifestação terrena desse espírito ou demônio poderoso cuja preocupação não se limita ao sexo, mas envolve os aspectos os mais diversos da vida de Ilhéus — sensual, plástica, viscosa até o enjôo — quaisquer que sejam os tipos humanos, as raças, as profissões, as idades. A estória condimentada, variada para todos os gostos, entra pela intimidade das famílias e contempla do alto, não uma vida ou mesmo uma intriga amorosa, mas a coletividade com todos os seus "amores, os assassinatos, os banquetes, os presépios, os velhos nobres soberbos e salafrários, tanto quanto os novos ricos e os afamados jagunços — tudo com solidão e suspiros, vingança, ódio, manobras políticas, prestidigitadores, dançarinas, milagres e outras mágicas"; e inclusive com o vigário local,

o padre Basílio, legítimo prelado de uma sociedade prolífica cujos conhecimentos teológicos se reduziam ao mandamento do Senhor: "crescei e multiplicai-vos..."

Eros triunfante. Mas Eros no sentido lato que devemos dar à palavra: desde o ponto de honra do velho coronel Jesuíno Mendonça que lavou no sangue a traição de sua esposa Sinhazinha, até os encantos do árabe Nacib, um mestre do bom-viver, pela mulata Gabriela que tinha cheiro de cravo e cor de canela.

Uma atmosfera afrodisíaca, uma sensualidade dengosa, um ardor concupiscente que cheira a açúcar fermentado e a pimenta-do-reino, que se entranha por todas as coisas, percorre as ruas, penetra pelas frestas e as venezianas, e se esparrama por todas as salas e quartos, pesa sobre a cidade como se estivesse dedicada ao culto único de um Cupido arisco, inquieto e flexuoso. Dominando a comunidade impera a Mulher. Gabriela torna-se um símbolo. É o protótipo e verdadeiro centro da vida social. Filha de uma Afrodite-Iemanjá mestiça, "dos seus seios pujantes, de seu rosto moreno queimado, de seus lábios carnudos e ávidos, de seus olhos entornados em permanente convite" é que emana o poder, a força-motriz, primo móvel da cidade.

Gabriela representa a energia primordial que faz as revoluções, que promove as descobertas, que mantém a ordem pública. Embora não exerça um papel determinado, não siga uma profissão definida, nem possua um caráter bem desenhado, ela é "fogosa e úmida", uma bacante "tão louca na cama, tão doce no amor, tão nascida para aquilo, feita de calor, suspiros, langor e ternura". Pois dela nascem as águas, o rio e o mar, as fontes nas pedras, as ondas da praia. Nela se vê a terra molhada de chuva, o chão cavado de enxada, terra de cacau cultivado, grutas profundas, chão onde crescem as árvores e medra o capim, chão de vales e montes onde o homem está plantando a sua nova civilização. Ela é a própria força telúrica e a imagem da *Ânima* deste Continente do Terceiro Dia da Criação, filha primitiva da Magna Mater, simples, elementar, a própria representação da terra virgem do Brasil que o homem pela primeira vez desbrava.

Se considerarmos que a mulher, e não o homem, constitui a personalidade mais forte na sociedade brasileira, então será Gabriela quem melhor pode servir como figura representativa de nosso povo em seu atual estágio de desenvolvimento psicológico. Gabriela é o cavalo de Iemanjá. Como tal, é a divindade tutelar da sociedade erótica porque, além do mais, é cozinheira, e a mulher o prato mais saboroso de um grupo humano para o qual cozinha e cama constituem, como se fora, o *sanctum sanctorum*. O que se pode nela destacar não é apenas "a excitação amorosa da clássica mulata brasileira" que Nina Rodrigues, preocupado com os fatores raciais, atribui à mestiçagem. O que vale é a força vital do seu desejo, capaz de arrastar para a rua toda a cidade, para dançar reisado, para brincar de carnaval, para involuntariamente tecer a intriga em torno da qual giram todas as atenções, e promover as soluções as mais jeitosas aos problemas existenciais. Entretanto, mesmo num plano mais complexo e menos irracional, verificamos quão decisivo é na cidade o papel da mulher, pois até os negócios e as combinações políticas são feitas no leito de Anabela, a dançarina francesa que é amante dos poderosos coronéis do cacau — sem nos esquecer evidentemente de Glória, a prostituta, que "eleva a um nível superior um dos aspectos mais sérios da vida da cidade": sua vida sexual propriamente dita.

Indubitavelmente, desempenha o impulso do sexo um papel importante na vida psicológica do homem brasileiro. Existe um interesse tão intenso sobre essas coisas que poderia parecer anormal a membros de outras raças. Mas a quase obsessiva preocupação do brasileiro com a mulher e com o seu próprio poder viril, o falismo como idéia fixa — tendência que compartilhamos com os demais latinos, os africanos e os árabes — não é por si mesmo um produto direto da pujança da terra. No estágio original da conquista de outros continentes virgens — como ocorreu na Sibéria, na América do Norte e na Austrália — não foi a concupiscência mas a *libido dominandi*, a energia agressiva dentro de uma lógica intelectual de poder e império, que determinou primariamente o comportamento coletivo.

No cenário de Ilhéus, Jorge Amado apresenta um quadro que deve ser examinado em dois planos: no plano da natureza selvagem, no nível de um desenvolvimento em seu estágio preliminar com o estabelecimento ainda recente do homem em terra antiga e pujante; e no plano da sociedade erótica propriamente dita cujo comportamento é determinado por fatores culturais tradicionais, permanentes, fatores genéticos relacionados com a constituição psicossomática do homem moreno meridional que para aqui imigrou. Na estrutura erótica da sociedade brasileira é mister distinguir o que representa uma *etapa inicial* do desenvolvimento psicológico coletivo, do que mais propriamente é *constitucional,* inato ou herdado dos nossos antepassados mediterrânicos e africanos, antigos cultores da Magna Mater e de seu filho Eros.

Jorge Amado movimenta o seu enredo em termos de um choque entre dois tipos de lei. Essas duas leis de certo modo definem o con-

traste por nós estabelecido entre a sociedade erótica e a sociedade lógica. A intriga do romance visa a salientar as inter-relações complexas entre os impulsos afetivos e os imperativos intelectuais, mas o resultado dramático parece sugerir a possibilidade de uma lenta evolução, como que profetizando uma futura associação entre os dois opostos em conflito.

A lei escrita, a lei abstrata do governador e do poder federal, ressente-se de limitações constantes, prejudicada que é, a cada passo, pelo efeito concreto dos sentimentos ardentes que orientam os indivíduos. A lei verdadeira, na sociedade erótica, é a *lei pessoal*, a lei da amizade e da honra, o "ilegal e o impossível" que se faz por ódio ou simpatia, ou por amor e orgulho no calor da emoção. É esse o dispositivo que não consta de código algum nem de catecismo, que não está no papel embora seja mais válido e mais antigo. É, por exemplo, o artigo cruel da honra familiar que autoriza e mesmo exige do coronel Jesuíno que mate a pobre Sinhazinha e seu amante, o Dr. Osmundo Pimentel, dentista tirado a poeta. Esse o preceito mais forte.

E a tragédia não provoca horror nem revolta. Pelo contrário, é um prato gostoso, de raro sabor para a mente maliciosa da gente que se congrega no restaurante de Seu Nacib. Sinhazinha recebera dois tiros quando nua, calçada de meias pretas, amava o Dr. Osmundo. "Histórias como aquela de amores ilícitos e vingança mortal, com detalhes tão suculentos, meias pretas, meu Deus! não aconteciam todos os dias".

A sociedade erótica é reforçada por tais crimes. Pois regem as relações entre os homens no nível dos afetos negativos e garantem a ordem social muito mais eficazmente do que o texto que, dificilmente, elaboraram os juristas em códigos inaplicáveis e estéreis, ou os mandamentos religiosos que, com maior dificuldade ainda, proclamam os padres no púlpito e no confessionário. Amor, amizade e honra. O amor da mulher e a honra do homem: eis os dois critérios únicos que disciplinam o comportamento geral. Fora deles, pouco valor possui a vida humana. Os documentos veneráveis, as instituições jurídicas, a organização política também pouco importam. "Afinal de contas, está bem certo que aquilo que se chama de civilização ilheense foi construída a base de documentos falsos" — e é essa circunstância, precisamente, que permitirá ao árabe Nacib, no final do enredo, "dar um jeito" para romper o antigo mandamento de honra do marido enganado — fazendo com que a senhora Saad

volte a ser simplesmente Gabriela, mulata cozinheira de cheiro de cravo e cor de canela.

E no entanto, mesmo na Bahia, coração úmido e tropical deste nosso Brasil amantíssimo, o princípio lógico no nascedouro faz avançar os seus tentáculos exploratórios. O Logos aparece com as primeiras tentativas, ainda tímidas, para fazer vigorar outra lei que não a das emoções. Os primeiros sintomas de uma nova mentalidade. Um pensamento mais objetivo, mais abstrato e racional.

Surge com Mundinho Falcão cujo toque romântico esconde um homem decidido, prático, sabendo querer e fazer, sabendo sobretudo pensar. Homem de São Paulo, naturalmente, em quem a razão pragmática da vida já começa a sobrepujar o império cego da paixão cordial. Mundinho inspira-se num propósito fixo: abrir Ilhéus como porto de exportação de cacau, embarcar ali a mercadoria diretamente para o estrangeiro. Um objetivo consistente, servido pelo intelecto, aparece para orientar a ação. Os velhos coronéis, veneráveis fazendeiros, velhos touros desse haras de reprodução humana, sentem em Mundinho um estranho, um inimigo talvez que lhes escapa ao controle, que não os visita e age sem previamente assegurar as relações pessoais de cortesia exigidas pelo ritual da Delicadeza. Mundinho é o catalisador de um novo tipo de comportamento. Introduz uma forma social que, triunfante na Europa e na América do Norte, é ainda desconhecida em nosso Brasil tropical.

A sociedade moderna anuncia-se também na rebelião de Malvina, a filha de outro coronel. Malvina é a menina que não mais aceita as condições da Grande Família feudal e patriarcal. No horror à obediência cega, não quer curvar a cabeça aos ditames do capricho paterno, não se sujeita a casamentos escolhidos pelos pais, não se vai enterrar na cozinha de algum fazendeiro amigo da família, nem há de ser criada de algum doutor de Ilhéus. Para Malvina não se trata de amor, de paixão romântica a explodir. O que anseia friamente é pelo direito de viver, de trabalhar, de ser livre nas grandes cidades civilizadas do sul.

São esses os sinais precursores de que Ilhéus se transforma como se transforma o Brasil, que se modificam os costumes, evoluem os homens, se libertam as mulheres ao mesmo tempo em que irão perder o domínio secreto que detêm na alcova. A Lei, aquela outra lei, escrita, a da justiça abstrata numa sociedade democrática, também será cumprida pela primeira vez em nome da civilização e do

progresso. O Logos triunfa ou triunfará, como nos promete Jorge Amado *post scriptum*, porque, "pela primeira vez na história de Ilhéus, um coronel do cacau será condenado à prisão por haver assassinado a esposa adúltera e seu amante".

TRISTEZA E SAUDADE

ABSTENHAMO-NOS DE ENTRAR na discussão que tem fascinado muitos ilustres pensadores, desde Montesquieu até nosso grande sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, sobre se devemos atribuir a sensualidade, como característica da Sociedade Erótica, a condições de raça, ao "sistema econômico e social de nossa formação" ou ao clima, ao "ar mole, grosso, morno que cedo nos parece predispor aos chamegos do amor e ao mesmo tempo nos afastar de todo esforço persistente".

A meu ver, é esforço fútil tentar reduzir um fenômeno psicológico desse tipo a determinantes específicos de natureza física, razão pela qual prefiro a solução de Keyserling que melhor justiça faz ao caráter misterioso do arquétipo: A América do Sul seria o Continente do Terceiro Dia da Criação...

Não é possível negar tenha Keyserling "compreendido" a América do Sul. Tenha descoberto para a Europa, melhor talvez do que outros estrangeiros, o "sentido" de nosso erotismo, mesmo quando se possa haver extraviado em alguns dados especiais ou em conclusões precisas. Sua filosofia sempre insistiu na superioridade da "compreensão", que transfigura o espírito, sobre o "saber" puramente intelectual. Jamais cessou de pregar a necessidade de ser tal entendimento criador e vital. Estou convencido de que as "Meditações" revelam incomparável fertilidade intelectual, razão pela qual deveriam sair do limbo em que tão rapidamente mergulharam.

Mas não teria o livro sido olvidado porque tocou justamente em nossos pontos fracos? Não terá passado quase despercebido porque apontava, com certeira mirada, o nosso estado pré-consciente

de mergulho na vida instintiva ainda dominada pelo arquétipo da Magna Mater? Talvez a obra de Keyserling haja chocado e sido prudentemente "censurada" por nosso amor-próprio nacional. E se, na época, escandalizou certos de nossos intelectuais pelo diagnóstico da sensualidade e do ceticismo pessimista que nos distinguem — o que estava a fazer senão repetir, com a autoridade de um europeu imparcial (e, na verdade, bastante simpático!), constatações da mesma índole entre nós alcançadas por críticos como Paulo Prado?

O que evidentemente mais impressionou o nosso alemão foi o "mundo frio" e mineral do Altiplano boliviano. Sentiu ali desagregarem-se as suas faculdades de homem civilizado, enquanto os índios da região andina e as vastas planuras da Patagônia lhe causavam uma sensação mais estranha e duradoura. Keyserling insiste repetidamente na inércia do sangue índio, na sua frialdade específica. A frialdade do ofídio e do batráquio.

Se essas suas observações, porém, são válidas no que diz respeito à psicologia dos povos hispano-ameríndios dos Andes e se aplicam, em parte, aos mamelucos, caboclos do sertão e jagunços da caatinga, não deixa de notar a "vitalidade tumultuosa e o grande calor emocional" do "sangue negro". É ao negro que, em contraste com o "sangue-frio" do réptil imperante no resto do continente, atribui Keyserling a impressão de "calor humano" deixado pelo brasileiro. O mesmo calor conferido pelo português, pois o luso também supera o espanhol na expressão ardente e cordial de sua afetividade. De seu Sentimento.

A ojeriza própria do extrovertido afetivo por toda situação em que seja obrigado a enfrentar o seu próprio mundo interior impõe-lhe a procura do convívio humano, a fuga da solidão. O afetivo necessita de um *Outro* sobre quem projetar seu afeto (ou descarregar sua bílis...). É como se existisse uma contradição natural entre o tipo e a atitude introvertida, pois, sendo a função de sentimento essencialmente uma função de relação e um fator associativo, se sentirá frustrada se obrigada a introverter-se. É de lamentar que, sobre esse importante problema psicológico, poucos estudos existam tanto na obra de Jung e de sua escola, quanto na de psicólogos de outras tendências.

Ora, se extrovertidos são o carioca, o gaúcho, o baiano, o preto e o mulato, e o descendente de imigrante italiano — introvertidos

costumam mostrar-se o caboclo, o jagunço nordestino, freqüentemente o mineiro. *

A solidão forçada do homem de sentimento e a frustração emocional do introvertido constituem a origem da tristeza, da melancolia, do existencialismo angustiado e pessimista atribuído ao brasileiro do século passado — o tipo do Casmurro de Machado de Assis — do jaburu, "triste, triste, daquela austera e vil tristeza" de que falava Capistrano de Abreu.

Essa idéia da melancolia brasileira cerca-se de uma auréola bela e romântica — o "filho das três raças tristes" da fórmula famosa e falsa que Paulo Prado também aceitou ao retratar o "povo triste numa terra radiosa". Mas o fato é que a tristeza do fado talvez se possa aplicar com mais propriedade ao brasileiro de sangue indígena, talvez por motivos constitucionais; ou ao que se encontra em estado de isolamento, como será o caso generalizado do caboclo perdido na imensidade do sertão. Talvez seja também um dos motivos psicológicos em virtude dos quais o extrovertido do litoral procura evitar a penetração na área do Inferno Verde, preferindo manter-se na promiscuidade de seus semelhantes, agarrado às praias excitantes. A relutância do funcionário carioca em abandonar Copacabana para a solidão e a tranqüilidade do planalto de Brasília tem certamente a mesma explicação.

De qualquer forma, seria inadmissível chamar o africano de "raça triste". A verdade é que a alegria extrovertida do mestiço litorâneo, muito mais do que a "neurastenia" a que se refere Euclides da Cunha, é um dos traços evidentes de sua personalidade. O escravo africano talvez se tenha entristecido no cativeiro, temporária, excepcionalmente, mas mesmo aí tratou de alegrar sua miséria pela

* Já no século passado, um viajante inglês, Alfred Wallace, apontou mais francamente do que Keyserling para o contraste entre o índio, taciturno e introvertido, e o negro, alegre, loquaz e extrovertido. O viajante alemão Koseritz também notou o espírito comunicativo e folgazão do carioca, que levava na galhofa os assuntos mais sérios. A mesma idéia foi esboçada por MacDougall.

Gilberto Freyre esposa a distinção no segundo volume de seu *Casa-Grande & Senzala,* exemplificando, com o baiano negróide e alegre, o nordestino tristonho, calado, sonso e até sorumbático. Não se atreve, porém, a explicá-la, limitando-se, com louvável prudência, a atribuir a extroversão do negro a uma melhor adaptação biológica ao clima quente. Valorizando assim mesmo essa extroversão que teria permitido ao africano mais contribuir do que o ameríndio para a obra de colonização portuguesa.

música e a dança, atividades dionisíacas que não são certamente depressivas.

Sendo assim, constitui a solidão, para o extrovertido litorâneo (que eu chamaria de "povo alegre numa terra radiosa"), um estado opressivo, justamente porque a solidão impõe um confronto com o mundo interior. Eis uma experiência que lhe desagrada porque o força a contemplar a sua própria Sombra. Pode-se porventura conceber um carioca típico que se sinta inteiramente à vontade no retiro de uma célula monacal? A sua reação normal em face do mundo interior será considerá-lo uma "fantasia", um "mito", uma abstração irreal, uma invenção de psicólogo chato. Talvez mesmo uma hipótese ridícula e injustificável. Introspecção ele só admitirá quando fortemente solicitado pelo confessor ou o analista. A alternativa é deixar-se vencer por esse mundo interior na escapatória da magia, da serenata triste, da poesia sentimental, ou mesmo do mergulho na neurose histérica.

Quer seja portanto frustração natural de introvertido ou isolamento forçado do sertão, a melancolia brasileira possui uma origem psicológica naquilo que os psicanalistas costumam denominar "desejo de retorno ao ventre materno": a nostalgia do útero. Em termos de psicologia arquetípica, falaremos de Saudade do Paraíso Perdido.

O estágio de inconsciência primordial em que o homem é contido no Todo, sem responsabilidade e sem esforço, sem angústias e sem contradições internas, configura uma situação essencialmente paradisíaca. O mito edênico é um mito materno. Afirma o Alcorão que "o Paraíso se estende aos pés da Mãe". O Paraíso é a forma simbólica por que se manifesta a inconsciência primordial "anterior ao pecado", aquela que antecede à luz, ao trabalho, à responsabilidade, ao destino, ao dever — à angústia da existência, em suma. O Paraíso precede a tentação e perde-se, pela desobediência, ao comer "a fruta do conhecimento do bem e do mal", a qual, precisamente, "abre os olhos" da consciência para a realidade, conduzindo à Expulsão do Paraíso. O mito do Gênese configura o conflito iminente entre o Logos e o Eros — que revela também a antinomia básica entre o Desejo, *Libido*, e *Anankê*, a Necessidade objetiva.

O Gênese aceita implicitamente a tese de que está a origem da consciência, de certa forma, relacionada com o problema sexual. Só após comerem o fruto da árvore do conhecimento — que é de natureza ética pois discrimina entre o Bem e o Mal — "conheceram"

Adão e Eva, ao se lhes "abrirem os olhos", que estavam nus. A situação é profundamente erótica. Posteriormente, "conheceu" Adão a Eva, sua mulher, e esta concebeu e pariu. A "abertura dos olhos" da consciência é um acontecimento transcendente e luciferino, de natureza moral, ao mesmo tempo sexual, e a primeira manifestação da soberba humana — que coincide por uma lógica inerente com o reconhecimento do poder criador do homem. A psicologia analítica permite compreender o despertar da consciência masculina como afirmação do Logos perante a realidade primordial do Eros — e daí para o conhecimento do mundo em seus aspectos discriminatórios de Bem e de Mal. Enquanto procurará o Eros incessantemente, em sua passividade fundamental ou *Yin*, como expressão suprema da alma feminina, retornar ao prazer edênico indiferenciado — o que deve, pelo contrário, surgir com o pecado é o Logos humano, *Yang*, e com ele o orgulho do intelecto, a consciência criadora e analítica, a rebelião contra o destino, o impulso agressivo e devorador, a soberba vontade de poder e a angústia prometeana. O pecado original não é um simples ato sexual — pois nesse caso os animais também seriam pecadores. É um ato de vontade consciente pelo qual se procura o homem identificar ao *Logos Spermatikos*.

O sentimento vago de frustração, isolamento, solidão, repulsa perante a realidade *má* do mundo lógico e, ao mesmo tempo, a ardente esperança de reencontro e expectativa de retorno consubstanciam o complexo de idéias que se constelam em torno do termo *saudade*.

Saudade! Quantos rios de tinta poética e versos lamuriantes tem causado essa palavra! Quantas discussões eruditas tem provocado na literatura de língua portuguesa a sua interpretação e etimologia, há mais de quinhentos anos que é usada! Uma psicologia inteira do mito paradisíaco e do anseio de regresso ao colo gostoso da mamãe se poderia construir em torno desse leitmotiv de tantos poetas e cancionistas. Saudades! Admite-se a origem do termo em *solitate*, no sentido justamente de "solidão" ou "isolamento", através dos antecedentes *suidade* e *soedade*. Mas a palavra distingue-se pela sua originalidade de maus equivalentes em língua estrangeira (*shnsucht* ou *heimveh*, *homesickness*, *nostalgie* e *dor*) porque nela entra o elemento pessoal, ao passo que a lembrança triste ou suave cujo sentido está implícito nos termos francês, alemão, inglês ou romeno se dirige de preferência para uma coisa ou um lugar. O que constitui a essência da saudade luso-brasileira é a nostalgia do convívio humano num

tipo de sentimento extrovertido, ou a frustração constitucional do sentimento num tipo introvertido. É o desejo de sentir a proximidade do calor humano — da pessoa amada — que desperta a saudade no amante involuntariamente solitário.

O calor específico do convívio humano, o sentimento profundo de ausência que vem da alma, de muito longe no passado, doendo, corroendo o coração, marejando os olhos, estraçalhando a memória muito lá no fundo — eis o fator característico do complexo psicológico brasileiro, na forma doce-amarga do Eros saudoso. A outra etimologia, árabe essa, proposta por João Ribeiro, não seria por isso inadmissível: *suad*, *saudá* ou *suiaidá* — que quer dizer "sangue pisado e preto do coração" — com o conteúdo figurado de profunda tristeza. *As-saudá* é uma doença do fígado que traz melancolia, *spleen*.

"Saudade, saudade, palavra tão triste", como na elegia de Antônio Nobre, ela configura na esfera individual dos sentimentos e sobretudo dos humores aquilo que, num vasto prisma de valores, é constelado por essa misteriosa entidade psíquica denominada a *Ânima*. A *Ânima* não é a imagem de *uma* mulher. Não é a reprodução concreta e definida da mulher amada. Nem tampouco o depósito sublimado da *imago* da mãe pessoal, concreta. É antes a *mulher desconhecida*, uma visão intuitiva ou onírica do eterno feminino inspirador que nos persegue a vida inteira, que procuramos sem nunca encontrar, a fonte de nossos humores, a nostalgia da "cara metade" extraviada quando Zeus partiu a *zyzygy*, a configuração arquetípica de toda a riqueza de formas da Magna Mater edênica — o sonho, o mágico númen que transporta a alma como no poema de Almeida Garrett, o qual lhe celebra a rica variedade de sentidos:

"Saudade! gosto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que me estás repassando o íntimo peito
Com dor que os seios d'alma dilacera,
— Mas dor que tem prazeres; — Saudade!
Misterioso númen que aviventas
Corações que estalaram, e gotejam
Não já sangue de vida, mas delgado
Soro de estanques lágrimas; — Saudade!

"DOM CASMURRO"

O BRASILEIRO mantém uma relação afetiva intensa e permanente com o objeto, mesmo quando com ele entra em conflito. Na verdade, o Sentimento não deve ser considerado uma função necessariamente positiva. Seus eflúvios negativos são tão salientes e podem constituir uma determinação tão poderosa quanto os positivos. O conflito é uma relação pessoal como qualquer outra. O ódio, a cólera, o ciúme, o desprezo, a inveja são paixões capazes de dominar a alma, tanto quanto o amor, a ternura, a generosidade e a simpatia. A violência dos atritos pessoais — demonstrada pela alta incidência da criminalidade passional — não acusa nenhuma agressividade peculiar de nosso temperamento, mas constitui a natural contrapartida de um comportamento de alto teor emocional, quando ainda fraco é o império dos imperativos éticos repressivos.

No Sentimento brasileiro nem tudo é assim profundo e nobre. Nem tudo é generoso e cordial. Nem tudo amante e saudoso. Há também muita pieguice, há muita aflição, desordem mental, egoísmo e confusão. Constata-se a frouxidão da vontade consciente, relaxamento, míngua de prudência e tenacidade — em contraste com a força impulsiva da gana. Há amor, mas há ódio cego. Há *philia* e delicadeza, mas também fria ambição maquiavélica. Há muita malícia, manha e ladinice. Há otimismo e alegria expansiva da juventude que brinca, mas também muito cinismo e um sentimento entranhado da inutilidade final de todos os esforços. Quando sem controle se exerce sobre a alma o reinado das funções afetivas, podem elas aprender, por hábito ou simples necessidade de defesa, uma prática sistemática da conveniência, de caráter antes sinuoso do que cordial e franco. O sentimento se corrompe. Decai para um refinado egoísmo

que apresenta todos os aspectos externos de uma falsa cordialidade: uma pintada máscara que encobre o sangue-frio do réptil. O próprio Cassiano Ricardo admite o "maquiavelismo" do seu "homem bom"; e mesmo uma certa "técnica da bondade" mais envolvente, mais política e mais assimiladora do que aberta e generosa. A animosidade também é inspirada pela *ânima.*

O homem que se deixa narcotizar pela sua *ânima*, senhora de seus humores, ressente a presença misteriosa das Eumênides de Ésquilo, que

> asas não possuem
> De negro vão vestidas
> e são extremamente horrendas;
> Com seus rugidos despedem um fétido bafo
> que delas não deixa acercar;
> Seus olhos distilam lágrimas de sangue que espantam.

É uma característica da *ânima* a duplicidade, a sugestibilidade, a falta de idoneidade e veracidade, o hábito de contemporizar diante de uma realidade amarga que reclama ação responsável: "Não vale a pena... Não te metas! Esquece!".

Na verdade, o homem cordial apresenta contradições como as dos afetos infantis: somos ao mesmo tempo corruptos e aristocratas, preguiçosos e irrequietos, movidos pela cobiça e pela larga generosidade, pela vaidade e a franqueza. Somos obrigados a "racionalizar" as nossas relações com o próximo, a ponto de submeter os critérios do bom e do justo à regra subjetiva da conveniência — regra que é determinada, em última análise, pelo princípio do prazer. A conveniência não é necessariamente egoísta. Ela constitui uma técnica que a longa prática acaba transformando em segunda natureza.

A passividade é um traço fundamental do afeto. Se "Deus é brasileiro" é porque não somos conscientes de nossa ação própria e atribuímos a um poder estranho os resultados eventualmente positivos dessa ação. Despertos, somos conscientes de nossos conflitos, reais ou imaginários. "Dormindo", os arquétipos de ação autônoma dispõem de um campo livre. "Deus é brasileiro" — atentemos para essa expressão da sabedoria popular. Ela nada em comum possui com expressões semelhantes de outros povos: o *Gott mit uns* dos alemães, o *Dieu et mon droit* dos ingleses, o *Gesta Dei per Francos* dos franceses e a idéia obsessiva da escolha divina especial, dos Israelitas. Na nossa expressão é antes a depreciação do Eu coletivo que nos leva resignadamente a confiar no auxílio divino, após a triste constatação de nossas deficiências. Ela indica um pessimismo fundamental quanto à nossa própria capacidade de ação.

Na obra capital de Machado de Assis descobrimos a flor amarela e mórbida do pessimismo, alimentada na estufa do calor brasileiro. Machado revelou o "negativo" da sociedade erótica. Algumas das personagens machadianas são extraordinárias na expressão da amargura e absoluta crueldade que ela pode apresentar. Haverá por acaso mais gélida indiferença, maior ausência de comunicação humana do que no mundo que cerca o Rubião e o conduz finalmente à demência? Machado parece sugerir que lealdade, calor de sentimentos e amor só existiam mesmo no coração de Quincas Borba — isto é, no cão! Os homens e mulheres, as sinhazinhas, os almofadinhas, os aristocratas e também a gente do povo, a multidão, escondem como que o "sangue-frio" do ofídio e do batráquio com a intensidade óbvia, mas meramente formal de sua cordialidade.

No *Dom Casmurro*, a introversão do sentimento se transmuda em puro ciúme: por um processo inelutável, o impulso erótico puramente egoísta e privado de objeto tem um efeito destruidor sobre o ambiente. Bento Santiago introverte o Iago oteliano em seu próprio complexo. A sombra mórbida que então o envolve acaba esfaimando todo o afeto, matando toda a simpatia humana, eliminando toda a esperança — o que sobra é um deserto árido, chato e lúgubre de ilusões perdidas e de vidas arruinadas.

A onda desolada de pessimismo varre também o *Brás Cubas.* A frase terrível com que terminam essas Memórias Póstumas como que resume a contracapa de cinismo e ceticismo, o enjôo final da melancólica humanidade machadiana: "não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria"...

Pois a verdade é que o homem generoso, leal, transbordante de ardor humano para com o amigo, pode revelar, quando se introverte, refinada malícia e chocante indiferença em relação à figura abstrata da pessoa que não lhe chegou a tocar o coração. Como o problema da comunicação fica na exclusiva dependência de um laço emocional qualquer, sua solução não é fácil em escala geral. A maioria é sempre indiferente. A massa não nos pode evidentemente "tocar".

Essas observações são pertinentes porque incidem sobre um dos aspectos mais rebarbativos da sociedade erótica. São também necessárias à apreciação do que se chama o "problema social" brasileiro. Isso quer dizer que a "obrigação moral", ressentida no caso concreto de uma relação pessoal afetiva direta, não se manifesta de maneira alguma *in abstracto.* O resultado é uma ausência de verdadeiro espí-

rito de justiça, de solidariedade, de comunidade com os demais membros, menos favorecidos, da coletividade nacional. Os Bem-Nascidos podem ser os mais generosos possíveis e fazerem os maiores sacrifícios por um parente na necessidade — mas se sentem totalmente indiferentes, imperturbáveis e com uma consciência absolutamente tranqüila no que diz respeito à sorte daqueles cujas famílias desconhecem. Ora, são esses precisamente todo o povo!

A falsidade do conceito romântico do "homem bom" brasileiro resulta desse desconhecimento da realidade negativa cuja manifestação salta aos olhos quando abandonamos o campo estreito das relações de proximidade familiar e de clientela. Note-se quão falsa é também a explicação do fenômeno da insensibilidade social da burguesia brasileira quando se inspira de interpretações primárias de natureza ideológica.

A nossa história e a nossa atualidade estão repletas de exemplos clamorosos da insensibilidade do "homem bom". Foi assim que os Bandeirantes não se notabilizaram apenas por seu heroísmo, mas pela destruição insensata dos aldeamentos de silvícolas catequizados. Foi assim também que não soubemos resolver, a não ser pela artilharia, o fanatismo dos pobres jagunços de Canudos — um dos maiores "crimes da nacionalidade" como denunciou Euclides da Cunha. Mais próximo de nós, deixamos que se tenha criado no Nordeste uma situação tal de miséria que a qualquer recém-nascido se deparam tantas perspectivas de se tornar um homem quantas de partir como um "anjinho"... Permitimos o sofrimento, nas zonas ditas "flageladas", de centenas de milhares de caboclos e, indiferentes, deixamos outros milhões ao abandono, para falecer de malária, bouba, bócio endêmico, esquistossomose, verminoses e outras moléstias tropicais curáveis (35% da população do país, segundo o professor Rocha Lagoa). Construímos em Manaus e Belém esplêndidos teatros de Ópera, em vez de escolas e hospitais. Durante a última guerra mundial "esquecemos" o exército da borracha que desapareceu na selva. Hoje observamos sem pestanejar, mas ainda criando um anedotário de humor-negro, a grande tristeza dos "paus-de-arara" que se despencam para trabalhar no Sul, às vezes em condições de verdadeira escravidão.

Por omissão e relaxamento burocrático deixamos que a violência impere, a violência *natural*, aquela que vitimiza a infância inocente; ou a que condena toda a população das favelas e mocambos, mancha negra de nossa civilização litorânea; ou a que abandona vinte milhões de nossos patrícios na ignorância e no analfabetismo. Em todos esses

casos, um esforço nacional semelhante ao que construiu Brasília, montou a indústria automobilística, ergueu majestosas hidrelétricas ou levantou os arranha-céus de São Paulo teria resolvido o problema. A falta de solidariedade humana é um corolário da estreiteza do grupo afetivo primário e é essa estreiteza que cria o privilégio, dando prioridade às obras de grandeza e suntuosidade supérfluas.

A transgressão violenta e deliberada também possui, no Brasil, um caráter erótico e feminino, mesmo quando obedece ao código do machismo. Do Brasil pode-se crer que mais cidadãos morreram por questões de amor — maridos matando mulheres infiéis e seus amantes, ou vice-versa; irmãos matando os violadores de irmãs virgens; homens matando rivais pelo coração da mulher desejada; ou amantes suicidando-se por paixão — do que em todas as guerras e revoluções de nossa história. A criminalidade coloca nosso país, juntamente com alguns de seus irmãos latinos, entre os de maior índice do mundo. Mata-se no Rio num ritmo de dois homicídios por dia (compare-se com a cifra de quarenta por ano para toda a Inglaterra!). O índice conhecido de crimes de morte no Brasil é quase três vezes o dos Estados Unidos, país que, no entanto, tem merecido escandalosa publicidade pelo abuso das armas de fogo. Movimentam-se livremente em nossas cidades indivíduos monstruosos que carregam o peso de dez, às vezes vinte mortes ou mais na consciência.

O brasileiro sempre parece acreditar no que a lei proclama acima do que a realidade demonstra ser a verdade. *Magna est veritas legitima, et praeva lebit.* Um tipo peculiar de hipocrisia resulta desse respeito ao poder mágico da lei, expressão de nosso jurisdicismo. Entretanto a força não está com o imperativo legal mas com a paixão: ciúmes, briga, lei da honra, machismo. A tolerância também se explica porque a emoção "justifica" o crime. O júri absolve por emoção e o privilégio dos "bem-nascidos" raras vezes permite que um criminoso, política ou socialmente influente, vá parar na cadeia. A sociedade erótica é tolerante como a floresta virgem tropical onde todas as espécies, desde o majestoso jequitibá até a mais vergonhosa parasita, possui o mesmo direito à existência. A víbora, a lacraia, o sapo coexistem com a flor e a borboleta. A sociedade aceita com facilidade a coexistência da riqueza e da miséria, da virtude e do crime, da honestidade e da corrupção, da generosidade e do horror — assim como aceita a coexistência de todos os homens, brancos, negros, cafusos, japoneses, alemães, índios ou mulatos. Vive e deixa viver. Não discrimina, como o faz a sociedade lógica. Desconhece

qualquer idéia de justiça que não seja previamente animada por um critério familiar.

Donde o duplo padrão ético que distingue a nossa forma de convivência social. Perguntou-se certa vez a um régulo, a um *oba* africano, qual era a diferença entre o bom e o mau. Respondeu o régulo, tranqüilo: "Quando roubo as mulheres de meu inimigo, isso é bom. Quando me rouba ele as minhas, é mau". Keyserling observa que existe entre um parente ou ser amado, de um lado, e o estranho, do outro, uma diferença qualitativa tão pronunciada quanto a que separa elementos químicos diversos. Alexandre de Humboldt tentou uma vez convencer alguns índios da Amazônia que não deviam comer seus colegas. Os índios responderam-lhe: "O Senhor tem toda a razão. Não podemos compreender, porém, que mal poderia haver nisso: os homens que comemos não são nossos parentes..."

Daí o papel da corrupção administrativa em nossa sociedade, uma corrupção que é generalizada e não se revela, contudo, contagiosa. Mas também como observa Keyserling, "o assento original não recai sobre a venalidade e o abuso de confiança, mas sobre o amor ao próximo. Pois outra coisa não significa originariamente o nepotismo". No Brasil fez-se revoluções para acabar com a corrupção: em 1930, em 1954, em 1964 e 1968. Alguns anos passam e os corruptos voltam lentamente ao poder e tudo continua como dantes no quartel-general de Abrantes. A ordem emocional é total e essencialmente amoral, ainda que, de outra parte, seja também a matriz de toda a moralidade.

A mesma tolerância ou indiferença pela justiça e o crime, o mal "abstrato" que atinge os estranhos desconhecidos, configura-se nos altos índices de acidentes. O atropelamento só prejudica verdadeiramente a própria vítima, seus familiares, amigos e um número limitado de testemunhas: são sempre uma minoria. Por isso nunca tomam as autoridades nem o público medidas para coibir os excessos de imprudência ou relaxamento: limitam-se a acender velinhas ao lado do cadáver e abrir inquéritos inúteis. Nossa "cidade maravilhosa" é assim a cidade das grandes calamidades, dos trens que se chocam, dos ônibus que se precipitam sobre o abismo, dos circos e arranha-céus que ardem, das favelas imprudentemente construídas na beira dos morros e escorregando por ocasião das grandes enchentes. A imprudência e o desleixo não são a única explicação, embora seja o temperamento brasileiro naturalmente negligente, relaxado e indisciplinado. A falta de punição do responsável, a tolerância com a culpa, a indiferença com a sorte da vítima (que já desapareceu de cena) e também

a importância desmesurada do "flagrante" (quando a prisão ocorre ainda no calor da emoção de vingança), a ineficiência e lentidão da egrégia Justiça como instituição (quando são os meritíssimos juízes os primeiros a darem o exemplo de desrespeito à lei, do privilégio e da conveniência política e, inclusive, da corrupção na sentença) — eis outros exemplos, tirados de nossa existência coletiva, que denunciam o aspecto mais melancólico da sociedade do "homem bom".

O importante é não ofender as susceptibilidades desse "homem bom". É não criar ressentimento naqueles cuja susceptibilidade foi ferida. É não atingir diretamente em sua honra, sua dignidade de macho ou seus interesses imediatos aquele cujo ressentimento frio e vingativo (como o do jagunço nordestino) poderá ser provocado. A violência tem de ser escondida. É secreta, não declarada — inconsciente. Vangloriamo-nos assim de possuir uma legislação humana e progressista que há muito eliminou a pena de morte (a qual "aberra de nossa tradição humanitária") e criamos tribunais do júri cuja principal função parece ser a de absolver os criminosos mais horripilantes, sob a influência da retórica hipnótica dos advogados de defesa. Como entretanto é preciso combater o crime, instituímos na organização policial esses esquadrões-da-morte que liquidam sumariamente os bandidos incorrigíveis, em sítio ermo, no mato, na calada da noite. Maneira *secreta* de fazer justiça. A polícia — que na Inglaterra é amada e respeitada como sustentáculo da ordem civilizada — é entre nós detestada porque representa a violência óbvia, a violência oficial e organizada, a violência por profissão. Preferimos a tolerância do crime, porque é secreta. Não aparece.

É assim perante o problema social que mais gravemente se configura a característica peculiarmente amoral do "personalismo" na sociedade erótica. Sendo o Eros o princípio de união e associação, é natural que a emoção erótica estabeleça uma coesão natural e espontânea entre o *contíguo*. Este ponto é importante pois nele jaz a fraqueza da ordem emocional. O brasileiro traduz literalmente o mandamento cristão de amar o *próximo*. Acredita que a caridade começa em casa ... e talvez nela termine. É a solidariedade do contíguo e do consangüíneo. O próximo é antes de tudo o parente, mas também o amigo, o sócio, o cliente, todos os *conhecidos*, aqueles com quem se convive e se trabalha, que podem ser vistos, ouvidos e sentidos diariamente. Só estes merecem a expansão específica da cordialidade e da *philia*. Os desconhecidos que se danem! Esse caráter estreitamente concreto, pessoal e imediato da função afetiva na sociedade erótica cria um grave problema quando se trata de

atender às exigências de ordenação social numa comunidade industrial, de proporções territoriais e demográficas como as do Brasil.

Cristo compreendeu sem dúvida que a caridade tem que começar pelas pessoas mais *próximas*: os familiares, os amigos, os "vizinhos" (como é traduzido o termo em inglês). No caso, eram seus discípulos e apóstolos. É também verdade que, emocionalmente solicitado como ocorreu no episódio de Lázaro, reagiu pela ação imediata direta. Mas esse milagre possui precisamente um caráter paradigmático e a essência da mensagem cristã é a extensão do amor a *todos* os homens, quaisquer que sejam, conhecidos ou desconhecidos, amigos ou inimigos. Mais de uma vez demonstrou Cristo, em atos e parábolas, como na história do Bom Samaritano — que o amor deve transcender a esfera do grupo consangüíneo fechado, para abranger um âmbito universal.

A consciência social do homem moderno é um produto ou extensão da caridade ensinada nos Evangelhos. Ela implica o alargamento absoluto da *proximidade*, até atingir as fronteiras da comunidade nacional e, em seguida, ultrapassando-as, abarcar a Humanidade em seu todo. E mesmo os animais e as coisas. A caridade assim entendida, em termos de sentimento de solidariedade humana, exige a superação do personalismo. Só a dialética com o Logos — a Lei, o Verbo e a Razão — faculta esse progresso: a capacidade de abstrair, de sublimar e universalizar a solicitação emocional imediata.

"HOMO LUDENS"

(*Algumas considerações sobre a falta de seriedade*)

BRINCAR É MAIS DO QUE INSTINTO. É uma realidade social concreta. Ato fundamental e primário e, no entanto, fenômeno que não representa meramente uma função biológica mas mental. O brinquedo já existe na esfera animal, sendo que tanto na humana quanto na animal é próprio da tenra idade. Da criança, do filhote, do adolescente. Influxo da psique que quebra o absoluto determinismo do cosmos, brincar é ao mesmo tempo um ato irracional, independente de qualquer lógica, de modo a confirmar ser o homem mais do que uma máquina e mais do que um ser meramente racional. O homem é essencialmente o animal que brinca.

Por isso, em pequeno ensaio de ampla e merecida repercussão escrito antes da Segunda Guerra Mundial, propôs Johan Huizinga uma nova nomenclatura científica para classificar o homem: *homo ludens*. O "homem que brinca" deveria, segundo sugere o ilustre historiador e filósofo holandês, substituir a expressão tradicional *homo sapiens*, uma vez que a atividade lúdica melhor corresponderia às tendências da espécie humana na época moderna.

Se o jogo, a festa, a competição ou o brinquedo possuem uma relação íntima com a estética, psicologicamente é a função lúdica poética e imaginativa. É fundamentalmente a função de Fantasia. Trata-se da própria capacidade mental de fabricar imagens. A imaginação poderia ser definida como o "brinquedo da psique". A imaginação ou a fantasia representam, nesse sentido, a eterna juventude da psique, sua abertura ao mundo das possibilidades infinitas, seu broto mais delicado e vivo.

O brinquedo também sugere o ritual. Conforme já observara Platão (nas *Leis*) e, mais recentemente, notou Romano Guardini

(no *Espírito da Liturgia*), o jogo consagrado à divindade seria a mais perfeita forma de religiosidade. O mundo poderia ser considerado uma brincadeira de Deus. Essa idéia que constitui uma noção eminentemente grega é contrária à concepção hebraica que enfatiza a seriedade da Lei Divina. Nesse sentido, o protestantismo é mais sério e hebraico, o catolicismo mais helênico e lúdico. Entretanto, um autor puritano tão austero quanto Milton figurou a imagem da Divina Sofia que brinca e concebe perante Deus: "*I was, saith the Eternal Wisdom, daily His delight, playing always before Him*".*

Todos os deuses pagãos brincam. No entanto, tardio é o conceito abstrato de brinquedo. Não existe personificação mitológica precisa do jogo ou do brinquedo — assim como não há fundamento certo na atribuição da paternidade de Dionísio a um deus Lusus que seria antepassado dos lusitanos... e como tal bisavô dos brasileiros. Se os jogos olímpicos representavam uma das mais altas expressões da religiosidade grega, não eram patrocinados por nenhum deus específico, mas apenas por alguns heróis como Hércules. É também difícil considerarmos o jogo como possuindo maior afinidade com Dionísio do que com Apolo. A ilusão apolínea, plástica e ordenada, também pertence à esfera do jogo — a não ser que, entre jogo e arte, façamos uma distinção de base correspondente à que existe entre Dionísio e Apolo.**

As associações psicológicas das palavras relacionadas com a atividade lúdica levam-nos ainda para o domínio da guerra, do cerimonial, da justiça e muitos outros. A guerra é uma competição agonística séria que não perdeu seu substrato lúdico. Paralelamente, as competições desportivas e olímpicas constituem uma guerra de caráter estritamente lúdico.

A justiça na sociedade arcaica também não representa um conceito abstrato, austero e frio do que é real e certamente justo, mas é antes um jogo de azar, uma competição da sorte ou luta onde primordial é o elemento agônico. A justiça é decidida por uma batalha, se não corporal como o duelo, pelo menos verbal, entre causídicos verbosos e hábeis.

Finalmente, não há dúvida que o jogo está intimamente ligado à sexualidade, aos "jogos de amor", principalmente aos ilícitos. Brincar constitui um eufemismo para o ato sexual. A cópula. Eros é um deus lúdico. O homem enamorado é eminentemente *homo ludens*, a conquista da mulher é um exercício agônico, e lúdica é a arte da sedução em quase todas as espécies animais.

Huizinga estabelece como ponto de partida para o papel cultural do elemento lúdico uma concepção do brinquedo que é quase infantil. A atividade lúdica exprime-se de várias formas, algumas sérias, algumas "de brinquedo", "ilusórias" ou substitutivas. Todas, porém, produzem cultura ao permitir à natureza humana, com sua necessidade de ritmo, de harmonia, de mudanças, alternâncias e contrastes — de se manifestar em toda a sua pujante riqueza. Ato inteiramente livre, gratuito, despropositado, transcendendo qualquer exigência fisiológica ou qualquer imperativo moral, cria não obstante a sua própria *ordem* na ilusão e no confronto agonístico de puro esporte.

A atividade lúdica constitui, assim, para Huizinga, um elemento essencial que nos serve para definir a civilização humana. Entretanto, ao procurar enfatizar a importância do *ludus* e do *jocus* para a caracterização do *homo*, não nega Huizinga a existência de outro aspecto da natureza humana que é a sua seriedade. De fato, se o jogo, a competição ou brinquedo são típicos do homem como criança ou *puer* — a seriedade, o cuidado, a preocupação, a responsabilidade, a ansiedade e a angústia o definem como adulto. Existe aí uma antí-

---

* Está, aliás, na *Bíblia* (*Provérbios* 8: 22 a 31): "O Senhor me possuiu antes de suas obras, desde sempre. Desde a eternidade fui ungida, desde o princípio, antes do começo da terra. Quando ainda não havia abismos fui gerada, quando ainda não havia fontes carregadas dágua. ... Quando Ele firmava os céus, ali estava eu, quando compassava o horizonte na face do abismo; quando fixava as nuvens no alto, quando impunha ao mar os seus limites para que as águas não trespassassem as margens; quando compunha os fundamentos da terra, então estava eu junto Dele como mestre d'obras, e fazia sua delícia dia após dia, *brincando diante dele todo o tempo, folgando no seu mundo habitável.* E achando as minhas delícias com os filhos dos homens".

** Curiosamente, também não existe, como nota Huizinga, uma raiz etimológica comum para a palavra que designa *brinquedo* ou *jogo* nas línguas indo-européias. A semântica da idéia lúdica é tão confusa quanto variada. Cabe salientar a rica diversidade de vocábulos e sutis modificações de sentido no grego *paidiá* (brinquedos infantis) e *agon* (jogos de competição ou atividades atléticas). No latim, *ludus,* através do derivado *illudo,* carregou o significado de ilusório, fantástico ou irreal (conceito apolíneo), mas não passou para as línguas ditas latinas: foi a palavra *jocus,* cujo sentido inicial e especial era o de algo divertido ou *jocoso,* que deixou descendência em nossos idiomas.

Em alemão temos *spiel.* Em inglês *play.* A confusão com a palavra que se refere à atividade musical ou teatral é notória: *tocar* um instrumento ou *representar* no teatro: *to play, spiel, jouer, sonar* — descambando aí toda a matéria de novo para a dialética do dionisíaco e do apolíneo.

tese cujas raízes psicológicas nos parecem, desde logo, impressionantes. A alegria e a despreocupação da atividade agonística juvenil, assim como a seriedade e o cuidado ansioso da maturidade, no confronto com a vida, são atitudes igualmente próprias da condição humana — e nenhuma psicologia foi ainda capaz de analisá-las e defini-las de maneira mais precisa. A distinção, sendo real, exprime também, com certa nitidez, duas tendências dentro de cada sociedade, bem como dois tipos de sociedade, se não dois estágios de desenvolvimento mental e cultural.

É verdade que não existe um *homo ludens* em estado puro. Também não existe um *homo sapiens* ou *faber* que não esteja, em suas horas, disposto a entregar-se a atividades de mero divertimento ou artifício. O confronto entre um "homem sério" e um "homem brincalhão" é atraente mas exige, pelo que se vê, certa qualificação. Tomaremos assim o conceito apenas como contribuição valiosa para qualquer tentativa de aproximação analítica progressiva do temperamento e caráter dos brasileiros, cuidando de evitar generalizações ou conclusões apressadas.

O brasileiro revela muitos aspectos infantis, ligeiros ou folgazões. É essencialmente *homo ludens*. Mas também leva a sério muitas coisas. Leva a sério por exemplo a castidade da filha, a honestidade da mulher, o respeito pela mãe, o luto do pai, a amizade do amigo, o sentido da vaidade ou honra pessoal. Reina entre nós a seriedade naquilo em que somos maduros, isto é, em nossas relações de natureza afetiva. Impera a falta de seriedade naquilo em que somos "pueris" — isto é, nas relações coletivas de caráter impessoal e pragmático, com objetivos abstratos, lógicos ou que transcendam o nível erótico. Vejamos.

O brasileiro é *homo ludens* ao invés de *homo sapiens* ou *homo faber*, no sentido que sua atividade vital se configura como jogo. Um paulista talvez negue essa classificação. Dirá que em São Paulo se trabalha... Mas é indiscutível para um carioca ou um baiano e são estes mais representativos do homem brasileiro em geral. O brasileiro *leva a sério* o carnaval, o futebol, a loteria esportiva, as badernas de estudantes. Isso quer dizer que as únicas atividades impessoais em que contrariamos a premissa estabelecida — de falta de seriedade coletiva — são as de caráter lúdico. Em outras palavras: levamos a sério aquilo com que nos divertimos e fazemos brincadeira com coisa séria. Tal comportamento define, a meu ver, a verdadeira natureza

do *homo ludens* que é um homem infantil, ainda adolescente ou num estágio de pré-desenvolvimento. Fale-se de economia, de educação, de ciência e técnica, de política externa, de serviços públicos, de agricultura e finanças, de transportes e comunicações, de comércio e indústria, de filosofia, religião e ciência política — não se consegue prender a atenção na seriedade da atitude e do comportamento.

Podemos desde logo avançar a premissa que a imaturidade, a puerilidade, a ineficiência e o relaxamento com que conduzimos as atividades importantes da vida coletiva — econômica e política — numa sociedade industrial moderna estão por muito e talvez por tudo na situação de atraso que hoje definimos com o termo "subdesenvolvimento". Entre a atividade lúdica habitual e o estado de subdesenvolvimento existe uma relação essencial de causa e efeito. A negligência, o desleixo e a displicência são sintomas característicos de falta de atenção infantil pelo "dever", o imperativo moral ou as coisas que os adultos consideram sérias.

Referindo-se no caso a Portugal (mas a observação se aplica igualmente ao Brasil), o escritor Audrey Bell considerou o desleixo tão tipicamente português quanto a saudade, acrescentando que, no seu entender, a atitude implica menos falta de energia do que uma convicção profunda de que "não vale a pena"... O relaxamento seria também, a meu ver, um sinal da indisciplina intelectual do homem erótico lúdico: o trabalho malfeito, o acabamento defeituoso da obra, a obra que não se termina, a sujeira das ruas e dos locais públicos (a limpeza de um lavatório público no Paraná e em Santa Catarina é o melhor índice de civilização que ali existe...), os relógios que se esqueceram de dar corda, a displicência com o conforto, e sobretudo a falta de consideração com os interesses do próximo — o que quer dizer exatamente o contrário daquela virtude que distingue o *gentleman* civilizado.

Ora, não há desleixo na maneira com que uma escola de samba se apronta para o grande desafio da segunda-feira de carnaval. Não se nota míngua de energia no treinamento da seleção nacional para o campeonato do mundo. Não ocorre displicência na meticulosa organização do jogo-do-bicho. João Camilo de Oliveira Torres considera por isso o futebol uma síntese expressiva da alma popular brasileira. O drible do futebolista seria uma corporificação do *jeito*, graças às suas grandes negaças e habilidades de capoeira. Uma forma específica de nossa cosmovisão lúdica. O jogo-do-bicho atinge igualmente a uma profundidade inconsciente insuspeita pois nele o lúdico tem expressão onírica que aborda o passado totêmico da espécie. O bra-

sileiro, que é supostamente desonesto no campo da *res publica* (sendo a corrupção um vício que requer revoluções saneadoras periódicas), procede de maneira rigorosamente honesta num jogo de azar e loteria ilegal, proibida pela polícia. Como explicar?

Aquilo que é grave, íntegro e merece respeito configura um jogo que, para a criança, é sério. Pelos mesmos motivos, a educação, cujo objetivo precípuo é a correção e a disciplina dos pendores lúdicos da juventude, tem sido tradicionalmente descurada pela coletividade brasileira — pois o que caracteriza a educação é sua seriedade. Talvez seja também essa a razão paradoxal pela qual os estudantes brasileiros hajam tradicionalmente desempenhado um papel tão saliente em nossa vida política. É a política, para eles, uma brincadeira "séria" de homens prematuramente envelhecidos, misturada com muita "bagunça" (palavra brasileiríssima!) de adolescentes irredutíveis.

Sem dúvida, facetas há no *homo ludens* brasileiro que são simpáticas e humanas. Alguns dos traços mais agradáveis de nossa personalidade coletiva lhe podem ser atribuídos. Com eles os estrangeiros mais esclarecidos não se enfadam quando nos visitam mas, pelo contrário, se confessam encantados. O pendor lúdico do brasileiro — vale novamente insistir! — não pode ser atribuído apenas à nossa juventude como povo ou ao caráter ainda amorfo e subdesenvolvido de nossa existência como nação. Trata-se, sim, de uma feição inata, não transitória e peculiar ao temperamento nacional. Num mundo brutal e circunspecto que descamba para extremos no processo de mecanização — um pouco de displicência, de desleixo, a alegria da folgança, um quê de leviandade adolescente, uma pinta de ociosidade, o espírito de ironia e *finesse* (o espírito do carioca), a brincadeira, a imaginação, a fantasia — talvez contribuam para suavizar a rigidez do ambiente, para ajudar a suportar a rotina opressiva do trabalho industrial e humanizar a violência fria da vida urbana, nas metrópoles tentaculares de hoje.

Há certas virtudes em nossa dose de irresponsabilidade juvenil. Há mérito no *homo ludens* brasileiro.

Isso nos traz a um problema difícil, qual seja o da Preguiça ou do Ócio, no Brasil.

Estamos diante de um fenômeno que não pode ser simplesmente reduzido a um traço de temperamento em determinado tipo psicológico. Na realidade, é antes um sintoma de primitivismo, ou de infantilismo, ou de pendor lúdico. A psicologia das crianças e dos

primitivos caracteriza-se por isso que, precisamente, sua atividade é reativa e não espontânea. O estado normal é de passividade, palavra que justamente se confunde com o estado de inércia. Nesse estado o indivíduo apenas *reage* ao estímulo externo. A não ser que desperte para a atividade lúdica ou agônica a uma provocação qualquer.

Entre as tribos primitivas é sabido que o estado normal é o de uma espécie de apatia, como se a consciência realmente não existisse. É a letargia como a de nosso caboclo, o Jeca Tatu que pode permanecer horas a fio, de cócora, sem propósito, sem pensar, sem fazer nada, ali parado, parado, dormindo. Lembra o poema de Oswald de Andrade, "Festa da Raça":

> Há certo animal se acha também nestas partes
> A que chamam Preguiça
> Tem uma guedelha grande no toutiço
> E se move com passos tão vagarosos
> Que ainda que ande quinze dias aturado
> Não vencerá a distância de um tiro de pedra.

A emoção do indígena tem que ser despertada, não na cabeça, nem mesmo no coração, mas talvez no abdômen, para que se excite e se ative. Só assim começa a pensar. O pensamento vem com a preocupação, a excitação, o medo, a expectativa. Ela é um subproduto do temor, da cólera, da gana ou do desejo.

Daí os chamados *rites d'entrée,* estimulados pela dança, pela música, pelo movimento rítmico que precedem a ação coletiva perigosa e difícil — a caça e a guerra, por exemplo — e se destinam a criar o ambiente lúdico necessário ao esforço da vontade. Para esses homens primitivos, quem pensa espontaneamente tem que ser um feiticeiro. Ou um monstro cheio de veneno. Como a cobra. Algo extraordinário e fantasmagórico.

Todas as teorias, portanto, que procuram estabelecer sobre um fator externo, como por exemplo o clima tropical úmido ou a raça mestiça, a inércia ou passividade própria do indivíduo — são falsas na medida em que ignoram a ação dos fatores psicológicos internos. O indígena e o caboclo não são preguiçosos porque habitam os trópicos ou porque não corre, em suas veias, o sangue da "enérgica" raça ariana. São preguiçosos simplesmente porque são primitivos. Simultaneamente com o estado normal de passividade, demonstram a capacidade de rápida reação ao estímulo, provocando um desencadeamento estupendo de atividade se as necessidades instintivas assim o requerem. Euclides da Cunha provou sobejamente que uma energia

fantástica foi utilizada pelos jagunços de Canudos, quando circunstâncias estimulantes especiais os provocaram à reação de defesa.

A compreensão desse fenômeno é necessária para desfazer a interpretação mais falaz no que diz respeito à nossa atitude perante o trabalho. Não pretendo de modo algum negar que os americanos ou de um modo geral os germânicos sejam mais ativos ou mais "trabalhadores" do que os brasileiros. Não se trata, a meu ver, de apreciar o tema sob o prisma da ética do trabalho, mas apenas de apontar para o verdadeiro substrato psicológico de nossa relativa displicência em relação ao trabalho.

Basta, neste sentido, atentar para a vida do Rio de Janeiro que é por excelência a capital dos trópicos. Poucas cidades no mundo dão a impressão de vida mais intensa e de atividade mais febril. Essa atmosfera de movimento intenso certamente não corresponde à imagem tradicional que o europeu ou o norte-americano afagam de nossas plagas, como a do eterno lazer sob o mormaço do meio-dia: um mulato estendido na rede, debaixo de um coqueiro, dormindo a sua sesta sob o sombreiro abaixado e mal respondendo, com voz agastada, ao convite para o trabalho: "mañana".

A população do Rio não é menos mestiça do que a do resto do Brasil, nem o clima da Guanabara se poderia considerar mais favorável do ponto de vista da dialética de *challenge & response* da concepção toynbiana. O determinismo das condições objetivas é obviamente insuficiente para explicar a azáfama do Rio de Janeiro, e o argumento de que a vida urbana cria condições diferentes que corrigem os inconvenientes "naturais" de raça ou clima é um argumento circular, pois o que desejamos saber é justamente porque contraria a atmosfera da cidade o suposto determinismo. Grande parte da agitação carioca é uma agitação meramente lúdica: gente jogando futebol na praia, automóveis apostando carreira pelo prazer da velocidade, indivíduos discutindo acaloradamente política num canto de esquina. Certo! Mas tudo isso é atividade, tudo isso é o contrário da apregoada inércia tropical.

Também tem sido observação corrente de estrangeiros aqui estabelecidos que o operário brasileiro, empregado na indústria, se pode comparar ao de qualquer outro país dos mais adiantados, não apenas pela sua capacidade de adaptação às complicadas especializações da técnica moderna, mas ainda quanto à constância no trabalho. Ora, esse operário é o mesmo caboclo dos sertões baianos ou nordestinos onde reina uma indolência exemplar.

Há além disso o argumento do carnaval: é o mais estupendo

exemplo de derramamento de atividade coletiva que se pode registar em qualquer país do mundo. Isso, em plena canícula!

Dir-se-á: não se pode confundir uma atividade recreativa, por mais enérgica e cansativa que seja, com o trabalho. Ora, o trabalho é uma forma especial de atividade: é a atividade produtiva *organizada* que se submete a certas condições compulsórias as quais são particularmente duras no que diz respeito à monotonia, à repetição e rotina, absolutamente infensas à instabilidade de nossos humores e desejos. O trabalho funciona idealmente num ambiente mecânico, abstrato e indiferente à nossa situação subjetiva. Exige antes de tudo disciplina e racionalidade. Não é um tipo de atividade em que sempre se sinta naturalmente satisfeito um indivíduo de natureza afetiva e lúdica como é o brasileiro.

Enquanto o trabalho industrial representa um estímulo externo suficiente para "forçar" a nossa indolência natural, tudo vai bem. Os negros são bons trabalhadores, como todo o mundo sabe, quando submetidos a essa pressão exterior. Talvez a sua particular sensibilidade rítmica os torne mesmo superiormente adaptáveis às condições extremamente duras do trabalho industrial moderno, em termos de desumana mecanização. Dir-se-ia que a musicalidade africana se entrosa no movimento rítmico das máquinas. O languescimento da civilização da Senzala afetava o homem branco na Casa-Grande — veja-se bem — não o negro: este encontrava incentivo suficiente no chicote do feitor...

A dificuldade cresce à medida que desaparece o estímulo externo. O trabalho mais difícil é o trabalho criador individual, a obra de pensamento puro. Todo escritor, todo cientista que o digam. Isso porque, em tal espécie de atividade, ao mínimo está reduzido o estímulo externo, devendo o homem encontrar em si mesmo as energias necessárias para o desencadeamento da atividade. Esse trabalho é produto puro do Logos, o qual, por essência, é livre ou criador de sua própria determinação. Já a arte e a poesia dependem de uma "inspiração" que, por ser espontânea, assemelha-se ao instinto.

Fizemos a observação de que o Rio de Janeiro e São Paulo dão a impressão, mesmo a um observador superficialmente atento, de vida intensa, febril, exuberante — de modo algum condizente com a reputação de langor atribuída ao ambiente tropical. Comparemos com a impressão de Nova Iorque. Essa metrópole gigantesca que concentra, sem dúvida, a maior soma de atividade urbana multiforme no mundo oferece um contraste flagrante com o Rio de Janeiro. O que caracteriza Nova Iorque é uma certa *média* de ati-

vidade organizada, atividade séria. Ninguém fica parado, mas também não se corre. É uma espécie de máquina monumental, trabalhando noite e dia, em ritmo constante, sem os choques, os altos e baixos, os contrastes de indolência e de correria, a desordem na profusão de movimentos em conflito e a cacofonia de ruídos diversos que colorem a vida carioca. A comparação será ainda mais instrutiva com uma cidade germânica qualquer: Frankfurt, Estocolmo, Zurique. Reina o silêncio. As pessoas caminham lentamente e os carros também. Os gestos mesmos são ponderados. O do trocador do bonde, o do operário que esburaca a rua, o do bancário no seu guichê. Ninguém se apressa mas ninguém pára. *

Em conclusão, diríamos que a ociosidade do brasileiro não deve ser interpretada, nas grandes cidades, como uma condição *física* de indolência, ligada ao tropicalismo ambiental. Só mesmo ao coboclo do sertão se pode, em certos casos, atribuir uma letargia comparável à do índio dos Andes. Em nosso caso a ociosidade é verdadeiramente um subproduto do temperamento lúdico. O que quer também dizer que o maior dispêndio de energia só é fornecido por um estímulo de jogo, brincadeira ou divertimento. Não somos geralmente motivados ao trabalho pelo simples prazer do trabalho. O trabalho é realmente considerado (como no Gênese) não um privilégio de homem civilizado, mas o resultado de uma punição que sofreu Adão ao ser expulso do Paraíso. É um meio, pesado e "trabalhoso", para um fim que é a contemplação beatífica do mundo na "boa vida" ...

Isso lembra a anedota sobre o debate entre o napolitano e o milionário americano que visitava a ilha de Capri. Enquanto o outro cantarolava em seu *dolce far niente,* perguntou-lhe este, intrigado, porque se satisfazia de estar ali sentado, pobre, sem fazer nada, sem ambição. "E para que devo trabalhar?", retrucou o italiano. "Para prosperar, fazer dinheiro, chegar a ter uma posição confortável na vida como é a minha, e finalmente aposentar-se e vir visitar o que

* Ao contrário do que ocorre na América do Norte ou na Europa nórdica — onde o tempo é uma função exterior mecanicamente cronometrada (a "hora inglesa") e presidindo o funcionamento regular da máquina industrial urbana — o nosso tempo é subjetivo e psicológico, orientado pela função intuitiva. Já um filólogo notou que, em português e só em português, se pode dizer "amanheci alegre", "madruguei para a viagem", "anoiteci triste". O tempo não pode ser aqui considerado à revelia do homem, de seus humores transitórios, de seus desejos momentâneos, de sua vontade de lazer.

há de mais belo na Europa" ... Respondeu-lhe o feliz habitante de Capri: "Mas então o senhor termina por aquilo mesmo onde eu comecei..."

O brasileiro é como esse italiano. O subdesenvolvimento tem muito que ver com essa confortável e sedutora atitude perante a existência.

No entanto, a posição permanente e consistentemente lúdica perante a vida não se coaduna com as exigências mínimas da vida moderna ou mesmo, por infelicidade, com a realidade existencial da civilização tal como ela é, sempre foi e será. Frederico Schiller afirmou, em suas *Cartas Sobre a Educação Estética do Homem,* que "o homem só brinca quando é um homem no sentido mais completo da palavra, e é ele um homem total só quando brinca". A afirmação talvez corresponda a uma verdade em sentido transcendente — no mesmo sentido daquelas misteriosas palavras de Cristo — sobre a necessidade de nos fazermos como crianças... Os santos às vezes atingem a essa culminância lúdica que lhes faz merecerem o reino dos Céus: como no caso de São Francisco por exemplo.

Schiller, porém, era um romântico na linha do idealismo metafísico germânico cujas interpretações, sempre facilmente mal digeridas, podem ter as mais funestas conseqüências. Rebatendo Schiller e Huizinga, Buytendjik, outro holandês mais puritano, mantém que o homem maduro transcende o *homo ludens* para se transformar naquilo que deve ser, *homo faber.* Max Scheler também assevera que o homem maduro deixa de ser brincalhão ou, por outra, sabe distinguir entre o que é sério e o que é "de brincadeira". O problema reside justamente nesse ponto sensível: se não soubermos levar a sério aquelas coisas das quais depende o destino da comunidade — a justiça, a liberdade, a dignidade do homem — para defendê-las contra as forças do mal que conspiram à sua volta, então não seremos verdadeiramente homens mas eternos adolescentes.

Ao general De Gaulle é atribuída uma reflexão a nosso respeito, talvez uma das mais penosas censuras que, de um estrangeiro ilustre, já tenhamos merecido: *ce ne sont pas des gens sérieux...* No mundo sisudo e trágico da vida internacional, quem não é responsável nas coisas sérias não será admirado pela sua afoiteza juvenil, será castigado pela sua leviandade pueril. O *homo ludens* que se coloca numa atitude íntima de permanente contemplação estética perante a vida é, na realidade, condicionado para um paraíso infantil

definitivamente ultrapassado. A brincadeira e o jogo também são, na esfera animal, uma preparação e uma experiência do filhote para a vida adulta. A maturidade, a seriedade e a responsabilidade do homem para com o mundo e seus semelhantes não são exigências simplesmente de uma forma de cultura ou de religião. São impostas pela própria condição humana. Assim também, o *homo ludens* não inicia o Desenvolvimento: ele antecede ao Desenvolvimento ou lhe representa um produto final decadente. O homem maduro e desenvolvido é aquele que sabe brincar, mas sem prejuízo da seriedade que se impõe perante o trabalho e a sociedade. *

O "complexo do gentleman", de que nos fala Gilberto Freyre, constitui ainda um traço do temperamento nacional. Os hábitos aristocráticos de certas elites brasileiras representam indiscutivelmente formas tradicionais de comportamento reconhecidas por todos os observadores mais argutos como responsáveis pela estrutura ainda arcaica de nossa organização econômica e social. Um dos problemas do nosso desenvolvimento resulta precisamente do fato de que o tipo do aristocrata ocioso e orgulhoso, pretendendo usar as classes laboriosas como "títeres ou rebanhos no perigoso jogo da morte", é um tipo obsoleto que hoje só sobrevive em países subdesenvolvidos da tradição ibérica e islâmica. Notai como os mais famosos *playboys*

* Ruskin também exalta o *homo ludens.* Na época vitoriana foi um profeta dos *hippies* e da revolução erótica que varre a puritana Albion. Para Ruskin está o mundo dividido em duas "raças" — uma de trabalhadores, outra de jogadores *(players).* A primeira lavra a terra, manufatura, constrói e de outros modos providencia as necessidades da vida. A outra, orgulhosamente ociosa e, portanto, exigindo recreio contínuo, usa as ordens produtivas e laboriosas ora como rebanho e ora como "títeres ou peças no perigoso jogo da morte"...

O super-humanismo de Ruskin parece atraente: quem não desejaria de fato ser um aristocrata ocioso, despreocupado, descontraído, em recreio contínuo e cercado de servos laboriosos? Ser *playboy* é uma condição invejável. Estetizantes e românticas, porém, as idéias de Ruskin não têm aplicação na realidade moderna e representam uma ilusão perigosa. As duas "raças" não existem. Poderíamos quando muito admitir duas "classes", a primeira das quais seria a do *homo ludens,* correspondente ao nobre guerreiro da época feudal, ao aristocrata ocioso da idade barroca, ao grande conquistador colonial do século XIX, e aos ilustríssimos senhores bacharéis, nhonhôs e coronéis de nossos sobrados passadistas — enquanto o *homo faber* seria o artesão, o camponês laborioso, o operário especializado, o imigrante ambicioso e empreiteiro ativo. Na civilização industrial moderna, porém, são estes que mandam, não aqueles.

da crônica mundana internacional — Rubirosa, Ali Khan, Portago — são quase sempre naturais desses países!

É bem verdade que o tipo do bandeirante audacioso, do aventureiro don-juanesco desbravador de terras, do garimpeiro, do seringalista de nosso passado colonial, do "tubarão" fazedor de indústria de nosso presente inflacionário, em crise de transformação, representa um fator importante e ativo na configuração do complexo psicológico brasileiro. Esses tipos possuem grande imaginação e sua atividade criadora revela inegavelmente um caráter lúdico. Trabalham e brincam, sendo às vezes impossível distinguir o lado sério do lado ligeiro ou aventureiro de sua energia construtiva. São essencialmente jovens! Entretanto, como tipos excepcionais e por mais úteis que sejam à comunidade, não podem ser oferecidos como paradigmas para nosso comportamento coletivo. O nosso desenvolvimento psicológico, a nossa educação, o nosso amadurecimento, terão de se efetivar pela superação desse tipo — ou então não ocorrerão! A Educação (do Latim *e-ducere*) é o movimento pelo qual o homem é *conduzido para fora* de sua infância paradisíaca e de sua adolescência lúdica. É também uma *eruditio* na qual o homem se *desarcaíza.* Uma sociedade plenamente madura não pode conseqüentemente ser constituída unicamente de homens lúdicos.

A conclusão final é que o espírito lúdico do brasileiro, numa sociedade essencialmente erótica, constitui não obstante um dado precioso que de modo algum devemos menosprezar, quando nos encontramos diante dos horrores com que nos ameaça a sociedade industrial de consumo — poluída, mecanizada, burocratizada, desumanizada, materialista e decadente. O segredo de nosso sucesso é a conciliação da séria racionalidade, necessária à revolução industrial, com os lazeres prazerosos do trópico. Esse o nosso desafio. Essa a nossa missão cultural num mundo em plena transmutação de valores.

Este livro
foi confeccionado nas oficinas dos
ESTABELECIMENTOS GRÁFICOS BORSOI S.A.,
na Rua Francisco Manuel, 51/55, Rio, GB, para a
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA,
na Rua Marquês de Olinda, 12 (Botafogo), Rio,
em fevereiro de 1974, ano do

SÉTIMO CENTENÁRIO DA MORTE DE
Santo Tomás de Aquino (* 1225 † 1274)

—SEXTO CENTENÁRIO DA MORTE DE
Francesco Petrarca (* 20-7-1304 † 19-7-1374)

—TRICENTENÁRIO DA MORTE DE
John Milton (* 9-12-1608 † 8-11-1674)

—BICENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE
Hipólito José da Costa (* 13-8-1774 † 11-9-1823)

—SESQUICENTENÁRIO DO JURAMENTO DA PRIMEIRA
CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA
(Constituição Política do Império do Brasil, 25-3-1824)

—CINQÜENTENÁRIO DA MORTE DE
Vicente de Carvalho (* 5-4-1866 † 22-4-1924)

e 43.º da fundação desta Casa.

GB: Rua Marquês de Olinda, 12, RIO DE JANEIRO
SP: Rua dos Gusmões, 100, SÃO PAULO
MG: Rua dos Caetés, 186 — Edifício Itatiaia, BELO HORIZONTE
PE: Praça do Carmo, 40 — Edifício Leila, RECIFE
RS: Rua dos Andradas, 717, PORTO ALEGRE
DF: CLS-108, Bloco D, Rua da Igrejinha, BRASÍLIA
BA: Rua Gustavo dos Santos, 10, SALVADOR
PR: Rua Dr. Murici, 650, CURITIBA